

The background is a solid yellow color. It features several abstract black and white geometric shapes. In the top left, there are two black chevrons pointing up and to the right. A wide, textured white diagonal band runs from the top left towards the middle right. On the left side, there are two solid black circles. In the bottom right, there are two more solid black circles. At the bottom, there are two black chevrons pointing down and to the right, and a textured white horizontal band. The title text is centered in the upper half of the page.

MIGRAÇÃO E TURISMO
NA CIDADE DE SÃO PAULO
LIBERDADE E BIXIGA
EM PERSPECTIVA

Sênia Bastos
Organizadora

Copyright: dos autores
1ª edição: 2021 (e-book)

Direitos reservados desta edição

Sênia Bastos

Coordenação editorial

Valterlei Borges

Produção

Provisório Produções e Modi Produções

Revisão ortográfica

Conceição Almeida da Silva e Melina Souza

Revisão final

Sênia Bastos e Fábio Molinari Bitelli

Capa, projeto gráfico e diagramação

Rodrigo Sommer Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Migração e turismo na cidade de São Paulo [livro eletrônico] : Liberdade e Bixiga em perspectiva / organização Sênia Bastos. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Provisório Produções : Modi Produções, 2021.
PDF

ISBN 978-65-991315-3-0

1. Cultura e turismo 2. Migração - São Paulo
3. São Paulo (Cidade) - Turismo I. Bastos, Sênia.

21-73710

CDD-302.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Migração e cultura : Psicologia social 302.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

MIGRAÇÃO E TURISMO NA CIDADE DE SÃO PAULO **LIBERDADE E BIXIGA** EM PERSPECTIVA

Sênia Bastos
Organizadora



2021

Apoio:



ISAM
Instituto de Pesquisa e
Desenvolvimento Social
e Tecnológico



SUMÁRIO

- 6 **APRESENTAÇÃO**
Sênia Bastos
- 15 **NARRATIVAS DA LIBERDADE**
Sênia Bastos
- 71 **A PRESENÇA NEGRA NO CENTRO DE SÃO PAULO**
Ursulina Santana e Claudio Santana Pimentel
- 79 **DO DISTRITO DA GLÓRIA À LIBERDADE: CONTENDAS EM UM
TERRITÓRIO PAULISTANO**
Odair da Cruz Paiva
- 117 **O ACOLHIMENTO E SEUS LUGARES NO BAIRRO DA LIBERDADE**
Ursulina Santana e Claudio Santana Pimentel
- 125 **LIBERDADE *MADE IN CHINA***
Cesar Kizaka Umekita
- 158 **O *K-POP* NA LIBA**
Priscila Schalok dos Santos
- 171 **SERVIR CHÁ É ALGO SIMPLES?**
Susana Sou Youn Jhun
- 183 **CASA DE PORTUGAL?**
Leandro Rodrigues Gonzalez Fernandez

- 193 **TERRITÓRIO DO BIXIGA: UM ESPAÇO DE IDENTIDADE CULTURAL**
Célia Toledo Lucena
- 229 **CÓDIGOS, LETRAS E MÚSICAS ANUNCIAM O BIXIGA**
Célia Toledo Lucena
- 258 **A COMIDA COMO REFERENCIAL NA FESTA DA NOSSA SENHORA DE ACHIROPITA**
Fábio Molinari Bitelli
- 290 **ÓÓÓÓÓ O PESADO! O VOLUNTARIADO NA FESTA ACHIROPITA**
Monica Dias Batista
- 302 **O MIGRANTE NORDESTINO NA CENA GASTRONÔMICA DO BIXIGA**
Anna Paula Telino de Abreu Fernandes
- 324 **UMA SÃO PAULO MÚTIPLA: OLHARES TURÍSTICOS SOBRE OS BAIRROS DO BIXIGA E DA LIBERDADE**
Cinthia Rolim de Albuquerque Meneguel e Maria Henriqueta Gimenes-Minasse
- 346 **SOBRE OS AUTORES E AUTORAS**



APRESENTAÇÃO

Sênia Bastos



Pesquisas que relacionam turismo, migração¹, diversidade étnica e lugar evidenciam a mercantilização das manifestações de diversidade étnica e a transformação de suas expressões culturais em veículo de desenvolvimento socioeconômico, tanto para os integrantes da comunidade étnica quanto para a cidade.²

A coesão de um grupo étnico é garantida por meio da criação e manutenção de associações culturais, redes de apoio, permanência do idioma e da alimentação, por exemplo. Ao preservar sua identidade cultural, o grupo torna-se distinguível no meio urbano, quer em uma grande concentração, quer em um pequeno agrupamento associado à igreja, à escola, ao clube ou à instituição, quer em pequenas “ilhas” distribuídas por toda a cidade. Essa presença cria uma paisagem cultural que expressa o simbolismo, o estilo e a iconografia do grupo, bem como dissemina odores, sons e sensibilidades que lhe são característicos³.

Nesses territórios, a memória é perpetuada por intermédio de narrativas, criação de museus e instalação de monumentos⁴; trata-se de uma leitura do passado operada no presente, que a reconstrói a partir de determinada perspectiva⁵. Passível de ser manipulada, a depender do propósito daquele que a manuseia, a narrativa relacionada à memória é seletiva e comporta certo grau de esquecimento. Esse processo compreende uma dinâmica de seleção e ocultação de referentes históricos para a definição de sentidos previamente determinados e que se encontram, por vezes, associados a um propósito como, por exemplo, o turismo.⁶

1 O termo migração integra diferentes modalidades de fluxo, interna e externa, independentemente do motivo que o estimula: econômico, ambiental, refúgio e apatridia

2 Rath, 2007.

3 Rath, op. cit.; Timothy, 2002.

4 Candau, 2012.

5 Halbwachs, 2006.

6 Huyssen, 2004.

O recurso etnocultural constitui um elemento de diferenciação, apresenta viabilidade econômica e potencialidade turística. A exploração comercial desse legado o inscreve na lógica do espetáculo e do consumo, processo que requer sua adaptação⁷ às necessidades expositivas e à pressão turística. Objeto de consumo globalizado, o turismo valoriza a memória, a tradição, a identidade e as particularidades locais. Opera a reconstrução ou invenção do passado para associá-lo ao local como uma característica, um diferencial, convertendo-o em um atrativo turístico.

O turismo apoia os discursos de preservação e de sustentabilidade, apropria-se do capital simbólico e cultural associado à migração, desencadeia a valorização mercadológica dos remanescentes das culturas do passado e os divulga. Os impactos decorrentes dessa atividade econômica expressam-se desde a alteração de significado do lugar, até a instalação de meios de hospedagem e de restaurantes; desde a padronização das características naturais, sociais e culturais, até a melhoria da infraestrutura urbana.

A ativação do legado etnocultural pelo turismo provoca confrontações entre a lógica turística-comercial e a lógica identitária. Nesse sentido, a imagem veiculada se converte na própria identidade do grupo, em sua memória coletiva, que passa a ser hegemônica e assimilada por meio de discursos hegemônicos veiculados nos meios de comunicação e, em muitos casos, até pelo sistema educativo.⁸

A preocupação estética com o patrimônio e a constituição de cenografias, de acordo com os propósitos dos empreendedores que atuam nessa localidade, concomitantemente à sua ativação

7 Por vezes, a representação de passado é saneada para não apresentar dissonâncias ou vestígios de conflitos porventura existentes no grupo étnico.

8 Prats, 1998.

como atrativo turístico, reproduz modelos internacionais, como os que valorizam regiões associadas à imigração, mediante adaptação de suas especificidades.

Parte dos contingentes migratórios presentes na cidade de São Paulo apresentam legados étnicos mercantilizados pelo turismo. Este livro centra-se na ressignificação de dois territórios, o dos japoneses na Liberdade e o dos italianos no Bixiga, embora uma diversidade de povos ali viveram, vivem e convivem⁹.

A integração das expressões culturais e/ou do imaginário cultural migrante na política de turismo paulistano remonta à década de 1970. O programa se inscreve em um contexto –de revitalização das áreas afetadas por obras de abertura da Avenida Radial Leste-Oeste e da construção da estrutura metroviária correspondente à linha azul.

As expressões étnicas dos territórios da Liberdade e do Bixiga, associadas às respectivas formações histórico-sociais, foram objeto de ressignificação e de valorização econômica, com ênfase no turismo. Para viabilizá-lo, os comerciantes foram convocados a aderir ao programa e a implementá-lo.

Os textos aqui reunidos contextualizam as expressões culturais de etnicidade presentes nesses territórios, destacam instituições culturais, empreendimentos, mobiliário urbano e manifestações culturais apropriados e ressignificados pelo turismo como atrativos, e que são objeto do projeto *Turismo e legado étnico*, apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).¹⁰

Enquanto a representação dominante do Bixiga encontra-se associada à imigração italiana, representada na arquitetura (pre-

9 Truzzi (2001) destaca a característica das etnias em convívio.

10 Projeto Universal CNPq n. 431942/2016-1.

servada com o tombamento de um conjunto significativo de edificações), nas padarias italianas centenárias (Basilicata, Italianinha, São Domingos e 14 de Julho), nas cantinas (Roperto, C... que sabe, Lazarella, Mamma Celeste, Conchetta, Taberna do Julio e Bixiga Amore e Mio) e atualizada com a edição anual da Festa de Nossa Senhora da Achiropita; a narrativa nordestina encontra-se expressa na sonoridade das ruas e nos empreendimentos comerciais, como nos restaurantes Rancho Nordeste e Opala. Concentrado no Bixiga a partir da década de 1950, os nordestinos, no entanto, possuem pouca representatividade, pois a temática italiana se sobressai e é reafirmada a cada edição da Festa de Nossa Senhora da Achiropita.

Na Liberdade, por sua vez, a narrativa histórica prevalente associa a imigração japonesa à origem do bairro, desconsiderando o contexto precedente, ou o programa de revitalização que o caracterizou como oriental, ao incluir tanto os chineses, quanto os coreanos. A importância nipônica encontra-se reiterada no Museu da Imigração Japonesa e é atualizada por meio de manifestações culturais e instalação de monumentos apoiadas pela Associação Cultural e Assistencial da Liberdade. Embora a origem da maioria dos empreendedores e da população residente seja proveniente da China Continental, Hong Kong, Macau, Taiwan (Formosa) e do Sudeste Asiático, não se percebe a construção de uma narrativa “chinesa” e sua consequente apropriação pelo turismo, apesar de festividades culturais, tais como o Ano Novo chinês integrar o calendário oficial da cidade, além dos empreendimentos mesclarem as fachadas de edificações notadamente japonesas com elementos chineses.

Tratada sob vários aspectos, a alimentação é passível de ser analisada como um produto de consumo turístico, visto que a atração que a desencadeia encontra-se associada às narrativas históricas dos modos de vida locais. Remonta à década de 1950

a visibilidade da especificidade da alimentação nos dois territórios. O interesse pelos produtos e pela comida japonesa rompeu as fronteiras étnicas e despertou a curiosidade de forasteiros e paulistanos pela Liberdade, o que, posteriormente, foi potencializado com o aumento da oferta associada à presença de outras nacionalidades asiáticas. Por sua vez, no Bixiga, originalmente criadas para a comunidade italiana ali instalada, as cantinas tiveram o seu público ampliado não só com a difusão da tendência da alimentação fora do lar mas também com os frequentadores dos espetáculos teatrais ali concentrados. Mais recentemente, a cozinha nordestina e outras tendências também ganharam protagonismo nos restaurantes desse território.

Guardiões da memória, os dois territórios são dotados de museus, um de bairro – Museu do Bixiga – e outro de imigração – Museu da Imigração Japonesa –, e de programas de revitalização fundamentados na criação de fachadas e instalação de monumentos em um território específico, designado como eixo dominante, destinado à constituição de um imaginário oriental (predominantemente japonês), na Liberdade, ou italiano, no Bixiga. Estratégia adotada para reafirmar as respectivas identidades, definir os atrativos-âncora e, conseqüentemente, incrementar a visitação, tal como os modelos internacionais que a fundamenta.

Este livro reúne narrativas sobre turismo e migração nos territórios do Bixiga e da Liberdade a partir da perspectiva de cada pesquisador, ao analisar os contextos investigados, mediante procedimentos de pesquisa diversificados.

Narrativas sobre os territórios são construídas em diferentes temporalidades. Sênia Bastos percorre o território da Liberdade apoiada em mapas, representações na imprensa, fotografias e entrevistas, com o objetivo de mostrar os elementos constitutivos dessas narrativas.

O ocultamento da presença da população negra nos territórios da região central da cidade de São Paulo é pontuado por Ursulina Santana e Claudio Santana Pimentel. Eles acentuam a busca de acolhimento e a vinculação às práticas religiosas que atendem a população no conceito mais antigo da hospitalidade, enquanto um dever sagrado de acolher o outro.

A análise do território como campo de disputas entre duas apreensões que se colocam como opostas, a Liberdade-Japão e a Liberdade-África, bem como a negação da pluralidade social que caracteriza tal território é empreendida por Odair da Cruz Paiva. Sua reflexão apoia-se na bibliografia produzida sobre aquele ambiente urbano e explora diferentes percepções sobre o território Liberdade.

A partir de entrevistas realizadas em diferentes momentos e documentos históricos, Célia Toledo Lucena discorre sobre o território do Bixiga e sua identidade cultural no capítulo que historiciza o surgimento do bairro. Por sua vez, no capítulo que o caracteriza como espaço de canções, músicas, músicos, sambistas e compositores, centra sua análise nas letras de música e entrevistas.

A diversidade étnica dos territórios é evidenciada por diferentes autores. A influência chinesa no território da Liberdade, revelada por meio dos registros fotográficos, é objeto da análise de Cesar Kizaka Umekita. O autor pontua a presença de chineses de diversas etnias e regiões da China, além de escolas, associações, instituições religiosas, comércio (restaurantes, mercearias, lojas) e serviços; tudo isso identificado, sobretudo, por sua cenografia externa, ainda imperceptível para grande parte dos visitantes.

A influência coreana na Liberdade é destacada por Priscila Schalok dos Santos, que trata da influência do gênero musical *Korean Pop* ou Pop Coreano (*k-pop*) no comércio, a partir da perspectiva dos consumidores e frequentadores desse bairro.

A vivência de práticas culturais ancestrais por nipo-brasileiros é tratada por Susana Sou Youn Jhun, ao analisar o significado da cerimônia do chá para os descendentes dos imigrantes japoneses, com base em entrevistas realizadas com esse propósito.

Reitera a diversidade étnica dos territórios a abordagem de Leandro Rodrigues Gonzalez Fernandez, ao se colocar como anfitrião das visitas realizadas por estudantes à Casa de Portugal, localizada na avenida Liberdade.

A comida como referência étnico-cultural constitui a ênfase da abordagem da festa em homenagem à santa italiana Nossa Senhora Achiropita, realizada por Fábio Molinari Bitelli. Esse pesquisador traça a linha do tempo de sua origem, inventaria os pratos ofertados, registra os processos de preparação organizados pelos voluntários e coleta a percepção dos frequentadores do evento (visitantes, turistas, moradores). Apoiada em sua experiência como voluntária, Monica Dias Batista compartilha sua vivência nessa mesma festa e torna possível conhecê-la por meio de uma nova perspectiva.

A cena gastronômica do Bixiga assume o protagonismo no texto de Anna Paula Telino de Abreu Fernandes. A autora aponta a dicotomia vivida pelos migrantes nordestinos, que apesar de serem proprietários, *chefs* e funcionários de empreendimentos do ramo gastronômico, apresentam baixa expressividade quer como empreendedores, quer como mão de obra nesse setor.

O livro se encerra com a evidência de que os dois territórios exibem testemunhos de uma cidade múltipla. Cinthia Rolim de Albuquerque Meneguel e Maria Henriqueta Gimenes-Minasse apontam os diferentes elementos étnicos adotados na construção dos destinos turísticos do Bixiga e da Liberdade, quer nas experiências centradas nas etnias percebidas como dominantes, quer naquelas que permitem vislumbrar a presença de outros grupos considerados periféricos.

REFERÊNCIAS

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HUYSEN, A. Resistencia a la memoria: los usos y abusos del olvido público. **XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Porto Alegre, Intercom, 2004.

PRATS, L. El concepto de patrimonio cultural. **Política y Sociedad. Revista de la Universidad Complutense**, n. 27, p. 63-76, 1998.

RATH, J. **Tourism, ethnic diversity and the city**. New York: Routledge, 2007.

TIMOTHY, D. Tourism and the growth of urban ethnic islands. *In*: HALL, C.; WILLIAMS, A. **Tourism and Migration**. New Relationships between production and consumption. [S.l.]: Springer Science/Business Media, 2002. p. 135-151.

TRUZZI, O. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p. 143-166, 2001.



NARRATIVAS DA LIBERDADE

Sênia Bastos



Celebrizado por sua identidade asiática, o bairro da Liberdade atrai visitantes da própria cidade e turistas provenientes de outros municípios, estados e países. A orientalização, predominante na cenografia, no comércio e nos serviços, tem origem na narrativa histórica da concentração de imigrantes japoneses, periodicamente celebrada em eventos, festivais, exposições, instalação de marcos e esculturas em logradouros públicos, bem como na criação de instituições alusivas a essa memória, por iniciativa da comunidade nipônica, com apoio do setor público e ampla divulgação da mídia. No entanto, a origem do bairro encontra-se associada às chácaras preexistentes, à consolidação de caminhos de ligação com outras localidades e à instalação de instituições que conferiram características específicas a esse território.

TERRITÓRIO

Para impulsionar a expansão da Vila de São Paulo – elevada à categoria de cidade em 1711 –, desde o século XVII, a Câmara Municipal realizou dotações de terrenos [texto 1]¹ nas proximidades do centro, nas margens dos caminhos ou em territórios mais distantes, que resultaram na constituição de chácaras na direção sul. Identificadas na documentação pela nacionalidade, pelo nome do(a) proprietário(a) ou por acidentes geográficos, elas apresentavam dimensões variadas. O atual bairro da Liberdade, portanto, originou-se a partir da gradativa fragmentação dessas chácaras e da definição do traçado viário, para o que concorreram tanto a iniciativa privada quanto os planos urbanísticos implementados pelo poder municipal em diferentes temporalidades.²

1 A sinalização [texto 1], [texto 2] ... [texto 13], presente no decorrer da pesquisa, indica a existência de material complementar – Para saber mais – que pode ser acessado no final do artigo.

2 Aforadas a partir de 1854 e delineadas na década seguinte, a oficialização das primeiras ruas remonta a 1874.

Na extensão da chácara da Tabatinguera, abriram-se as ruas Conselheiro Furtado, Conde de Sardezas e Santa Luzia. Na da Glória, localizava-se o Cemitério Geral; enquanto a de Streib abrangia desde o Largo da Forca até o Largo da Pólvora. Na chácara de Dona Alexandrina de Moraes, instalaram-se as ruas da Liberdade e Vergueiro, ao passo que, na de Caetano Ferreira Balthar, originaram-se as ruas Américo de Campos e Barão de Iguape. Por sua vez, na do Fagundes, surgiram as ruas Fagundes e Galvão Bueno (figura 1).³

Figura 1 Chácaras localizadas nas proximidades da área central – detalhe das chácaras localizadas na Liberdade



Fonte: Arquivo Aguirra. Museu Paulista/USP, apud FANTIN, 2013, p. 26.

3 Guimaraes, 1979; Diêgoli, 1987; Fantin, 2013; Campos, 2007.

Dotado de caminhos que possibilitavam a ligação com o litoral, por meio do Caminho do Mar, e com a freguesia de Santo Amaro (elevada à categoria de vila em 1832), pelo Caminho do Carro [texto 2], o redimensionamento administrativo da Cidade implementado pela Câmara Municipal de São Paulo em 1833, situou o bairro da Liberdade no Distrito Sul da Sé. A sua extremidade inicial distava a poucos metros da Cadeia (atual Praça João Mendes) [texto 3] e do Largo do Pelourinho (atual Largo Sete de Setembro) [texto 4], onde os escravos eram açoitados. Agravado por essa vizinhança, contava com equipamentos que também depreciavam economicamente a região, como a Forca [texto 5], o Hospital da Santa Casa de Misericórdia [texto 6], o Cemitério Geral ou dos Aflitos e sua capela [texto 7] e a Casa da Pólvora [texto 8], cuja presença influenciava sua denominação como bairro da Pólvora.

Figura 2 Casa da Câmara e Cadeia



Fonte: Militão Augusto Azevedo (1862) – Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo (DC/0000255/E). Disponível em: <http://www.acervodacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=450099>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Na Carta da Capital de São Paulo de 1842 (figura 3), elaborada por José Jacques da Costa Ourique, por solicitação do Exmo. Sr. Barão de Caxias, essas edificações e os caminhos encontram-se assinalados. Concebida no contexto da Revolução de 1842, o seu objetivo era a fortificação da cidade, o que conferia à localização da Casa da Pólvora e dos hospitais, bem como dos caminhos em uso, desuso ou percursos planejados, o *status* de informações estratégicas. Embora o Cemitério e a Capela dos Aflitos não estejam identificados na carta, situavam-se em frente ao Hospital da Santa Casa de Misericórdia (figura 4), enquanto as duas trajetórias assinaladas para acessar o Caminho do Mar contornavam-no. Evidencia-se, ainda, a elevação do terreno no qual se situava a Forca, fator indicativo de que sua posição tirava partido desse plano para atender a função pedagógica a que se destinava, ou seja, a de dar visibilidade à estrutura na qual os condenados à pena de morte sucumbiam.

Figura 3 Detalhe do Bairro da Liberdade da Carta da Capital de São Paulo de 1842, realizada por José Jacques da Costa Ourique



Fonte: Comissão do IV Centenário (1954).

Figura 4 Hospital da Santa Casa de Misericórdia (Rua da Glória)



Fonte: Fotografia desconhecida (1910). Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.acervosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=465179>. Acesso em: 06 jun. 2021.

A região da Forca e do Cemitério Público, onde africanos de origem bantu ou ioruba e jeje-nagô subsaariano eram sepultados ou enforcados, revestiu-se de caráter sagrado e tornou-se objeto de devoção religiosa.⁴ À perseverança popular da prática de acender velas e fincar cruzeiros em homenagem aos enforcados nas proximidades da Forca, sucedeu-se a construção de uma capela em 1891. Ampliada em 1917, a Igreja Santa Cruz dos Enforcados [texto 9] (figura 5) conta com uma área destinada a essa tradição. Ainda, no remanescente do antigo Cemitério Público dos Aflitos, criou-se uma estrutura com a mesma finalidade.

4 Sevcenko, 2004.

Figura 5 Igreja Santa Cruz dos Enforcados



Fonte: Sênia Bastos (2020)

Para valorizar o bairro economicamente e ocultar essa história, ocorreu a eliminação de edificações relacionadas à escravidão ou que comprometessem a segurança e a salubridade públicas. A alteração do nome desses logradouros foi uma tentativa de controle e/ou erradicação da religiosidade de matriz africana, das agremiações socioculturais e de práticas culturais populares. No entanto, o território preserva remanescentes dessa memória, por meio da toponímia, como o Largo da Pólvora, e de práticas culturais associadas às edificações, como a que originou a Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados e o culto a Chaguinhas na Capela dos Aflitos.

A DENOMINAÇÃO DO BAIRRO

O ano de 1858 trouxe reformulações aos costumes funerários, em razão do início do funcionamento do Cemitério Municipal na Consolação, e, conseqüentemente, a interrupção dos sepultamentos

no Cemitério dos Aflitos e a proibição de sua realização nas igrejas da cidade. Além disso, houve a mudança do nome Campo da Força para Liberdade por meio de um edital de 28 de outubro.

Uma das versões para o nome da Praça associa-se à força e à execução do cabo Chaguinhas, em 1821, o qual foi punido com a pena capital por se insurgir contra o atraso do pagamento do soldo. Ele foi transferido de Santos para a Capital, onde nascera, para receber o seu castigo. Todavia, no momento de seu enforcamento, a corda se rompeu duas ou três vezes (há controvérsias sobre o número de tentativas) antes de ele ser morto por outro método. O povo que assistia clamou pela liberdade do condenado, mas foi ignorado.

Assim, permaneceu o uso popular na denominação do logradouro, bem como originou-se a tradição da realização de pedidos a Chaguinhas na Capela dos Aflitos, onde acredita-se que ele tenha aguardado o desfecho de seu infortúnio. Redigidos em um pedaço de papel, os pedidos são inseridos no vão de uma das portas nas quais se realizam três batidas sucessivas em alusão ao número de tentativas do enforcamento. A devoção se perpetua e as manifestações de agradecimento pelas graças alcançadas atualizam-se por meio da introdução de novos suportes como estratégia de publicização.

A primeira alusão da nomenclatura Liberdade atribuída a um logradouro, no entanto, encontra sua origem em uma homenagem da Câmara Municipal ao fim do governo absolutista de Dom Pedro I em 1831, quando de seu retorno a Portugal. Para tanto, nomeou-se o chafariz franqueado à população, localizado nas proximidades do Convento São Francisco, como Chafariz da Liberdade. A transferência desse chafariz para o Campo da Força resultou na extensão do termo Liberdade ao local. Ao oficializar a denominação do logradouro como Praça da Liberdade, a Câmara Municipal

seguia a orientação de sua Comissão Permanente de 1831, ao recomendar que não se alterasse o nome de locais já existentes, pois a população não aceitava essa modalidade de transformação.

O alinhamento de sua área para a construção nos terrenos circundantes e a remoção da força resultaram na criação de um novo logradouro, posteriormente arborizado de acordo com os preceitos do século XIX.⁵ Essas ações não eram fortuitas, mas viviam à alteração da função, do significado do logradouro e, consequentemente, à valorização imobiliária em curso nessa região da cidade.

A presença da Rua da Liberdade, por sua vez, está registrada em 1868 na Planta da cidade de São Paulo e é atribuída ao engenheiro Carlos Rath. O seu traçado estabelece a continuidade da rua da Esperança com o Novo Caminho de Santos, aberto entre 1862 e 1863 pelo empresário José Pereira de Campos Vergueiro, e é dotado de uma trajetória distinta da anterior, pois aproveitava parte do antigo Caminho do Carro para Santo Amaro para evitar as cheias do rio Tamanduateí que comprometiam o deslocamento dos viajantes por seu leito.

A denominação da Praça acabou por se estender de forma oficial ao Distrito em 1905 (Lei nº 975, de 20 de dezembro). A delimitação de seu perímetro, por sua vez, ocorreu em 1920 (Lei nº 1.756, de 27 de dezembro) [texto 10].

POPULAÇÃO

A integração entre o rural e o urbano, advinda da presença das chácaras e das áreas de uso comum, e o pequeno contingente populacional caracterizaram a cidade até a primeira metade do século XIX. Nesse sentido, a escravidão urbana apresentou es-

5 Sevcenko, op. cit.; Vargas; Jayo, 2019.

pecificidades, na medida em que, além daqueles destinados ao serviço doméstico, existia o escravo de ganho, a quem era concedida uma maior autonomia em relação aos que viviam nas fazendas do interior paulista. Alugado a terceiros para a prestação de serviços, competia-lhe prover os próprios meios de subsistência e habitação, ou seja, por vezes, residia em local distinto de seu senhor e a ele recorria para realizar o pagamento relativo aos serviços prestados.⁶

Parte dessa população negra, a que se acrescentam os libertos, encontrava-se no Distrito da Sé em 1872 (3.760 pessoas), sobretudo, nas proximidades dos rios e riachos, ou seja, no Anhangabaú, Saracura e Tamanduateí, áreas desvalorizadas economicamente e pouco adensadas, em razão das cheias provocadas pelas águas. Essa região será compartilhada com os imigrantes pobres que passaram a se estabelecer na cidade nesse período, concorrendo para o crescimento populacional e para a urbanização.

O estabelecimento da conexão da rede ferroviária, a instalação da sede dos escritórios que negociavam a comercialização do ouro verde e da moradia dos fazendeiros, a criação de quatro núcleos coloniais destinados a incrementar a produção agrícola, a fixação de imigrantes atraídos pelo dinamismo econômico relacionado ao café e a migração de trabalhadores das regiões agrícolas em razão da abolição da escravidão fez saltar o número de habitantes: de 23.253, em 1874; para 44.033, em 1886; e 239.820 em 1900.⁷

A gradativa manumissão dos escravos redirecionou os investimentos dos fazendeiros, que passaram a canalizá-los também

6 Wissenbach, 1998.

7 Langenbuch, 1971.

para o mercado imobiliário e a indústria, por exemplo. O crescimento populacional tornou a construção de casas de aluguel e cortiços um negócio seguro e lucrativo, do qual participavam desde o pequeno comerciante até os proprietários rurais e as entidades religiosas, concorrendo para a valorização do mercado imobiliário e, conseqüentemente, dificultando a aquisição de imóveis e terrenos pelos trabalhadores e recém-chegados à Capital, o que direcionava-os ao aluguel de casas unifamiliares ou ao alojamento em pensões e cortiços.

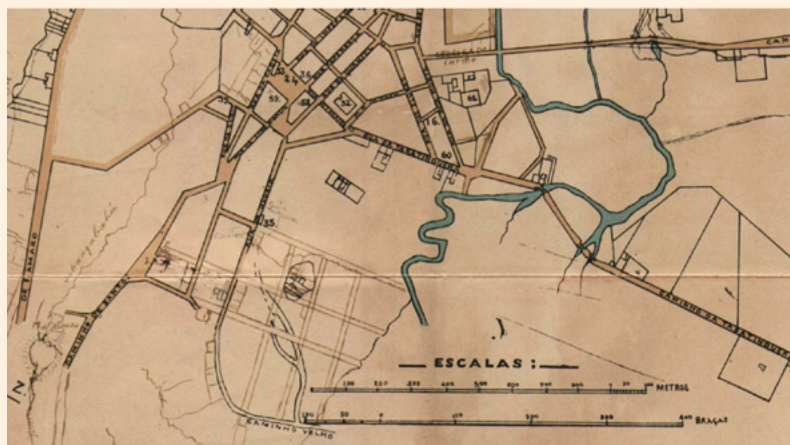
Além da edificação principal, os lotes profundos possibilitavam outras construções de tamanho inferior, o que confirmava a prática de obtenção do maior lucro possível da propriedade urbana por meio do aluguel. Ademais, edificações unifamiliares, pertencentes às famílias que apresentavam dificuldades econômicas para mantê-las, eram compartimentadas e passavam a funcionar como cortiços. Nesse sentido, constata-se que a maximização do uso do solo viabilizada pelo cortiço proporcionava rentabilidade econômica maior do que a construção de um conjunto de casas unifamiliares, o que explica a grande incidência dessa modalidade de habitação.⁸

A expansão da cidade em direção à Liberdade ocorre de forma mais lenta do que em outras áreas, apesar do arruamento aberto em terras particulares nas proximidades da rua da Glória, representado na *Planta da Cidade de São Paulo* de 1868 (figura 6), e da oficialização das ruas Barão de Iguape, Conselheiro Furtado e Tomás de Lima, em 1874, bem como do serviço de bonde (de tração animal) até a altura da Rua São Joaquim. Novas ruas encontram-se representadas na planta organizada para o serviço de água e esgoto por Henry B. Joyner para a Companhia Cantareira

8 Kuvasney, 2017.

e Esgotos em 1881: Rua e Travessa dos Estudantes (as quais correspondem, respectivamente, às atuais ruas Galvão Bueno e dos Estudantes); Rua dos Ingleses (atual Américo de Campos); Travessa da Liberdade (atual Rua Thomas Gonzaga); Rua do Moinho de Vento (atual Rua Mituto Mizumoto); Rua e Travessa da Assembleia (que correspondem, respectivamente, às atuais ruas Doutor Rodrigo Silva e Álvares Machado); Rua do Conde D'Eu (atual Rua do Glicério); e a Rua do Lavapés (iniciada ao final da Rua da Glória).

Figura 6 Detalhe da rua da Glória da *Planta da Cidade de São Paulo* de 1868



Fonte: Comissão do IV Centenário (1954)

A reprodução dos lotes, caracterizada como um cadastro da cidade e parte dos seus arrabaldes, evidencia maior densidade de ocupação nas proximidades do Centro da cidade, ou nas ruas mais antigas, enquanto os bairros limítrofes à antiga Casa da Pólvora ainda apresentam baixa incidência de uso. Dois largos encontram-se assinalados nas duas ruas mais antigas e importantes do bairro: da Liberdade e da Glória.

Além da renomeação do Largo da Glória para Largo São Paulo, estão registradas na Planta Geral da Capital de São Paulo de 1897, concebida pelo Dr. Gomes Cardim, a Praça de São Paulo e as ruas Carlos Gomes, Conde de Sarzedas, Santa Luzia, Galvão Bueno (antiga rua dos Estudantes), Bonita (antiga Rua do Moinho de Vento, atual Rua Mituto Mizumoto), São Paulo (antiga rua dos Ingleses), Fagundes, São Joaquim, Taguá, Tamandaré, Pirapitiguy, Alegrete (atual Rua Doutor Siqueira Campos), da Fábrica (atual Rua Sinimbu) e Teixeira Leite. A ligação entre a Liberdade e o Bixiga estabelece-se a partir das ruas Jaceguay, Travessa d'Assemblea, Pitanguy (denominada como Rua Condessa de São Joaquim na Planta de 1905), Humaitá e Pedroso.

No curso de oito anos, em 1905, na planta organizada por Alexandre Mariano Cococi e Luiz Frutuoso e Costa, observa-se a retificação do leito do Rio Tamanduatehy, embora também já conste na antiga versão (1897). Além do Largo da Pólvora, novas ruas são assinaladas, como a Corrêa, Carolina Augusta e João Carvalho, e as travessas Estudantes e São Paulo. Inserem-se algumas instituições, como o Colégio Tamandaré (na rua de mesmo nome), grupos escolares (nas ruas São Joaquim e Barão de Iguape), Associação F. Benef. Creche “D. Genebra de Barros” (Rua São Paulo), Externato São José (Rua dos Estudantes), Theatro São Paulo (ainda em construção no largo homônimo), a Fábrica de Calçados Rocha (Rua da Liberdade), a Oficina da Cia. Light & Power (Rua Glicério) e, em uma travessa da Rua Conde de Sarzedas, está a Villa Conde de Sarzedas. Depreende-se da legenda que acompanha essa planta, que a área possui edificações compactas, com poucas áreas ajardinadas. Além disso, a região é servida por bonde elétrico nas ruas da Glória, Liberdade, Tamandaré e Glicério.

Interessa destacar, da Planta organizada pela Comissão Geographica e Geológica, em 1914, a diversidade de estabelecimentos

identificados, como polícia e repartição pública (Rua da Liberdade), grupo escolar (ruas Barão de Iguape e São Joaquim) e Colégio Tamandaré (Rua Tamandaré), diversões (travessas da Assembleia e da Rua Conselheiro Furtado, ruas Liberdade, Barão de Iguape e Américo de Campos) e fábricas: de chapéu, guarda chuva e bengala (Rua da Liberdade); de artigos de metais ou máquinas (ruas Fagundes e Liberdade); de papel, objetos de escritório ou oficina gráfica (Rua Condessa de São Joaquim); de perfumaria, produto químico, lavanderia ou adubo (Rua da Liberdade); de curtume e produtos derivados de couro (Rua Galvão Bueno); de farinha, massas alimentícias, biscoitos, chocolates ou artigos para confeitaria (Rua da Liberdade); de cerâmica, materiais de construção ou marmoraria (Rua Pedroso).

A infraestrutura da Liberdade é creditada à sua proximidade com o Centro (transporte e água potável, por exemplo), instituições de ensino, fábricas, comércio e prestação de serviços, sobretudo nas principais vias de acesso ao bairro, como destacado na planta de 1914. Atribui-se ainda a essa proximidade, sua importante função residencial, quer para nacionais, quer para imigrantes portugueses, espanhóis, italianos, ou outras nacionalidades e seus descendentes, quer para os negros, como já apontado.

Além de se empregar nos estabelecimentos identificados, uma parte dos moradores era constituída por empreendedores que comercializavam artigos domésticos e vestuário. Outros ofereciam serviços, estabelecendo-se com pequenas oficinas e meios de hospedagem, como hotéis e pensões, nas quais também se produziam e comercializavam refeições. Ocupavam-se ainda como empregados domésticos ou realizando pequenos expedientes.

Imigrantes brancos e originários de países europeus enquadravam-se nas políticas de europeização e branqueamento do-

minantes no Brasil nesse período de incentivo à imigração, visto que eram considerados racialmente superiores. O acordo firmado com o Japão para o ingresso de nipônicos em território nacional, todavia, não seguiu tais premissas, o que dificultou a sua adaptação, em razão do racismo e preconceito fundamentados nessas políticas e da existência de grupos contrários ao ingresso dos “amarelos”.⁹

Ao mesmo tempo em que se reconheciam como japoneses com relação aos brasileiros e demais imigrantes residentes no país, a diversidade social e cultural japonesa, trasladada a partir de 1908, por vezes ocultada pelo imaginário simplista e homogeneizador prevalente na sociedade de acolhimento, expressou-se na alimentação, música e religião. Além disso, influenciou sua distribuição pelo território, sua organização e a criação de associações por províncias de origem.¹⁰

O estabelecimento dos japoneses na cidade intensificou-se a partir de 1912, período no qual o arruamento do bairro já se encontrava delimitado e a denominação das ruas definida. Pouco distante do centro, a região formada pelas ruas Conde de Sarzedas, São Paulo, Estudantes, Conselheiro Furtado, Tomás de Lima (figura 7) e proximidades notabilizou-se pela concentração nipônica e passou a constituir uma referência para a comunidade proveniente das fazendas no interior do Estado até o início da década de 1940.¹¹

9 Dezem, 2005.

10 Pires, 2016.

11 Handa, 1987.

Figura 7 Rua Doutor Tomás de Lima



Fonte: Fotografia desconhecida (1920). Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.acervosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=471426>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Premidos pela condição econômica, os imigrantes alugavam edificações ou os respectivos porões (em razão de seu baixo custo) e as sublocavam aos amigos e conhecidos para moradia, realização de ofícios (barbearia, costura e doçaria), comercialização de produtos alimentícios (mercearia, casas de *udon*, *manju* e *shoyu*), produção de comida japonesa e oferta de leitos (pensão e hotel) [texto 11]. Ademais, era comum empregarem-se em serviços domésticos, como carpintaria, para sobreviver na cidade.

Embora a ausência do peixe desidratado tenha implicado na sua substituição pelo caldo de carne, evidenciando adaptações em sua dieta e culinária, Handa¹² acentua o odor de *missoshiru*

¹² Handa, op. cit.

que pairava no ar das ruas de concentração japonesa. Atentos às necessidades da própria comunidade, estabeleceram-se com lojas de produtos importados do Japão e criaram o Jornal Brasil *Jiho* e a Escola Primária *Taisho*. A presença dessa escola constituiu um importante fator para a fixação de nipônicos nessa área, pois a educação era um valor importante para a comunidade.

O contexto da Segunda Guerra Mundial foi marcado por represálias com relação aos japoneses, italianos e alemães, intensificadas a partir de 1938. A participação brasileira ao lado dos aliados os equiparou a inimigos e, no caso da comunidade japonesa localizada das proximidades do centro da cidade de São Paulo, resultou na ordem de evacuação dessa região em 1942, sob a alegação de que se tratava de uma área de segurança nacional. Essa medida fora precedida, no ano anterior, pela suspensão da publicação de periódicos e transmissão de rádios em língua japonesa, além do fechamento das escolas e do comércio.

Mesmo estigmatizados como cidadãos indesejados, logrou-se a retomada da normalidade das relações com os japoneses e seus descendentes, a qual se processou de forma gradativa. A dispersão compulsória dos japoneses das proximidades do centro da cidade resultou na decadência da rua Conde Sarzedas, da qual traços e vestígios que a caracterizaram anteriormente foram eliminados. Após o final da conflagração mundial, ao retornarem à região, elegeram as proximidades da Praça da Liberdade como referência e a Rua Galvão Bueno como núcleo da comunidade.

Criada nesse período, a Livraria Sol (1949) permanece como uma das referências comerciais japonesas no bairro. No entanto, considera-se o Cine Niterói¹³ (figura 8), inaugurado na Rua Gal-

13 O projeto foi idealizado por Yoshikazu Tanaka (NAKAGAWA, 2009).

vão Bueno em 1953, um dos pilares da concentração do comércio especializado em produtos orientais. A sua instalação coincide, entre outros fatores, com o reconhecimento internacional do cinema japonês e a demanda de veiculação das sessões de filmes japoneses em um ambiente favorável na Capital paulista, pois, até então, eram apresentados em clubes, escolas e teatros de variedades, como o Theatro São Paulo, localizado na rua homônima no bairro da Liberdade (figura 9).¹⁴

Figura 8 Cine Niterói (Rua Galvão Bueno, 102)



Fonte: Família Tanaka, apud KISHIMOTO, 2009, p. 49.

14 Kishimoto, 2013.

Figura 9 Teatro São Paulo



Fonte: Fotografia desconhecida (1910). Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo. Disponível em:
<<http://www.acervosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=470463>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Além da sala de cinema com 1.500 lugares, o edifício com cinco andares do Cine Niterói possuía um restaurante japonês, uma sala de convenções e um hotel; também realizava bailes e organizava exposições de pintura e ikebana. O afluxo de pessoas que o frequentava, as quais eram residentes da Capital ou, ainda, vinham de outros municípios, atraiu para a região, por exemplo, a Doceria Niterói, o Restaurante Asahi, o Bar Kimura e as salas de cinema Tóquio (1954), Joia (1958) e Nippon (1959), diferenciando-a como um centro de lazer, com oferta de alimentação e entretenimento, e caracterizando essa parte do bairro como japonesa e uma referência para essa comunidade fora do Japão.¹⁵

¹⁵ O restaurante Asahi foi criado inicialmente como bar, motivado pela frequência de japoneses e nikkeis provenientes do interior, alterou sua função para atender esse movimento, desdobrando-se também como quitanda. (KISHIMOTO, 2013; NEGAWA, 2000).

Essa característica será reforçada com a criação da Sociedade Paulista de Cultura Japonesa, em 1955, para organizar a comemoração do cinquentenário da imigração japonesa no Brasil (1958), renomeada como Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (1968) e, em 2006, como Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social – Bunkyo (abreviatura do nome em japonês). Estabelecida inicialmente no início da Avenida Liberdade e atualmente localizada na Rua São Joaquim, esquina com Rua Galvão Bueno, apresenta como objetivo a preservação e a divulgação da cultura japonesa no Brasil e da cultura brasileira no Japão.

Idealizado pelos imigrantes pioneiros e administrado pelo Bunkyo, o Museu Histórico da Imigração Japonesa preserva a história e a memória da imigração japonesa no Brasil por meio da exposição, do fomento e da divulgação de pesquisas de seu acervo e promoção de eventos (figura 10).

Figura 10 Museu Histórico da Imigração



Fonte: Museu Histórico da Imigração. Disponível em: <https://www.bunkyo.org.br/br/museu-historico/>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Com ingressos pouco expressivos no território brasileiro nas primeiras décadas do século vinte, constata-se o incremento da imigração chinesa **[texto 12]** a partir da década de 1950, em razão do estabelecimento do regime comunista na China em 1949. Por sua vez, desde 1979, com a gradativa abertura da China Continental, um novo aumento das entradas influenciou as características populacionais e culturais da Liberdade, considerada um microcosmo representativo da diversidade de origens¹⁶ existente no país, na medida em que conta com pessoas provenientes da China Continental¹⁷, Hong Kong¹⁸, Macau¹⁹, Taiwan (Formosa)²⁰ e do Sudeste Asiático.

Os imigrantes dedicaram-se à prestação de serviços nas áreas de saúde, educação, construção civil e comércio. Além disso, criaram instituições religiosas, associações relativas à região de origem, agrupadas na Associação Cultural Chinesa, ou por gênero, como câmaras de comércio, arte, caligrafia e união das mulheres.

Além de chineses, coreanos naturalizados japoneses e ex-prisioneiros anticomunistas da Guerra da Coreia passaram a habitar a cidade antes do acordo firmado entre os governos sul-coreano e brasileiro para o estabelecimento de agricultores no interior do país em 1962 **[texto 13]**. Apesar da tentativa inicial de adaptação

16 A China se caracteriza pela multiplicidade política, cultural e econômica.

17 Antes da implantação do regime comunista, predominou o ingresso de cantoneses.

18 Colônia britânica até 1997, ocorreu a permanência do capitalismo em Hong Kong mesmo após a sua integração à China nessa ocasião.

19 Devolvida à China em 1999, a antiga colônia portuguesa preservou a economia capitalista.

20 A partir de 1949, com o estabelecimento do regime comunista na China, ocorreu a migração de pessoas ligadas ao antigo governo Nacionalista para Taiwan. Sem o reconhecimento da maioria dos países, a República da China ali estabelecida preservou a economia capitalista e constituiu um governo paralelo ao da República Popular da China. O crescimento do ingresso de taiwaneses no país coincidiu com a intensificação da rigidez política na China (1949 a 1978).

na área rural, esses imigrantes estabeleceram-se na cidade de São Paulo, pois tinham características urbanas, e concentraram-se, inicialmente, nas proximidades da rua Conde de Sarzedas, onde uma “Vila Coreana” tornou-se referência para a comunidade.

O que atraiu esses imigrantes foram o baixo custo de moradia e a proximidade com a área central e com a comunidade japonesa, pois a comunicação com esse grupo era facilitada em razão do domínio do idioma japonês por parte dos pioneiros coreanos e chineses. A familiaridade com a língua viabilizou, ainda, postos de trabalho nos negócios dos japoneses, e empreendedores estabeleceram-se em diferentes áreas, sobretudo, no ramo da confecção. Além disso, os casamentos endogâmicos, a preservação da cultura e da língua maternas, a criação de instituições religiosas e de espaços de socialização e convivência, como restaurantes e escolas, por exemplo, mantiveram a comunidade relativamente fechada.

Diferentemente dos japoneses e chineses, o bairro do Bom Retiro constitui uma referência das atividades econômicas dos coreanos. A ascensão econômica da comunidade, por sua vez, possibilitou a definição de moradia nos bairros da Aclimação e Higienópolis. Nesse sentido, constata-se baixa representatividade coreana na Liberdade, seja como residentes, seja como empreendedores do setor de serviços.

REVITALIZAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DO BAIRRO COMO ORIENTAL

Obras viárias destinadas a favorecer a circulação do automóvel, descongestionar a área central e expandir a cidade previstas no Plano de Avenidas (1929), do qual o prefeito Prestes Maia (1938-1945) foi um dos autores, alteraram a largura da Avenida Liberdade e seu aproveitamento como via radial. Para isso, contribuíram também a construção de uma avenida no fundo do vale Itororó,

atual avenida 23 de Maio, integrante do Sistema Y em conjunto com as avenidas 9 de Julho, Prestes Maia e Tiradentes.²¹ Outras intervenções revestiram-se da argumentação de que objetivavam a renovação de áreas deterioradas, justificativa adotada para o alargamento das ruas Conselheiro Furtado²² e da Glória.

O prosseguimento de obras viárias desse Plano, mesmo após a finalização da gestão de Prestes Maia, é um indicativo da perpetuidade de seu modelo rodoviarista e da política de destruição do patrimônio histórico existente no perímetro de sua efetivação, em razão do estímulo à verticalização viabilizada por meio da promulgação de legislação específica para essa finalidade. Acrescentam-se a essas medidas, a elaboração de diferentes planos urbanísticos no final da década de 1960 e início da subsequente, bem como a preocupação urbanística com relação ao entorno da estrutura metropolitária por parte da empresa responsável pelo metropolitano.²³

Desse contexto, assinala-se o Plano Urbanístico Básico (1968), cujas orientações, destinadas a disciplinar o crescimento da cidade, possuíam alcance social e, no que se refere aos imigrantes, objetivavam ampliar as oportunidades de sua integração econômica e participação na comunidade.²⁴ À expansão vertical da cidade proposta no Plano de Avenidas, seguiu-se a recomendação de adensamento, em áreas específicas, do Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado (1969), e a permissividade de verticalização na área central, da Lei de Zoneamento (1972).²⁵

21 O Plano de Avenidas privilegiou o transporte individual e postergou a implantação do Metrô. (MOURA, 2016; CAMPOS, 2002).

22 A Rua Conselheiro Furtado foi ampliada em 1968; nela localizava-se o restaurante Okinazushi (proximidades da Praça João Mendes), considerado o pioneiro na preparação de sushi na cidade. (LORENÇATO, 2008).

23 Moura, op. cit.

24 Moura, op. cit.

25 Assinala-se a influência norte-americana na composição das equipes desses planos urbanísticos. (MOURA, op. cit.)

Assim, pode-se afirmar que a expressão oriental original da Liberdade, resultante de sua formação histórico-social associada à dinâmica dos grupos ali presentes, foi comprometida pelas obras viárias e pelas intervenções urbanísticas implementadas.

A religação das duas partes do bairro foi efetivada por meio dos viadutos construídos na Avenida Liberdade e nas ruas Conselheiro Furtado, da Glória e Galvão Bueno; porém o bairro manteve-se seccionado em duas grandes áreas em decorrência da abertura da Avenida Radial Leste-Oeste (figuras 11 e 12). A potencialidade econômica das áreas próximas às estações de metrô, em virtude do volume de pessoas que por ali circulariam para a utilização dessa modalidade de transporte era conhecida, e este foi um fator desencadeador de gradativa valorização imobiliária da região compreendida entre a Praça da Liberdade e os referidos viadutos.

Figura 11 Viaduto Guilherme de Almeida, localizado na Avenida Liberdade



Fonte: Fotografia Ivo Justino (1970). Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.acervosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=441385>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Figura 12 Avenida Radial Leste-Oeste



Fonte: Fotografia Ivo Justino (1970). Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.acervosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=456857>. Acesso em: 06 jun. 2021.

A degradação desencadeada por tais obras, no entanto, trouxe prejuízos ao comércio e ao setor de serviços, argumentos justificadores do programa de revitalização de conotação oriental financiado pelos comerciantes, com apoio da Prefeitura. A imprensa nipônica explorou ângulos distintos dessa iniciativa: em uma das matérias, apontou o protagonismo do prefeito Paulo Maluf ao solicitar aos comerciantes que realizassem transformações no bairro para acentuar sua identidade oriental²⁶; outra atribuiu

26 A história..., Jornal Nippak, 2010, p. 4.

ao jornalista Randolph Marques Lobato a idealização do projeto e a sua coordenação; ao passo que uma terceira matéria apontou a importância da apresentação do projeto ao Cônsul Geral do Japão e a interação direta com a comunidade por meio de Tsuiyochi Mizumoto, reconhecido líder dos comerciantes e empresários e presidente de uma comissão de moradores composta por japoneses, coreanos, chineses e vietnamitas.²⁷

O foco do projeto de revitalização privilegiava o aspecto econômico, com ênfase no turismo e na ressignificação do bairro como oriental. Para tanto, convocava os comerciantes a implementá-lo.

Dessa forma, o mecanismo publicitário de perpetuação da referência japonesa em diálogo com o contexto oriental estruturou o programa de revitalização e se perpetuou no bairro.²⁸ Representações desses elementos referenciais foram instituídos na paisagem para evidenciar a identidade japonesa desse território. Nesse sentido, expressões visuais e o mobiliário urbano foram inseridos nos logradouros para a sua caracterização, reforçando os elementos pré-existentes nas fachadas das edificações (como os ideogramas japoneses *kanji*) ou na oferta de bens e serviços (figura 13).

27 Antigo..., Jornal Nippak, 2010, p. 4.

28 Nakagawa, op. cit.

Figura 13 Rua Galvão Bueno



Fonte: Museu Histórico da Imigração. Disponível em: <https://www.bunkyo.org.br/br/museu-historico/>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Corroboraram, ainda, para esse programa a denominação Osaka para o viaduto da Rua Galvão Bueno, fator indicativo do intercâmbio entre as duas cidades, que acabou por resultar na titulação de ambas como cidades irmãs; a criação do jardim japonês (figura 14); a implantação de calçamento padronizado (ladrilhos em preto e branco com o desenho do símbolo heráldico chamado *mitsudomoe*) (figura 15); a instalação do sistema de luminária *Suzuranto* (alusivas às lanternas japonesas) (figura 16); e do *Torii* (semelhantes aos portais existentes nos santuários xintoístas no Japão (figura 16).

Figura 14 Jardim japonês da Rua Galvão Bueno



Fonte: Sênia Bastos (2019).

Figura 15 Ladrilhos em preto e branco com o desenho do símbolo heráldico chamado *mitsudomoe*



Fonte: Sênia Bastos (2020).

Figura 16 Luminária Suzuranto e Torii



Fonte: Sênia Bastos (2019).

Estruturado a partir da lógica do mercado, o modelo que fundamentou esse programa foi o da *Chinatown*, a exemplo das existentes nas cidades estadunidenses. Assim, embora prevaleça a versão de que a sugestão partiu do jornalista Randolph Marques Lobato, não se pode desconsiderar a eventual influência de consultores norte-americanos envolvidos na elaboração dos planos urbanísticos encomendados e implementados na cidade nesse período. Corrobora essa hipótese o fato de programa semelhante ter sido instituído no território do Bixiga, o qual foi igualmente impactado com as obras viárias, transferindo-se aos comerciantes e empreendedores os custos da implantação da valorização da narrativa italiana para o turismo.

Desde a concepção (1969) até a inauguração (1974) do Bairro Oriental, às referências paisagísticas, acrescentaram-se manifestações culturais (figura 17) realizadas na Praça da Liberdade, como o Festival das Flores (Hana Matsuri, 1976), Festival do Bolinho da Prosperidade (Moti Tsuki Matsuri, 1976) e Festival das Estrelas (Tanabata Matsuri, 1979).²⁹ Ao passo que a comemoração dos 70 anos da imigração japonesa no Brasil, marcada pela participação do casal imperial Akihito e Mishiko nas festividades, reforçou essa memória na cidade. Enquanto isso, uma narrativa histórica instituiu-se a partir da inauguração do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil em 1978.

Figura 17 Manifestação cultural na Praça da Liberdade



Fonte: Priscila Schalok dos Santos (2019).

29 A HISTÓRIA..., op. cit.

A expansão do público consumidor dos produtos orientais na década de 1980 motivou a demanda por produtos típicos e, consequentemente, incrementou o comércio na área beneficiada pelo programa de ressignificação do bairro oriental. Coincidiu com esse período a emigração dos descendentes de japoneses para a pátria ancestral – os *dekasseguis* –, o que agravará a sucessão no comércio controlado por japoneses, já comprometida devido à formação universitária dos descendentes e, consequentemente, a sua atuação em outras atividades. A esse quadro, soma-se o avanço dos empreendedores taiwaneses e coreanos no comércio, sendo os primeiros dominantes.

De característica heterogênea, a área comercial compreende um dinâmico processo de modificação resultante tanto da abertura e do fechamento de estabelecimentos comerciais e residenciais, quanto da alteração de fachadas, implantação e renovação de mobiliário urbano, interferência da legislação e mudança de dono (figura 18). A ressignificação da identidade do bairro como oriental, por sua vez, tornou-o um espaço estratégico dos *nikkeis*. Esse aspecto foi reforçado pelos comerciantes taiwaneses³⁰ e coreanos para atrair o público-alvo, os clientes *nikkeis*.

30 Embora o nome dos andares do shopping Sogo-Plaza (1988) correspondam a cidades japonesas e possuam imagens japonesas no seu interior, tanto o proprietário quanto a maioria dos empreendedores são chineses.

Figura 18 Renovação da fachada de edificação na rua Galvão Bueno



Fonte: Sênia Bastos (2020/2021).

A ressignificação instituída com o propósito de fortalecimento de uma representação consistente, destinada ao consumo e ao turismo, é conveniente para os negócios. Os empresários perpetuam a arquitetura, os produtos e as denominações de influência japonesa, bem como contratam funcionários descendentes dessa nacionalidade para preservar a representação nipônica do bairro oriental, visto que essa comunidade constitui mercado consumidor promissor. Trata-se, portanto, de uma estratégia de marketing e de coletividade, pois, agrupados, tornam-se mais competitivos e fortes para o enfrentamento de eventuais problemas nas respectivas comunidades. Assinala-se ainda a estratégia de fracionamento do espaço e sublocação de pequenos boxes das edificações localizadas nas áreas de maior movimentação de pessoas, o que a torna cada vez mais assemelhada ao padrão predominante na região da Rua 25 de Março e nos bairros de Santa Ifigênia e Pari.³¹

31 O fenômeno da criação de galerias ou minishoppings na região da 25 de Março e de Santa Ifigênia é analisado por Silva (2018), que aponta o protagonismo chinês nessa tendência de fracionamento do espaço e sublocação a diferentes comerciantes. Apesar do alto custo do metro quadrado, essa estratégia o torna acessível em razão da pequena dimensão sublocada (em média 4 m²) e garante alto retorno financeiro ao empreendedor responsável pelo imóvel. (SILVA, 2018).

Parte dos empreendimentos chineses, no entanto, reitera sua etnicidade (taiwanesa, cantonesa ou continental) tanto na arquitetura, quanto nos serviços e produtos comercializados. Instalados em áreas de menor incidência dos investimentos desse segundo programa de revitalização, localizam-se nas ruas Dr. Rodrigo Silva, Glória, Conselheiro Furtado e no trecho da Rua Galvão Bueno próximo à Rua São Joaquim (figura 19).

Figura 19 Empreendimentos chineses na Rua Dr. Rodrigo Silva



Fonte: Sênia Bastos (2020)

Abalos na paisagem oriental do bairro foram desencadeados pela regulamentação do tamanho dos anúncios de estabelecimentos comerciais, com a Lei Cidade Limpa³², de 2007, visto que sua implementação eliminou os letreiros verticais das fachadas. Esse processo antecedeu o segundo programa de revitalização contextualizado no Centenário da Imigração Japonesa, que valorizava os marcos representativos das tradições japonesas.

Ademais, financiado pela iniciativa privada, o “Caminho do Imperador” tinha como área de abrangência a trajetória percorri-

³² A Lei Cidade Limpa também proibiu a propaganda em *outdoor*. Lei nº 14.223, 26/09/2006.

da pelo casal imperial japonês Akihito e Mishiko, por ocasião de sua visita à Liberdade em 1997. Do conjunto projetado, as ações relativas à Praça da Liberdade e seu entorno foram concluídas em 2008, alterando significativamente as características desse conjunto ao atribuir ou enfatizar elementos orientais à arquitetura e à urbanização (figura 20). Essa proposta também incidiu sobre a rua Tomás Gonzaga, onde se concentravam restaurantes japoneses.

Figura 20 Edificações revitalizadas na Praça da Liberdade para o projeto comemorativo do Centenário da Imigração Japonesa (2008)



Fonte: Sênia Bastos (2019).

Vitais para a identidade cultural dos imigrantes e de seus descendentes, as tradições orientais são continuamente ressignificadas e influenciam as interações sociais nesse território. Nesse sentido, apoiado pela Associação Cultural e Assistencial da Liberdade (ACAL), cuja correspondência em japonês é *Bunka Fukushi Kyôkai*, do ponto de vista simbólico, o programa de valorização da memória japonesa no bairro apoia-se na promoção da edição anual dos festivais *Tanabata Matsuri*, *Moti Tsuki Matsuri*, *Hanamatsuri* e *Toyo Matsuri*, parte deles realizados na referida Praça da Liberdade. Esse protagonismo também influenciou a alteração do nome desse logradouro para Liberdade-Japão e

da estação de Metrô Liberdade para Japão-Liberdade, e também reverberou na iniciativa de instalação de monumento comemorativo aos 110 anos da imigração japonesa no Brasil nesse local (figura 21).

Figura 21 Monumento comemorativo aos 110 anos da imigração japonesa na Praça Liberdade-Japão



Fonte: Sênia Bastos (2019).

Uma das narrativas chinesas na Liberdade constrói-se associada à versão de bairro oriental e segue o exemplo japonês, com a ocupação da Praça da Liberdade para a realização da confraternização do Ano Novo Chinês, com participação do prefeito (2019, 2020) e inclusão da festividade no calendário oficial da cidade. A festividade do Ano Novo Chinês, realizada desde 2006 e coordenada pela Associação de Amizade Brasil-China, com o apoio da Prefeitura do Município de São Paulo, compreende apresentações musicais, lutas marciais, danças, *workshops*, barracas de artesanato e de comidas típicas (figura 22).

Figura 22 Comemoração do Ano Novo Chinês em 2020



Fonte: Sênia Bastos (2020).

A trajetória familiar associada ao bairro integra a memória dos imigrantes e de seus descendentes, a qual é atualizada e recriada por meio de notícias veiculadas na imprensa, observação de fotografias, relatos orais e escritos e visitas realizadas ao local. Essa memória é celebrada pela Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (Bunkyo), por meio de iniciativas das associações socio-culturais ali reunidas ou que se identificam com os seus objetivos, como a preservação e a extroversão da memória e da história dessa imigração no Museu da Imigração Japonesa.

A Cerimônia do Chá (Associação de Chá Urassenke), as oficinas de ikebana (Associação Ikebana do Brasil) e de cultivo de orquídea (Associação Orquidófila de São Paulo), a dança clássica japonesa (Companhia Fujima de Dança Kabuki), o curso de japonês (Aliança Cultural Brasil Japão) e a exposição interativa da trajetória japonesa no Brasil (Museu da Imigração Japonesa) são exemplos de iniciativas sistemáticas de difusão cultural no

Bunkyo. A essas, acrescenta-se, por exemplo, a agregação de grupos que praticam o *taiko* (tambor japonês) e/ou que professam religiosidades orientais.

A diversidade cultural chinesa destaca-se em diversos pontos do bairro e reforça o seu aspecto oriental, com o Centro Cultural de Taipei em São Paulo, localizado nas proximidades do Bunkyo, o qual tem o propósito de prestar serviços e proporcionar espaço para a realização de eventos da comunidade taiwanesa. Instalado no edifício Hakka, ele abriga escritórios, auditório, biblioteca e sala para consultas, espaço expositivo, salas para realização de cursos de mandarim, gastronomia e reuniões. Essa iniciativa acentua a demarcação da identidade cultural desse grupo, com relação, tanto aos imigrantes provenientes da China Continental, quanto aos japoneses.

Este capítulo teve como objetivo a contextualização das iniciativas que resultaram na definição da narrativa da Liberdade. Para tanto, deslindou-se o seu processo de ocupação, urbanização, revitalização e ressignificação como oriental. O bairro cosmopolita, em razão das diferentes etnias ali estabelecidas, proporciona experiências culturais múltiplas no comércio, na prestação de serviços, na religiosidade, nas instituições e nas manifestações culturais, além de interações nos logradouros públicos.

REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA do Bairro da Liberdade. **Jornal Nippak**, São Paulo, n. especial, 11 e12 set. 2010, p. 4.

ANTIGO Cine Niterói influenciou o crescimento da Liberdade. **Jornal Nippak**, São Paulo, n. especial, 11 e12 set. 2010, p. 4.

CAMPOS, C. M. **Os rumos da cidade**. Urbanismo e modernização em São Paulo. São Paulo: Senac São Paulo, 2002.

CAMPOS, E. A cidade de São Paulo e a era dos melhoramentos materiais: obras públicas e arquitetura vistas por meio de fotografias de autoria de Militão Augusto de Azevedo, datadas do período 1862-1863. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 11-114, jun. 2007.

DEZEM, R. **Matizes do “amarelo”**: a gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

DIÊGOLI, L.R. (coord.). **IGEPAC/SP Liberdade**. Inventário Geral do Patrimônio Ambiental, Cultural e Urbano de São Paulo. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1987.

FANTIN, J.T. **Os japoneses no bairro da Liberdade-SP na primeira metade do século XX**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013.

GUIMARÃES, L. B. M. **Liberdade**. História dos bairros de São Paulo. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura, 1979.

HANDA, T. **O imigrante japonês**. História de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A. Queiroz/Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

KISHIMOTO, A. **Cinema japonês na Liberdade**. São Paulo: Liberdade, 2013.

KUVASNEY, E. **A representação da cidade de São Paulo nos albores do século XX**. Os mapas como operadores na construção da cidade espraiada. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

LANGENBUCH, J.R. **A estruturação da grande São Paulo**. Estudo de geografia urbana. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1971.

LORENÇATO, A. A revolução do hashi. In: CUIERTKA, K.J. **Moderna cozinha japonesa**. Comida, poder e identidade nacional. São Paulo: Senac São Paulo, 2008, p. 11-54.

MOURA, G.J. **Diferenças entre a retórica e a prática na implantação do Metrô de São Paulo**. 2016. Tese (doutorado em Arquitetura) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NAKAGAWA, F. Orientalidade e orientalização. Os espaços comerciais da Liberdade. In: CARAMELLA, E. *et. al.* (org.). **Mídias multiplicação e convergências**. São Paulo: Senac SP, 2009.

NEGAWA, Sachio. **Formação e transformação do Bairro Oriental**. Um aspecto da história da imigração asiática da cidade de São Paulo (1915-2000). 2000. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

PIRES, R. S. **Os outros japoneses: festivais e construção identitária na comunidade okinawana da cidade de São Paulo**. 2016. Tese (doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SEVCENKO, N. A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. **Revista USP**, São Paulo, n. 63, p. 16-35, set/nov 2004.

SILVA, C.F. Conexões Brasil-China: a migração chinesa no centro de São Paulo. **Cadernos Metrópole**. São Paulo, v. 20, n. 41, p. 223-243, jan./abr. 2018. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2018-4111>.

VARGAS, D.V.; JAYO, M. Memória e toponímia paulistanas. Sobre a origem do nome Liberdade. **Minha Cidade**, São Paulo, ano 20, n. 229.03, Vitruvius, ago. 2019. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/20.229/7447>. Acesso em 07 jun. 2021.

WISSENBACH, M.C.C. **Sonhos africanos, vivências ladinas**. Escravos e forros em São Paulo (1850-1880). São Paulo: Hucitec, 1998.

FONTES

Carta da Capital de São Paulo de 1842, elaborada pelo Engenheiro da Colúmbia José Jacques da Costa Ourique, por solicitação do Exmo. Sr. Barão de Caxias. Reprodução a partir da versão publicada pela Comissão do IV Centenário, em 1954. Disponível em: PLANTA DA IMPERIAL CIDADE DE SÃO PAULO. Levantada em 1810 *pelo Engenheiro Rufino José Felizardo e Costa*. Reprodução a partir da versão publicada pela Comissão do IV Centenário, em 1954. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1810.htm>. Acesso em: 19 jan. 2021.

PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO - 1868. Original atribuído a Carlos Frederico Rath. Reprodução a partir da versão publicada pela Comissão do IV Centenário, em 1954. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1868.htm>. Acesso em: 19 jan. 2021.

Planta da Cidade de São Paulo levantada pela Companhia Cantareira e Es-
gotos por Henry B. Joyner M.I.C Engenheiro em Chefe - 1881. Reprodução
a partir da versão publicada pela Comissão do IV Centenário, em 1954.
Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1881.htm>.
Acesso em: 19 jan. 2021.

Planta Geral da Capital de São Paulo organizada sob a direcção do Dr. Go-
mes Cardim - 1897. Reprodução a partir da versão publicada pela Comissão
do IV Centenário, em 1954. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1897.htm>. Acesso em: 19 jan. 2021.

Planta Geral da Cidade de São Paulo -1905. Levantada e organizada pelo En-
genheiro Civil Alexandre Mariano Cococi e Luiz Fructuoso e Costa. Dispo-
nível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/
cart523225/cart523225.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart523225/cart523225.jpg). Acesso em: 04 fev. 2021.

PARA SABER MAIS

Texto1

Datas de terra

As datas de terra correspondiam à doação de terrenos localizados no rossio, a qual era realizada pela Câmara de Vereadores aos interessados. Quando essa população passou a ser considerada como uma vila, ocorreu a demarcação de uma área correspondente à meia légua em todas as direções, definida como rossio, que estava destinada à concessão, para obtenção de renda por meio de aforamento, edificação de prédios públicos e uso comum. Delimitadas a partir da Sé, parte das chácaras paulistanas originaram-se dessas doações, as quais eram instituídas desde o século XVII, bem como do estabelecimento de posses em áreas de uso comum. A legislação, na medida em que foi reformulada, especificou exigências para a sua concessão: ao ser beneficiado, competia ao concessionário requerer o alinhamento, fechar e edificar o terreno e requerer certidão e emissão de título da propriedade de acordo com o prazo especificado na legislação municipal vigente no período em questão, caso contrário, corria o risco de o domínio da Câmara se restabelecer. Em 1875, a legislação municipal – Posturas Municipais – estipulou o fim da gratuidade para a concessão de terras, que foi extinta em 1893.

Para saber mais:

SILVA, Elizangela Maria da. **Práticas de apropriação e produção do espaço em São Paulo:** a concessão de terras municipais através as cartas de datas (1850-1890). 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SIMONI, Lucia Noemia. **O arruamento de terras e o processo de formação do espaço urbano no Município de São Paulo (1840 - 1930).** 2003. Tese

(Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

Texto 2

Caminho do Carro

Conectando as cidades de São Paulo e Santo Amaro, o Caminho do Carro deu origem à Avenida Liberdade, trecho que integrava a antiga trilha indígena Peabiru à Rua Vergueiro – antiga Estrada Vergueiro – e ao trajeto da antiga linha de bonde para Santo Amaro. Ele se conectava com o Caminho do Mar na Praça João Mendes – antiga Praça de São Gonçalo –, com destino a Santos e ao litoral e que, hoje, corresponde às atuais ruas da Glória, Lavapés e Independência. Outra trajetória compreendia parte da trilha indígena Peabiru direcionando-se pelas ruas Tabatinguera, da Mooca e do Oratório.

Nos primórdios da ocupação do território, esses caminhos foram importantes para o povoamento e para conectar as aldeias indígenas. Dotados de ranchos que possibilitavam o pouso dos viajantes, eles consistiam em referência para a delimitação das chácaras que os margeavam. Em razão de sua importância histórica, da preservação de traçados e da geografia, bem como de edificações significativas, trechos dos dois caminhos foram tomados pela municipalidade em 2018 como testemunho de sua urbanização e paisagem (RESOLUÇÃO N° 25/CONPRESP/2018; RESOLUÇÃO N° 36/CONPRESP/2018).

Para saber mais:

SÃO PAULO antigo: plantas da cidade. **Informativo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís**, n. 20, set./out. 2008. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/index.html>. Acesso em: 07 jun. 2021.

Texto 3

Casa da Câmara e Cadeia

Na cidade colonial, era comum a simultaneidade de endereço da Câmara Municipal e da Cadeia, e o presidente da Câmara era o responsável pelo funcionamento de ambas as instituições. Essa prática durou todo o período imperial. A cidade de São Paulo não foi uma exceção a essa regra, visto que o edifício construído entre 1783 e 1791 para abrigar a Câmara Municipal e a Cadeia localizava-se na atual Praça João Mendes, anteriormente denominada como Largo de São Gonçalo (em virtude da Igreja homônima ali situada) e, depois, como Largo da Cadeia ou Largo Municipal. Em 1877, ela foi modernizada para abrigar o Palácio da Assembleia Provincial e a Câmara Municipal. Assim, a Cadeia foi transferida para o bairro da Luz.

Para saber mais:

SÃO PAULO antigo: plantas da cidade. **Informativo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís, n. 20, set./out. 2008. Disponível em:** <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/index.html>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Texto 4

Pelourinho

O largo do Pelourinho destinava-se ao castigo exemplar dos escravos. Estes eram ali amarrados em uma coluna para que fossem açoitados. A extensão do largo foi ampliada com a incorporação de um terreno desapropriado pela Câmara Municipal para estabelecer ligação com o Largo de São Gonçalo em 1874.

Identificado como Largo 7 de Setembro no Mapa da Capital da Província de São Paulo de 1877, publicado por Fernando de Albuquerque e Jules Martin, constitui fator indicativo da implementação de um programa de mudança do significado e do sentido dos lugares anteriormente associados à escravidão, à pena de morte e ao sepultamento dos escravos e dos condenados. Além disso, a trans-

formação relacionou-se à eliminação de edificações perigosas que impediam o desenvolvimento da região, como a Casa da Pólvora.

A renomeação do logradouro homenageia a Proclamação da Independência e segue a mentalidade do período, de valorização de fatos históricos associados à autonomia do país, o que também se verificou com o antigo Largo da Força, renomeado como Praça da Liberdade nesse período. Essa alteração remonta ao ano de 1865 e foi uma iniciativa do vereador Malaquias Rogério de Salles Guerra. A ela, seguiu-se a oficialização do logradouro como público em 1916 (Acto nº 972, 24/08/1916) e a alteração de seu traçado em 1952 (Lei nº 4.174, 05/01/1952). Destaca-se a permanência de sua nomenclatura, apesar das transformações operadas na região.

Para saber mais:

GUIMARÃES, L. B. M. **Liberdade**. História dos bairros de São Paulo. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura, 1979.

Texto 5

Força

Até o século XIX, os castigos exemplares eram praticados na cidade e havia a pena de morte, a qual era consumada por meio do enforcamento do condenado. Em virtude do deslocamento da força da Rua Tabatinguera para a atual Praça Liberdade-Japão, em 1604, esse elemento foi associado ao local, que passou a ser denominado como Largo da Força. A nomenclatura foi alterada para Praça da Liberdade em 1891.

Nos mapas da década de 1840, evidencia-se a elevação do terreno no qual se situava a força. Esse é um fator indicativo de que sua localização tirava partido desse plano para atender à função pedagógica a que se destinava, ou seja, dar visibilidade à estrutura na qual os condenados à pena de morte sucumbiam.

Para saber mais:

DIÊGOLI, L.R. (coord.). **IGEPAC/SP Liberdade**. Inventário Geral do Patrimônio Ambiental, Cultural e Urbano de São Paulo. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1987.

FANTIN, J.T. **Os japoneses no bairro da Liberdade-SP na primeira metade do século XX**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013.

Texto 6

Hospital da Santa Casa de Misericórdia

Estabelecido na sede da Chácara dos Ingleses em 1825, a edificação, concluída em 1840, foi projetada pelo engenheiro militar Daniel Pedro Muller e localizava-se nas proximidades do Cemitério Geral ou dos Aflitos. A sua presença conferiu denominação à rua na qual se localizava. Posteriormente, essa nomenclatura foi alterada para rua da Glória.

O crescimento populacional da cidade e, conseqüentemente, a necessidade de ampliação e modernização das instalações hospitalares e de reorganização dos serviços prestados fundamentaram a construção de uma nova sede na Rua Cesário Mota, na Vila Buarque, durante o período de 1881 a 1883. Com uma transferência, em 1884, a antiga edificação passou a abrigar o Asilo de Mendicidade, mantido pela Santa Casa nesse local até 1911.

Para saber mais:

SILVA, Márcia Regina Barros da. Santa Casa de Misericórdia de São Paulo: saúde e assistência se tornam públicas (1875-1910). **Varia História, Belo Horizonte**, v. 26, n. 44, p. 395-420, dez. 2010.

Texto 7

Cemitério Geral ou dos Aflitos e Capela (1774-1858)

Considerado o primeiro cemitério público da cidade de São Paulo, o Cemitério Geral ou dos Aflitos, também denominado como Cemitério da Glória, destinou-se ao sepultamento dos condenados, indigentes, soldados e escravos a partir de 1775. Delimitado pelas ruas da Glória e Galvão Bueno, a Capela em homenagem à Nossa Senhora dos Aflitos, edificada em 1774, constitui remanescente de sua existência pregressa, localizada na Rua dos Aflitos, nas proximidades da Praça da Liberdade-Japão e, consequentemente, da Forca outrora ali existente. Em razão da inauguração do Cemitério Municipal da Consolação em 1858, cessaram os sepultamentos no Cemitério Geral. Na Planta da Cidade de São Paulo, levantada pela Companhia Cantareira e Esgotos em 1881, o terreno no qual se localizava encontra-se sem identificação, evidenciando a sua desativação e, em 1885, o seu loteamento.

Atribui-se ao sepultamento de africanos de origem bantu ou ioruba e jeje-nagô subsaariano o caráter sagrado com o qual as proximidades da Forca e da área do Cemitério foram revestidas, a ponto de converter a Capela dos Aflitos em um centro de devoção religiosa, como destaca Sevcenko (2004). Ela foi tombada pelo Governo do Estado de São Paulo em 1978 (Resolução Estadual do CONDEPHAAT em 23/10/1978) e pela Prefeitura do Município de São Paulo (Resolução Municipal nº 05/CONPRESP/91), enquanto a regulamentação de sua área envoltória ocorreu na instância municipal em 2018 (Resolução nº 25/CONPRESP/2018).

A presença de nove ossadas do século XVIII, duas com contas de vidro azuis, evidenciando a religiosidade de matriz africana dessas pessoas no terreno contíguo à Capela, motivou a prefeitura a criar o Memorial dos Aflitos, que foi oficializado em janeiro de 2020. Essa medida implicará na desapropriação do terreno.

Para saber mais:

BASTOS, S. R. Ressignificação de expressões culturais de etnicidade para a constituição de um destino de lazer e de turismo na cidade de São Paulo. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 20, n. 2, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.18472/cvt.20n2.2020.1850>.

GERIBELLO, Denise Fernandes. Igreja Nossa Senhora dos Aflitos, bairro da Liberdade. A lembrança de um esquecimento. **Arquiteturismo**, São Paulo, ano 08, n. 088-089.03, Vitruvius, ago. 2014. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/08.088-089/5262>. Acesso em: 07 jun. 2021.

GUIMARÃES, L. B. M. **Liberdade**. História dos bairros de São Paulo. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura, 1979.

SEVCENKO, N. A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. **Revista USP**, São Paulo, n. 63, p. 16-35, set./nov. 2004.

VARGAS, Diego Vasconcellos; JAYO, Martin. Memória e toponímia paulistanas. Sobre a origem do nome Liberdade. **Minha Cidade**, São Paulo, ano 20, n. 229.03, Vitruvius, ago. 2019. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/20.229/7447>. Acesso em: 07 jun. 2021.

Texto 8

Casa da Pólvora (1754-1872)

O funcionamento da Casa da Pólvora remonta ao ano de 1754, e sua presença estendeu sua denominação ao local onde funcionava, no atual Largo da Pólvora e, durante certo período, também ao bairro. Por ocasião de sua instalação, localizava-se no ponto extremo Sul da cidade e, em razão do risco de incêndio, enquanto se manteve a atividade, a Câmara Municipal proibia a construção de edificações nas suas imediações, embora esse mesmo órgão realizasse a doação de terrenos nas proximidades. Ainda assim, por iniciativa particular do fazendeiro e comendador

José Vergueiro, o novo Caminho de Santos, por ele criado, tinha como trajetória sua cercania, pois o itinerário incorporava o traçado das ruas Liberdade e Vergueiro.

Em 1872, o depósito de pólvora foi transferido para a propriedade nacional denominada Chácara da Glória. Mas, em razão do arruamento pretendido e implementado em 1886, o depósito foi novamente deslocado para o bairro do Ipiranga em 1884.

Na Liberdade, a antiga edificação foi demolida em 1873. A remodelação do largo ocorreu por volta de 1880, período de relativa prosperidade econômica advinda da economia cafeeira que transformará a cidade em um centro financeiro da Província de São Paulo.

Para saber mais:

GASPAR, Byron. **Fontes e Chafarizes de São Paulo**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

GUIMARÃES, L. B. M. **Liberdade**. História dos bairros de São Paulo. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura, 1979.

Texto 9

Igreja Santa Cruz dos Enforcados

A origem da Igreja Santa Cruz dos Enforcados encontra-se associada à força anteriormente existente na Praça da Liberdade-Japão e à prática de acender velas e fincar cruzes em homenagem aos enforcados, bem como ao caráter sagrado de que se revestiu essa área, em razão de parte desses sentenciados serem africanos de origem bantu ou ioruba e jeje-nagô subsaariano.

Sevcenko (2004) acentua também a lenda em torno do cabo Francisco José das Chagas, o Chaguinhas, que teria participado de um motim pelo pagamento de soldos atrasados na cidade de

Santos e que, por isso, teria sido ali enforcado em 1821, após dois ou três (há controvérsias) rompimentos da corda que serviria de instrumento para sua punição. Essa ocorrência constitui fundamento para uma das versões sobre a nomeação da Praça e, consequentemente, do bairro, pois as pessoas que assistiam à cena clamaram pela liberdade do sentenciado, sem, entretanto, obter resultado positivo.

À constância de oferendas e velas em homenagem aos sentenciados, seguiu-se a instalação de um cruzeiro, a realização de uma festa anual e a construção de uma capela em 1891, ampliada em 1917. Tal como ocorre na Capela dos Aflitos, a Igreja Santa Cruz dos Enforcados preserva uma área para o acendimento de velas. No entanto, o uso de velas coloridas é vedado.

Às segundas feiras, a oferta ritual de pipocas, velas e flores dedicadas às Almas evidencia a permanência das tradições afro-brasileiras. Na parte externa, há a presença de jogadores de búzios e, localizada ao lado da igreja, está a Casa de Velas Santa Rita, que comercializa uma variedade de produtos religiosos, como velas, esotéricos, umbanda e candomblé.

Para saber mais:

GUIMARÃES, L. B. M. **Liberdade**. História dos bairros de São Paulo. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura, 1979.

SEVCENKO, N. A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. **Revista USP, São Paulo**, n. 63, p. 16-35, set./nov. 2004.

VARGAS, Diego Vasconcellos; JAYO, Martin. Memória e toponímia paulistanas. Sobre a origem do nome Liberdade. **Minha Cidade**, São Paulo, ano 20, n. 229.03, Vitruvius, ago. 2019. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/20.229/7447>. Acesso em: 07 jun. 2021.

Texto 10

Delimitação do distrito da Liberdade em 1920

“LIBERDADE – Principiam na ponte sobre o rio Tamanduatehy (onde começa a rua da Mooca), sobem pelo rio Tamanduahy, até ao ponto onde tem começo a rua Justo Azambojo e vão ella acima até a rua do Lavapés, pela qual seguem á rua Senvero, continuam por esta e pelas ruas Pires da Motta a Bueno de Andrada, até o rio Cambucy, sobem por este até encontrar a linha que liga o fim da rua do Paraizo com o cruzamento das ruas Leoncio de Carvalho e Basilio da Cunha, continuando por esta linha até á rua do Paraizo, seguem pela rua do Paraizo até ao meio da praça Oswaldo Cruz, e dahi, pela rua 13 de Maio, largo 13 de Maio e pelos eixos das ruas Martiniano de Carvalho, Humaytá, Brigadeiro Luis Antonio, continuando pela rua do Riachuelo, praça Dr. João Mendes, ruas do Theatro e Tahatinguera, ladeira Tabatinguera e rua Frederico Alvarenga, até á ponte sobre o Tamanduatehy, onde tiveram começo. (Art. 2º, § 10.º, Lei n. 1.756, 27/12/1920)”.

Fonte: SÃO PAULO. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Lei n. 1.756, de 27 de dezembro de 1920.** Cria os districtos de paz de Itaquera e Perdizes, na comarca da Capital, e dá outras providencias. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1920/lei-1756-27.12.1920.html>. Acesso em: 31 jan. 2020.

Texto 11

Descrição de uma pensão para japoneses da província de Fukushima

“No número 41 da rua dos Estudantes, paralela à rua São Paulo, instalou-se uma pensão destinada aos originários da província Fukushima, que mais tarde se mudou para o 3o andar do número 57 da rua Conselheiro Furtado. Consta que seu responsável, ra-

paz solteiro, fugiu para a Argentina, deixando uma dívida de 90 mil-réis em aluguel e mais 90 mil-réis ao padeiro. De qualquer forma, ali, o pernoite no chão de taco custava 200 réis e as duas refeições, 500 réis: era de se supor que, por mais que o custo de vida fosse baixo naqueles tempos, não se podia manter a pensão com uma diária de apenas 700 réis. Entretanto, pode ser que os hóspedes (se é que podemos assim os chamar os que lá procuravam acomodação) não pudessem pagar mais que isso. (HANDA, 1987, p. 154-155)”.

Fonte: HANDA, T. **O imigrante japonês**. História de sua vida no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz/Centro de Estudos Nipo Brasileiro, 1987.

Texto 12

Imigração chinesa

Apesar de ocorrências pontuais anteriores, a presença chinesa no Brasil mais significativa remonta ao início do século XIX, a qual foi motivada pelas experiências de produção de chá em São Paulo e no Rio de Janeiro. As propostas de sua introdução como mão de obra escrava foram cotejadas na Assembleia Nacional em diferentes momentos. Contudo, os discursos raciais e a oposição ao seu ingresso inviabilizaram o avanço das propostas.³³

O tratado de amizade sino-brasileiro de 1881 oficializou a relação entre China e Brasil. Em 1900, deu-se o primeiro ingresso oficial de 107 imigrantes. Pouco expressivos em termos numéricos até 1949, os ingressos aumentaram em razão da guerra civil e

33 O antagonismo ao ingresso do não branco pautado em teorias eugenistas influenciou as decisões políticas acerca da substituição do escravo africano. Para tanto, inicialmente cotejou-se a introdução de chineses, considerados dóceis. DEZEM, Rogério. Matizes do “amarelo”: a gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

do regime comunista estabelecido naquele país, apresentando-se um novo incremento a partir de 1979, com a gradativa abertura instituída na China continental.

Com uma entrada no país, sobretudo, de forma individual, tratou-se de uma imigração autofinanciada ou às expensas da própria comunidade, tanto ao subvencionar um compatriota para trabalhar no empreendimento de um conterrâneo, quanto por parte das empresas chinesas estabelecidas no Brasil, que empregava o expatriado chinês mediante a formalização de contrato de trabalho.

Com mais de 200 dialetos, sua diversidade cultural foi trasladada para o Brasil, principalmente, para o Estado de São Paulo, onde a sua maior concentração localiza-se na Grande São Paulo, com destaque para a capital, uma espécie de microcosmo desse fenômeno, com imigrantes provenientes da China Continental³⁴, Hong Kong³⁵, Macau³⁶, Taiwan (Formosa)³⁷ e do Sudeste Asiático. Predominantemente urbanos, os imigrantes dedicam-se à prestação de serviços nas áreas de saúde, educação, construção civil, comércio etc., enquanto a vida associativa desenvolve-se nas instituições religiosas, associações relativas à região de origem, agrupadas na Associação Cultural Chinesa, ou por gênero, tais como câmaras de comércio, arte, caligrafia, união das mulheres, entre outros.

34 Antes da implantação do regime comunista, predominou o ingresso de cantoneses.

35 Colônia britânica até 1997, ocorreu a permanência do capitalismo em Hong Kong mesmo após a sua integração à China nessa ocasião.

36 Devolvida à China em 1999, a antiga colônia portuguesa preservou a economia capitalista.

37 A partir de 1949, com o estabelecimento do regime comunista na China, ocorreu a migração de pessoas ligadas ao antigo governo Nacionalista para Taiwan. Sem o reconhecimento da maioria dos países, a República da China ali estabelecida preservou a economia capitalista e constituiu um governo paralelo ao da República Popular da China. O crescimento do ingresso de taiwaneses no país coincidiu com a intensificação da rigidez política na China (1949 a 1978).

Embora os dados absolutos sobre chineses no Município de São Paulo apresentem imprecisão, os registros apurados em junho de 2019 exemplificam a vitalidade desse grupo, visto que corresponde a 27.414 pessoas (7,6%) do total de imigrantes (361.201), o que o situa como terceiro maior (Bolívia – 20,8% e Portugal –14,5%), seguido dos japoneses (6,8%). Aponta-se, todavia, que essa base de dados da Polícia Federal não compreende os indocumentados. Nesse sentido, a estimativa é de que 300 mil chineses tenham se estabelecido por aqui, o que é equivalente a 5% da população estrangeira no país. Desses, 90% estão estabelecidos na capital paulista e são destacados pelo Consulado da China em São Paulo, que expressa uma maior fidelidade ao quadro atual.³⁸

Apesar de se distribuírem pela cidade, constata-se algumas concentrações, como nos bairros da Liberdade, Aclimação, Cambuci, Santa Cecília, Centro, Bom Retiro, Pinheiros, Santo Amaro e Brooklin, onde residem e/ou trabalham.

Caracterizado pela mobilidade, o movimento migratório chinês apresenta essa tendência em razão da dispersão dessa comunidade pelo mundo. Esse fato lhes possibilita uma diversidade de contatos e de re-imigração, o que torna o Brasil um ponto de passagem para um destino mais promissor.

38 Por ocasião da comemoração dos 200 anos da imigração chinesa, em uma solenidade realizada na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo em 2012, as estimativas apresentadas foram de 200 mil chineses no país, concentrados, sobretudo, na capital paulista (90%). Transcorridos seis anos, a estimativa apresentada por ocasião da instituição de uma data celebrativa alusiva ao dia Nacional da Imigração Chinesa no Brasil (Lei nº 13.686, 26/06/2018) subiu para 300 mil chineses, o que corresponde a 5% do total de imigrantes no país. IBRACHINA. A construção da comunidade chinesa no Brasil. Disponível em: <<https://ibrachina.com.br/cultura/a-construcao-da-comunidade-chinesa-no-brasil/>>. DIÁRIO Oficial do Estado de São Paulo (DOSP), 23/05/2012, p. 30-32.

Para saber mais:

FREITAS, S.M. Desde Hong Kong a São Paulo. In: BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO. **Cuando Oriente llegó a América: contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos**. Washington D.C.: Banco Interamericano de Desarrollo, 2004, p. 99-113.

LESSER, J. **A negociação da identidade nacional**. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

VÉRAS, D.B. **As diásporas chinesas e o Brasil**: a comunidade sino-brasileira em São Paulo. 2008. Tese (doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

Texto 13

Imigração coreana

A imigração coreana apresenta como marco de origem um acordo para o estabelecimento de agricultores no interior do país firmado entre os governos sul-coreano e brasileiro em 1962. No entanto, nessa época, coreanos naturalizados japoneses e ex-prisioneiros anticomunistas da Guerra da Coreia já viviam no Brasil. Essa comunidade se mobilizou para o acolhimento dos recém-chegados.

Durante o período de vigência dos ingressos oficiais ocorridos entre 1963 e 1971, 1.300 agricultores coreanos entraram no país, ao passo que, nesse último ano, também foram registrados 1.400 técnicos para a agricultura ou indústria. As características urbanas predominantes nessa população motivaram o seu redirecionamento para a cidade de São Paulo. Além disso, como são fluentes em japonês, concentraram-se nas proximidades do centro, onde podiam encontrar serviços oferecidos nesse idioma na Liberdade, entre as ruas Conde de Sarzedas e Glicério. A “Vila Coreana” tornou-se uma referência para a comunidade

que recorria a ela em busca de cooperação, compartilhamento de informações sobre a cidade e empregos, além da convivência com compatriotas.

O malogro do programa de imigração agrícola resultou em sua suspensão oficial no país em 1966. Essa situação foi contornada por meio do ingresso por outros países da América do Sul, como Paraguai e Bolívia. O ingresso de clandestinos foi, de certa forma, estimulado pela própria comunidade, ao vender cartas de chamada individuais para coreanos desejosos de emigrar para o Brasil. Com a pretensão de se fixar, outro expediente adotado foi a entrada com visto de turista, o que incrementou o número de indocumentados. Inscrito nesse contexto de imigração clandestina situa-se o ingresso legal de mão de obra qualificada destinada à expansão da industrialização do país no início de década de 1970. Apesar das proibições de emigração por parte do governo coreano e de ingresso no país pelo governo brasileiro, as entradas se perpetuaram, o que desencadeou, em diferentes momentos, sucessivas anistias para a regularização de imigrantes indocumentados na sociedade de acolhimento.

Empreendedores estabeleceram negócios em diferentes áreas, dentre os quais, a confecção constituiu um nicho fundamentado na exploração inicial da própria comunidade, que, em razão da falta de documentos, engajava-se no serviço de costura para sobreviver, bem como em estabelecimentos comerciais, como quitandas e mercearias.

Além disso, os casamentos endogâmicos, para a preservação da cultura e língua maternas, a criação de instituições religiosas e de espaços de socialização e convivência, como restaurantes e escolas, por exemplo, mantiveram a comunidade fechada, embora as gerações subsequentes tenham passado a alterar esse quadro. A isso se acrescenta a migração para outras cidades e estados,

bem como reimplantação para os Estados Unidos da América e o retorno à Coreia.

A ascensão econômica da comunidade, por sua vez, possibilitou a sua instalação em outros bairros, como Aclimação e Higienópolis. Entretanto, o Bom Retiro constitui-se uma referência para as atividades econômicas associadas à confecção.

O contingente populacional permanece impreciso, visto que, em 1998, a Polícia Federal estimou a presença de 45 mil imigrantes legais e 35 mil ilegais. Em 2015, calculou-se a existência de 50 mil coreanos no país. Os dados populacionais são dinâmicos e, no caso em questão, como já destacado, trata-se de um grupo caracterizado pela mobilidade e se considera ainda a ausência dos indocumentados nesse último levantamento.

Para saber mais:

BAE, E. **Uma nova face da imigração:** um estudo dos espatriados Sul Coreanos e sua inserção social em São Paulo. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

CHOI, K.J. Imigração coreana na cidade de São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v.40, p. 233-238, 1996.

CHOI, K.J. **Além do arco-íris:** a imigração coreana no Brasil. 1991. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

YANG, Eun Mi. **A « geração 1.5 » dos imigrantes coreanos em São Paulo:** identidade, alteridade e educação. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade São Paulo, São Paulo, 2011.



A PRESENÇA NEGRA NO CENTRO DE SÃO PAULO

Ursulina Santana

Claudio Santana Pimentel



Há uma controvérsia a respeito de quando se iniciou a presença de africanos e afrodescendentes no espaço que deu origem ao que hoje conhecemos como cidade de São Paulo.

Isso decorre, em parte, do uso da palavra “negro” nos dois primeiros séculos da conquista e colonização. Negro se referia não somente ao escravizado de origem africana mas também ao “negro da terra”, expressão empregada para designar o indígena. É interessante notar que, ao final século XVII, com a proibição da escravização indígena, proíbe-se também o emprego do termo negro para se referir à população nativa.¹

Ainda que se admita a presença africana já nos primeiros tempos da colonização, predominou, devido às características específicas da constituição econômica da então vila de São Paulo, a exploração da mão de obra indígena. Diferentemente do que aconteceu no litoral do Nordeste, em que a exploração do escravizado de origem africana se deu até a exaustão na produção de cana-de-açúcar, o mesmo ocorrendo na exploração de metais e pedras preciosas nas Gerais.

No entanto, a partir das últimas décadas do século XVIII, com o estabelecimento da produção açucareira, passa a predominar a presença do afrodescendente escravizado em São Paulo, a qual se intensifica no século XIX, quando as fazendas de café se tornam a base da economia agroexportadora, fundamentada na exploração do trabalhador escravizado.

Afirma Rosângela Borges²: “Em meados do século XIX, as fazendas de café de São Paulo empregavam quase quatro vezes mais escravos do que as de açúcar. Na década de 50 do século XIX, 28% da população do Estado de São Paulo (sic) era constituída por escravos.”

1 Monteiro, 1994.

2 Borges, 2013.

Esses escravizados, até 1850, provinham, em sua maioria, do “infame comércio” do tráfico escravista que vinculava os portos do Brasil aos portos africanos. Com a proibição do tráfico atlântico, as elites paulistas passam a recorrer ao tráfico interno, favorecido devido à decadência econômica da produção açucareira no Nordeste, pagando aos antigos senhores de engenho altas somas por esses trabalhadores. “Nas décadas de 60 e 70, os escravos negros das grandes fazendas de café em São Paulo, em sua maioria, já haviam nascido no Brasil.”³

A expansão da lavoura do café no século XIX na zona central do Estado de São Paulo (sic) gera condições para o desenvolvimento urbano da cidade de São Paulo, onde se verifica um aumento significativo do comércio local. A cidade de São Paulo torna-se, além de ponto de trânsito dos produtos de importação e exportação que se escoavam pelo porto de Santos, em centro comercial das populações vindas do Interior. Nesse período, tanto a população livre como a escrava começa a apresentar um crescimento significativo na área citadina de São Paulo.⁴

A presença dos africanos e de seus descendentes, na colônia e no império, fazia-se sentir em todos os aspectos da atividade econômica e do trabalho, de modo que eles estavam inseridos não somente nas ocupações braçais mas também naquelas que exigiam qualificação técnica e intelectual.

À medida que as regiões mais prósperas do país se urbanizaram, a mobilidade do escravizado no espaço das ruas tornou-se

3 Borges, op. cit., p. 91.

4 Borges, op. cit., p. 92-93.

muito maior do que no ambiente rural, não apenas fisicamente como também em termos de interação social.

Vendedores ambulantes, carregadores, barbeiros, pedreiros, carpinteiros, sapateiros, funileiros, marceneiros, tropeiros eram as principais ocupações dos homens negros escravos. As mulheres negras escravas, em sua maioria, trabalhavam como amas, mucamas, cozinheiras, pajens, quitandeiras, lavadeiras. No espaço da rua, desempenhando suas múltiplas funções, as mulheres e os homens escravizados, juntos com os negros livres, os mestiços e os brancos pobres, puderam ampliar os limites impostos pela soberania do senhor e afirmar suas individualidades.⁵

Sobretudo na segunda metade do século XIX, a instituição do sistema de ganho, por meio do qual se alugava a força de trabalho do escravizado, ao mesmo tempo em que permitiu uma maior sobrevivência ao sistema escravista, proporcionou ao escravizado organizar a sua vida econômica e social em novos termos. “Na cidade, os escravos podiam experimentar o exercício das funções autônomas, fugindo do controle severo do senhor e vivenciar novas relações sociais.”⁶

Como explica Marina de Mello e Souza⁷, diferentes modos de negociação passaram a fazer parte do sistema escravista, que, assim como a sociedade brasileira, modificou-se no decorrer do tempo:

[...] Assim, se legalmente os escravos não tinham nenhum direito, podendo seus senhores condená-los à morte ou vendê-los quando bem entendessem, por meio da constante re-

5 Borges, op. cit., p. 94.

6 Borges, op. cit., p. 97.

7 Souza, 2007.

sistência à opressão eles foram estabelecendo limites a esta e construindo um senso comum, segundo o qual algumas atitudes, como separar famílias com a venda de um de seus membros ou aplicar castigos brutais e desproporcionais à infração cometida, passaram a não ser aceitas pelo conjunto da sociedade. Por outro lado, no século XIX já eram muitas as críticas com relação ao uso do trabalho escravo, sendo cada vez mais questionada a possibilidade de um homem escravizar outro homem.⁸

Surgia nesse contexto, ainda que como uma expectativa, a possibilidade da alforria, da obtenção da própria liberdade ou da de pessoas próximas. Liberdade que, para a grande maioria da população escravizada, somente se realizou a partir da abolição, que determinou, também, a reconfiguração da mão de obra recém-liberta na sociedade brasileira.

A abolição e, em seguida, o sistema político republicano, não significaram a passagem para uma sociedade, efetivamente, disposta a estabelecer as condições para a inclusão da população negra.

Ainda durante o segundo reinado, havia-se estabelecido uma política que estimulava a substituição do trabalhador escravizado pelo trabalhador livre, europeu, assalariado. Essa era considerada uma das condições necessárias para a modernização do país.

Essa foi uma política que não criou condições para a inclusão da população negra, seja no campo, onde a lei de terras, promulgada em 1850, inviabilizou a democratização da posse da terra; seja no meio urbano, onde o imigrante europeu passou a ter preferência entre os empregadores, principalmente nas indústrias que passavam a surgir.

8 Souza, op. cit., p. 100.

Os negros que se estabeleceram nos centros urbanos, em sua maioria, passaram a sobreviver de pequenos biscates, serviços domésticos, atividades ligadas às tarefas manuais ou braçais e a residirem nos arredores da zona central, aglomerados em cortiços, cujos proprietários em grande parte, eram imigrantes europeus. Além da acusação de vadiagem, os negros também eram descartados do mercado de trabalho, porque os patrões – fazendeiros ou proprietários das primeiras indústrias – diziam que exigiam altos salários.⁹

Desde a segunda metade do século XIX, portanto, a população negra passou a ocupar os territórios ao redor da região central da cidade de São Paulo. Estiveram presentes antes dos primeiros imigrantes europeus e muito antes dos imigrantes asiáticos, embora sua presença tenha sido minimizada ou mesmo ocultada, sobretudo nos discursos oficiais sobre a cidade e sua modernização.

Com o passar dos anos e a expansão territorial da cidade, que passou a englobar regiões cada vez mais distantes do centro urbano – ao qual, sobretudo as pessoas mais velhas, ainda costumam se referir como “a cidade” –, essa população tendeu a ser deslocada para bairros mais periféricos.

Batuques e danças se realizavam nas datas de comemoração dos santos católicos na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída por demanda da Irmandade de Nossa Senhora dos Homens Pretos, ainda no século XVIII. Em seus arredores, orbitava a população escravizada e liberta.

Como parte da política de higienização e modernização excludente, a igreja e seus anexos foram demolidos, e uma nova

9 Borges, op. cit., p. 111.

igreja do Rosário foi construída no Largo do Paissandu, sendo inaugurada em 1906.

Na cidade de São Paulo do século XIX, os festejos em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, sempre no dia 06 de janeiro, organizados pela Irmandade de Nossa Senhora dos Homens Pretos, eram o auge da sociabilidade de homens e mulheres negros, quando essa parcela da população paulistana surgia em procissão pelas ruas do núcleo central, com seus trajes, adereços e sonoridade característicos. Após a procissão, na qual eram exibidas as hierarquias simbólicas da Irmandade – o Rei e a Rainha – a população negra, em frente à Igreja do Rosário, punha-se a dançar e a cantar ao som dos tambores africanos¹⁰

Constituíam-se, portanto, nesses e em outros espaços, estratégias de resistência cultural e simbólica, por meio da presença da criatividade dos afrodescendentes, seja nos batuques e festejos, seja na forma própria de celebrar os mortos nos ritos fúnebres, ou mesmo na capoeira, que trazia elementos que contribuíram para a formação do samba paulista¹¹.

10 Borges, op. cit., p. 122-123.

11 Azevedo, 2014.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A.M. São Paulo Negra: Geraldo Filme e a geografia do samba paulista. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 6, n. 13, p. 313-328, 2014.

BORGES, R. F. C. **Axé, Madona, Achiropita!** Presença da cultura afro-brasileira nas celebrações da Igreja Nossa Senhora Achiropita, em São Paulo. 2. Ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

MONTEIRO, J.M. **Negros da terra:** índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SOUZA, M.M. **África e Brasil africano.** 2ª ed. São Paulo: Ática, 2007.



DO DISTRITO DA GLÓRIA À LIBERDADE: CONTENDAS EM UM TERRITÓRIO PAULISTANO

Odair da Cruz Paiva



APRESENTAÇÃO

Desde a década de 1980, uma crescente produção sobre temas relacionados à memória e ao reconhecimento do patrimônio cultural permeia o campo dos estudos históricos. Diversos são os interlocutores/produtores no campo patrimonial, dentre eles, agentes ligados aos órgãos de preservação patrimonial, Universidades, organizações de defesa do patrimônio material e imaterial, grupos tradicionais como quilombolas, populações ribeirinhas e indígenas, além de muitos outros.

Preservação, tombamento ou reconhecimento de sítios rurais e urbanos, saberes, festas e lugares do sagrado adentraram o rol das preocupações de pesquisadores e agentes públicos ou privados. O debate acerca do patrimônio cultural – em suas múltiplas expressões – alcança públicos amplos. Como era de se esperar, seu temário é variado. Na cidade de São Paulo, por exemplo, a preservação ou não do Minhocão (Elevado Costa e Silva) ou a construção ou não do Parque Augusta somam-se ao recém tombamento do Antigo Caminho da Glória no bairro da Liberdade¹. Nesta agenda plural, os temas ligados ao patrimônio transbordam para segmentos variados da sociedade civil.

O campo da preservação do patrimônio cultural é eivado por disputas, e, por razões evidentes, nenhum tema que emerge em uma sociedade como a nossa guarda unanimidade. Cotidianamente, percebemos que o ambiente patrimonial é disputado por sujeitos que respondem a interesses de ordens variadas. Este capítulo discute como a recente mudança do nome da estação *Liberdade* do metrô paulistano para *Liberdade-Japão* reacendeu uma polêmica disputa pela memória e história daquele território da cidade.

1 Resolução n. 25/CONPRESP/2018.

Se a mudança do nome da estação do metrô foi, como afirmam seus promotores, o reconhecimento da presença e importância da comunidade japonesa no bairro, esta ação foi de encontro aos interesses da comunidade negra que viu preterida sua história. Do confronto entre duas perspectivas sobre o passado daquele bairro, emergem histórias, vivências e sociabilidades que estavam recônditos. Diante disso, produz-se aqui uma reflexão que, utilizando fontes diversas, bibliografia e informações veiculadas pela internet, comporá uma narrativa que descortine elementos da contenda atual que existe no bairro.

INTRODUÇÃO

Em 24 de julho de 2018, o governador de São Paulo, Márcio França, assinou um decreto alterando o nome da estação *Liberdade* (linha azul do metrô paulistano) para estação *Liberdade-Japão*. Nos primeiros dias do mês subsequente, quando a alteração do nome já era visível aos usuários, alguns órgãos da imprensa² noticiavam que a ação comemorativa não foi bem recebida por membros da comunidade negra. Estes novamente se mobilizaram na defesa da presença negra na Liberdade.

Em matéria publicada no dia 07/08/2019 no *Nexo Jornal*, encontramos o seguinte:

A Praça da Liberdade e a estação Liberdade do metrô, localizadas no centro de São Paulo, passam a contar com a palavra “Japão” no nome, após um decreto do governador Márcio França (PSB), publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo no dia 24 de julho.

² Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/alteracao-do-nome-da-estacao-liberdade-do-metro-provoca-discussao-e-insatisfacao/>. Acesso em: 04 set. 2019.

A alteração foi defendida em 2017 por um projeto de lei dos vereadores Ota (PSB) e Milton Leite (DEM). Entre as justificativas apresentadas para o PL estão a comemoração aos 110 anos da Imigração Japonesa no Brasil e o status do bairro como reduto da maior colônia nipônica fora do Japão.

Um post no Facebook feito pelo advogado Renato Igarashi no dia 26 de julho, entretanto, com milhares de curtidas e compartilhamentos, contesta a mudança e levanta questões sobre memória, patrimônio, identidade e raça, embutidas no novo nome dado ao local.

A primeira ressalva feita é que a referência oficial à imigração japonesa ignora o fato de que o bairro concentra hoje, também, chineses, coreanos, imigrantes de outros países asiáticos e seus descendentes.

“O turista mais atento pode perceber que imigrantes de outros países do oriente também são encontrados com frequência na região. Mas a despeito disso, o bairro ainda concentra manifestações culturais nipônicas”, justifica o projeto de lei de Ota e Leite.

Mas a principal crítica de Igarashi remete não ao presente, mas ao passado do bairro: “inegavelmente negro” em sua origem, teve a história de ocupação por escravos e negros libertos apagada.³

3 Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/08/07/A-mudan%C3%A7a-de-nome-da-Pra%C3%A7a-da-Liberdade.-E-a-mem%C3%B3ria-negra-em-S%C3%A3o-Paulo>. Acesso em: 04 set. 2019.

Paralelamente ou ao largo dessa polêmica, transitar pelo bairro, ao menos pela sua área central, é se deparar com um sítio saturado de luminárias no estilo japonês, além de lojas e restaurantes com ideogramas em japonês e mandarim. Estes signos são resultado de um processo de orientalização que teve início – como veremos com mais detalhes adiante – no final dos anos 1960.

A Liberdade oriental é uma das múltiplas camadas da história daquele território. Segundo Paiva⁴, a chegada de imigrantes japoneses na Liberdade se deu a partir de 1912 quando um grupo se fixa na Rua Conde de Sarzedas atraídos pelos aluguéis baratos. Como é comum na dinâmica dos grupos migratórios, essa fixação criou uma *rede* atraindo outros imigrantes;avas sucessivas contribuíram para construir a Liberdade como o bairro japonês da cidade.

A questão de fundo na polêmica disputa sobre a memória/história do bairro é que vários grupos se fixaram naquela porção da cidade desde ao menos o século XVIII.⁵ Índios, negros escravizados, libertos, pobres de todos os matizes, estrangeiros protestantes, foram expoentes da pluralidade social, característica do vivido do então sul da Sé, depois Distrito da Glória e hoje Bairro da Liberdade.

Em agosto de 2019, a Jornada do Patrimônio – evento organizado pela Prefeitura do Município de São Paulo e que conta com inúmeros parceiros – reacendeu a polêmica. Em matéria publicada pela revista Carta Capital, intitulada *África-Liberdade é destaque na Jornada do Patrimônio em São Paulo*⁶, o periódico afirma que o

4 Paiva, 2013.

5 Sevcenko, 2004.

6 Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/guia-negro/afrika-liberdade-e-destaque-da-jornada-do-patrimonio-em-sao-paulo/>. Acesso em: 09 set. 2018.

nome Liberdade foi cunhado em 1821 quando do enforcamento de Chaguinhas:

Francisco José Chagas, o Chaguinhas, era um soldado negro condenado à morte por ter liderado uma revolta pelo não-recebimento de salários em 1821. Ele seria morto no Largo da Força, que fica hoje onde é a Praça Liberdade e seu metrô de mesmo nome. Mas quando Chaguinhas foi enforcado, a corda arrebentou. A multidão que assistia começou a gritar “liberdade”. A mobilização foi tanta que o local passou a ser conhecido assim, apesar de ele não ter sido poupado da pena de morte. As pessoas começaram a acreditar que Chaguinhas era uma espécie de santo e começaram a acender velas no local.

A relação entre o enforcamento de Chaguinhas e o surgimento do nome do bairro é, no mínimo, controversa. Autores como Sevcenko⁷, apresentam outro argumento. De acordo com o historiador:

Em meados do século XIX a força foi desativada e o nome do local mudado, em 1851, para Praça da Liberdade, por sua ligação com o Chafariz da Liberdade, localizado junto ao Largo do Curso Jurídico (atual São Francisco). Aquele chafariz, por sua vez, fora assim denominado em 1832, numa homenagem da Câmara Municipal à revolta popular que culminara, no Rio de Janeiro, no ano anterior, com a queda do governo absolutista de D. Pedro I e seu retorno a Portugal. A homenagem assinalava assim a vocação liberal

7 Sevcenko, op. cit..

da elite paulista e o papel-chave que vinha assumindo na gestão da jovem nação independente. Do chafariz, o nome se estendeu à praça, depois à rua que os ligava e finalmente passou a abranger toda a área do que fora o Distrito da Glória.⁸

Por mais equivocado que seja relacionar o enforcamento de Chaguinhas com o surgimento do nome do bairro, isso representa uma estratégia de apropriação do nome Liberdade, demonstrando a ancestralidade do grupo naquele território. Associar o nome Liberdade à ação de populares naquele período do século XIX desqualifica a conexão da Liberdade com o Japão. Segundo Candau⁹,

[...] a memória é acima de tudo uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição do mesmo a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um estar aqui que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele (Pierre Nora). A ideia segundo a qual as experiências passadas seriam memorizadas, conservadas e recuperadas em toda sua integridade parece insustentável [...].

Assim, a construção da noção Liberdade-Negra, no momento atual da polêmica, objetiva a se contrapor à Liberdade-Japão. Se, em sentido restrito, há uma disputa pela memória/história daquele território; em sentido amplo, pode-se entender que há outros fatores nessa polêmica, que aguardam o momento para

8 Sevcenko, op. cit., p. 20.

9 Candau, 2012, p. 9.

adentrar nesta reflexão a qual utiliza o método progressivo – regressivo – progressivo¹⁰, comum aos historiadores, para construir uma narrativa que organize alguns dos múltiplos sentidos das contendas nesse território paulistano.

PROGRESSIVO: OLHARES SOBRE A LIBERDADE

Muitos paulistanos e turistas frequentam o bairro da Liberdade de maneira a fruir de uma paisagem que, como dito anteriormente, está saturada de signos orientais. Pelas ruas do bairro, as luminárias emolduram a ambiência demarcando, por si, um território. Durante a semana, um frenesi de passantes e consumidores desfilam por entre barracas de ambulantes, restaurantes de comida japonesa, chinesa ou coreana – dentre outras culinárias orientais.

Letreiros em ideogramas japoneses e em mandarim impõem um ambiente assemelhado às *China Towns* e bem ao gosto dos paulistanos que acreditam ser sua cidade uma metrópole multicultural. Nessa ambiência, logradouros com nomes de imigrantes japoneses, fixados naquelas cercanias no início do século XX, somam-se a outros espaços como o Museu Histórico da Imigração Japonesa e a Praça da Liberdade com sua *feirinha* de venda de produtos, por vezes, não tão artesanais, aos finais de semana. Anualmente, os *dragões* ocupam aquele espaço para as festividades do ano novo chinês.

10 No primeiro momento do método, o *progressivo*, estamos sempre diante de dilemas ou questões – ou presenças que testam nossa capacidade de compreensão dos fenômenos sociais. O segundo momento do método emerge quando procuramos, no passado – é por isso que denominamos de *regressivo* –, as ausências explicativas daquele fenômeno no presente. Nesse momento, nos deparamos com processos sociais, temporalidades e vivências que paulatinamente vão tecendo as conexões explicativas com a atualidade, ao mesmo tempo em que nos apresentam suas próprias dinâmicas, identidades e sentidos. O terceiro momento do método – *progressivo* – se constitui quando somos transformados pela história, quando retornamos ao presente com uma perspectiva muito mais abrangente sobre o fenômeno (PAIVA, 2013, p. 9-10).

Em um olhar mais atento, emergem naquela ambiência indícios¹¹ que destoam dos signos orientais. No caso da Liberdade, encontramos indícios como a Igreja da Santa Cruz das Almas dos Enforcados e a Igreja dos Aflitos além de outros que estão recônditos como o local onde se situava o Casarão da Pólvora, do qual temos apenas a placa que nomina o Largo da Pólvora.

Esses indícios, são remanescentes de distintos momentos da história que se desenvolveu naquele território. São marcas que sobreviveram ao tempo; resquícios da existência de vivências, sociabilidades, instituições e dinâmicas culturais. O que se pretende marcar aqui é que esses indícios estão distantes do olhar *turístico* que apreende a Liberdade apenas pelos signos do mercado de produtos orientais ou da propaganda que permeia a *China Town*.

Um exemplo desses pormenores pode ser observado na placa situada na parte frontal da Igreja de São Gonçalo na Praça da João Mendes. Essa placa, quase imperceptível aos olhares apressados dos transeuntes, registra antigas denominações daquele espaço.

Praça João Mendes
Antigas Denominações

Largo de São Gonçalo

Largo da Cadeia

1864 Largo do Teatro

1890 Largo da Assembleia

Largo Municipal

Cidade de São Paulo

11 Ginzburg, 1989.

A Igreja de São Gonçalo (construída em 1757) foi a primeira a conferir uma identificação àquele ambiente. A existência da Casa de Câmara e Cadeia e do Teatro São José (1864-1898), demolido após um incêndio, explicam suas outras denominações. Próximo dali, no que é hoje o Largo Sete de Setembro, havia o Pelourinho.

A placa na Igreja de São Gonçalo mostra que é possível, por meio de indícios, descortinar remanescentes que nos remetem à uma Liberdade desconhecida pela maioria dos paulistanos. Se rumarmos em sentido sul pela Avenida Liberdade vamo-nos deparar com a Praça da Liberdade, conhecida durante boa parte do século XIX como Largo da Força. Nas suas proximidades havia o cemitério público construído em 1779 e desativado em 1885; dele só resta a Capela dos Aflitos, situada no Beco dos Aflitos.

Segundo Sevcenko¹², naquele Cemitério eram enterrados os pobres, doentes, desvalidos, escravizados e oriundos de todos os matizes da arraia miúda urbana.

[...] o Cemitério Geral ou Cemitério dos Aflitos, [foi] o primeiro cemitério público da cidade (1779), destinado ao enterro dos condenados, dos indigentes e dos soldados. As sepulturas rústicas levavam apenas uma cruz de pau, sem nomes, datas, bênçãos ou encomendações. Era o cemitério dos anônimos, dos desprezíveis e dos indignos. Naturalmente era também o cemitério dos escravos.¹³

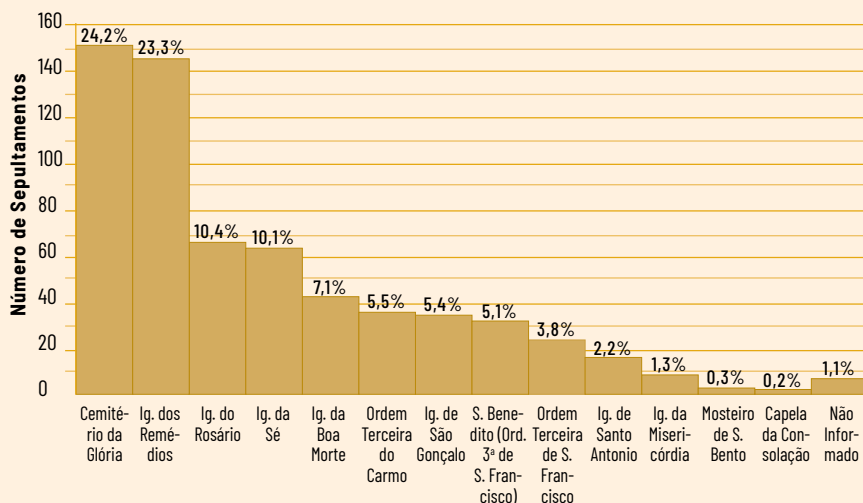
De acordo com Mantragolo¹⁴, entre 1836 e 1837, o Cemitério da Glória teve a mais alta taxa de sepultamentos da cidade.

12 Sevcenko, op. cit.

13 Sevcenko, op. cit., p. 19

14 Mantragolo, 2013, p. 98.

Gráfico 1 Sepultamentos na cidade de São Paulo (1836-1837)



Fonte: Arquivos da Cúria Metropolitana. Livro de Óbitos da Sé, 1836-1837, apud MANTRAGOLO, 2013, p. 98.

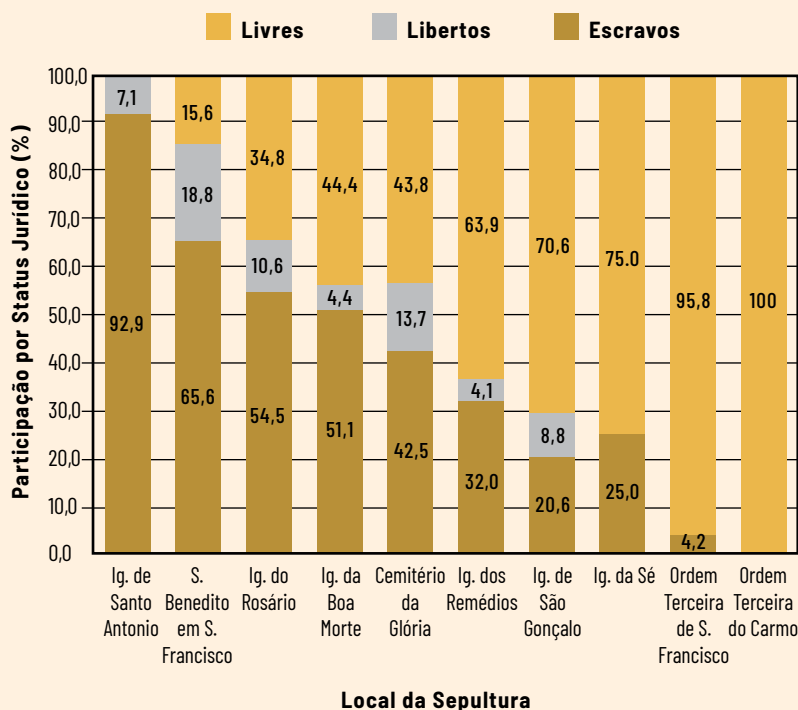
Os dados coletados por Mantragolo¹⁵ no arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo apontam que o perfil dos sepultados no Cemitério da Glória coincide com as conclusões de Sevcenko¹⁶ e de Amaral¹⁷.

¹⁵ Mantragolo, op. cit., p. 99.

¹⁶ Sevcenko, op. cit.

¹⁷ Amaral, 1977.

Gráfico 2 Locais de sepultura na freguesia da Sé de acordo com o Status Jurídico (1836-1837)



Fonte: Arquivos da Cúria Metropolitana. Livro de Óbitos da Sé, 1836-1837, apud MANTRAGOLO, 2013, p. 99.

A presença da Igreja da Santa Cruz das Almas dos Enforcados (construída em 1891) é um indício de que, nas cercanias, havia o cruzeiro do cemitério. As fotografias a seguir, apresentam detalhes do teto da Igreja. Uma delas exibe a representação da Cruz e da Corda, em uma alegoria a um contexto que incluía o cemitério, o cruzeiro e a forca.

Figura 1 Fotografias do teto da Igreja da Sta. Cruz das Almas dos Enforcados



À esquerda, imagem aludindo ao Pelourinho. À direita, imagem composta por cruz e corda em referência ao antigo cruzeiro e cemitério. Ambas as imagens estão presentes no teto da Igreja da Sta. Cruz das Almas dos Enforcados. Fotografias produzidas pelo autor.

Fonte: Acervo próprio.

Caminhando mais ao sul, ainda pela Avenida Liberdade, nos deparamos com o Largo da Pólvora. Naquela cercania, estava o Casarão da Pólvora da Cidade. Na imagem a seguir, vê-se o detalhe da planta da Cidade em 1810¹⁸, na qual estão localizados tanto o cemitério público quanto o Casarão da Pólvora.

18 Reprodução a partir da versão publicada pela Comissão do IV Centenário, em 1954. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1841a.htm>. Acesso em: 10 set. 2019.

Figura 2 Detalhe da Planta da Imperial Cidade de São Paulo



Fonte: Reprodução a partir da versão publicada pela Comissão do IV Centenário, em 1954. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1841a.htm>. Acesso em: 10 set. 2019.

REGRESSIVO: O ESPAÇO SUBALTERNO DA CIDADE.

Segue-se aqui uma apresentação mais adequada do autor e do artigo utilizado no tópico anterior. Nicolau Sevcenko, ex-professor do curso de História da Universidade de São Paulo, publicou, em 2004, um importante artigo que remontou, de meados do século XVIII ao final do século XX, a história do Bairro da Liberdade, atual denominação para o antigo Distrito da Glória e, antes dele, da porção citadina chamada de Sul da Sé. Nesse artigo, intitulado *A Cidade Metástasis e o Urbanismo Inflacionário: incursões na entropia paulista*, Sevcenko apresenta o território do Sul da Sé como um “espaço maldito da cidade”¹⁹.

Para entender essa expressão, é importante considerar que o Sul da Sé foi, ao menos desde o século XVIII até final do século

¹⁹ Sevcenko, op. cit., p. 19

XIX, um território onde foi instalado tudo o que era necessário ao andamento da vida urbana, mas que era considerado indesejado, perigoso, espúrio. Espaço apartado, mas funcional, o Sul da Sé viveu um movimento pendular. Nas palavras de Sevcenko²⁰,

[...] a Glória, quando não era o inferno, era o purgatório. A cidade empurrava para lá tudo aquilo que percebia como ameaçador, desagradável, tumultuário, desprezível, repugnante ou indigno. Em diferentes épocas e distintos locais, foram instaladas lá instituições as mais problemáticas.

Neste momento, já se pode perceber pistas de quais instituições problemáticas foram instaladas naquelas paragens. Começamos pela Santa Casa de Misericórdia. Instalada em 1824 no Casarão dos Ingleses (situado à época na esquina entre a Rua São Paulo e a Rua Conselheiro Furtado), não demorou a receber a roda dos expostos – instalada em 1825. Assim, além dos doentes da Santa Casa, o Distrito da Glória serviu, segundo Sevcenko “para aliviar as tensões socioconjugais entre as elites”.²¹

20 Sevcenko, op. cit., p. 24.

21 Sevcenko, op. cit., p. 23.

Figura 3 Planta da Cidade de São Paulo – 1868



Acima, detalhe da Planta da Cidade de São Paulo – 1868. Na porção direita, detalhe para o *Hospício dos Alienados*, localizado no final da Rua do Tabatinguera às margens do Rio Tamanduateí.

Fonte: Reprodução a partir da versão publicada pela Comissão do IV Centenário, em 1954. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1868.htm>. Acesso em: 02 set. 2019.

À Santa Casa, soma-se o Hospício dos Alienados, instalado por volta de 1842 nas bordas do Tamanduateí.²² Do Pelourinho, da Força, do Cemitério e da Casa da Pólvora, já temos conhecimento. Entre as instituições indesejadas e instaladas no Distrito da Glória, residiam, trabalhavam e perambulavam por aquela ambiência – além dos loucos e doentes – amas de leite indígenas da Santa Casa, escravizados, pobres, negros forros, estudantes da Faculdade de Direito, jovens ligados ao romantismo como Álvares de Azevedo, além de imigrantes protestantes vindos com a abertura dos portos de 1808 e toda sorte de gentes.

Em um ambiente assim, é de se imaginar que emergissem algumas personalidades. Dentre elas, segundo Sevcenko²³, o Chico

²² Mezzalira, 2011.

²³ Sevcenko, op. cit.

Mimi, fazedor de petecas e facas, além de Chico Gago, Preto Badaró e o Baduíra, um babalorixá respeitado na cidade. Deste panteão de personagens, supõe-se que o mais famoso não foi um morador da Glória. Sua passagem por aquelas paragens foi breve e marcante; trata-se de Chaguinhas. De acordo com Sevcenko²⁴,

A lenda gira em torno da figura do cabo Francisco José das Chagas, um homem negro. Em 1821, um ano antes da Independência, ele e o praça Joaquim José Cotindiba, também negro, encabeçaram um motim pelo pagamento de soldos atrasados no 1o Batalhão de Caçadores, aquartelado na cidade de Santos. Tendo sido presos e condenados à morte, o soldado foi executado primeiro. Mas quando procederam ao enforcamento do cabo Chagas, diz a lenda, a corda se rompeu por três vezes, o mesmo ocorrendo após a última tentativa com laço de couro. A vítima foi então executada diretamente no chão, pelas mãos de seus algozes, para revolta dos populares presentes, que exaltavam o milagre da intervenção divina através das cordas rompidas e exigiam a comutação da pena capital.

Em histórias como as de Chaguinhas, há sempre alguma controvérsia. Nesse caso, nos *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, encontramos:

[...] Um dos chefes dos revoltosos, conhecido pelo apelido de Chaguinhas, teve a execução de sua sentença de morte muito demorada; foi trazido para esta Capital e aqui foi enforcado exatamente quando o partido portuguez ou

24 Sevcenko, op. cit., p. 20.

retrógrado conspirava contra o elemento paulista do Governo Provisório. Aconteceu então que o mísero Chaguinhas perdeu o apoio da taboa do cadafalso e foi atirado no espaço em viagem para (ilegível) rebentou-se a corda e o condenado (ilegível) no chão. Levado o facto ao conhecimento do governo, foi-lhe pedida a comutação da pena em vista de um uso antigo de relevar-se a pena de morte em casos semelhantes; porém o governo nada atendeu. Comprada nova corda, subiu Chaguinhas de novo ao patíbulo, fez o carrasco o seu dever, cortou-se outra vez a corda e o condenado veio novamente ao chão. O povo supersticioso, horrorizado, profundamente commovido com um tal facto, foi reclamar, exigir do governo a commutação da pena; mas o governo a nada cedeu, e Chaguinhas só na terceira vez é que deixou de pertencer ao número dos vivos.²⁵

Evidentemente, não se trata aqui de compor uma versão *correta* do sentenciamento de Chaguinhas, mas o fato é que as estranhas circunstâncias da sua morte criaram uma lenda urbana que persistiu por gerações e está prestes a completar dois séculos. A santidade de Chaguinhas foi evocada desde a sua morte na forca, enquanto outras histórias vieram a se somar ao que pode ser considerado um território intangível de crenças sobre a sua santidade.

Desse território, foram extraídas quimeras que alimentam práticas do turismo fantasmagórico, promovido por empresas interessadas em explorar a história de Chaguinhas por esse viés. Como se verá mais adiante, a história das classes populares – na perspectiva da elite –, por vezes, é cercada de construções

25 Documentos interessantes para a história de São Paulo, 1895, p. 25-26.

míticas. No caso da Liberdade, essas construções foram erigidas para suprir a ausência de instituintes materiais da vivência popular e também para dar coerência a histórias que possuem lacunas.

Figura 4 Fotografia de quadro de Chaguinhas, exposto na Capela dos Aflitos



Quadro com representação de Chaguinhas. Por vezes, este quadro fica exposto na Capela dos Aflitos. Fotografia produzida pelo autor.

Fonte: Acervo próprio.

Em princípio, as versões da morte de Chaguinhas são, em alguma medida, decorrência das transformações urbanas promovidas naquele território a partir do final do século XIX; as quais foram responsáveis pelo *apagamento* das várias marcas daquela vivência. A São Paulo que emergiu no início do século XX foi erigida a partir dos escombros e do ocultamento de seu passado colonial e escravocrata. De forma paulatina, ou nem tanto, instituições (indesejáveis) e as gentes ligadas a elas sucumbiram diante da modernidade. Uma nova reordenação urbana foi imposta na virada do século XIX para o século XX, no qual os interesses do urbanismo da cidade do capital foram impostos.

A força erigida em 1775 foi desativada nos anos 1870 ou antes disso, bem como o arrasamento de seu morro. O Cemitério

da Glória foi substituído pelo da Consolação, construído em 1858. Nos anos 1880, o terreno do Cemitério foi loteado e vendido. O casarão da Pólvora também teve seu fim nessa mesma década. A desativação do Pelourinho ocorreu no contexto do fim da escravidão. A Santa Casa de Misericórdia foi transferida do Largo dos Ingleses, em 1836, e instalada entre a Rua dos Estudantes e Rua da Glória. Esteve ali até 1884 quando foi transferida para o prédio situado no bairro de Santa Cecília/Higienópolis.

Os equipamentos instalados na Glória/Liberdade relacionavam-se, de maneira direta ou indireta, à escravidão e à dinâmica da cidade colonial. A transformação daquela paisagem auxiliou na ocultação da presença negra daquelas cercanias como também de outros territórios paulistanos²⁶. Em estudo que se tornou referência sobre o tema da memória coletiva, Halbwachs²⁷ discute a necessidade da estabilidade da paisagem para a manutenção de *instituintes* de memória partilhados por uma sociedade ou por um coletivo particular. Esses *instituintes* garantiriam a identidade (histórica, social, política, étnica, cultural) do grupo.

Se a paisagem porta uma memória *em si* que se conecta com as memórias individuais, auxiliando-as na compreensão de seu lugar na história da coletividade; a estabilidade da paisagem mascara a existência de construtos de memória que se sobrepõem a outras vivências sociais. A memória *em si* da paisagem se conecta com as memórias individuais, transformando o passado em uma herança comum da qual todos partilham. Nesse caso, oculta-se outras memórias. Em ambos os casos, a memória *em si* da paisagem é sempre uma construção e algo que não pode ser naturalizado, mesmo quando se trata da manutenção/preservação de memórias subalternizadas.

26 Rolnik 1997.

27 Halbwachs, 2006.

[...] não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda [...]

Para o autor, o equilíbrio mental das sociedades está diretamente ligado ao equilíbrio material do meio, e esse é capaz de moldar hábitos, costumes e tradições. Na Liberdade, a presença de apenas alguns dos remanescentes do contexto colonial e escravista (edificações ou quaisquer marcos materiais) abalou a memória dos grupos populares e sua relação de pertencimento com aquele território. Como foi visto, os séculos XVIII e XIX estão presentes naquela ambiência de maneira indiciária. A reivindicação pela reabilitação da Liberdade negra coloca em xeque os construtos da memória dominante e reacende a polêmica com a Liberdade oriental.

PROGRESSIVO: A ORIENTALIZAÇÃO DA LIBERDADE

Popperl²⁹ analisou o processo de patrimonialização da Capela dos Aflitos e da Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha. Para a Igreja dos Aflitos, a autora aponta que seu processo de tombamento pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT) teve início com um pedido de vistoria do Beco dos Aflitos, feito

28 Halbwachs, op. cit., p. 170.

29 Popperl, 2019.

pelo então conselheiro Sr. Pedro Brasil Bandecchi. A questão de fundo era, para o solicitante, a descaracterização daquele sítio, considerando as ações com vistas à *orientalização* do Bairro. Popperl aponta que esse processo teve início em 1969 quando da instalação do portal na Praça da Liberdade e das luminárias nas ruas centrais do bairro.

Na perspectiva do conselheiro, a instalação das luminárias no beco descaracterizou aquela ambiência. Nos primeiros momentos do processo, a Igreja dos Aflitos não estava em questão, mas tornou-se o objeto principal da patrimonialização. Embora a retirada das luminárias em estilo japonês fosse consensual entre técnicos e conselheiros, elas permanecem lá até hoje.

Figura 5 Beco dos Aflitos, 1976



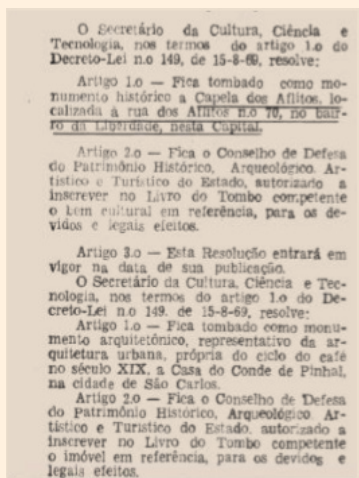
Fonte: CONDEPHAAT, processo 20125/76, folha 11, apud Popperl, 2019, p. 26.

Figura 6 Igreja dos Aflitos, 1976.



Fonte: CONDEPHAAT, processo 20125/76, folha 4, apud Popperl, 2019, p. 19.

Figura 7 Excerto do Diário Oficial do Estado de São Paulo. 20/10/1978.



Fonte: CONDEPHAAT, processo 20125/76, folha 33, apud Popperl, 2019, p. 30.

A figura 6 possui algum simbolismo. É como se a Liberdade japonesa confrontasse a Liberdade negra. Embora seja desnecessário desenvolver as considerações sobre o quanto a orientalização da Liberdade se intensificou nos últimos 50 anos, vale registrar que ela foi um agente poderoso para instituir uma nova identidade ao bairro. Paradoxalmente, o início da orientalização do bairro foi mais ou menos concomitante com o seu processo de envelhecimento. Esse paradoxo é uma particularidade daquele território. Como apontado a seguir, o que ocorre na maioria dos casos é que o envelhecimento reconfigura a identidade étnica e social de um bairro ou de determinada região.

Sobre o *envelhecimento*, esse fenômeno é mais visível em bairros que possuem presença marcante de uma determinada etnia ou nacionalidade. Entender que os territórios da imigração envelhecem não é algo complexo. Consideremos que, em um determinado período – para os japoneses da Liberdade, os anos 1910/1940 –, a corrente migratória foi retroalimentada com a vinda de novos migrantes do mesmo país/região. A diminuição do fluxo migratório não é sentida imediatamente já que a primeira geração de filhos de migrantes, por vezes, mantém-se nas atividades econômicas de seus ancestrais e mesmo nas tradições³⁰.

A partir de então, ocorre um processo de *branqueamento*, representando o distanciamento das gerações seguintes das suas origens. O desuso da língua ancestral, a mudança do bairro, a inserção em outras atividades econômicas, os casamentos interétnicos, a entrada na Universidade etc. Na cidade de São Paulo, há exemplos importantes, como o Bom Retiro e os migrantes judeus, ou a Mooca e os migrantes italianos. A consolidação do processo de *orientalização* da Liberdade se deu quase concomitantemente

30 Paiva, 2011.

ao início de seu *envelhecimento* – e o consequente *branqueamento*. Nas décadas de 1980 e 1990, decadência e fechamento do Cine Niterói, Tokio, Nippon e Joia são tristes exemplos disso.

Além do *envelhecimento*, os territórios da migração

[...] possuem mobilidade. Entendemos isso quando percebemos que parte da comunidade judaica migra – a partir dos anos 1970/80 – do Bom Retiro para Higienópolis, abrindo espaço para que seus negócios fossem geridos pelos coreanos. Estes, a partir dos anos 1990/2000, migram para bairros como a Aclimação e abrem espaço para os migrantes bolivianos. Neste processo, o bairro paulatinamente perde sua singularidade no contexto urbano enquanto um território judeu e agrega marcas dos novos migrantes. Só com um olhar bastante atento podemos encontrar hoje as marcas da presença da comunidade judaica na profusão e no burburinho das ruas de comércio de confecção do Bom Retiro.³¹

A longevidade da Liberdade japonesa (apesar de seu *envelhecimento*) tem relação com os interesses de agentes do capital que compreenderam as vantagens de sua associação com a *orientalização* (atualmente, em sentido mais amplo, incluindo a China e a Coreia do Sul). Dessa forma, entendo que as representações atuais sobre a Liberdade podem ser delimitadas a partir de três perspectivas.

Na primeira delas, há um olhar que observa, naquela paisagem, os elementos mais aparentes. As luminárias, as lojas e seus produtos importados, os letreiros em ideogramas orientais, os restaurantes, a feira que ocorre na Praça da Liberdade ou mesmo as festividades do ano novo chinês são elementos que saturam

31 Paiva, op. cit., p. 24-25.

o território e contribuem para a representação mais comum no ideário paulistano que é a conexão Liberdade/Japão/Oriente.

Essa primeira perspectiva vai bem ao encontro dos interesses de uma cidade que vende uma imagem de metrópole mundial e cosmopolita. Em um olhar mais atento, percebe-se trabalhadores brasileiros, migrantes chineses em seus empreendimentos *made in china*, coreanos do K-Pop, bolivianos e migrantes oriundos de uma pluralidade de nações da África.

Na segunda perspectiva, encontramos uma produção de conteúdo – veiculado especialmente na internet – que conecta a história do bairro à imigração japonesa. Vários desses sítios desconsideram o passado colonial, negro e escravocrata daquele território. Como exemplo, o *culturajaponesa.com.br*³² e sua história do bairro da Liberdade, que tem início em 1912 com a vinda dos primeiros migrantes japoneses para o bairro:

História do Bairro da Liberdade

Rua Conde de Sarzedas

Em 1912 os imigrantes japoneses passaram a residir na rua Conde de Sarzedas, ladeira íngreme, onde na parte baixa havia um riacho e uma área de mangue.

Um dos motivos de procurarem essa rua é que quase todas tinham porões, e os aluguéis dos quartos no subsolo eram incrivelmente baratos. Nesses quartos moravam apenas grupos de pessoas. Para aqueles imigrantes, aquele cantinho da cidade de São Paulo significava esperança por dias melhores.

32 Disponível em: <http://www.culturajaponesa.com.br/index.php/historia/imigracao/historia-do-bairro-da-liberdade/>. Acesso em: 13 set. 2019.

Por ser um bairro central, de lá poderiam se locomover facilmente para os locais de trabalho.

Já nessa época começaram a surgir as atividades comerciais: uma hospedaria, um empório, uma casa que fabricava tofu (queijo de soja), outra que fabricava manju (doce japonês) e também firmas agenciadoras de empregos, formando assim a “rua dos japoneses”.

Em 1915 foi fundada a Taisho Shogakko (Escola Primária Taisho), que ajudou na educação dos filhos de japoneses, então em número aproximado de 300 pessoas.

Em 1932 eram cerca de 2 mil os japoneses em São Paulo. Eles vinham diretamente do Japão e também do interior, após encerrarem o contrato de trabalho na lavoura. Todos vinham em busca de uma oportunidade na cidade. Cerca de 600 japoneses moravam na rua Conde de Sarzedas. Outros moravam nas ruas Irmã Simpliciana, Tabatinguera, Conde do Pinhal, Conselheiro Furtado, Tomás de Lima (Hoje Mituto Mizumoto), onde em 1914 foi fundado o Hotel Ueji, pioneiro dos hotéis japoneses em São Paulo, e dos Estudantes. Os japoneses trabalhavam em mais de 60 atividades, mas quase todos os estabelecimentos funcionavam para atender a coletividade nipo-brasileira.

Na mesma linha da abordagem, pode-se encontrar o sítio *vempraliba*³³. O que se tem em vários sítios na internet é uma

33 Disponível em: <http://www.vempraliba.com.br/sobre-o-bairro-liberdade/historia-do-bairro-liberdade/>. Acesso em: 13 set. 2018.

forma de propaganda do bairro que, tal qual a primeira perspectiva, não incorpora e não dá visibilidade a outras vivências.

A terceira perspectiva apreende a história do bairro em seus aspectos curiosos e pitorescos. Na última década, emergiram olhares sobre aquela paisagem que, ao valorizarem os fragmentos e indícios da Liberdade colonial, os apresentam como corpos estranhos e exóticos naquele território. É com esse olhar que a Capela dos Aflitos e mesmo a Igreja da Santa Cruz das Almas dos Enforcados são apreendidas. Os fragmentos ancestrais daquele território são utilizados para ressaltar o lado exótico e fantasmagórico do ambiente. No portal *Nippo on line* a história é tratada ressaltando seu aspecto sombrio:

Crueldade marca o início do bairro da Liberdade

Quem imaginaria que a história do bairro da Liberdade, conhecido pelos seus atrativos culturais, foi marcada por fatos sombrios, como os enforcamentos na Praça da Liberdade, antigo Largo da Forca. Nesta edição, o NIPPO-BRASIL faz uma viagem ao passado que remonta à época colonial para contar como se deu o surgimento da Liberdade, um dos bairros mais tradicionais de São Paulo. [...]

Enforcamentos. Quem hoje passa pela Praça da Liberdade talvez não saiba que o local foi o palco sombrio de execuções. Conhecida na época colonial como Largo da Forca, recebeu esse nome devido à forca transferida da Rua Tabatinguera em 1604 (veja a história no box ao lado). No largo houve execuções de criminosos e escravos até 1891, quando recebeu o nome de Liberdade.³⁴

34 Disponível em: <http://www.nippobrasil.com.br/especial/n027.php>. Acesso em: 13 set. 2019.

No trecho grifado (grifo nosso), há erros na informação, dentre eles a persistência da escravidão após 1888. Além disso, se o termo *execuções* for entendido como pena de morte, esta foi abolida na década de 1870. Para além de um inventário de erros, a questão de fundo é que a história da Liberdade colonial e seus personagens são tratados de maneira imprecisa. Essa abordagem é funcional para os interesses do turismo fantasmagórico que grassa por lá já há alguns anos. Novamente, os sítios na internet são importantes para veicular esses interesses, mas isso não ocorre só neles.

*Roteiro do Terror*³⁵, *passeio mal-assombrado*³⁶, *passeios assustadores*³⁷, *lugares assombrados*³⁸, enfim, variações do mesmo tema. Também em jornais, o ambiente *fantasmagórico* é produzido de maneira sensacionalista. No *Guia da Folha*, do Jornal Folha de São Paulo, edição de 13 de setembro de 2019, uma sexta-feira, o título do encarte impresso foi *Roteiro do Medo*. Como era de se esperar, no que se refere à Liberdade, Chaguinhas e a Igreja dos Aflitos foram alocados na sessão dedicada aos passeios sinistros.

Capela dos Aflitos

A capela é a única parte que sobrou do primeiro cemitério público de São Paulo. No século 18, Chaguinha (sic), um militar negro que participava de um levante militar devido a salários atrasados em Santos, foi enforcado lá. Além

35 Disponível em: <http://cidadedesaopaulo.com/sp/noticias/4931-roterio-do-terror-em-sao-paulo>>. Acesso em: 2 abr. 2018.

36 Disponível em: <https://catracalivre.com.br/sp/agenda/barato/passeio-mal-assombrado-conta-lendas-urbanas-do-centro-de-sp/>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

37 Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/sexta-feira-13-roterios/>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

38 Disponível em: <http://www.qualviagem.com.br/cinco-lugares-assombrados-para-visitar-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

disso o lugar é considerado mal-assombrado pois contam que a alma de Chaguinha (sic) ainda paira sobre a igrejinha rústica da Liberdade. Reza a lenda que ele atende aos pedidos de devotos “aflitos” que vão ao local acender velas em sua homenagem.³⁹

No entanto, a leitura da história da Liberdade colonial, negra, subalterna e pobre tem raízes mais profundas e não pode ser resumida como produto do *turismo fantasmagórico*. Essas raízes estão ligadas a uma concepção elitista em que o sujeito da história advém dos setores mais privilegiados da sociedade. Trazer exemplos disso é quase desnecessário, entretanto, a desqualificação da ação dos mais humildes como produtores da história é caso sério e vale a explicitação de, ao menos, uma de suas expressões.

Levy⁴⁰ escreveu um artigo intitulado *Crentes e Bandidos*. Publicado nos Anais do Museu Histórico Nacional em 1947, a então conservadora do Museu analisou três movimentos sociais conhecidos de nossa história: Canudos (1896/1897), Contestado (1912/1916) e Juazeiro (1914). O enfoque dado pela autora foi que a ação das camadas populares em nossa história esteve associada à uma perspectiva do real que desconhece a razão e os valores da civilização. Em *Crentes e Bandidos*, o homem do campo age de forma irracional e a cultura material remanescente dessa ação não é digna de partilhar do mesmo espaço dos remanescentes materiais dos grandes homens.

No subtexto da análise de Levy⁴¹, há uma contenda sobre se a materialidade da vivência popular poderia ou não estar no Museu

39 Guia da Folha, 2019, p. 7.

40 Levy, 1947.

41 Levy, op. cit.

Histórico Nacional. Como bem analisou Bittencourt⁴², a cultura material remanescente não estava à altura dos artefatos legados pela elite e que compunham o acervo do Museu. Os instrumentos deixados pelos camponeses eram: “[...] um rifle, um facão, um tambor, uma medalha, um rosário, uma bandeira e um clarim.”⁴³ Dessa discussão podemos reter que a ação do povo na história se liga ao campo do irracional, do folclórico e das lendas. É nesse ponto que se encontra a conexão entre uma perspectiva elitista da história e as lendas que circundam o vivido popular na Liberdade.

Os (parcos) instituintes materiais da vivência popular naquele território são compreendidos como curiosos e exóticos; embora, paradoxalmente, a Capela dos Aflitos concentre grande parte das atenções tanto daqueles que qualificam a Liberdade negra quanto daqueles que apreendem aquele passado no campo do curioso e fantasmagórico. A Capela dos Aflitos é de onde se parte para contar a história do Chaguinhas e as condições desconcertantes de seu enforcamento, afinal, ela é o único remanescente material daquele período. A Capela é, diga-se, o epicentro das histórias contadas sobre a Liberdade negra e a Liberdade fantasmagórica.

É a partir dela que se tenta mentalizar e, por que não, *materializar* a força, o cemitério, o casarão da pólvora e o cruzeiro. Também é a partir dela que Chaguinhas é herói ou fantasma; que o cemitério público é sinônimo de uma sociedade eivada pela escravidão ou o lugar do imaginário fantasmagórico, das ossadas não retiradas, das visões e dos contos de videntes. É na Capela que aqueles crentes nos poderes milagrosos de Chaguinhas depositam seus pedidos.

42 Bittencourt, 2003.

43 Bittencourt, op. cit., p. 166.

Figura 8 Interior da Capela dos Aflitos



Interior da Capela dos Aflitos. No lado esquerdo da foto, temos a Porta do Chaguinhas na qual é possível observar bilhetes com pedidos de graças a Chaguinhas e também agradecimentos pelas graças recebidas. Fotografia produzida pelo autor.

Fonte: Acervo próprio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos limites dessa reflexão, as contendas em um território paulistano revelam a disputa sobre o reconhecimento da ação pretérita – e presente – de grupos e sujeitos para a construção do bairro da Liberdade. A disputa entre a *Liberdade-Japão* e a *Liberdade-África* relega para uma zona sombria a presença de outros agentes, como os imigrantes portugueses e italianos. A polarização entre as concepções sobre a identidade do bairro impõe versões da memória coletiva que se desenvolvem na oposição entre um verdadeiro e falso e que pouco contribui para valorizar a grande variedade de vivências e agentes que por ali se estabeleceram desde, ao menos, o século XVIII.

Para Poulot⁴⁴, um “[...] passado compartilhado em comum existe, mas grupos diferentes podem reivindicar uma parte dele, ou acentuarem um ou outro aspecto em particular, entre um tempo ritual, sem duração, e o tempo do mundo dominado pelo pre-

⁴⁴ Poulot, 2011, p. 480.

sente que passa”. Dessa forma, a memória coletiva constituiu-se a partir de um ambiente pleno de positivities, negatividades e contradições. Segundo Le Goff⁴⁵ “[...] a memória coletiva não é só uma conquista, é também um instrumento de poder”.

Vários autores, dentre eles Candau⁴⁶, discutem se, de fato, existe algo que podemos intitular como memória coletiva; para ele, a existência de “atos de memória coletiva como comemorações, construções de museus, narrativas, passeios dominicais em um cemitério [...] não é suficiente para atestar a realidade de uma memória coletiva”⁴⁷. No cerne da discussão, estão questões um tanto óbvias, mas importantes. Le Goff⁴⁸ nos alerta para uma dimensão da memória coletiva que a inscreve no quadro das contendas sociais.

Nesse ambiente, a memória coletiva perde sua aura de neutralidade, já que inscrita no contexto da sociedade de classes. Na mesma perspectiva, Candau⁴⁹ nos remete para a impossibilidade da sua universalidade, defendendo que sua inscrição na memória dos sujeitos é obra dos constantes atos de memória. Embora um tanto *desqualificadores* da memória coletiva, os elementos acima não negam sua necessidade nos contextos sociais.

Assim como não há verdades absolutas, pode-se pensar que a discussão sobre a memória coletiva possa trilhar o mesmo caminho. O binômio que compõe a noção de *memória coletiva* deve ser constantemente repensado, particularmente a ideia de *coletiva*. Quanto maior os coletivos, menor a possibilidade a aceitação e aderência de seus elementos constituintes nos corações e

45 Le Goff, 1994, p. 476.

46 Candau, op. cit.

47 Candau, op. cit. p. 35.

48 Le Goff, op. cit.

49 Candau, op. cit.

mentos dos sujeitos. Entre a *Liberdade-Japão* a *Liberdade-África* há também o sentido redutor dos processos identitários. Tentar estabelecer uma versão única sobre a memória que permeia determinada localidade é instituir igualmente um reducionismo sobre a identidade local.

Para finalizar, creio que ações que valorizem as vivências pretéritas daquele território paulistano são necessárias e urgentes, tendo em vista todos os argumentos expostos anteriormente. No entanto, e também pelos argumentos anteriores, não há como instituir uma única identidade àquele território. Valorizar a presença dos escravizados, negros forros, indígenas, Chagui-nhas, doentes da Santa Casa e *loucos* do Hospício dos Alienados, por exemplo, deve partir da perspectiva de que a presença destes faz parte de um dos momentos da história naquele sítio. Outras momentos se seguiram e outros sujeitos por ali se estabeleceram.

Somam-se, ainda, as transformações urbanas orientadas por agentes do Estado, do Capital, da especulação imobiliária; somam-se, ainda, o envelhecimento do território. O resultado desse processo complexo é o ambiente que se vê atualmente. Talvez uma das dificuldades em pensar a história da cidade seja sobre como considerá-la como uma construção histórica, coletiva, plural, eivada por contradições e em constante movimento.

Ao invés de impor hierarquias ou versões homogeneizadoras da história, talvez o desafio seja o de como operar uma noção de cidade construída a partir de uma narrativa que, antes de tudo, seja composta pela materialidade presente do território e também por uma perspectiva que apreenda essa materialidade de maneira a desnaturalizá-la, propiciando olhares mais plurais, curiosos e argutos. Olhares que, de maneira generosa, apreendam a pluralidade do ambiente como obra humana.

Se há um lado positivo na oposição *Liberdade-Japão versus Liberdade-África*, possivelmente seja a oportunidade que se tem de descortinar as camadas do vivido naquele território. No entanto, a permanência de um debate polarizado, reproduz uma disputa que não condiz com a riqueza da história que ali se desenvolveu. Promover ações que considerem a importância não só das posições em contenda, mas tantas outras histórias vividas naquele sítio é um grande desafio, na medida em que nos obriga a reinventar olhares, pesquisas e narrativas sobre a cidade.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. B. A Capela dos Aflitos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**. v. LXXIII, p. 22-28, 1977.
- BITTENCOURT, J. Cada coisa em seu lugar. Ensaio de interpretação do discurso de um museu de história. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. n. sér, v. 8/9, p. 151-174 (2000-2001), editado em 2003.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- DOCUMENTOS interessantes para a história de São Paulo. A “**Bernarda**” de **Francisco Ignácio em São Paulo em 23 de maio de 1822**. v. 1, São Paulo: Typographia Aurora, 1895. Anexo A, assinado por A. Toledo Piza.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- GUIA DA FOLHA. **Encarte do Jornal Folha de São Paulo**, edição de 13 set. 2019.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.
- LEVY, F. Crentes e bandidos. **Anais do Museu Histórico Nacional**. v. VIII, p. 31-71, 1947.
- MEZZALIRA, I.M.A.; FLANDOLI, O.R. O Hospício de Alienados da Província de São Paulo. **Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, n. 51, dez. 2011. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao51/materia02/>. Acesso em: 10 set. 2019.
- MANTRAGOLO, B. H. **S. Formas de bem morrer em São Paulo**: transformações nos costumes fúnebres e a construção do cemitério da Consolação (1801-1858). 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- ODA, A. M. G. R.; DALGALARRONDO, P. História das Primeiras Instituições para alienados no Brasil. **Revista História, Ciências e Saúde – Manguinhos**. v. 12, n. 3, p. 983-1010, set./dez. 2005.

PAIVA, O. C. Territórios da Migração na Cidade de São Paulo: afirmação, negação e ocultamentos. **RIME. Rivista dell'Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea**, n. 6, Giugno, p. 687-704, 2011.

PAIVA, O. C. Patrimônio e cidade. **Revista do Observatório Itaú Cultural**. São Paulo, n. 22, p. 123-131, maio/nov. 2017.

PAIVA, O. C. **Histórias da (I)migração**. Imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e início do século XXI. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

POPPERL, M. **De que passado queremos lembrar?** Problemática da história protegida nos tombamentos estaduais da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e da Capela dos Aflitos (São Paulo-SP). Trabalho de Conclusão de Curso (História), Unifesp, São Paulo, 2019.

POULOT, D. Cultura, história, valores patrimoniais e museus. **Vária História**. Belo Horizonte. v. 27. n. 46, p. 471-480, jul./dez. 2011.

ROLNIK, R. **A cidade e a lei**. Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Estúdio Nobel/Fapesp, 1997.

SEVCENKO, N. A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário. **Revista USP**. São Paulo, n. 63, set./nov. 2004.

FONTES E MÍDIAS ELETRÔNICAS

DIÁRIO OFICIAL DA CIDADE DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.docidadesp.imprensaoficial.com.br/RenderizadorPDF.aspx?ClipID=9MLK-T3DAJRKHCeF81F4CHN5RD03>. Acesso em: 02 set. 2019.

PLANTA DA IMPERIAL CIDADE DE SÃO PAULO. Levantada em 1810 *pelo Engenheiro Rufino José Felizardo e Costa*. Reprodução a partir da versão publicada pela Comissão do IV Centenário, em 1954. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1810.htm>. Acesso em: 02 set. 2019.

PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO. Original atribuído a Carlos Frederico Rath. Reprodução a partir da versão publicada pela Comissão do IV

Centenário, em 1954. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1868.htm>. Acesso em: 02 set. 2019.

RESOLUÇÃO N. 25/CONPRESP/2018. Disponível em: https://www.google.com/search?q=di%C3%A1rio+oficial+tombamento+caminho+da+gl%C3%B3ria&rlz=1C1PRFI_enBR864BR864&oq=di%C3%A1rio+oficial+tombamento+caminho+da+gl%C3%B3ria&aqs=chrome..69i57.13362j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 02 set. 2019.



O ACOLHIMENTO E SEUS LUGARES NO BAIRRO DA LIBERDADE

Ursulina Santana

Claudio Santana Pimentel



Entender como as grandes cidades se adequam às transformações e aos problemas que ocorrem em virtude do aumento da desigualdade, das movimentações humanas e de seu processo migratório, bem como do aumento do desemprego e da população em situação de risco é buscar compreender de que modo a hospitalidade pode encaminhar a situação como uma via possível de acolhimento a essa população deslocada ou desamparada.¹

Em sua discussão sobre os tipos de hospitalidade, Telfer² afirma que a hospitalidade não pode ser categorizada apenas por motivação, mas deve levar em consideração a tipologia de hóspedes. Nessa categoria, este capítulo vai trabalhar com aquela que a autora considera a hospitalidade “Bom Samaritano”. O hóspede, para quem atende, é um estranho, que é acolhido em suas necessidades básicas e em sua dignidade. Ao oferecer a comida, a bebida e a acomodação, demonstra-se para esse hóspede a sua importância como indivíduo, além do modo como ele é percebido por quem o atende.

Na maioria das vezes, esse tipo de acolhimento está ligado a um sentimento de caridade, dever e bondade para com o outro; características como alteridade e compaixão estão vinculadas, de maneira que a relação estabelecida na acolhida produzirá marcas ao acolhido e a quem o acolhe.³

O bairro da Liberdade se apresentou e ainda se apresenta como local de acolhimento para muitos que não faziam parte do sistema institucional, ao mesmo tempo em que se tornou um local onde pode-se encontrar uma diversidade religiosa. Desde igrejas católica e metodista a templos budista, espírita

1 Jamur, 2008, p. 15-35.

2 Telfer, 2004.

3 Binet-Montandon, 2011; Grabois, 2013.

e umbandista, e centros esotéricos, locais onde é possível ter acesso às várias práticas de acolhimento desempenhadas por esses espaços.

Andrade⁴ descreve suas impressões sobre algumas características do atual Bairro da Liberdade:

Quando visitei a Capela dos Aflitos, pude observar na porta do lado de dentro muitos pedidos escritos em pequenos pedaços de papel colocados entre os vãos da madeira e faixas e velas em agradecimento a Chaguinhas pelas graças alcançadas. Outra questão relevante é a presença das religiões de matriz africana que se mantém em função da tradição e herança familiar desde o período colonial. As mães de santo ficam na entrada da Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados e velas pretas e vermelhas ou marcadas com fitas antes eram comuns de serem encontradas no velário, assim como pão, arroz, feijão para as almas famintas, prática não mais permitida pela igreja.⁵

Como locais de acolhimento, pode-se citar aqueles que recebem os passantes para assistir suas missas, fazer orações, ouvir o terço ou, simplesmente, sentar nos bancos da igreja e apenas ouvir ou contemplar, como ocorre com a Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados⁶, que é um local onde são celebradas missas e onde reza-se o terço todas as segundas-feiras para as Almas, suas portas encontram-se abertas em alguns dias da semana para acolher aqueles que passam em frente; e com a Igreja Nossa Senhora dos Aflitos⁷,

4 Andrade, C., 2017.

5 Andrade, A. F., 2016, p. 10.

6 Localizada na Praça da Liberdade. (LOUREIRO, 2019).

7 Localizada na travessa da Rua dos Estudantes, também é denominada como Capela dos Aflitos.

que é onde o acolhimento é visível, suas portas ficam abertas durante um dia específico da semana, reza-se o terço às segundas-feiras que antecede a missa e, além disso, os pedidos podem ser inseridos no vão da porta do Chaguinhas.

O crescimento da cidade e o aumento do número de congregados, aliados às dificuldades de as pessoas chegarem ao local onde eram ministradas as práticas metodistas, resultará na mudança do endereço da Congregação várias vezes, até que, em 1920, foi lançada a pedra fundamental para a construção da Catedral Metodista de São Paulo⁸. Compõe esse espaço, o edifício de Educação religiosa e o prédio escolar. As práticas de acolhimento desenvolvidas pela Igreja Metodista se dão no ministério “Portas Abertas”⁹, com um culto para todos aqueles que passam pela avenida Liberdade, além do atendimento às pessoas em situação de rua.

A antiga sede da Instituição Beneficente Verdade e Luz foi criada na chácara do português Antonio Gonçalves da Silva¹⁰, o Baduíra, conhecido como um dos precursores do espiritismo no Brasil. A presença da instituição, considerada o primeiro Centro Espírita de São Paulo, influenciou a denominação do logradouro: Rua Espírita.

Segundo Sevcenko¹¹, vedava-se a presença, nas igrejas, de elementos indicativos das práticas religiosas que não fosse o catolicismo instituído, de modo que tais cerimônias eram restritas ao interior das casas. De acordo com esse autor, Baduíra possuía

8 A Catedral Metodista de São Paulo localiza-se na Avenida da Liberdade, 659. (BEZERRA, 2016).

9 As práticas de acolhimento ocorrem às terças e quintas feiras, das 11h às 13h.

10 Antonio Gonçalves da Silva nasceu em Águas Santas, Portugal, em 19/03/1839, emigrou para o Brasil com 14 anos, e morreu em São Paulo no dia 22/01/1909. Antes de morrer, doou os seus bens para os necessitados.

11 Sevcenko, 2004.

atividades mediúnicas, era babalorixá, “visitado pelo espírito do Pai Zarabinda, um negro morto no suplício do tronco”¹² e fundador do primeiro jornal espírita, em 1887, o Verdade e Luz, com o objetivo de propagar essa doutrina. Abolicionista, Batuira socorria os escravos que buscavam guarida em sua residência, de onde saíam alforriados.

O escritor Afonso Schmidt¹³ relata que:

Em 1873, por ocasião da terrível epidemia de varíola que assolou a capital da província, ele serviu de médico, de enfermeiro, de pai para flagelados, deu-lhes não apenas o remédio e os desvelos, mas também o pão, o teto e o agasalho. Daí a popularidade de sua figura. Era baixo, entroncado e usava longas barbas que lhe cobriam o peito amplo. Com o tempo, essa barba se fez branca e os amigos diziam que ele era tão bom, que se parecia com o imperador.

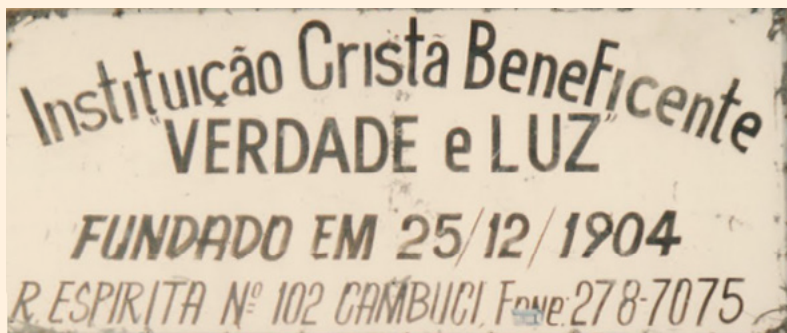
Atendia aos necessitados sob a prática da Doutrina Espírita com recursos disponíveis naquela época, como a homeopatia, além de acolher as pessoas em sua residência, fornecendo casa, cama e alimentação. Respeitado na cidade de São Paulo, todas as classes o procuravam para serem curadas, mesmo com as identidades “discretamente encobertas” para não serem reconhecidas¹⁴.

12 Sevcenko, op. cit., p. 21.

13 Disponível em: <https://batuira.wordpress.com/about/>. Acesso em: 12 maio 2021.

14 Sevcenko, op. cit.

Figura 1 Placa de identificação da Instituição Cristã Beneficente Verdade e Luz



Fonte: <https://casabatuira.blogspot.com/2009/10/o-inicio-da-instituicao.html>

A Instituição Cristã Beneficente Verdade e Luz, criada em 1904, manteve a sede na Rua Espírita até 2018¹⁵, acolhendo os necessitados com alimentação, doação de cestas básicas aos desempregados, escola para crianças, doação de enxoval para as mulheres grávidas e o que fosse preciso para aplacar o sofrimento daqueles que a ela recorriam, com recursos advindos de doações recebidas. Sediada atualmente em Poá, continuam a prestar serviços à comunidade com a ajuda da prefeitura desse Município, enquanto a unidade paulistana restringiu para um dia a prática religiosa da doutrina espírita, realizada às terças-feiras¹⁶.

Estar com as portas abertas, manter a doação de alimentos ou ter a disponibilidade de ouvir o outro são ações que demonstram a importância da hospitalidade enquanto prática de acolhimento àqueles que se encontram em desamparo, em situação de

15 O atendimento prestado por Batuíra ocorria no antigo caminho do Cambuci, enquanto a instituição situou-se Rua Espírita, 102.

16 Os ofícios religiosos da unidade paulistana da Instituição Cristã Beneficente Verdade e Luz ocorrem às terças-feiras, às 19h.

risco, ou em abandono, confirmando o conceito discutido por Derrida¹⁷: “na hospitalidade incondicional está implicada a acolhida do outro enquanto outro”.

17 Derrida, 2001.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. F. Liberdade: imagem, apagamentos e transformações na cidade de São Paulo. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, ano MMXVI, n. 94, 20 dez. 2016.

ANDRADE, C. **Aflitos de São Paulo**: a estigmatização perante a morte. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BEZERRA, M. **Nossa história**. 09/11/2016. Disponível em: http://www.catedrismetodistasp.com.br/v2/exibe_artigo.php?id_artigo=18. Acesso em: nov. 2019.

BINET-MONTANDON, C. Acolhida. Uma construção do vínculo social. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1171-1184.

DERRIDA, J. **Cosmopolitas de todos os países mais um esforço!** Coimbra: Minerva, 2001.

GRABOIS, P.F. Pensar o acolhimento: uma leitura da filosofia de Jacques Derrida. **Revista Inquietude**, v. 4, n. 1, p. 128-143, 2013.

JAMUR, M. Hospitalidade, alteridade e exclusão social. In: BUENO, M.S. (org.). **Hospitalidade no jogo das relações sociais**. São Paulo: Vieira, 2008, p. 15-35.

LOUREIRO, E. A Capela dos Enforcados. História, tradição e lendas. **São Paulo Passado** [on-line]. 16 dez. 2019. Disponível em: <https://saopaulopassado.wordpress.com> . Acesso em: nov. 2019.

SEVCENKO, N. A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. **Revista USP**, n. 63, p. 16-35, 2004.

TELFER, E. A filosofia da “hospitabilidade”. In: LASHLEY, C.; MORRISON, A. **Em busca da Hospitalidade**. Perspectivas para um mundo globalizado. Barueri, SP: Manole, 2004. p. 53-78



LIBERDADE *MADE IN CHINA*

Cesar Kizaka Umekita



IMIGRAÇÃO CHINESA

A diáspora chinesa situa-se em uma posição significativa no cenário dos movimentos migratórios mundiais, uma vez que a China é a nação que mais envia emigrantes para fora de suas fronteiras, estando eles presentes em mais de 150 países. O movimento migratório chinês no mundo vem de longa data, com um alto crescimento no início do século XIX, após a primeira guerra do Ópio (1839-1842), por meio do sistema *coolie*. Entre a revolução comunista e a abertura econômica para o mundo, as migrações para o exterior aconteciam por meio de Hong Kong e Taiwan, estados não-pertencentes à China continental nesse período. Na época, Hong Kong pertencia ao Reino Unido e Taiwan era e ainda é um estado independente, composto por chineses que não concordavam com o governo comunista. Após a abertura econômica e a permissão legal para a migração, concedida pelo governo chinês, autoridades locais deram início aos incentivos econômicos para promover os movimentos migratórios, sobretudo no sul da China, nas províncias de Guangdong, Zhejiang e Fujian¹.

A região do sudeste asiático foi a principal receptora de chineses no mundo, sendo Indonésia, Malásia e Tailândia os países que mais receberam esses imigrantes. Em segundo lugar, vem a América do Norte (Estados Unidos e Canadá), seguida da Europa (Itália, Inglaterra, Espanha e França). Embora haja mais de 200 anos de história da diáspora chinesa no Brasil, esse movimento era considerado tímido; nas últimas décadas, no entanto, houve um crescimento significativo, posicionando o Brasil atrás somente do Peru como o país de maior concentração de chineses na América Latina.²

1 Silva, 2018.

2 Silva, op. cit.

O primeiro relato da presença de imigrantes chineses no Brasil é do ano de 1812, quando, de Macau, Dom João VI transportou cerca de 200 a 400 chineses ao Rio de Janeiro, a fim de iniciar o cultivo de chá. Eles iniciaram seus trabalhos nas lavouras experimentais que se localizavam no Jardim Botânico e na Fazenda Imperial de Santa Cruz; entretanto, não houve sucesso, resultando na dispersão desses imigrantes.³ Na segunda metade do século XIX, milhares de imigrantes chineses chegaram, não somente ao Brasil, mas também a outros países latino-americanos, municiados com longos contratos de trabalho.⁴

No dia 15 de agosto de 1900, dá-se a primeira entrada oficial de 107 chineses no Brasil, procedentes da região de “*Guangdong*” (Cantão), para o trabalho no setor agrícola, mineração, construção civil, entre outros.⁵

Entre os anos de 1931 e 1949, em virtude da ocupação japonesa e, posteriormente, do estabelecimento da República Popular da China, muitos habitantes de diversas províncias litorâneas emigraram para outros países, momento em que a vinda de chineses para o Brasil cresceu consideravelmente.⁶

Será no início da década de 1950, devido às guerras na China e, conseqüentemente, à pobreza que assolou o país, que fluxo significativo de imigrantes chineses se intensificará. Com a definitiva tomada do poder pelo partido comunista na China continental, muitos mudaram-se para Taiwan, e de lá, partiram para outros países estrangeiros, sendo o Brasil um dos seus destinos.⁷

3 Yin, 2013.

4 Amorim; Oliveira; Fernandes, 2016.

5 Chen; Shyu; Menezes Jr., 2014.

6 Chen; Shyu; Menezes Jr., 2009.

7 Yin, op. cit.

O início da década de 1970 foi marcado por significativos acontecimentos no contexto internacional. No ano de 1971, durante a Assembleia Geral da ONU, a República da China (China nacionalista) foi substituída pela República Popular da China e, em 1979, retomaram-se as relações diplomáticas entre China e Estados Unidos. Com isso, muitos taiwaneses se viram em uma situação ameaçadora, desencadeando uma nova onda de evasão. A partir da década de 1980, com a abertura do mercado chinês, um número grande de jovens com alto grau de instrução deixou a China continental para tentar a vida no Brasil e em outros países do mundo.⁸

A migração chinesa para o Brasil é considerada um dos principais fenômenos nas décadas recentes. Com base nos dados do Ministério da Justiça a respeito de estrangeiros que tentaram regularizar sua situação, os chineses configuraram o segundo maior grupo, com 5,5 mil inscritos no ano de 2009, estando atrás somente dos bolivianos que apresentaram 17 mil inscritos. De acordo com o Censo de 2010, estimou-se o número de 23.156 chineses, entretanto, durante sessão na Assembleia Legislativa do estado de São Paulo, na comemoração dos 200 anos de imigração chinesa para o Brasil em 2012, o consulado Chinês em São Paulo e a Associação Chinesa do Brasil apresentaram uma estimativa de 250 mil chineses e descendentes no País, estando 180 mil deles presentes no estado de São Paulo.⁹

Atualmente, na cidade de São Paulo, os imigrantes chineses e seus descendentes atuam em diversas áreas do mercado de trabalho. São vendedores ambulantes encontrados nas principais vias públicas, trabalhadores informais, donos de estabelecimen-

8 Chen; Shyu; Menezes Jr ., op. cit., 2009.

9 Silva, op. cit.

tos comerciais e restaurantes, professores em diversos níveis, advogados, engenheiros, médicos e demais profissionais ligados a empresas multinacionais chinesas que iniciaram suas operações no país recentemente.¹⁰

O DISTRITO DA LIBERDADE

Antes da chegada dos imigrantes orientais, o bairro da Liberdade já havia sido povoado por africanos escravizados, portugueses e italianos. A região foi cenário de execuções por enforcamento de negros, escravos e criminosos, abrigando, inclusive, uma força, que se localizava no largo da Força, atual praça da Liberdade.

Os registros iniciam-se em 1604, quando foi realizada a transferência de uma força da rua Tabatinguera, no distrito da Sé, para esse novo local, onde atualmente situa-se a praça da Liberdade. Criminosos e escravos condenados à pena de morte eram executados ali. Convenientemente, o largo da Força localizava-se próximo ao Cemitério dos Aflitos, que também era conhecido como Cemitério dos Enforcados, reconhecido como o primeiro cemitério público da cidade destinado ao sepultamento de indigentes, escravos e condenados a morrer na força.¹¹

Despovoada até o século XVII e considerada uma zona periférica da cidade de São Paulo, em 1754, nessa região, foi construída a casa da Pólvora, termo pelo qual o bairro passara a ser conhecido. Localizada no caminho entre o centro e o extinto município de Santo Amaro, em 1810, iniciou-se a concessão de terras, vendas e loteamento de chácaras ali existentes e, transcorridos 40 anos, seguiu-se a abertura de largos, alamedas e ruas, o que foi decisivo para o início da estruturação do distrito.¹²

10 Silva, op. cit.

11 Fantin, 2015.

12 Fantin, 2013.

Os negros também habitavam o bairro da Pólvora e imediações, quer como cativos, quer como libertos do regime escravocrata. O escravo urbano, por vezes, residia em habitação diferente da de seu senhor, atuava como “escravo de ganho” e desempenhava ofício como cocheiro, cozinheiro, quitandeiro, ferreiro, sapateiro, pedreiro etc. A circulação pelas ruas da cidade favorecia sua socialização e integração, diferentemente do que ocorria na área rural.¹³

De acordo com Andrade¹⁴, havia também um pelourinho e uma cadeia próximos ao morro da força (atual praça João Mendes), utilizados para castigar e punir, sobretudo os escravos, o que tornava essa região o “espaço maldito da cidade” e reforça a presença e memória dos negros na região.¹⁵

Caso emblemático transcorre em 1821, quando, condenado ao enforcamento por liderar uma rebelião naquele mesmo ano, reivindicando a igualdade no tratamento dos soldados brasileiros em relação aos soldados portugueses e o pagamento de cinco anos de soldos atrasados pela Coroa portuguesa, o afrodescendente Chaguinhas (Francisco José das Chagas), cabo pertencente ao Primeiro Batalhão de Caçadores de Santos, sobrevive por duas ou três vezes ao enforcamento (há controvérsias), em razão do rompimento da corda. Segundo consta, esse fenômeno motivou a mobilização dos presentes ao ato e a reivindicação de “liberdade” e de clemência por sua vida. Entretanto, a execução de Chaguinhas efetivou-se e estima-se que seu corpo se encontre sepultado no Cemitério dos Aflitos, cuja capela constitui o único remanescente de seu funcionamento pregresso.¹⁶

13 Andrade, 2017. Wissenbach, 1998.

14 Andrade, 2017.

15 Sevcenko, 2004.

16 Andrade, 2017.

Com a extinção da pena de morte em 1874, a forca foi removida, contudo, a população colocou em seu lugar, uma cruz de madeira com o nome de Santa Cruz dos Enforcados. Em virtude da devoção dos fiéis, a Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados (1887) foi erigida no mesmo local da cruz e a alteração da denominação do bairro para Liberdade ocorrerá em 1891. Outra versão para a denominação Liberdade encontra-se associada a uma praça com essa denominação, onde um chafariz abastecia de água potável o então bairro da Pólvora. O nome da praça estendeu-se ao largo da Forca, renomeado para praça da Liberdade e, posteriormente, ao bairro.¹⁷

No final do século XIX e em meados do século XX, além dos negros, residia na região imigrantes de origem portuguesa e italiana. Esses imigrantes edificaram residências, posteriormente, transformadas em habitações de uso coletivo, nas quais imigrantes japoneses passaram a viver no início do século XX e os coreanos nos anos 1960-1970.¹⁸

A presença de japoneses remonta a 1912, quando passaram a se estabelecer na rua Conde de Sarzedas, uma ladeira íngreme próxima a um riacho e à área de várzea, expandindo-se posteriormente para outras ruas com maior diversidade de nacionalidades.¹⁹

A figura 2 assinala o perímetro onde se localizavam as edificações com porões, pontua a presença de escola e quadra de tênis, e sistematiza os empreendimentos nipônicos ali reunidos, tais como meios de hospedagem (hotel e pensão), estabelecimentos comerciais da área de alimentação (doceria, casa de *shoyu*, *udon* e *manju*), lojas e outras modalidades de negócios (como o Jornal

17 Andrade, 2017.

18 Fantin, 2013.

19 Negawa, 2000.

Brasil Jiho, na rua Conselheiro Furtado, transversal à Conde de Sarzedas), identificando o nome do empreendedor responsável.

Figura 1 Concentração japonesa na rua Conde de Sarzedas e adjacências



Fonte: Handa, 1987, p. 170.

Essa concentração inicial vincula-se à configuração arquitetônica das edificações e, conseqüentemente, ao baixo custo dos aluguéis dos porões habitáveis, localizados nas proximidades do centro, bem como à eventual oferta de trabalho.

Em 1915, funda-se a escola de nível primário Taisho Shogakko, a fim de educar os filhos de imigrantes japoneses que não falavam português. A escola chegou a atender cerca de 300 estudantes.²⁰

Após o término dos contratos de trabalho em diversas lavou-
ras do interior, imigrantes japoneses partiram com destino à cida-
de de São Paulo e se instalaram na Liberdade. Outros continuavam

20 Goes, 2012.

vindo direto do Japão para o distrito, totalizando em torno de dois mil japoneses em 1932. Durante a Segunda Guerra Mundial, os japoneses foram forçados a sair da rua Conde de Sarzedas e adjacências, pois o Japão posicionou-se ao lado do grupo oponente ao Brasil, tendo eles retornado ao bairro somente após o término da guerra, com a rendição do Japão. Em 1953, um complexo de cinco andares foi construído na rua Galvão Bueno, abrigando hotel, restaurante e, no andar térreo, o Cine Niterói, que possuía capacidade para 1.500 pessoas. A partir daí, a rua Galvão Bueno se torna o centro do distrito, com estabelecimentos comerciais do setor de alimentos, lojas e prestadores de serviços. Transcorridos dois anos, reforça esse aspecto o início das atividades da Associação Cultural Japonesa de São Paulo (Bunkyo), localizada na esquina das ruas São Joaquim e Galvão Bueno, a qual está presente nesse local até os dias de hoje.²¹

O ano de 1968 foi significativo no que diz respeito ao início das mudanças nessa área. A construção da Diametral Leste-Oeste resultou na transferência do Cine Niterói, marco inicial da prosperidade do bairro, da rua Galvão Bueno para a esquina da avenida Liberdade com a rua Barão de Iguape. Por sua vez, o alargamento da rua Conselheiro Furtado provocou o enfraquecimento de sua força comercial, e, além disso, as obras para a construção da estação Liberdade pelo Metrô de São Paulo, na década de 1970, trouxe prejuízos ao comércio e ao setor de serviços ali estabelecidos. Entretanto, houve uma reorganização do bairro como polo comercial e turístico.²²

Em 1974, por meio do Plano de Orientalização da Liberdade, idealizado pelo jornalista Randolpho Marques Lobato e implementado

21 Negawa, 2000; Goes, 2012.

22 Negawa, 2000. Mori.; Rodrigues; Arouca; Santos; Silva; Chuang, 2015.

pela Prefeitura de São Paulo em parceria com a Associação dos Lojistas da Liberdade, estabeleceu-se a Liberdade como bairro oriental e instalou-se uma decoração predominantemente japonesa que consistia em três equipamentos urbanos: as lanternas *chôchin*, denominadas *suzurantô* (lanternas jasmim), o pavimento formado pela heráldica japonesa *mitsudomoe* e o portal xintoísta *torii*.²³

Havia a ideia de transformar a área em uma atração turística nos moldes da Chinatown de São Francisco e Nova York, entretanto as referências visuais chinesas ficaram em segundo plano com a decoração japonesa adotada.²⁴

REGISTROS FOTOGRÁFICOS

A China é um país cultural e geograficamente diversificado, sendo composto por várias etnias, dialetos e costumes, presentes não somente no continente mas também em ilhas próximas, como Taiwan, além de estarem estabelecidos em diversos países. Inicia-se na década de 1960, a instalação de chineses provenientes da China continental e de Taiwan no distrito da Liberdade, coincidindo com a chegada dos coreanos e resultando, no final da década, na presença das comunidades japonesas, chinesas, coreanas e vietnamitas.²⁵

Constatou-se diversas transformações na identidade cultural do distrito em virtude da chegada de desses grupos étnicos, o que resultou em uma ameaça para sua identidade japonesa, sobretudo, em razão do avanço da cenografia chinesa não previsto no projeto de revitalização dos anos 1960/70, além da gradativa evasão dos imigrantes japoneses, devido ao fato de seus descendentes optarem por novos caminhos profissionais, diferentemente de seus

23 Nakagawa; Nakagawa, 2011.

24 Negawa, 2000. Ide, 2014.

25 Ide, 2014.

pais e avós, no campo da medicina, odontologia, direito, engenharia, educação, agronomia, entre outros. Tais escolhas resultaram na não continuidade dos negócios de seus pais na região, forçando-os a vendê-los, sobretudo, para os chineses e coreanos. Muitos desses imigrantes e descendentes de japoneses mudaram-se para diferentes distritos da cidade de São Paulo, outras cidades e estados e, na década de 1990, deu-se início ao movimento *dekasegui*, que se refere ao grupo de descendentes de japoneses que deixaram o Brasil para trabalhar no Japão, realizando o caminho inverso de seus pais e avós.²⁶

Inúmeros estabelecimentos comerciais, restaurantes, associações, igrejas budistas e evangélicas pertencentes a diferentes grupos étnicos chineses, expressam suas culturas e costumes. Diversos restaurantes e lojas recebem visitantes e turistas, mas observa-se certa dificuldade na comunicação entre os comerciantes chineses e visitantes brasileiros, sobretudo, devido ao idioma.

Os registros fotográficos iniciaram-se na rua praça da Liberdade, onde encontram-se diversos empreendimentos comerciais, sendo alguns deles de propriedade de um taiwanês, casado com uma descendente de japoneses. São de sua propriedade, a cafeteria 89°C Coffee Station, a loja de conveniência Maruso, a mercearia Marukai, o restaurante Itiriki e a casa de *lâmen* Momo. Todos esses empreendimentos, estão localizados, em um raio de 300 metros: na praça da Liberdade, na rua Galvão Bueno e na rua dos Estudantes. Por meio da figura 2, verifica-se a apropriação do legado japonês por esses empreendimentos, que possuem nomes em japonês e em inglês e oferecem produtos japoneses. As mercearias comercializam produtos importados, sobretudo do Japão; o café foi criado nos moldes japoneses, a casa de *lâmen* foi

26 Negawa, 2000; Beltrão; Sugahara, 2006; Fantin, 2013.

inspirada nas tradicionais casas de *lâmen* do Japão, além do restaurante que serve comida japonesa.

Figura 2 Empreendimentos chineses com nomes japoneses



Fonte: Acervo próprio (2020).

Na avenida Liberdade, número 622, encontra-se a única livraria chinesa da região (figura 3). Localizada entre um estacionamento e a filial de um restaurante de *fast-food*, possui cerca de 10.000 títulos, em sua maioria no idioma mandarim, incluído clássicos da literatura chinesa, dicionários e guias de viagem, além de material para a prática do *shufa*, técnica artística de caligrafia chinesa. Um dos materiais mais vendidos pela loja é o Jornal Chinês para a América do Sul, mantido pelo governo da China. Há também algumas obras em português, espalhadas pelas prateleiras do estabelecimento, que é frequentado por chineses da comunidade e

por estudantes do idioma mandarim, além de diversos visitantes e turistas.

Figura 3 Livraria chinesa



Fonte: Acervo próprio (2020).

Ainda na avenida Liberdade, nota-se a presença do Sogo Plaza Shopping, no número 363. Apesar do nome japonês, essa galeria conta com a presença, em sua maioria, de comerciantes chineses que vendem diversos tipos de produtos importados, sobretudo da China; entretanto, encontram-se também produtos japoneses tais como roupas típicas, artigos para decoração e animes. Artigos relacionados ao gênero musical sul-coreano “K-pop” também podem ser encontrados em suas lojas, o que atrai muitos fãs e adeptos desse tipo de estilo, que atualmente vem fazendo sucesso mundialmente. A edificação, conforme figura 4 mostrada a seguir,

é composta por quatro andares e possui entrada pela rua Galvão Bueno, além da avenida Liberdade.

Figura 4 Shopping Sogo Plaza



Fonte: Acervo próprio (2020).

Existem diversos tipos de restaurantes chineses por todo o distrito, cada um deles representando uma região diferente da China e servindo seus respectivos pratos típicos. É possível reconhecer à qual região o restaurante pertence, por meio dos ideogramas em sua fachada e dos tipos de pratos no cardápio. Alguns deles são abertos ao público em geral, e outros só atendem membros da comunidade chinesa. Muitos funcionários desses restaurantes são imigrantes chineses vindos do interior e que não falam o

português. Na praça Carlos Gomes, rua da Glória, rua dos Estudantes e rua Barão de Iguape, diversos tipos de restaurantes chineses são encontrados (figura 5), tendo eles sido adaptados ao público brasileiro, como o restaurante Chifu, que anteriormente era localizado na rua Barão de Iguape e atendia a comunidade chinesa, mas que acabou sendo transferido para a praça Carlos Gome, onde sofreu uma reformulação com o intuito de atender o público brasileiro. Seu cardápio, de cozinha cantonesa, também foi adaptado para agradar o paladar ocidental.

Figura 5 Restaurantes chineses adaptados ao público brasileiro



Fonte: Acervo próprio (2020).

Os restaurantes da figura 6, situados à praça Carlos Gomes, rua Américo de Campos, rua dos Estudantes e rua Barão de Iguape, são tradicionais e voltados ao público chinês, cada um

representando a culinária de uma região diferente. Em suas fachadas, ideogramas chineses são percebidos, no entanto, para um visitante ou turista leigo, é difícil reconhecer se são restaurantes chineses ou japoneses. Contudo, é possível identificá-los por meio de sua cenografia típica chinesa.

Figura 6 Restaurantes tradicionais chineses



Fonte: Acervo próprio (2020).

Outros estabelecimentos chineses na praça da Carlos Gomes, praça da Liberdade e rua da Glória também modificam a cenografia do local, como demonstrado na figura 7. São mercearias de grande porte que comercializam produtos orientais, duas delas com nomes chineses e uma, a localizada na parte central da figura, com nome japonês, está presente no local desde 1967,

portanto, pode-se inferir que a apropriação do legado japonês pelos chineses é de longa data.

Figura 7 Mercarias chinesas de grande porte



Fonte: Acervo próprio (2020).

Situado à rua Galvão Bueno, há o restaurante Korea House, um dos poucos restaurantes coreanos da região. Na fachada, o nome do restaurante encontra-se escrito em chinês, para atrair clientes chineses e, mesmo, os japoneses, que conseguem compreender esses ideogramas, além dos visitantes e turistas brasileiros e de outras nacionalidades, pois encontra-se também escrito no alfabeto ocidental. A concentração de coreanos na Liberdade dá-se em alguns estabelecimentos comerciais, para onde muitos consumidores são atraídos, em razão da propagação e popularização

do “K-pop”, gênero musical sul-coreano. Comerciantes chineses têm-se aproveitado também do legado coreano para vender diversos produtos relacionados a essa cultura. Muitas galerias e lojas comercializam esses produtos atualmente, atraindo adeptos para o bairro. A mercearia K-mart, localizada à rua dos Estudantes, é o estabelecimento coreano mais popular no distrito. A presença coreana na Liberdade não é tão expressiva, estando eles concentrados, sobretudo, nos bairros do Bom Retiro e Aclimação. A figura 8 sistematiza os estabelecimentos coreanos presentes na região.

Figura 8 Estabelecimentos coreanos na Liberdade



Fonte: Acervo próprio (2020).

Localizado à rua Galvão Bueno, número 28, avista-se um consultório odontológico com a fachada escrita somente em chinês para atender exclusivamente a comunidade, e, no mesmo edifício,

encontra-se também um tatuador japonês, tornando a Liberdade um local peculiar e diversificado. Logo ao lado desse consultório e estúdio, no número 18, percebe-se outro consultório odontológico, no entanto, trata-se de um consultório pertencente a um dentista de descendência japonesa (figura 9).

Figura 9 Consultório odontológico chinês – japonês e estúdio de tatuagem



Fonte: Acervo próprio (2020).

À rua Galvão Bueno no sentido centro-bairro, localiza-se, no número 54, a Himeya, loja de utensílios e decoração. O nome “Himeya” significa “loja da princesa” em japonês, contudo, nota-se as características de uma cenografia chinesa em seu interior, portanto, novamente verifica-se a apropriação do legado japonês pela comunidade chinesa no bairro (figura 10).

Figura 10 Loja Himeya



Fonte: Acervo próprio (2020).

Alguns salões de beleza são encontrados na rua da Glória. Todos eles possuem suas fachadas escritas em chinês, portanto, infere-se que esses salões atendem exclusivamente a comunidade chinesa. Em razão da dificuldade com o idioma e por serem profissionais chineses que sabem como proceder com os cortes no estilo chinês, os membros da comunidade acabam optando por ir a esses estabelecimentos, ao invés de salões brasileiros. A seguir, a figura 11 apresenta suas características exteriores.

Figura 11 Salões de beleza chineses



Fonte: Acervo próprio (2020).

Na rua da Glória, número 738, encontra-se a escola Yu Çái Xue Yuan, especializada na educação infantil de filhos dos imigrantes chineses nascidos na China e no Brasil. Trata-se da primeira geração de chineses nascidos no Brasil e que ainda possui, como língua mãe, o chinês. Localizada à rua Fagundes, 195, está a Escola Angel, outra escola chinesa de educação infantil, com aulas ministradas em mandarim, juntamente com o ensino de português. Nessa escola, as crianças são de origem chinesa ou descendentes de imigrantes, portanto, são alfabetizadas por intermédio dos ideogramas e aprendem sobre a cultura milenar de seu país e do país de seus pais, no caso dos descendentes. A figura 12 apresenta as duas escolas.

Figura 12 Escola Angel e escola Yu Çai Xue Yuan



Fonte: Acervo próprio (2020).

Templos religiosos chineses são encontrados no bairro. À rua Fagundes, encontra-se uma igreja evangélica onde taiwaneses se reúnem para realizar seus cultos e estudos bíblicos. A igreja atende a comunidade de Taiwan da região e, na sua fachada, visualiza-se apenas ideogramas chineses. Verifica-se na praça Carlos Gomes, outro templo religioso cristão que, provavelmente, atende a comunidade chinesa, ao passo que na rua Conselheiro Furtado localiza-se o Templo e Instituto Lohan, que transmite conhecimentos sobre o budismo e a arte marcial chinesa Kung Fu (figura 13).

Figura 13 Templos religiosos chineses



Fonte: Acervo próprio (2020).

A rua Thomaz Gonzaga, paralela à rua Barão de Iguape, possui os mais tradicionais restaurantes japoneses do distrito, alguns deles com anos de história. São diversas casas de *lâmen*, karaokês e restaurantes que servem pratos típicos, além do *sushi* e do *sashimi*. Nessa rua, não se nota a presença chinesa por meio da fachada de seus estabelecimentos (figura 14).

Figura 14 Restaurantes japoneses



Fonte: Acervo próprio (2020).

Um dos restaurantes da rua Thomaz Gonzaga, o Kyoto Café & Restaurant, que conta com a fachada japonesa, decoração interna japonesa, cardápio japonês e até mesmo música ambiente japonesa, tem, como proprietários, chineses provindos de Hong Kong. Garçons e atendentes falam o português com dificuldade. A figura 15 mostra o interior do estabelecimento caracterizado por uma cenografia japonesa e a bebida típica japonesa preparada com *matcha*, o que faz com que, novamente, se atente ao fenômeno da apropriação pelos chineses, do legado japonês.

Figura 15 Kyoto Café & Restaurante



Fonte: Acervo próprio (2020).

Localizados à rua Conselheiro Furtado, encontram-se uma padaria, mercearias, lojas de artigos importados e restaurantes chineses (figuras 16 e 17). Notam-se erros de português nas fachadas de dois estabelecimentos, sendo um deles o “Restalrantez Orienta” e o outro o Lucky “Restaurante Chinesa”, o que significa que, apesar da falta de conhecimento do idioma português, esses comerciantes estão preocupados com a ampliação do negócio, tendo em vista o público brasileiro. Essa área do distrito é onde se encontra a maior concentração de estabelecimentos chineses.

Figura 16 Restaurantes com erros ortográficos



Fonte: Acervo próprio (2020).

Figura 17 Estabelecimentos chineses



Fonte: Acervo próprio (2020).

Diversas associações chinesas estão espalhadas por todo o distrito, cada uma representando uma região da China. O Centro Social Chinês de São Paulo, localizado à rua Conselheiro Furtado, nº 261, e a Associação Cultural Brasil-Taiwan, à rua Thomaz Gonzaga, nº 55, são os locais onde os taiwaneses se encontram. Os *hakkas* – uma das 56 etnias que compõem a raça chinesa, presente em várias regiões da China continental (especialmente em Fujian, Hainan, Jiangxi e província de Cantão), Hong Kong, Taiwan e outros países, principalmente no sudeste asiático, incluindo Malásia, Indonésia, Timor-Leste, Tailândia e Filipinas²⁷ – estão estabelecidos no edifício Hakka Plaza, à rua São Joaquim, nº 460. Os chineses do continente se reúnem na Associação Chinesa Geral de Qing Tian do Brasil, que se localiza na rua da Glória, nº 736. Os cantoneses estão representados pela Associação Geral dos Cantoneses do Brasil, na rua Conselheiro Furtado, nº 573. A figura 18 sistematiza essas associações.

27 Ling, 2008.

Figura 18 Associações chinesas



Fonte: Acervo próprio (2020).

Por fim, registraram-se os principais símbolos da presença japonesa no distrito, fruto dos projetos *Plano de Orientalização da Liberdade*, de 1974 e *Caminho do Imperador*, de 2008. Na figura 19, visualizam-se os três símbolos implementados em 1974 (lado direito da figura), que compreendem as lanternas *chôchin* que possuem o formato da flor *suzuran* (jasmim), denominadas *suzurantô* (lanternas jasmim), o pavimento composto pela heráldica japonesa *mitsudomoe* e o portal xintoísta *torii*. Encontram-se também os dois símbolos mais recentes (lado esquerdo da figura), compreendidos pela estação do metrô Japão-Liberdade, cujo nome foi alterado em 2018, e a agência do banco Bradesco na praça da

Liberdade, cuja decoração remete ao castelo de Osaka, iniciativa tomada pelo próprio banco Bradesco em 2008.

Figura 19 – Símbolos japoneses presentes no distrito



Fonte: Acervo próprio (2020).

CONSIDERAÇÕES

A exposição das imagens realizadas por meio dos registros fotográficos evidencia a influência chinesa no distrito da Liberdade.

Muitos japoneses que residiam na região mudaram-se para outras localidades da cidade de São Paulo. Seus filhos tomaram novos rumos em termos profissionais, interrompendo a formação de sucessores para os estabelecimentos locais. Com a chegada dos chineses, eles acabaram adquirindo parte desses comércios e

imóveis, impactando diretamente na cultura e economia do bairro, disseminando seu legado étnico.²⁸

Os diversos grupos étnicos chineses se misturam pelas ruas, casas, prédios e estabelecimentos comerciais, expressando-se das mais diversas formas, por intermédio de seus dialetos, sua gastronomia, seu comportamento e sua hospitalidade, tornando o local um ambiente multicultural e diversificado.

Conclui-se que os chineses têm impactado na cenografia externa do bairro, assim como no que diz respeito às características culturais e comerciais.

As considerações apontam para as várias mudanças que ocorrem no distrito, devido ao fluxo migratório chinês, no que diz respeito à oferta de restaurantes, mercearias, lojas e eventos.

28 Galvão, 2008.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. S. M. A.; OLIVEIRA, N. M.; FERNANDES, D. M. O imigrante chinês no Brasil e no Sudeste: uma análise dos dados do Censo demográfico (2010) e SINCRE – Polícia Federal (2000 a 2014). **Caderno de Geografia da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, 2016.

ANDRADE, C. D. **Aflitos de São Paulo**: a estigmatização perante a morte. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

BELTRÃO, K. I.; SUGAHARA, S. Permanentemente temporário: dekassegus brasileiros no Japão. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 61-85, jan./jun. 2006.

BORGES, J. P. A Chinatown brasileira. **Sesc São Paulo**, 2015. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/9036_A+CHINATOWN+BRASILEIRA. Acesso em: 05 abr. 2019.

CHEN, T. J.; SHYU, D. J. Y.; MENEZES JR., A. J. B. Os imigrantes chineses no Brasil e a sua língua. **Synergies Brésil**, São Paulo, n. 7, p. 57-64, 2009.

DIEGOLI, L. **Cadernos IGEPAC SP 2**. Inventário Geral do Patrimônio Ambiental, Cultural e Urbano de São Paulo. PMSP/SP/DPH. São Paulo, 1987.

FANTIN, J. T. **Os japoneses no bairro da Liberdade-SP na primeira metade do século XX**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013.

FANTIN, J. T. Do interior para os porões, dos porões para as fachadas: os japoneses no bairro da Liberdade em São Paulo. **ACTA Geográfica**. Boa Vista, 2015.

GALVÃO, V. Q. Chineses dividem com os japoneses o bairro da Liberdade. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 2008.

GOES, V. L. Bairro da Liberdade (SP): a influência de uma cultura milenar na reconfiguração de um bairro. **VI Simpósio Nacional de História Cultural**. Teresina, 2012.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês**. História de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A. Queiroz/Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

HISTÓRIA da Liberdade vai dos enforcados aos imigrantes. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 2015.

IDE, D. S. **Perambulações no bairro da Liberdade: passeios ao vivo e em vídeo com moradores locais**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia – USP, São Paulo, 2014.

LING, C. R. **Diáspora e velhice dos imigrantes Hakka**: a memória da alma. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MORI, K.; RODRIGUES, C.; AROUCA, L.F.; SANTOS, M.O.; SILVA, R.F.; CHUANG, Y. Formação e transformação do bairro oriental paulista – bairro da Liberdade: O Brasil oriental. In: CARNEIRO, M. L. T.; TAKEUCHI, M. Y. (Org.). **Imigrantes japoneses no Brasil: trajetória, imaginário e memória**. São Paulo: Edusp, 2010, p. 579–602.

NAKAGAWA, OKANO, NAKAGAWA, Duas visões da Liberdade: a orientalização e a orientalidade. **Estudos Japoneses**, n. 31, p. 45–62, 2011.

NEGAWA, S. **Formação e transformação do bairro oriental**: um aspecto da história da imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915-2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – FFLCH – USP, **São Paulo, 2000**.

SESC São Paulo, **A Chinatown Brasileira**. Disponível em: http://sescsp.org.br/online/artigo/9036_A+CHINATOWN+BRASILEIRA. Acesso em: 20 jan. 2019.

SILVA, C. F. Conexões Brasil-China: a migração chinesa no centro de São Paulo. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 20, n. 41, p. 223-243, 2018.

SEVCENKO, N. A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. **Revista USP**, v. 63, p. 16-35, 2004.

WISSENBAACH, M. C. C. **Sonhos africanos, vivências ladinas**. Escravos e forros em São Paulo (1850-1880). São Paulo: Hucitec, 1998.

YIN, B. M. **Imigração chinesa em São Paulo e seu português falado: inter-língua e marcadores discursivos**. Dissertação (Mestrado em Letras) – FFLCH – USP, São Paulo, 2014.



O *K-POP* NA LIBA

Priscila Schalok dos Santos



O texto discorre sobre a influência do gênero musical *Korean pop* ou *pop* coreano (*K-pop*) no comércio da Liberdade, na cidade de São Paulo, a partir da perspectiva dos consumidores e frequentadores desse bairro. Os procedimentos metodológicos pautaram-se na pesquisa bibliográfica e de campo, implementada por meio da observação do bairro, da realização de entrevistas e de registros fotográficos, além do recurso ao caderno de campo. Parte das entrevistas, por conta da pandemia de Covid-19, foram feitas de forma remota ou com o distanciamento necessário. Para identificação dos entrevistados, recorreu-se à inicial do nome e ao ano de realização da entrevista.

KOREAN POP

A influência de estilos musicais ocidentais na Coreia remonta ao final do século XIX, mas essa tendência se intensificou nos anos 1950-1960, com a disseminação do *jazz*, do *blues*, do *pop* e do *rock*, proporcionada pela presença militar estadunidense na região¹.

Nesse sentido, a característica do gênero *Korean pop* ou *K-pop* aproximou-se, inicialmente, tanto da música jovem americana quanto da japonesa², além de compreender uma variedade de elementos audiovisuais: conceitos em MV (*music videos*), coreografias e vestuários. O primeiro grupo de *K-pop* da Coreia do Sul foi formado em 1992, *Seo Taiji and Boys*, com seu experimento voltado para diversos gêneros musicais³, representou o ponto de partida desse gênero para a indústria musical da Coreia do Sul.

1 Segundo Santos (2016) e Russell (2017), a presença estadunidense na Coreia ocorreu após o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e da Guerra da Coreia (1950-1953).

2 A ocupação colonial japonesa ocorreu durante o período de 1910 a 1945 (SANTOS, 2016).

3 De estilo eclético, o grupo compunha suas músicas, possuía equipe de dançarinos e estabelecia o figurino (SANTOS, 2016).

A partir da repercussão do estilo musical e da aprovação do público, foi fundada, em 1995, a primeira agência de entretenimento da Coreia do Sul, *SM Entertainment*, pelo produtor musical e cantor Lee Soo Man. Logo depois, a *YG Entertainment*, *J.Y.P Entertainment* e a *DSP Media* iniciaram aos primeiros grupos da música coreana atual.

O reconhecimento mundial situa-se nos anos 2000 e, com os avanços da tecnologia, o estilo sul-coreano ganhou mais força e popularidade. Segundo Mesquita Júnior⁴:

Enquanto o consumo cultural acaba por caracterizar-se no ato de se apropriar de um bem cultural e extrair um valor simbólico dele, o consumo midiático é definido pelo ato de adquirir um produto midiático, sugerido pela mídia, que em outra instância acaba por se tornar transmidiático, movendo-se por diferentes meios de comunicação com o objetivo de suprir o desejo do consumidor, seja ele o fã de uma banda, um filme, um artista da televisão, etc.

Em 2011, o Brasil recebeu pela primeira vez os grupos sul-coreanos *Beast*, *G.NA* e *4Minute*, para participar do evento *United Cube Concert*, em São Paulo, organizado pela *Cube Entertainment*. O sucesso mundial desencadeou-se no ano seguinte, com o single *Gangnam Style*, de *PSY*, o que contribuiu para o crescimento da indústria musical coreana. Nos últimos anos, vários grupos pisaram em solo brasileiro, unindo fãs e criando laços entre Brasil e Coreia do Sul.

4 Mesquita Júnior, 2015.

Figura 1 Grupos de K-pop debutados durante os anos 2003 e 2011⁵



Fonte: Google Imagens.

É notório como o crescimento mundial do K-pop (*Korean pop* ou *pop coreano*) influencia o comportamento dos seus seguidores no Brasil, e esse crescimento se intensificou ainda mais com a vinda do grupo sul-coreano BTS (*Bangtan Boys*) em 2014. Essa inclusão na lista de países pelos quais sua primeira turnê (*The Red Bullet*) iria passar, resultou na presença de 1.500 fãs no show realizado. Já na sua segunda vez em solo brasileiro, foi necessária a transferência de local, em razão da alta procura por ingressos.

Os grupos e cantores coreanos apresentam seus contagiantes MVs com conceitos que podem ser coloridos ou *darks* (sombrios),

⁵ Parte dos grupos de K-pop debutados entre 2003 e 2011 ainda estão na ativa, enquanto outros já deram *disband* (se separaram).

com letras marcantes, coreografias precisas e elaboradas. O impecável trabalho audiovisual contém músicas que, geralmente, mesclam o idioma coreano e o inglês (propositalmente inserido para integração do público estrangeiro) e cujas letras são, em sua maioria, impactantes, ao abordarem críticas sociais, autoajuda, sentimentos diversos e, muitas vezes, conselhos para os ouvintes, características que atraíram e continuam a atrair fãs diariamente.

O K-POP A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS COMERCIAANTES, MORADORES E TURISTAS

Localizado no centro de São Paulo, o Bairro da Liberdade constitui, há muitos anos, uma ponte entre o ocidental e o oriental. As arquiteturas e os ornamentos fazem referências aos países asiáticos. Além disso, os comércios de utensílios e roupas, as lojas alimentícias (mercados e mercearias) e os restaurantes conferem uma sensação de proximidade entre as duas culturas. Segundo Bocci⁶, “cria-se uma casca japonesa com essência chinesa, coreana e nipônica, embora a promoção do produto baseia-se nos elementos paisagísticos que confere tal imagem.”

Quando os *animes* japoneses começaram a ser transmitidos nos canais abertos (Band, RedeTV, SBT, etc.), a procura de produtos com a temática dos programas levou esses fãs a conhecerem o bairro da Liberdade. As lojas já tinham uma grande variedade de produtos e adaptaram-se aos seus consumidores.

Com isso, a Liba passou a ser um ponto de encontro para os *otakus*, fãs de *animes* e apreciadores da cultura japonesa que homenageiam seus personagens usando *cosplays* (pessoas vestidas de personagens) e buscam formar uma comunidade com os mesmos gostos e costumes.

6 Bocci, 2009, p. 4.

No entanto, além de pelo *J-pop* (*Japan pop* ou *pop* japonês), as pessoas começaram a ter interesse pelos diversos gêneros musicais asiáticos, nos quais se inclui o *K-pop* (*Korean pop* ou *pop* coreano). De acordo com o relato de B.2020, uma frequentadora antiga do bairro, em 2008, a presença de rockeiros e emos⁷ que vinham da Galeria do Rock já se fazia notar. Com o tempo, também foi possível reparar a presença dos apreciadores da cultura japonesa e, nos dias de hoje, observa-se a maior frequência de *k-poppers*.

[...] no começo você chegava lá e tinha mais a galera [...] que sai da Galeria do Rock vai pra Liberdade e aí se junta ali na entrada do Metrô. Só que com o tempo, você viu que o público vai mudando, era [a] mesma galera só do punk, do emo e os Otakus, só que agora, você anda por lá e [...] é mais gente com camiseta de idol de K-pop e tal.

Encontrar pelo menos meia dúzia de adolescentes e crianças com blusas de grupos de *K-pop* tornou-se frequente, principalmente com o comércio local participando, ativamente, das vendas de produtos destinado aos *k-poppers*. O *K-pop* se disseminou no Brasil, principalmente em São Paulo, com a vinda dos *idols* para shows e tornou concorrida a compra de ingressos. Há alguns anos, os fãs começaram a adquirir os produtos de seus *fandoms* (fã clube), como blusas, máscaras, maquiagens, camisetas e *lightsticks* (lanternas personalizadas com a marca do grupo, para usar em concertos), por exemplo.

Um dos *shoppings* mais conhecidas da região, o Sogo Plaza, passou a contar com lojas especializadas, voltadas para consumidores

7 Considerado como uma comunidade alternativa, trata-se de um grupo que adota maquiagem e vestuário como meios de expressão. O movimento surgiu com a evolução do rock e o sucesso do *emocore*. Há a valorização dos aspectos emocionais, o que dá origem à denominação “emo”.

cada vez mais criteriosos com os pedidos de mercadoria, devido aos novos grupos *debutados* (termo utilizado para informar a estreia de um grupo) e à criação de produtos variados inspirados nos *idols* (ídolo) e grupos.

Como exemplo, pontua-se uma loja que se expandiu ao perceber o potencial do *K-pop*, a Jarina Kpop. Há 18 anos trabalhando com a cultura asiática, a loja começou comercializando ingressos para shows, *doramas* (séries/novelas) e filmes, e decidiu investir no gênero musical *K-pop* assim que alguns cantores coreanos fizeram participação nos *doramas* (séries/novelas). A partir daí, a empresa ganhou força no Sogo Plaza: passou a disponibilizar duas lojas (debaixo da escada e no Mezanino), além de aderir às novas tecnologias divulgando seus produtos pelo Instagram.

Figura 2 Início da Rua Galvão Bueno, com destaque para a fachada do restaurante Café Sol e para a caracterização oriental do mobiliário urbano iluminada pelos raios de sol da manhã.



Fonte: Priscila Schalok (2020).

As lojas da Rua Galvão Bueno são consideradas o paraíso para *k-poppers* na hora de comprar algum produto, comer e encontrar-se com os amigos nos bancos existentes no local. Já na Rua dos Estudantes, localiza-se o mercado *Korean Mart*, onde são vendidos ingredientes típicos da culinária coreana, como *KimChi* em conserva, *Tteokbokki* e *Kimbap*. A sorveteria *Snowfall*, arquitetada com *design* coreano moderno, não só oferece sorvete mas também permite apreciar os MVs de seus *idols* favoritos no visor do estabelecimento. Segundo Santana e Santos⁸, “à medida que os jovens se apropriam da cultura *hallyu*⁹, incorporando-as às suas práticas cotidianas, eles vivenciam um processo de reconversão cultural”, isso quer dizer que a procura pode influenciar o comportamento tanto de quem consome quanto de quem fornece, e o ambiente ao redor segue a tendência.

De acordo com V.2021, desde que começou a frequentar o bairro, reparou que, à medida que o *K-pop* foi se tornando conhecido, mais lojas integraram produtos para esse público-alvo, não só na Liberdade mas também em alguns lugares fora do bairro. Segundo Nakagawa, Okano e Nakagawa,¹⁰ “cada vez mais edifica-se a orientalização no bairro da Liberdade pelo processo de reprodução e de replicação de modelos e formas comunicativas de um oriente *fake* para serem identificados como símbolos dos países asiáticos.”

Esse comportamento se reflete no dia a dia de quem consome tal cultura, como pode ser observado no relato de L.2020, que acredita que a cultura asiática influencia o modo de agir e a questão da educação, “a capacidade de ver com mais inocência a questão das relações, de construções de laços antes de

8 Santana; Santos, 2018, p. 35.

9 O termo *hallyu* designa o *k-pop* ou a onda coreana.

10 Nakagawa, *et al.* 2011, p. 47.

relacionamentos físicos e interações mais profundas fisicamente falando, respeito pelo próximo, pelo ser humano, pelos mais velhos, pela cultura, pelo lugar.” Em outro relato, B.2020 assinala a importância das letras que pontuam a preocupação com pessoas depressivas e que também a ajudaram, pois:

[...] como o país asiático tem os índices de depressão e suicídios mais altos do planeta, [...] eles cuidam muito disso, apesar de ainda ser muito popular. Então as letras das músicas eram muito sinceras, então me ajudou bastante e eu acho que isso mudou bastante a forma de eu ver as coisas como adolescente.

Além da música em si, *youtubers* e *influencers* frequentadores do bairro proporcionam ao seu público maior proximidade à cultura coreana e asiática em geral. Compram doces, comidas e outros produtos, e fazem divulgações nas redes sociais provando – o famoso *merchandising*. A comunidade *k-popper* frequenta cada vez mais o local, seja atraída por produtos para uso cotidiano ou para degustar pratos típicos. É notório que muitas pessoas visitam a área para conhecê-la, comprar lembrancinhas, interagir com *youtubers* ou, até mesmo, gravar um *tour* ou *cover* no cenário que a Liberdade proporciona.

Além desses pontos, há empresas como a *K.O Entertainment*, *Storyvent*, a *KS Entertainment* e a *STARK Entertainment* que realizam eventos na Avenida Paulista ou nas associações do bairro da Liberdade para aproximar as pessoas do *K-pop* e apresentar a cultura coreana a quem passa (no caso da Paulista). São comuns eventos tanto abertos quanto fechados na Associação Aichi do Brasil, na Associação Okinawa Kenjin do Brasil ou no Espaço de Eventos Hakka.

Figura 3 Apresentação de Grupo Cover no evento K-Hallowday, na Associação Aichi do Brasil



Fonte: Priscila Schalok, 2019.

Nesses eventos, ocorrem apresentações de grupos *cover* inspirados nos seus *idols*, degustação de comidas e bebidas coreanas (como o *hot-dog* coreano), realização de brincadeiras baseadas nos programas de variedades coreanos, concursos de dança, comércio de produtos personalizados de *K-pop* e presença de *youtubers/influencers* desse meio.

Figura 4 Festival *Tanabata Matsuri*, em 2019, com decoração de *fukinagashi* (coloridas flâmulas de papel que simbolizam os fios da tecelagem de Orihime) e lanternas de papel com origamis



Fonte: Priscila Schalok, 2019.

O bairro possui um cronograma de festividades temáticas, como Ano Novo Chinês, *Tanabata Matsuri*, *Hana Matsuri* e *Moti Tsuki Matsuri*, que atraem moradores e turistas pela oportunidade de aproximação. Também conta com a Feira da Liberdade, que tem barracas de comidas típicas e artesanatos aos finais de semana.

Com os investimentos dos comerciantes voltados para o público *K-pop*, os turistas apreciadores dessa cultura e os clientes potenciais passaram a frequentar cada vez mais a região para adquirir os produtos, como pontua F.2020, morador local, que percebeu a mudança no mercado: “essa tendência, essa nova moda [...] tá muito aquecido pra isso e o pessoal tá ganhando bastante dinheiro, fazendo lucro.” O ambiente acolhedor e hospitaleiro cria um ponto de encontro para os apreciadores da cultura asiática,

seja apenas para passear e encontrar amigos, seja para comer em algum restaurante ou barraquinha da feira da Liberdade ou, até mesmo, para apreciar a vista que se descortina do viaduto ou das pessoas transitando trajadas com vestimentas diferenciadas. O bairro se adequa, continuamente, ao seu consumidor, modelando uma nova experiência para cada pessoa que passa por lá, pois, segundo Souza e Domingos¹¹, a maior preocupação desses comerciantes é não conseguir acompanhar o fluxo de atualização constante dos turistas, frequentadores e moradores locais. Em complemento, Santana e Santos¹² pontuam: “tais mudanças repercutem na sociedade, que tenta se adaptar aos novos interesses dessa juventude, seja na aceitação de sua postura estética e comportamental, seja na adequação do mercado aos seus novos interesses de consumo.”

Em 2020, durante a pandemia de Covid-19, alguns eventos passaram a ocorrer de forma remota. A *Storyvent*, por exemplo, realizou eventos com *idols* de forma *on-line*, com categorias parecidas com as dos shows presenciais. Outras empresas, para ter interação com o público, providenciaram concursos de *covers* pelo Instagram. A Associação Cultural e Social da Liberdade (*Bunka Fukushi Kyôkai*) também realizou eventos de forma remota bem como deu suporte aos moradores e comerciantes do bairro.

11 Souza; Domingos, 2016, p. 8.

12 Santana; Santos, 2018, p. 35.

REFERÊNCIAS

BOCCI, D. S. Bairro da Liberdade e a imigração japonesa: a ideia de bairro japonês. **Revista Cordis**, PUC-SP, v. 1, n. 1, p. 3-4, maio 2009.

CAROLINE, Amanda. K-pop: uma história – pré-história, antes do tal K-pop. **Revista KoreaIn**, 2016.

MESQUITA JÚNIOR, F. S. **Consumo e subculturas juvenis**: um estudo sobre as práticas de consumo dos fãs de K-pop no Brasil. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social) – Departamento de Ciências da Comunicação. Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

NAKAGAWA, F. S.; OKANO, M.; NAKAGAWA, R. M. O. Duas visões da Liberdade: a orientalização e a orientalidade. **Estudos Japoneses**, n. 31, p. 45-62, 2011.

RUSSELL, Mark James. **K-pop Now!** Tudo sobre os idols que você já ama. Bauru: Astral Cultural, 2017.

SANTANA, A. G.; SANTOS, S. T. O consumo cultural de jovens cultura Hallyu. **Dossiê Consumo e Subjetividade**. Arquivo do CMD, v. 7, n. 2, ago./dez. 2018.

SANTOS, T. H. **Idols em imagens e sons, fãs em re-ação**: uma etnografia da prática musical K-pop em São Paulo. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SOUZA, R. M. V.; DOMINGOS, A. K-pop: a propagação mundial da cultura sul-coreana. In: XVII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL (Intercom). **Anais [...]**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, maio 2016.



SERVIR CHÁ É ALGO SIMPLES?

Susana Sou Youn Jhun



O discreto som emitido pelo tecido do *kimono*, roupa tradicional japonesa, em contato com o tatame era a única evidência que demonstrava a ocorrência da Cerimônia do Chá naquele momento. No ambiente havia vários alunos como eu, que observavam com muita atenção a anfitriã concentradíssima entrando na sala de chá e, posteriormente, preparando e servindo o chá para três convidados. Um deles era o *sensei*, ou seja, o mestre que, pacientemente, fazia observações sobre os movimentos que compõem este ritual tão delicado e cheio de simbolismos que é o *Chanoyu*, ou Cerimônia do Chá.

Muitos irão pensar: é um simples chá! Basta ferver água, abrir uma bolsinha e colocar o saquinho de chá na xícara com água quente, certo? A preparação e o serviço de chá dentro do *Chanoyu* são um pouco mais complexos que isso, como veremos a seguir.

O *Chanoyu* tem como tradução literal “água quente para o chá” e, segundo o Grão-Mestre Sen Sôshitsu, “apesar de consistir no simples preparo de uma tigela de chá verde em pó para o convidado, pela atmosfera de paz e relaxamento, pelo ambiente de requintada simplicidade, pelo exercício constante das artes tradicionais do Japão que nela se encontram, pela filosofia e significado profundo, subjacentes a cada gesto do rígido ritual, é na realidade muito mais que isso: ela é a expressão simbólica de toda uma arte de viver em harmonia perfeita, esta arte de viver com simplicidade e bom gosto, tão tipicamente japonesa.”

Em outras palavras, o *Chanoyu* não pode ser considerado apenas a prática e o ensino do simples ato de servir o chá. A Cerimônia do Chá alcança diferentes âmbitos, o que a torna um evento complexo e multidisciplinar, podendo concentrar uma natureza cerimonial, mas não se restringindo apenas a isso. Para compreender o significado de *Chanoyu*, há que se aprofundar em

outros setores das artes em geral, como arquitetura, decoração, paisagismo, pintura e gastronomia.

Parece profundo demais, não? No entanto, a compreensão pode ser facilitada quando se descreve o ato em si.

Na Cerimônia do Chá, existem dois protagonistas principais: o anfitrião e o convidado. Caso haja mais de um convidado, um deles sempre será o primeiro ou o principal em relação aos outros.

Figura 1 Anfitrião (em pé) e convidado no Chanoyu (Bunkyo – USP)



Fonte: autoria própria.

Normalmente, o *Chanoyu* é planejado e executado para que seja um conjunto de acontecimentos diferente do cotidiano, ou seja, converge para um momento único tanto para o anfitrião quanto para os convidados. A sequência de movimentos, os utensílios específicos e a sala de chá – os três elementos essenciais do *Chanoyu* – são planejados em detalhes.

Figura 2 Sala de chá (Bunkyo – Liberdade)



Fonte: autoria própria.

Figura 3 Utensílios para a Cerimônia do Chá (*Bunkyo – USP*)



Fonte: autoria própria.

Reforçando a multidisciplinariedade dentro da cerimônia, as diferentes áreas das artes auxiliam e formam o alicerce para o planejamento e organização do ritual. Como exemplo, é possível citar a arquitetura, que fundamenta a organização e a ambientação da sala de chá, ou a gastronomia, que orienta a elaboração de alimentos adequados à cerimônia.

E o ritual? Ele é composto, basicamente, de seis etapas:

1. organização dos utensílios;
2. purificação dos utensílios;
3. aquecimento da tigela e do batedor de chá;
4. elaboração do chá;
5. lavagem da tigela e batedor;
6. limpeza da espátula de chá e recolocação dos utensílios.

Figura 4 Purificação dos utensílios no *Chanoyu* (Bunkyo – Liberdade)



Fonte: autoria própria.

Figura 5 Detalhe do gestual no *Chanoyu* (Bunkyo – Liberdade)



Fonte: autoria própria.

Também há pequenos detalhes que fazem muita diferença na totalidade do ritual. Antes do serviço de chá, usualmente, é oferecido um doce. E pode parecer bastante singelo, mas um dos momentos mais importantes dentro do ritual, a meu ver, é que após o serviço e a degustação de chá, o convidado principal retribui admirando e elogiando os utensílios de chá e o ambiente.

Percebe-se facilmente que, ao longo da cerimônia, tanto o anfitrião quanto os convidados seguem certas normas de etiqueta. No entanto, ressalta-se o vínculo com a hospitalidade como elemento principal da cerimônia, o que pode ser observado no preparo e serviço do chá pelo anfitrião e na retribuição com um elogio pelo convidado principal.

Agora, voltemos à cena descrita no início deste artigo. Naquele momento, estava no Edifício *Bunkyo*, também conhecido como Centro de Cultura Japonesa, sede da Sociedade Brasileira

de Cultura Japonesa e de Assistência Social, localizado no bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo. Essa associação foi fundada em 17 de dezembro de 1955, com o objetivo de organizar as comemorações do cinquentenário da imigração japonesa no Brasil, em 1958. Passada a comemoração, que contou com a realização de diversos eventos, a associação manteve-se com a missão de representar a comunidade nipo-brasileira, preservando e divulgando a cultura japonesa no Brasil e a cultura brasileira no Japão.

Essa aula no *Bunkyo* da Liberdade foi uma exceção, pois meu curso¹ de *Chanoyu* era ministrado pela Casa de Cultura Japonesa, situada no campus Butantã da Universidade de São Paulo, filial da sede já descrita no bairro da Liberdade. Depois descobriria outras oportunidades de assistir a aulas sobre o tema e conviver com mais alunos na matriz.

E pensar que essa trajetória para conhecer melhor a comunidade japonesa e a Cerimônia do Chá fizeram parte da minha pesquisa de 2008 a 2011.² O objetivo principal dessa pesquisa foi analisar a Cerimônia do Chá como elemento contribuinte da convivialidade entre os nipo-brasileiros, ou seja, verificar se a prática da Cerimônia do Chá é um evento social em que os descendentes de imigrantes japoneses aproveitam para socializar, além de compartilhar e manter as tradições culturais. Com isso, busquei elementos que indicassem a contribuição dessa cerimônia para a preservação das tradições japonesas e observei se ela facilitava a adaptação dos imigrantes japoneses ao ambiente brasileiro.

1 O curso no *Bunkyo* da USP teve a duração de um ano e foi realizado em 2009. As entrevistas foram efetuadas na Liberdade e na USP, no final de 2010.

2 A pesquisa foi realizada para elaboração da dissertação de mestrado “A cerimônia do chá como elemento de convivialidade na população nipo-brasileira”, um dos requisitos para obtenção do título de mestre em Hospitalidade, da Universidade Anhembi Morumbi.

Outra questão levantada foi o ensino da Cerimônia do Chá sob o ponto de vista do acolhimento dos brasileiros não descendentes. Sendo assim, com o intuito de obter uma maior aproximação com os dois grupos – os descendentes de imigrantes japoneses e os brasileiros não descendentes –, decidi participar do curso na USP. Essa frequência não só permitiu melhorar o meu conhecimento a respeito das implicações simbólicas, culturais e mesmo filosóficas dessa cerimônia, mas também – e principalmente – oportunizou-me conviver e realizar entrevistas com alunos, professores e praticantes da cerimônia do chá³. A participação como aluna ocasionou um contato mais intenso com os praticantes, reduzindo muito os obstáculos que poderiam ocorrer, principalmente, quanto à disposição e à inibição no momento das entrevistas.

Por intermédio das entrevistas, observei que, para os descendentes dos imigrantes japoneses, a cerimônia representava um local para vivenciar o “espírito japonês”, para manter a aura da tradição e para cultuar os valores tradicionais do Japão. E, justamente durante o evento descrito no início deste texto, foi constatado que, nessas ocasiões, os descendentes de japoneses aproveitavam para se encontrar, sendo claramente um momento de socialização. Sendo assim, verifiquei, à época, que a Cerimônia do Chá era um veículo de integração entre os nipo-brasileiros.

Bom, e as entrevistas? O que as pessoas manifestaram?

Foi interessante notar que a única entrevistada nascida no Japão introduziu-se na cerimônia do chá por iniciativa de sua filha e, a partir daí passou a praticar. O principal interesse da mãe era

3 Os entrevistados foram selecionados dentro do grupo de praticantes da Cerimônia do Chá na Casa de Cultura Japonesa do bairro da Liberdade e da Universidade de São Paulo, sendo descendentes ou não de imigrantes japoneses, sem limitação de idade e de sexo. Foram ouvidos sete participantes de cada local, oito descendentes de imigrantes japoneses e seis não descendentes, nove do sexo feminino e cinco do masculino.

manter o seu contato com as tradições culturais japonesas, pois acreditava ser fundamental que sua filha conhecesse a cultura dos antepassados e aprendesse o ritual. Ela valorizava a sofisticação e a sutileza dos gestos e acreditava que a prática da cerimônia desenvolvia o cuidado no relacionamento com os outros, principalmente os mais velhos.

Para os descendentes, a cerimônia passou a ser valorizada por permitir o aprendizado do comportamento e dos valores do “verdadeiro japonês” bem como dos padrões tradicionais.

Entre os entrevistados, havia filhos e netos de japoneses, que apresentaram diferentes motivações para começar a prática da cerimônia. As idades com que iniciaram a prática também foram diferentes.

Um dos entrevistados disse ter iniciado a prática porque estava buscando relaxamento e desligamento da rotina e, apesar de a mãe ser japonesa, só começou a praticar aos 18 anos. Queria também aprender o idioma e conviver com outros descendentes.

É curioso notar que, apesar da importância apontada pelos entrevistados, a prática não está vinculada a um costume familiar. Um dos descendentes entrevistados optou por reunir-se e relacionar-se com os outros para praticar o idioma mais formal, e ninguém na sua família praticava o *Chanoyu*.

Para iniciação, não há uniformidade quanto à idade. Entre os entrevistados, havia uma menina de 10 anos que se iniciou na cerimônia aos quatro anos, com sua mãe. Ela disse gostar desses momentos agradáveis com a mãe e também de vestir *kimono* e comer doces. Nada fora da normalidade para uma criança, não?

Tanto entre os descendentes quanto entre os não descendentes, muitos se iniciaram a partir de cursos e práticas da tradição japonesa como o *Ikebana* (arte japonesa de arranjos florais)

e o *Origami* (arte japonesa de dobrar o papel). Houve um entrevistado que afirmou ter sido motivado por frequentar a Igreja Messiânica.

Embora as idades e as motivações tenham sido diferentes, observou-se uniformidade nos aspectos valorizados na cerimônia do chá. Houve unanimidade quanto aos seguintes benefícios dessa prática:

- a prática do idioma com outros descendentes;
- a sensação de tranquilidade e de paz;
- a postura e o respeito em relação ao outro e às coisas;
- o aprendizado para a aquisição de disciplina, concentração e perseverança.

O entrevistados concordaram também em dizer que a essência da estética e as técnicas aplicadas facilitavam a convivência e o relacionamento com o outro. Afirmaram achar importante a atenção aos pequenos detalhes e gestos, e disseram valorizar a sutileza.

Uma das entrevistadas foi divergente quanto aos objetivos – não tinha como interesse principal a questão da tradição cultural, mas sim o aprimoramento pessoal e a sua elevação espiritual. Aliás, ela foi atraída para a cerimônia a partir da prática da meditação Zen e ficou interessada em aperfeiçoar os aspectos filosóficos implícitos na cerimônia. No entanto, concordou com os outros entrevistados quanto ao fato de a cerimônia facilitar a convivência devido à valorização da relação do anfitrião com os convidados.

De maneira geral, analisando os relatos, são considerados importantes entre os descendentes os seguintes objetivos da Cerimônia do Chá: preservar a cultura japonesa, conviver com outros descendentes e praticar do idioma.

Pode-se também deduzir que os entrevistados perceberam e valorizaram a questão da relação e do respeito entre o anfitrião e os convidados – um dos pilares fundamentais do *Chanoyu*.

Já da minha parte, além da possibilidade de fomentar minha pesquisa para a elaboração da dissertação de mestrado, foi uma oportunidade única para compreender o simbolismo da Cerimônia do Chá e conviver com pessoas acolhedoras e hospitaleiras.

E agora? Você verá o serviço de chá com outros olhos?

REFERÊNCIA

JHUN, Susana Sou Youn. **A cerimônia do chá como elemento de convivialidade na população nipo-brasileira.** 2012. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2012.



CASA DE PORTUGAL?

Leandro Rodrigues Gonzalez
Fernandez



– “Professor... é um museu?”

Não é museu ou centro cultural, mas organiza muitas atividades bacanas que podem ser classificadas como culturais. Claro que não é qualquer atividade, como o nome do local sugere, são atividades com temática definida, focadas na vivência da portugalidade.

– “Mas eu posso visitar a qualquer hora? Eu posso chegar lá e entrar? Terá alguém pra me mostrar o local e contar a história?”

Sim e não.

– “Como assim, professor?”

Vou explicar. A Associação Casa de Portugal é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 1935 por um grupo de imigrantes portugueses que, na ocasião, já se reuniam para encontrar os patriotas e colocar a conversa em dia. Na sua fundação, já existiam, ao menos, uma meia dúzia dessas associações na cidade, mas cada uma reunia os imigrantes de determinada região de Portugal. E, para se diferenciar delas, a Casa de Portugal propôs, em sua concepção, a reunião de toda a comunidade portuguesa em São Paulo, tal qual repetia um ilustre incentivador de sua criação, o engenheiro civil Ricardo Severo: “... casa em estilo português, e com uma porta tão ampla, que por ela caibam quantos portugueses haja na Colônia.”

– “E onde fica?”

Estrategicamente, localizada próxima ao marco zero da cidade de São Paulo, a Avenida da Liberdade, número 602, o local da atual sede da Casa de Portugal possuiu o terreno adquirido (na ocasião o de número 641) a 2 de julho de 1943, por meio de angariação de fundos e empréstimo bancário, ocasião em que foi também adquirido o terreno contíguo já com um imóvel, de número 602. E, após muitas campanhas financeiras entre a comunidade portuguesa e mais três entre os beneméritos/diretores da Associação, inaugura-se a sede própria a 27 de dezembro de 1955.

A hospitalidade e o “Bem Servir” (inscrição cravada no alto de um arco interno da construção) fazem parte da história da Casa. Há uma equipe administrativa que atende o público em horário comercial, porque a Associação sobrevive do aluguel de seus espaços para realização de eventos. Mas por ser sem fins lucrativos, todo lucro é voltado para a disseminação da cultura portuguesa.

Com o dinheiro arrecadado pela locação dos espaços e da mensalidade dos associados, organiza-se um calendário de eventos composto por um almoço semanal, que celebra a gastronomia portuguesa; edições especiais de eventos ligados ao folclore português; aniversários do Grupo Folclórico da Casa de Portugal, que se apresenta com a participação de ranchos folclóricos convidados; comemoração ao aniversário de fundação da Casa e festividades especiais em memória ao dia de 10 de junho (Dia de Portugal) e 25 de abril (Dia da Liberdade, em alusão à Revolução dos Cravos).

Então, voltando à questão acima dos meus alunos, não se trata de um museu com exposições permanentes a serem visitadas, não se entra a qualquer hora com monitoria à disposição para mostrar e contar a história do local, mas oferece-se programação específica, voltada a um público-alvo que já conhece suas atividades, porém sem excluir os que desejam conhecer mais das tradições portuguesas.

O Grupo Folclórico da Casa de Portugal foi fundado em outubro de 1973, possui, em seu acervo, cerca de 150 trajes de variadas regiões de Portugal. Os trajes são trazidos de lá e exigem muito cuidado para sua manutenção. Destacam-se, na composição do acervo, 32 trajes femininos da região do Minho (lavadeiras de luxo), 12 trajes de noivas do Minho, mais 42 trajes variados também da região do Minho e 35 trajes variados representativos de todas as regiões tais como Madeira e Açores.

Figura 1 Apresentação do Grupo Folclórico Casa de Portugal



Foto: Leandro Fernandez, 15 set. 2012.

O Grupo possui muitos componentes, todos atuam de forma voluntária, e a composição mínima, variável conforme o porte da apresentação, é de 8 casais com uma tocata composta por concertinas, acordeons, 1 cavaquinho, 1 viola braguesa, 1 violão, 1 reco-reco, 1 ferrinho (triângulo), 1 bumbo, 1 par de castanholas e coro com 4 vozes.

Além da beleza dos trajes, das músicas e dos ritmos variados, o Grupo se apresenta em algumas ocasiões, encenando passagens de costumes agrícolas. Adaptado da colheita original para um evento de auditório, encena-se a colheita e pisa das uvas na Festa da Vindima ou a queima das castanhas na ocasião da Festa do Magusto.

Figura 2 Encenação de pisa das uvas na Festa da Vindima



Foto: Leandro Fernandez, 2015.

Outro tipo de apresentação centra-se em ocasiões como o aniversário da Casa ou eventos comemorativos em celebração ao Dia de Portugal (10 de junho) e ao Dia da Liberdade (25 de Abril), datas comemorativas históricas e feriados nacionais portugueses. Muitos cantores portugueses se apresentam na Casa de Portugal, sobretudo os que se inserem em movimento artístico de resgate do fado.

Diversos artistas da atual cena cultural portuguesa que possuem seus nomes marcados no Museu do Fado em Lisboa se

apresentaram na Casa: Ana Sofia Varela, Camané, Carlos do Carmo, Carminho, Cristina Branco, Cuca Roseta, Joana Amendoeira, Marco Rodrigues, Mísia, Pedro Moutinho, Raquel Tavares, entre outros.

Figura 3 Apresentação de Joana Amendoeira em comemoração ao Dia de Portugal



Foto: Leandro Fernandez, 27 jun. 2013.

Sem sombra de dúvida, o que faz do lugar *uma casa portuguesa com certeza* são os quitutes servidos. O carro chefe nos eventos são o bolinho de bacalhau e a alheira, mas, para quem tem mais apetite, o caldo verde, o bacalhau e os vinhos portugueses estão entre as opções disponíveis. Acrescente um doce português à sobremesa para completar a experiência.

Gastronomicamente falando, nada mais português do que o Almoço das Quintas, evento semanal servido no subsolo da Casa em ambiente inspirado nas casas de fado de Lisboa. Além da beleza arquitetônica, desfruta-se, oportunamente, por um preço fixo,

de bebidas, quitutes portugueses variados, entradas frias, pratos principais, sobremesas e café.

No mais alto estilo *self service*, as entradas dispõem também de saladas convencionais de folhas, salada com utilização de grão-de-bico e bacalhau, e caldo verde. Os pratos intermediários sempre são compostos por uma receita de bacalhau (para valorizar o prato mais conhecido como típico português) e outra receita que busca valorizar a rica culinária do país (que pode ser um cozido a portuguesa, chanfana de cordeiro, arroz de polvo, arroz de pato, ossobuco de vitela, alheira com batatas a azibo, costelas etc.).

A rica doçaria portuguesa compõe um deleite à parte. Com opções variando a cada semana, mas servido com certa frequência, encontram-se o pudim de vinho do porto, *molotov* (espécie de pudim de claras), leite creme, arroz doce, toucinho do céu (doce à base de amêndoas e gemas de ovos), pão de ló, entre outros.

Figura 4 Serviço de sobremesas



Foto: Leandro Fernandez, 26 mar. 2015.

De forma bem abrangente, a Casa de Portugal busca dar representatividade e destaque a Portugal na cidade de São Paulo. Muitos outros eventos ocorrem, como pequenos saraus, palestras, lançamentos de livros, apresentações intimistas de fado, debates, seminários, concessão de homenagens e honrarias, exposições fotográficas, de artes e todas as iniciativas que valorizam a cultura do país. Destaca-se também a biblioteca da Casa, com cerca de 12000 volumes voltados para a história, o folclore e a literatura portuguesas, que é considerada um espaço privilegiado e importante fonte de pesquisa para estudiosos e amantes da cultura lusófona.

A biblioteca pode ser visitada de segunda a sexta-feira, entre 12h00 e 17h00, e é o único local que conta com assessoria permanente.

Figura 5 Perspectiva do auditório da biblioteca



Foto: Leandro Fernandez, 19 set, 2016.

Em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura e o Instituto Federal de São Paulo (IFSP), desde 2017, é oferecido o serviço de monitoria aos espaços da Casa de Portugal durante o evento Jornada do Patrimônio (evento de edição anual). No ano de 2020, em versão reduzida, foi gravada uma visita virtual exibida pelas redes sociais da Casa por causa da pandemia de Covid-19.

Sejam bem-vindos!!

REFERÊNCIA

FERNANDEZ, Leandro Rodrigues Gonzalez. **Hospitalidade à portuguesa:** traços presentes na imigração e construção da memória dos eventos da Casa de Portugal. Curitiba: Editora Appris, 2019.



TERRITÓRIO DO BIXIGA: UM ESPAÇO DE IDENTIDADE CULTURAL

Célia Toledo Lucena



BIXIGA, “UM ESTADO DE ESPÍRITO”

O Bixiga é um território histórico, cravado no distrito denominado Bela Vista, na cidade de São Paulo. Os *Campos do Bexiga*¹ foram loteados a partir de 1878 e, assim, o território se constituiu e se perpetuou, amalgamando as múltiplas etnias que formam a realidade paulistana. O território do Bixiga anuncia memórias, festejos, gastronomia e religiosidade, uma sinalização herdada do sul da Itália e dos negros que viviam instalados em um quilombo na baixada da Saracura junto aos *Campos do Bexiga*.

O Bixiga é entendido como um dos mais tradicionais bairros da cidade de São Paulo, embora na divisão administrativa da cidade não exista oficialmente como tal. Corresponde aproximadamente à região localizada entre as ruas Major Diogo, Avenida Nove de Julho, Rua Sílvia e Avenida Brigadeiro Luís Antônio, no distrito da Bela Vista, embora sua delimitação possa ser motivo de polêmica dependendo da fonte².

A solicitação de mudança do nome de *Bexiga* para Bela Vista, feita por alguns moradores, em 1883, foi atendida em dezembro de 1910. A partir dessa data, deixa de constar *Bexiga* enquanto distrito na divisão administrativa da capital; todavia, o território histórico Bixiga permanece vivo e continua sendo denominado de bairro pelos moradores e frequentadores.

O território do Bixiga é um espaço de identidade e de identificação dentro da Bela Vista. O território pode ser imaginário e até

1 Vale comentar que o território assume a grafia Bixiga com “i” na década de 1980, por solicitação de moradores. Assim, refiro-me ao espaço mantenho a grafia com “e”, *Bexiga*, quando a documentação registrou dessa forma.

2 Disponível em: pt.m.wikipedia.org. Acesso em: 28 ago. 2020.

mesmo sonhado.³ O sentimento é a sua base, e a forma espacial importa muito pouco, pois esta pode ser variável. Entende-se por lugar, neste estudo, uma configuração instantânea de posições. A partir dessa perspectiva, vale a ideia do lugar próprio enquanto espaço animado pelas operações que o orientam, pelos movimentos e desdobramentos.⁴ O espaço é o ambiente organizado socialmente.⁵ O território, além de área de localização, é um produto social historicamente construído.⁶

As sinalizações informam, contextualizam, valorizam e contribuem para a criação da identidade cultural do território. O espaço é produto das ações históricas que se concretizam em momentos distintos e sobrepostos, gerando diferentes paisagens.⁷ Assim, a paisagem é um produto histórico, com visibilidades, com processos de transformação e continuidade que resultam da combinação de fatores.

Nesse sentido, a territorialidade do espaço ocorre pelos processos de apropriação, concreta ou simbólica. “Definir seus limites, recortá-lo, é sinônimo de dominação e controle”.⁸ Armandinho Puglisi, descendente de italianos, em depoimento, explica as fronteiras imaginárias do Bixiga, cruzando subjetividades com espaço vivido:

Na verdade, eu faço uma distinção entre o Bixiga e a Bela Vista. Deixa eu explicar: o Bixiga não existe oficialmente. O Bixiga é o centro da Bela Vista. A grande pergunta: mas como você sabe o que é Bixiga e o que não é? Por exemplo:

3 Medeiros, 2009.

4 Certeau, 1994.

5 Saquet, 2009.

6 Quaini, 1974; Saquet, op. cit.

7 Saquet, op. cit.

8 Medeiros, 2009, p. 217.

o Bixiga (essa é uma frase que gosto muito de falar) é um estado de espírito. Você sente quando está no Bixiga, você cheira a Bixiga. Por exemplo: você está em frente ao Maksoud Plaza na Alameda Campinas: é Bela Vista, mas não é Bixiga. Infelizmente, você está em frente à Câmara Municipal de São Paulo – que isso nós nunca podemos desvincular do Bixiga porque foi lá o início do bairro, na Praça da Bandeira – mas em frente da Câmara você não sente.⁹

Haim Grunspun, romeno que chegou a São Paulo depois da revolução de 1932, registrou:

Bexiga começava para mim no ponto de encontro da Major Diogo com a avenida Brigadeiro Luís Antônio, quase junto à avenida Paulista, onde os sírio-libaneses já tinham seus palácios, e ia até a ponta da rua Santo Antônio na descida para o vale, perto do viaduto que separava o outro lado da Bela Vista.¹⁰

As linhas fronteiriças são imaginárias, mas, nas diferentes opiniões, o território denominado Bixiga é sempre anunciado como espaço histórico, de manifestações culturais, de festejos religiosos e atividades musicais e gastronômicas. Bitelli¹¹ estuda a diversidade de opiniões entre moradores e frequentadores do território sobre a delimitação da área do Bixiga dentro do distrito da Bela Vista. Assim, quando interrogados sobre as fronteiras do território, os entrevistados se expressaram de acordo com suas vivências. Para os participantes da Vai-Vai, os limites passam pela

9 Moreno, 1996, p. 117-118.

10 Grunspun, 1983, p. 21.

11 Bitelli, 2017.

Saracura, enquanto para atores de teatro, as linhas fronteiriças do Bixiga abraçam os espaços cênicos. De acordo com as leituras das pessoas do lugar, os recortes territoriais, as fronteiras e limites mudam sem que as práticas espaciais mudem.¹²

Situar, delimitar e defender um território tem a ver com as posições estratégicas, os modos de vida e controle sobre símbolos de uma identidade cultural. Segundo Hall¹³: [...] presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior.

A cidade é o *locus* privilegiado que apresenta a percepção dos habitantes. A imagem pública da cidade é um conjunto de leituras individuais e partilhadas. As identidades assumem uma relação com o contexto, ou seja, de reconhecimento e pertencimento ao lugar. O espaço do Bixiga se constitui um laboratório privilegiado para analisar diversidades, manifestações e identidades culturais.

A partir dessa perspectiva, interpretar o patrimônio também exige um exercício do olhar, e a noção de patrimônio oferece algum entendimento da vida social e cultural.¹⁴ Pesquisas realizadas em diferentes temporalidades descortinaram inúmeras questões e afloraram ininterruptas reflexões. Por meio de anúncios de jornais, documentos cartográficos, iconográficos e da coleta de entrevistas realizadas em diferentes momentos (décadas de 1980 e de 2010), foi possível perceber a operação instalada no território.

Para tornar o espaço “visível”, foi necessário abrir suas portas, inventariar seus mitos, desenvolver a percepção e a atenção aos gestos, relatos, símbolos, possibilitar viagens subterrâneas e percursos em cantos esquecidos e negligenciados. “Os relatos

12 Souza, 2009.

13 Hall, 2003, p. 28.

14 Gonçalves, 2003; Goodey, 2002.

efetuam, portanto um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares”.¹⁵

As evidências orais, nesse sentido, forneceram pistas para a compreensão de determinados jogos, de ações mutáveis, dos movimentos produzidos nos espaços. O morador, uma vez interrogado, descreve percursos, vivências e referências, e interage com as identidades coletivas. As informações coletadas desdobraram-se em um inventário sensível que permite interpretar as maneiras de fazer e os caminhos que deram ao território uma singularidade, bem como os usos de diferentes linguagens que vêm reforçando as marcas culturais e dando ao bairro a oportunidade de conquistar reconhecimento e de se transformar em um patrimônio cultural da cidade.

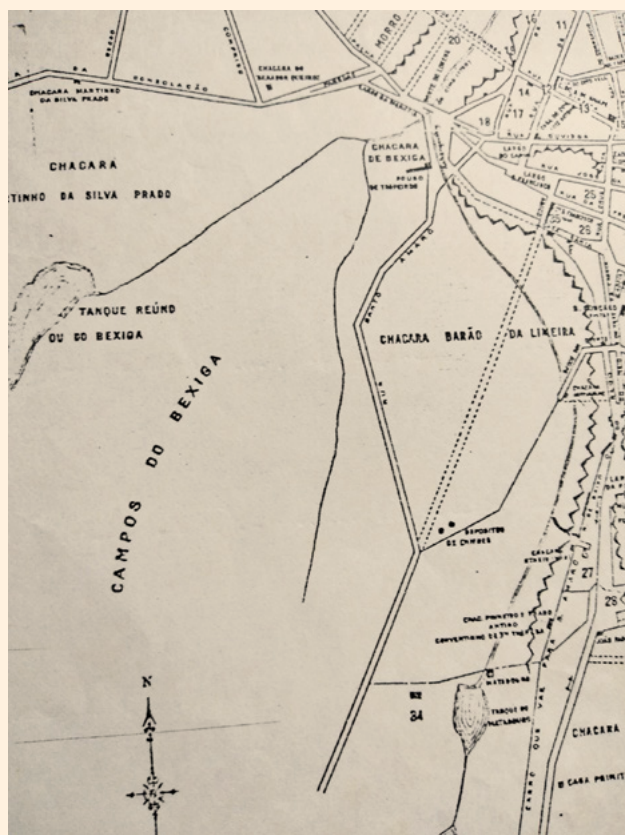
Para que o leitor entenda a dinâmica instalada nos *Campos do Bexiga*, vale tecer breves comentários sobre os espaços na capital paulista no final do XIX e começo do XX, momento da chegada de imigrantes e da libertação de escravos. Ademais, a seguir, será considerada a capacidade de transmissão de determinadas práticas culturais entre gerações e a ressignificação de algumas paisagens.

MOVIMENTOS HISTÓRICOS NOS CAMPOS DO BEXIGA

A partir dos anos de 1880, surge o “centro novo”, e novos bairros foram incorporados no perímetro urbano. Percebe-se, a partir de então, uma nítida distinção entre o “velho núcleo” e a “cidade nova”, e registra-se uma profunda transformação e acentuados contrastes na cidade de São Paulo.

15 Certeau, op. cit. p. 203.

Figura 1 Campos do Bexiga (a cidade de São Paulo 1800-1874 Por Affonso A de Freitas)



Fonte: Arquivo MUMBI.

Nesse cenário de transformações, os imigrantes se instalaram na cidade. Os baixos salários agrícolas na Itália Meridional e as crises político-sociais possibilitaram um discurso de que a emigração seria a solução. Nesse contexto, 70% do contingente de italianos, de um total de 1,4 milhão que entraram no Brasil no começo do século XX, instalou-se no Estado de São

Paulo¹⁶, e o Bixiga é um dos territórios paulistanos que ainda mantêm marcas da cultura italiana, resultado da fixação de migrantes provenientes da Itália, no final do século XIX e início do XX.

No final do século XIX, a cidade de São Paulo perde a pacata fisionomia setecentista para adquirir ares mais modernos e passa por um crescimento acelerado. Nessa ocasião, novos territórios são ocupados. Em meio a essa febre de crescimento, as chácaras situadas ao redor do “centro velho” são loteadas. Nessa época, a cidade tinha 35.000 habitantes e era rodeada por chácaras que já enfrentavam operação imobiliária, e os jornais divulgavam anúncios de venda de lotes: que “cada um adquira seu lugar” no espaço da cidade. Além disso, anunciavam a venda de belas chácaras e lotes de terra a preços convidativos.

Ainda nesse período, definiram-se os bairros da aristocracia do café, que exibiam ruas largas e luxuosas mansões, bem como os territórios para loteamentos para os pobres, as vilas para os operários e os cortiços e porões para os empobrecidos, geralmente, imigrantes e negros libertos que buscavam novas oportunidades. Nessa perspectiva, a cidade viu surgir palacetes, avenidas, o automóvel e algumas indústrias. Assim, são determinados os espaços mais elegantes para uma parte da população, enquanto outros moravam em casas simples de alvenaria ou de taipa.

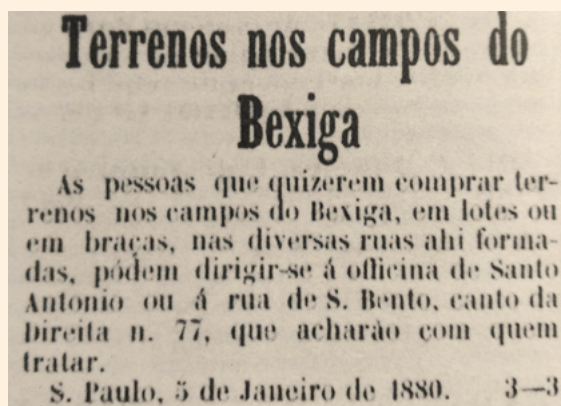
Para os negros recém libertos e para os imigrantes que chegavam, foram destinadas as baixadas, junto das várzeas dos rios. Em outras palavras, os espaços menos favorecidos. Assim, os imigrantes italianos, ao chegarem a São Paulo, dividiram os espaços na cidade com a população negra, tanto os negros libertos vindos do interior, quanto os refugiados em quilombos que procuravam as várzeas dos rios. Nas proximidades dos *Campos do Bexiga*, no

16 Collaço, 2014.

final do século XIX, antes da chegada dos imigrantes, junto do riacho e da baixada da Saracura, já existia um quilombo que levava o nome do lugar.

Os anúncios imobiliários, a partir de 1877, definiam a quem os loteamentos se dirigiam, delimitando os bairros mais populares e os de elite. Assim, foram anunciados lotes à venda em chácaras no entorno central da cidade, como nos bairros da Luz, na Vila Mariana, no *Bexiga* e em outros. A operação imobiliária dos *Campos do Bexiga* teve início em oito de maio de 1878 e, a partir dessa data, os anúncios começaram a se repetir na Província de São Paulo.

Figura 2 Anuncio publicado em A Província de São Paulo, 5 de janeiro de 1880, p. 3



Fonte: Arquivo MUMBI.

Nas áreas dos *Campos do Bexiga*, os lotes foram projetados sem muito rigor, terrenos, na maioria das vezes, pequenos e oferecidos por preços acessíveis, atraíram os imigrantes, prioritariamente os italianos que chegavam e que foram seguidos por portugueses, espanhóis, sírios, judeus, austro-húngaros e outros. O Morro dos Ingleses, região na qual estão instaladas as ruas dos

Inglese e dos Franceses, extensão da Avenida Paulista, foi um dos espaços de moradia da aristocracia cafeeira e de estrangeiros com condição econômica privilegiada.

Giovani, brasileiro, filho de calabrês, nasceu no Bexiga, em 1905. Em suas memórias, reveladas em 1982, ele expressa as dificuldades enfrentadas pela família:

Na Itália passava fome, as pessoas passavam mal, conta meu pai, por isso, vieram para o Brasil, primeiro veio ele, depois veio minha mãe. Morava na Rua Treze de Maio, lembro que havia três casas naquela época, uma era a que vivia. Em casa grande moravam mais de uma família para dividir o aluguel. Chegavam a morar oito famílias em cada casa [...]. Havia muita briga com os negros. A alimentação diária era pasta com feijão.¹⁷

Dessa maneira, a imigração transferiu para São Paulo mão de obra para a lavoura do café e para as construções na capital. Esses novos habitantes ainda trouxeram hábitos europeus, novos costumes, novos paladares e uma nova culinária. Em pouco tempo, a cidade perdeu o aspecto colonial e passou a ser a capital da aristocracia cafeeira e dos imigrantes. Em 1896, atingiu a marca de 150.000 habitantes, dos quais mais da metade eram estrangeiros. Novas edificações foram construídas na cidade, e era notória a contribuição da arquitetura italiana, a qual estabeleceu vivos contrastes com a arquitetura luso-brasileira dominante até então.

Os lotes, vendidos a preços baixos para os italianos, foram construídos por eles mesmos. Desde o início, os casarões mais

17 Giovanni Pinto, entrevista cedida em 28/07/1982.

simples já apresentavam subdivisões que permitiam a oportunidade de instalar inúmeras residências. As habitações coletivas, por volta de 1890, foram instaladas no cenário, tornando os cortiços parte da história do Bixiga.

Na capital paulista, os territórios se definiram e se entrelaçaram com as múltiplas identidades, e os traços culturais começaram a ser sinalizados. Em poucas décadas, o bairro adquiria ares de urbanização e uma fisionomia italiana, tanto no linguajar, quanto nos costumes, na alimentação, na religiosidade e nos modos de morar.¹⁸

Figura 3 Foto da Rua Rui Barbosa, 1938. Associação Atlética Rui Barbosa



Fonte: Arquivo MUMBI.

O seresteiro Roberto Fioravanti, em relato proferido em 1982, relembra:

Meu pai era sapateiro, calabrês e tivemos uma vida com algumas dificuldades. Pagávamos setenta mil reis por mês de aluguel do cortiço. No final do mês sr. Mastatonio passava

18 Lucena, 2013.

cantando uma musiquinha, que era sempre a mesma e todo mundo já sabia que era o dia da cobrança.¹⁹

Antônio relembra suas passagens pelo Bixiga, por volta de 1920, e sobre os carroceiros calabreses comenta:

Os carroceiros calabreses se recolhiam às seis, sete horas. Quando chegavam, guardavam os animais nas cocheiras, na Rua Treze de maio, Rua Rui Barbosa, Rua Pereira Barreto, que antigamente se chamava Rua do Sol. Aí tinham seus cortiços e suas baias onde punham ração para os animais.²⁰

O território começa, portanto, a se constituir um acervo amplo e diversificado de expressões culturais, de diferentes línguas, festas, danças, músicas, saberes e sabores, técnicas e fazeres diversificados.

MEMÓRIAS E PRÁTICAS GERACIONAIS

A partir de dinâmicas instaladas no território, de práticas cotidianas, de memórias individuais e coletivas, transferidas por meio de repetições, ritos, manifestações e festejos, é possível atestar que um território é um espaço cultural de identificação e de pertencimento e expressa valores e crenças.²¹ A apropriação do espaço, desde essa perspectiva, é resultado dos processos sociais e de movimentos históricos. Na construção da identidade, há o sentimento de fronteiras físicas ou de fronteiras de pertencimento ao grupo.²²

19 Roberto Fioravanti, entrevista cedida em 19/03/1982.

20 Bosi, 1983, p. 169.

21 Medeiros, op. cit.

22 Pollak, 1992.

Desde cedo, o território não ofereceu espaço para a instalação de indústrias. Assim, tanto os imigrantes italianos, quanto os negros instalados na região se dedicaram às atividades comerciais e à prestação de serviços. Diferentemente de outros bairros populares, marcados pela concentração de indústrias, o Bixiga se destacou como um espaço de mestres de ofícios e aprendizes.²³ Os italianos e descendentes se dedicaram ao comércio: criaram seus próprios negócios em suas moradias, abrindo vendas, armazéns, chapelaria, alfaiatarias, barbearias. Surgiram ainda as padarias familiares, as pizzarias e as cantinas. A culinária italiana se espalhou pela cidade ocupando áreas consideradas ícones da presença italiana. O Bixiga, na metade do século XX, já era considerado um espaço da gastronomia italiana.

Figura 4 Pizzaria Ao Petisco. Rua Rui Barbosa, anos de 1950



Fonte: Arquivo MUMBI.

23 Lucena, op. cit.

Assim, nas primeiras décadas do século passado, empórios, cantinas e padarias se constituíam espaços de convivência, ou seja, lugares para conversar, beber vinho, comer antepastos, tocar sanfona e jogar cartas. As práticas instaladas no Bixiga trouxeram os modos de vida, os gostos e paladares italianos que foram introduzidos nos hábitos paulistanos.

A imagem do imigrante italiano, nesse cenário, foi valorizada pela operosidade, pela capacidade criativa de trabalho e por muitas outras “virtudes” em oposição aos negros “desqualificados”, os quais eram considerados de menos valia e sem ascendência europeia, aos quais cabiam trabalhos mais árduos, geralmente em serviços públicos.

A produção criativa instalada em bairros de população italiana baseou-se em uma inventiva inspirada na memória. A celebração da Madona da Achirópita, a partir de 1910, com a transferência da santa da Península Itálica, região de Rossano, para São Paulo, caracteriza-se como um festejo de rua, e essa festividade nunca é única, pois existe uma festa dentro da festa: missa, procissão, quermesse de rua, barracas de comida italiana. Em 2019, no mês de agosto, o festejo foi celebrado pela 93ª vez e, desse fato, pode-se depreender que comemorar é ressignificar, é estabelecer novas normas e novas formas de sociabilidade.

Figura 5 Procissão da Achiropita, anos de 1980



Fonte: acervo próprio.

A festa da Achiropita mantém a ligação entre o lado lúdico e o sagrado dos rituais. O lado sagrado do festejo encoraja a devoção, induz a prática e, ainda, reforça o compromisso da continuidade. A magia do elemento negro se misturou, desde cedo, ao espírito calabrês, dando aos festejos locais características híbridas. Nas primeiras décadas dos anos de 1900, a festividade da Achiropita era abrilhantada por samba, zabumba e folguedos de origem afro-brasileira já entabulados, os quais foram oficializados em 1930, como cordão, o qual, futuramente, dará origem à escola de samba Vai-Vai. Assim, o ritmo africano se mesclava com as tarantelas, as milongas e os chorinhos.²⁴

A escola de samba Vai-Vai pulsa hoje como o coração do bairro e carrega a tradição e a popularidade ao exhibir o som de uma renomada bateria e a exuberância de suas alegorias. Além disso, presta homenagem ao bairro cantando sambas-enredo com letras

²⁴ Lucena, op. cit.

que reforçam a identidade do lugar e, quando recebe o título de campeã, agradece de joelhos na porta da Igreja da Achiropita.

Figura 6 Ensaio da Vai-Vai, 2019



Fonte: acervo próprio.

O Bixiga foi capaz de fluir por meio do samba de raiz e das cançonetas, de manter ecos por meio do festejo da Madona Achiropita e do espaço musical do Quilombo da Saracura, de unir as várias gerações de famílias, sejam elas italianas ou afro-paulistas, sejam de origem inglesa, portuguesa, espanhola ou nordestina, as quais vêm pisando o chão de seu território. Sobre a interação cultural entre os grupos étnicos, Fernando Penteado, sambista da Vai-Vai, garante:

Uma coisa que nos uniu mais ainda, é que as duas culturas são matriarcais. O italiano tem a mamma e nós temos as pretas velhas. E aqui no Bixiga, no Vai-Vai, é comum você ter na festa da Achiropita, ter as nossas baianas lá na cozinha travestidas de italianas, fazendo fogazza, macarronada.

E quando começa o ensaio da Vai-Vai, você tem as italianas baianas aqui vendendo cuscuz.²⁵

Figura 7 Igreja Achiropita, 2018



Fonte: acervo próprio.

Há uma consciência de que as marcas do espaço, anunciadas por meio de gestos, poesia e voz, fornecem competência para representar a “paulistaneidade” que pulsa nas ruelas e vilas do Bixiga. A musicalidade, uma forte característica do Bixiga, surgiu de forma espontânea. Por um lado, o samba de raiz, originado no Quilombo da Saracura e, por outro, a presença de músicas líricas e de canções italianas. Por meio de bares, cantinas, pizzarias e teatros, no decorrer do século XX, o bairro funcionou como espaço gerador da música paulistana, de espaços cênicos e de manifestações culturais. Ainda, as sapatarias, alfaiatarias e barbearias funcionavam como lugar de permuta de livros, de ensaios

25 Fernando Penteado, entrevista concedida à Bitelli (op. cit., p. 169).

musicais e de troca de anúncios sobre oportunidades de trabalho. A Escadaria, espaço icônico, mantém vínculo com os grupos musicais e, desde 2014, recebe, como parte de sua programação, o jazz.

Figura 8 Escadaria, espaço icônico do território, 2017



Fonte: acervo próprio.

O urbanismo, de meados do século XX, verticalizou algumas áreas, modificando a paisagem do espaço. Diante disso, alguns discursos, viabilizados por meio do Projeto Bixiga, deram início a um movimento popular que permitiu a manutenção das especificidades locais. Por meio de moradores, comerciantes, estudantes, jornalistas, fotógrafos, investigadores, museólogos, historiadores, arquitetos, urbanistas, cartunistas, atores de teatro e outros, ecos foram vibrados a partir dos anos 1980, suscitando um discurso sobre cidade-cultura, cidade-imagem e cidade-patrimônio. Os valores ressaltados reforçam as crenças, os costumes, os festejos e as manifestações herdadas.

Na segunda metade do século passado, o turismo étnico já se constituía como temática na cidade de São Paulo e, para compreender a lógica dessa relação cultura-turismo, é necessário conhecer as especificidades culturais dos grupos e seus legados. Com isso, da mesma forma que acontece com o Bixiga, outros bairros, como Brás e Mooca, possuem a marca italiana, assim como a Liberdade carrega como legado a cultura asiática. Nessa perspectiva, entende-se que o patrimônio da imigração é composto por manifestações e paisagens culturais, edificações, gastronomia e festividades.

O patrimônio, sob a perspectiva contemporânea, é colocado em um conjunto de práticas, memórias e identidades. Esse patrimônio cultural, portanto, cria a paisagem que expressa simbolismo, saberes, sabores, sons, sensibilidades e modos de vida.

Nos anos de 1980, sons e ecos foram propagados pela capital paulista, e pairava no ar um discurso em busca de reconhecimento e uma luta para preservar e manter o patrimônio cultural da cidade. Por isso, no Bixiga, foi lançada a ideia do tombamento de edificações e da preservação do patrimônio, hoje denominado tangível e intangível. Esse foi um momento de prestar homenagem e de apontar “o passado significativo”.²⁶ Nesse período, a grafia do nome do bairro foi alterada de *Bexiga* para *Bixiga*, dando lugar ao registro popular, o qual é carregado de significados para os seus frequentadores.

Dessa maneira, na interpretação do patrimônio, as atividades culturais passaram a ser destacadas: manifestações artísticas, religiosas, hábitos, costumes, além de fatos e personagens marcantes da história local. Além disso, alguns protagonistas assumiram papel de liderança, e os anos de 1980 ficaram marcados por projetos

26 Williams, 1979.

no território sensível, pois nasceu o Museu Memória do Bixiga, a feira de artes aos domingos foi consolidada, mostras fotográficas foram exibidas, livros sobre o Bixiga foram lançados, o casario ganhou mais cor. Assim também as festas que foram e são cultivadas com o mesmo entusiasmo dos ancestrais. A proposta de tombamento da área, nesse período, passa a ser unânime.

Em 1998, o projeto de lei n. 12.837/99, na Câmara Municipal, instituiu o dia 01 de outubro de 1878 como o “dia da fundação do bairro do Bixiga”. Essa atitude vem ao encontro da ideia de oficializar a grafia de Bixiga com “i” e ainda reforça a notícia da urbanização iniciada com o loteamento da *Chácara do Bexiga*, que aconteceu no início de 1878. Além disso, no dia 01 de outubro desse mesmo ano, Dom Pedro II lançou a pedra fundamental de um hospital que seria construído na quadra formada pelas ruas Santo Antônio, da Misericórdia (Abolição), São Domingos e Conselheiro Ramalho.²⁷

A partir dos anos 2000, o Bixiga entrou na “era dos parceiros”, com a presença de ONGs e com o desenvolvimento de atividades e programas divulgados pelas redes sociais. A Bela Vista mantém hoje programas voltados aos moradores de baixa renda, com espaços que oferecem alimentação e que albergam os que não têm moradia. As entidades promovem viradas ecológicas, debates, incursão aos espaços da região, procurando apontar novos caminhos para essa população que faz sua trajetória no urbano.

Além disso, os moradores dos cortiços organizam seu espaço dentro do território. Na primeira metade do século XX, o casario era habitado por famílias de imigrantes italianos, porém, depois da metade do século, a cidade de São Paulo passou a abrigar um contingente da migração interna, e as residências dos bairros mais

27 Silva, 2015.

centrais se transformaram em espaço de moradia da população recém-chegada. Assim, grupos diversos de moradores, em camadas temporais sucessivas, dão uso às habitações em seu processo de gradativa inserção na grande cidade. Uma parte das residências do território, por sua vez, tornou-se patrimônio histórico em 2002, pela Resolução n. 22/2002. Uma vez tombadas pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da cidade de São Paulo (Conpresp), as edificações não podem ser demolidas, nem descaracterizadas:

Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da cidade de São Paulo, Conpresp, no uso de suas atribuições legais nos termos de legislação de 1985 e 1986, com base no Processo Administrativo n. 1990-0.004.514-2, resolve: fica tombado na área do Bairro da Bela Vista, Distrito da Bela Vista, o elenco dos elementos constituidores do ambiente urbano.²⁸

A memória cultural do Bixiga, ao produzir sentidos com os quais o grupo se identifica, construiu identidades. Esses significados estão contidos nas histórias de vida contadas de forma intergeracional. Assmann²⁹ deu, ao conceito de memória, o sentido de capacidade de transmissão entre gerações, por meio de fenômenos transferidos a partir da cultura. A memória das famílias é, nesse sentido, uma memória institucionalizada, celebrada por grupos, formalizada por intermédio de símbolos e materiais e é transmitida por rituais, máscaras, danças, alegorias. Isso é o que se denomina memória cultural.

28 Resolução n. 22/2002.

29 Assmann, 1995.

O território, a partir dos anos de 2010, oportunizou a releitura e o levantamento de pós-memórias.³⁰ Após ter localizado alguns testemunhos sobreviventes do passado, personagens de novas gerações foram priorizados, a partir da hipótese de que o vínculo entre gerações é uma forma específica de transmissão de experiências. Para descortinar as vivências intergeracionais, o conceito de pós-memória, inspirado em Hirsch, foi de grande valia para a análise de depoimentos orais e de fotos dos descendentes, cujo conteúdo provinha da herança e da forma como os ensinamentos são transmitidos entre gerações.

As sensibilidades colhidas por meio de memórias e pós-memórias refletiram subjetividades, valores e sentimentos dos entrevistados. Nas imagens contidas nas pós-memórias, percebe-se que, para a transmissão de determinados valores, não se fez necessário o uso de narrativas, pois as sensações e as emoções nas relações cotidianas dão conta da transmissão de determinadas práticas. No vai e vem das lembranças entre as gerações, a memória e a imaginação são mescladas.³¹ As narrativas das novas gerações são montadas com imagens e histórias dos ascendentes e expressam a forma como se identificam e como as práticas são reativadas. Pollak³² aponta os acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos “vividos por tabela”:

[...] ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram bastante relevo.³³

30 Hirsch, 1997.

31 Bachelard, 1974.

32 Pollak, op. cit.

33 Pollak, op. cit., p. 201.

Assim, as experiências de proprietários de padarias e cantinas demonstram a relação intergeracional presente em suas práticas culturais, o que significa que muitos dos saberes são vividos “por tabela” e vivenciados em diferentes temporalidades. As trajetórias de vida de descendentes de imigrantes oferecem perspectivas para entender que o saber-fazer conecta referências pretéritas com o contexto presente no território do Bixiga, transformando-as em herança a ser preservada.

As padarias de famílias italianas surgiram no final do século XIX e início do século XX, quatro delas (Basilicata, Italianinha, 14 de Julho e São Domingos) se mantêm hoje nos mesmos lugares onde foram fundadas, dando continuidade aos produtos e receitas herdadas dos ascendentes. As entrevistas revelam a forma como os distribuidores de produtos alimentícios se encarregavam de atender a seus clientes pela manhã ou madrugada; a entrega de pães, por exemplo, no passado, era feita com a ajuda de carroças. O napolitano Domingos Laurenti comprou, em 1929, a Padaria Basilicata, que fora fundada em 1914. Em uma fala, em 1980, ele relembra a atmosfera dos anos de 1940:

Quando eu era moço, aqui havia muita serenata, eu saía de madrugada para entregar pães e encontrava colegas ainda cantando pelas ruas. Quando as cantinas não eram de luxo, funcionavam nos porões. Naquele tempo se entregava o pão de carrocinha.³⁴

Hoje, seus sobrinhos-netos contam sobre os sucessos e sobre a modernização que se realizou na Padaria, conservando as tradições e o aprendizado transmitido pela família.

34 Domingos Laurenti, entrevista cedida em 1980.

A Padaria 14 de Julho se proclama Patrimônio de São Paulo e aponta como marca o *legítimo pane d'Italia*. As embalagens dos produtos trazem a frase de Alexandre Franciulli³⁵, proprietário e representante da quarta geração: “Em 1897 *nostro nono* carregava de carroça nossos pães. A carroça se foi, mas a receita do pão ainda é a mesma”. Ele conta ainda que seu filho, representante da quinta geração, com dezenove anos, já se prepara para ser o seu sucessor e, para tanto, cursa Gastronomia.

Figura 9 Padaria Italianinha, 2019



Fonte: acervo próprio.

Os comerciantes de ascendência italiana, que têm interesse em manter o sucesso de seus negócios, ressignificam os traços ítalo-brasileiros, no intuito de preservar a imagem peninsular do Bixiga de outrora. O território, uma vez sinalizado enquanto

35 Frase de Alexandre Franciulli nas embalagens de produtos da Padaria 14 de Julho em 2019.

espaço italiano, passa a ser uma proposta para atrair o visitante. Não só padarias mas também as cantinas remetem às histórias das famílias do passado. As mais antigas são hoje administradas por pessoas da terceira, quarta e quinta gerações, que desejam manter a memória familiar e territorial por meio dos sabores herdados dos ascendentes.

Algumas cantinas também realizam a transferência da herança cultural entre gerações. A Cantina Roperto, por exemplo, traz o nome da família. Caetano Roperto, em 1899, ao chegar a São Paulo, se dedicou à loja de venda de vinhos, azeitonas, linguiça e aliche no centro da cidade. “Os empórios se constituíram como espaço de convivência, lugar para jogar cartas, tocar sanfona e beber vinho”, explica Afonso Luiz Roperto³⁶ sobre o negócio de seu tio-bisavô.

Na memória dos comerciantes, as décadas de 1940 e 1950 foram um momento especial para a instalação de restaurantes, e o Bixiga, um território apropriado para esse empreendimento. As cantinas eram frequentadas por diferentes grupos, atores, músicos, seresteiros, jogadores de futebol, políticos, moradores e visitantes. A concentração de italianos permitiu uma produção artesanal e caseira de massas, molhos e pães. As *mammas* (mães italianas) eram mulheres com grande habilidade na cozinha, assim como as *nonas* (avós).

Afonso Luiz Roperto³⁷ reforça a questão geracional como forma de manutenção do negócio familiar: “A primeira cozinheira da cantina, em 1941 foi minha avó. Meu avô o primeiro administrador. Minha filha Bianca, que trabalha na cantina é a quinta geração na lida diária por aqui.”

36 Afonso Luiz Roperto, entrevista cedida em 28/06/2012.

37 Afonso Luiz Roperto, op. cit.

Ele ainda exhibe fotos e, ao dar explicações sobre os retratados, apoia-se em narrativas vivenciadas e transmitidas entre as gerações e em vestígios dos familiares protagonistas nos retratos expostos na parede da cantina. Roberto chama a atenção para uma foto, registrada em 1955 – dois anos antes de seu nascimento –, da família reunida em frente à cantina. O núcleo familiar é o espaço da transmissão da memória por excelência, bem como o núcleo econômico. A geração é uma peça importante da engrenagem do tempo. E essa é uma noção fecunda para a análise histórica e as respirações do tempo.³⁸

A escola de samba Vai-Vai aglomera milhares de foliões e mantém seu efeito geracional, preservando em sua organização descendentes e familiares dos sambistas do passado. Kelly, neta de Iracema – uma das fundadoras da escola, em 1930 –, confirma que o samba acompanha várias gerações de famílias da origem do cordão. Kelly³⁹ declara:

Participo da Vai-Vai desde a ala das crianças, é muito gratificante. O que mais marca é fazer todas as tarefas antes de ir para avenida. Na avenida (no momento do desfile) o detalhe do tempo, não pode correr, não pode parar, é uma emoção. É uma coisa maravilhosa! E toda vez eu dedico essa emoção a minha avó.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual, quanto coletivo e é um fator importante nos exercícios de continuidade de determinadas práticas familiares e grupais. A identidade é um fenômeno que se produz em

38 Sirinelli, 1996.

39 Kelly Aparecida da Silva, entrevista cedida em 10/03/2012.

referência aos critérios de aceitabilidade e credibilidade. “Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas”.⁴⁰ A geração pode ser entendida como um fato cultural derivado da autorrepresentação, ou seja, o sentimento de pertencer.⁴¹

PAISAGENS RESSIGNIFICADAS

A paisagem é uma representação social e simboliza a consciência do pertencimento local. A paisagem, “ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência”.⁴² Berque⁴³ alerta que a paisagem pode ser vista enquanto marca, pode ser experimentada, valorizada por sua utilidade e estética. Enquanto matriz, ela determina o olhar, a valoração.

A ressignificação cultural atribui novas funções e interpretações aos espaços, às paisagens, aos locais. A ressignificação atribui novas importâncias, novos olhares e prazer às pessoas. Os espaços e paisagens estão em constante mudança. Em bairros étnicos, por exemplo, os habitantes mudam, e as paisagens compartilham dessas mudanças.

Representações são construídas realizando a ressignificação dos repertórios culturais, a fim de assegurar, justificar e reforçar a representação identitária do bairro. As paisagens no Bixiga são ressignificadas sob um imaginário denominado patrimônio. Nesse sentido, o casario e as manifestações culturais caracterizam o “espírito do bairro”, e os festejos, a culinária, o presunto e o provolone pendurados no teto de uma cantina, uma vestimenta, uma alegoria, um instrumento de escola de samba, os labirintos das casas coletivas, os ateliês de artesãos, as canções, os ritmos

40 Pollak, op. cit., p. 204.

41 Sirinelli, op. cit.

42 Berque, 1998, p. 86.

43 Berque, op. cit.

das músicas, as sutilezas dos mercadinhos com espaço para jogo de dominó, as roupas expostas em brechó, os móveis exibidos em antiquários, os teatros e casas de cultura, tudo isso se transforma em verdadeiros monumentos, com suas ramificações que penetram a rede da vida cotidiana.

Figura 10 Casa de Dona Yaya, anos de 1980



Fonte: acervo próprio.

Muitos casarões estão em processo de recuperação, ou seja, estão em processo de requalificação de acordo com os parâmetros

da Lei Moura.⁴⁴ Existem os que já foram salvos, como é o caso da casa de D. Yayá, que foi agregada ao patrimônio da Universidade de São Paulo e transformada em centro cultural. Esse é um espaço que agrega projetos de investigação, de exposições e de *shows* musicais. A Vila Itororó, situada entre Rua Martiniano de Carvalho e Avenida Vinte e Três de Maio, passa por uma recuperação e será transformada em um espaço cultural, para adentrar no “espírito do bairro”.

O Movimento Bela Vista abre espaço para artistas e atores desenvolverem trabalhos diferenciados, enquanto ONGs e entidades se articulam em redes e lutam por um Plano de Bairro. O Bixiga está hoje inscrito nos embates da política de cidade grande. Além de ser um espaço de contrastes, com largas avenidas, tráfego intenso e espaço urbano composto de blocos de arranha-céus, emoldurados por simpáticos casarões, é também uma paisagem portadora de sentimentos e de memória, com a presença de ruelas tranquilas, que fazem lembrar os cenários do início do século passado.

Os valores multiculturais atravessam os territórios do Bixiga que estão fortemente sinalizados por divergências sociais e culturais; são histórias que registram caminhos cruzados. Ao lado de inúmeras construções deterioradas na região, observa-se um forte espírito de preservação na Rua Treze de Maio e a manutenção da elegância no alto Bixiga, nas ruas dos Ingleses e dos Franceses. Da mesma forma que outrora, porém, agora, com maior nitidez, percebem-se as diferenças sociais.

As casas de cultura e os teatros investem na realização de projetos com preços populares, propiciando espetáculos de

44 Lei Moura, uma lei municipal de 1991, por meio da qual a Secretaria da Prefeitura de São Paulo exige padrões mínimos em habitações coletivas de aluguel.

excelência aos diversos segmentos da população. Além disso, grupos musicais investem na criação de eventos. Dentre eles, o Grupo Madeira de Lei, que promove o Programa “Samba na Treze”, às sextas-feiras à noite, aglomerando os adeptos de samba de rua em frente à Igreja Achirópita. A Câmara Municipal acatou, em primeira votação, o PL 473/2018, de autoria de Toninho Vespoli, tornando o samba da Treze patrimônio imaterial da cidade de São Paulo. Jaime Souza, por sua vez, desde 2014, promove noites de jazz na Rua Treze de Maio, junto à Escadaria, e vem atraindo um outro público para a noite do Bixiga.

Figura 11 Madeira de Lei, Samba na rua, 2016



Fonte: Foto de Fábio Bitelli (2017).

O território hoje é um espaço emblemático, mais turístico, menos italiano, mais paulistano; muitos descendentes dos imigrantes já não vivem mais no Bixiga. Os familiares de italianos, que adquiriram melhores condições econômicas, buscaram novos locais para viver, porém mantêm seus negócios no bairro. As casas coletivas e os cortiços oferecem moradia para migrantes norteados e de outras regiões do país que buscam abrigos, na maioria das vezes, na perspectiva de subempregos, aspirando encontrar uma vida melhor ou diferente e, uma vez instalados, eles procu-

ram estabelecer espaços de convívio, selecionar bares e forrós como ponto de encontro, conseguir empregos nas proximidades, assinalar marcas culturais. Por meio de alguns traços, sua presença é cada vez mais identificada.

Contudo, por conta da forte divulgação construída pela mídia, o bairro continua a atrair visitantes em busca de sua gastronomia e festejos afro-italo-brasileiros. A sua memória é inventariada por meio da literatura musical, e o legado cultural de encenações encontra-se nos teatros, na feira de antiguidades, na festa da Achirópita, nos ensaios da Escola de samba Vai-Vai e em diversos espaços culturais.

Essas práticas exibem uma maneira própria de estar no mundo, e o calendário das festas proporciona a repetição das celebrações. Diante da preocupação de reconhecimento da localidade, por meio de esforços da imaginação, surge uma “tradição inventada”, como o bolo de celebração do aniversário de São Paulo, uma prática de natureza simbólica, que visa inculcar valores e comportamentos por meio da repetição, o que implica uma continuidade com relação ao passado.⁴⁵ Dessa maneira, a legitimidade do bairro como protagonista de manifestações se associa às experiências populares e a alguns tipos de práticas e exercícios de identidade cultural.

Possuir identidade cultural é, portanto, a manutenção de um cordão umbilical, que faz a ligação entre passado, futuro e presente, em uma linha ininterrupta. “Esse cordão umbilical é o que chamamos de tradição”.⁴⁶ As identidades moldam imaginários e conferem significados e ressignificados às vidas e dão sentido à história local.

45 Hobbsawn, 1984.

46 Hall, op. cit., p. 29.

“Os seres humanos usam seus símbolos, sobretudo, para agir e não somente para se comunicar. O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir”.⁴⁷ No Bixiga, essa categoria faz a mediação entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre sagrado e profano, entre seres humanos e divindades.

Ainda, vale salientar a capacidade das vivências sociais de perpassarem o tempo, de serem ressignificadas e de manterem suas fortes relações com o contexto. Com o passar do tempo, as construções de representações realizam ressignificações dos repertórios culturais a fim de assegurar e reforçar a identidade territorial. As especificidades de tais experiências tornam-se centrais para a compreensão das representações sociais, no sentido de transformar as práticas em marcas territoriais. Essas marcas permitem capitalizar vantagens conquistadas e também preparar cenários futuros e alcançar um reconhecimento de sua validade, mesmo levando em consideração que as circunstâncias são sempre variáveis.

Sensibilidades rondam o lugar, fazendo com que elementos do passado se tornem importantes. São relíquias visuais, verbais, histórias justapostas em uma colagem ou em bricolagem, articuladas por códigos, constituindo enigmas instigantes a serem decifrados. O território do Bixiga é hoje um espaço que é produto de ações históricas, de momentos distintos, de tempos sobrepostos e gera diferentes paisagens.⁴⁸ As ações estão ali enquanto memórias, práticas culturais e simbologias em estado de quebra-cabeça à espera de infinitas interpretações.

47 Gonçalves, op. cit., p. 27.

48 Saquet, op. cit.

Figura 12 Território do Bixiga: pontos de identificação



Fonte: Google Maps. Editado por Fábio Bitelli (2019).

ENTREVISTADOS:

Giovanni Pinto, entrevista concedida em 28/07/1982.

Roberto Fioravanti, entrevista concedida em 19/03/1982.

Domingos Laurenti, entrevista concedida em 1980.

Afonso Luiz Roberto, entrevista concedida em 28/06/2012.

Kelly Aparecida da Silva, entrevista concedida em 10/03/2012.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Jan. Collectiv memory and cultural identity. **New German Critique**, n. 65, p. 125-33, 1995.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. *In: Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, v. XXXVIII, 1974.

BERQUE, Augustin. Paisagem, marca, paisagem matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. *In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.) Paisagem tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

BITELLI, Fábio Molinari. **Dimensões da hospitalidade nas manifestações culturais do Bixiga, São Paulo/SP**. 2017. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2017.

BIXIGA. Disponível em: pt.m.wikipedia.org/. Acesso em: 28 ago. 2020.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1983.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**, artes de fazer. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

COLLAÇO, Janine Leicht. O bairro do Bixiga: restaurantes e cozinha italiana. *In: HIKIJI, Rose Satiko; SILVA, Adriana de Oliveira. (org.). Bixiga em artes de ofícios*. São Paulo: CPC-USP/Edusp, 2014.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário.(org.) **Memória e patrimônio, ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GOODEY, Brian. Interpretação e comunidade local. *In*: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina. **Interpretar o patrimônio, um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Editora UFMG/ Território Brasília, 2002.

GRUNSPUN, Haim. **Anatomia de um bairro: o Bexiga**. São Paulo: IBRASA S/A, 1983.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, Editora UFMG, Brasília: UNESCO/ Brasil, 2003.

HIRSCH, Mariane. **Family frames: photography narrative and postmemory**. Havard University Press, 1997.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. *In*: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LUCENA, Célia. **Bixiga revisitado**. São Paulo: IBRASA, 2013.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, espaço de identidade. *In*: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Saverio (org.). **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-graduação em Geografia, 2009.

MORENO, Júlio. **Memórias de Armandinho do Bixiga/Júlio Moreno**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1996.

MUMBI – Museu Memória do Bixiga. Disponível em: <https://www.facebook.com/mumbixiga/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUAINI, Massimo. **Marxismo e geografia**. Firenze: La nuova Itália, 1974.

SAMBA DA TREZE. Disponível em: <https://sambadatrece.org.br> . Acesso em: 23 ago. 2020.

SILVA, Egydio Costa. **História da fundação dos bairros do Bexiga e do Bixiga**. São Paulo: RG Editores, 2015.

SÃO PAULO (Município) Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. Resolução n. 22/2002 do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/49c99_22_T_Bairro_da_Bela_Vista.pdf. Acesso em: 14 jan. 2020.

SIRINELLI, Jean -François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org). **Usos & abusos de História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Saverio (org). **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-graduação em Geografia, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de . “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Saverio (org.). **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-graduação em Geografia, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.



CÓDIGOS, LETRAS E MÚSICAS ANUNCIAM O BIXIGA

Célia Toledo Lucena



ESPAÇO VIVIDO E SINALIZADO

Pensar em território remete à realidade física e social, e também a códigos. O espaço do Bixiga reflete hoje uma identidade simbólica, e muitos são os símbolos que dão o tom da polifonia existente no pedaço: o casario, a gastronomia, a religiosidade, os festejos e a musicalidade.

Com o passar do tempo, o lugar registrou uma sinalização especial. Assim, a identidade e os espaços se relacionam transformando os traços culturais em códigos. “Isso significa que o espaço urbano, para além de sua existência física e material, é um código. Quando se fala em territorialidade, está-se falando simultaneamente de realidade física e de código, código-território”.¹

O Bixiga adquire uma dinâmica própria, por meio da convivência e do acolhimento. A partir dessa perspectiva, a repetição provoca engajamento do corpo do usuário no espaço público até exercer aí uma apropriação.² Vale o olhar do morador, do investigador e do visitante ser aguçado para as questões e preocupações do lugar, para ampliar sensibilidades e possibilidades no que se refere à interpretação do espaço, para elaborar planos de estudo e articular parcerias.

Os fragmentos de história presentes no Bixiga formam ilhas dentro de uma metrópole. Os adeptos do passado aparecem nos momentos de comemoração e buscam revitalizar e imortalizar sua história. Para isso, reivindicam uma identidade local como contraponto às grandes homogeneidades da megalópole. Dessa forma, quanto mais essas ilhas são defendidas por associações de fiéis, mais seduzem os nostálgicos que, se apegando à memória, incentivam as permanências, utilizando-se de inventivas que ressignificam determinadas práticas.

1 Rolnik, 1992, p. 28.

2 Mayol, 1998.

O ato de caminhar, de ouvir sons, músicas e letras, de experimentar sabores e decifrar códigos é a tarefa do *flâneur*³, do visitante ou do estudioso interessado em descortinar as inúmeras frestas que se abrem para o conhecimento do espaço da cidade.⁴ “A cidade deve nos mostrar cenas nas quais nós mesmos nos encontramos e que nos revelam o sentido da vida”.⁵ A tarefa do *flâneur* no Bixiga, portanto, é visualizar o espaço cheio de possibilidades por suas interações, manifestações, passagens e becos. O passado e a memória incentivam os olhares.

O foco metodológico aqui aponta para a análise de letras musicais e de práticas culturais vividas e lembradas pelos grupos, a interpretação das múltiplas interações existentes entre os grupos sociais presentes no espaço. O território está carregado de histórias, de representações que exprimem experiências e subjetividades. Seria o que Pesavento⁶ nomeia como “evidência do sensível”. As representações contidas na territorialidade são evidências e, como já foi dito, reforçam a ideia do espaço da cidade entendido como uma fonte de investigação.

O espaço da cidade pode ser uma fonte, da mesma forma que um arquivo, um registro, um inventário. Ele funciona como uma fonte na medida em que se lê. As pessoas que se dispõem a fazer passeios etnográficos, jornalísticos, musicais, gastronômicos e turísticos devem estar atentas para perceber como os distintos grupos, com alma ligada aos múltiplos territórios contidos em um

3 A multidão é o véu que dá uma piscada ao *flâneur*. Nesse véu a cidade aparece como passagem e como vitrine. Walter Benjamin, inspirado em Baudelaire, aponta a vitrine, o mercado e a loja de departamento como ponto final do *flâneur*. No Bixiga, o *flâneur* se propõe passar pelas frestas e pelos espaços escondidos para decifrar seus códigos. (BENJAMIN, 1984).

4 Lucena, 2013.

5 Matos, 1982, p. 49.

6 Pesavento, 2005.

mesmo espaço, estabelecem sinais na urdidura dessa trama chamada Bixiga. Com base na sinalização instalada no Bixiga, pode-se aventar a retomada dos modos de viver. O protagonista, valendo-se de sua própria história, elege referenciais para suas práticas.

São muitas as músicas que vêm ao longo do tempo abrindo caminho para interações culturais, dando ao espaço urbano a conotação de território musical. Os múltiplos vínculos estabelecidos com o espaço por meio de marcas, uma vez reforçados na literatura musical, estimularam e perpetuaram a relação sujeito e espaço-tempo. As marcas fazem o território, ou seja, o território não existe anteriormente ao processo social e coletivo que o produziu.⁷ O espaço vivido é o território. E o vivido passa a ser conteúdo de letras, e as músicas criam um inventário do lugar.

Entre os inúmeros testemunhos que possibilitam um sensível “olhar à cidade”, a música é um dos documentos priorizados aqui para compreender o processo que reforçou a ideia do Bixiga enquanto espaço acolhedor da música paulistana. Parte-se de uma perspectiva que considera que os saberes estão carregados de musicalidade.

Dessa maneira, a música é entendida como uma fonte documental capaz de mapear e inventariar contextos históricos e sociais. A literatura musical, em investigação qualitativa, é considerada um valioso testemunho. As letras fazem parte do elenco da musicalidade cultivada nas ruas do Bixiga. Assim, os autores das respectivas letras e músicas participaram da construção identitária e registraram a ideia do espaço como marca, como assinatura.

7 Rolnik, op. cit.

Figura 1 Músicos: Daniel, Edson, Namur, Antonio, Sérgio, Zezinho (início dos anos de 1980)



Fonte: Foto de João Tibicherani. Arquivo: Madeira de Lei.

Fez parte da proposta deste artigo ampliar o diálogo com os protagonistas e, por meio de vivências e de lembranças, procurar entender alguns enigmas “do bairro que o povo canta seu próprio bairro”. Nesta tarefa de investigação, em estilo *flâneur*, diferentes grupos foram ouvidos, e uma conversa sobre as marcas culturais introduzidas na literatura musical se estabeleceu. Assim, esta pesquisa buscou entender determinados códigos que embasam a conotação de espaço sonoro.

A MEMÓRIA INVENTARIADA PELA LITERATURA MUSICAL

A memória do Bixiga, uma vez movida e inventariada por meio de literatura musical, caminha junto com a reconstrução permanente do espaço. As suas práticas visam a exibir uma maneira própria de estar no mundo, de significar simbolicamente um estatuto, permitindo o fácil reconhecimento de uma identidade sociocultural que, ora enfatiza o italiano, ora o negro, em um jogo que acompanha o

calendário das festas locais. Assim, investigar suas tramas implica no conhecimento das práticas que, por sua vez, conduz ao conhecimento das temporalidades e da duração das próprias práticas.

Para Amorim⁸, “a identidade do Bixiga é a mistura do italiano com o negro, da festa da Achiropita e do samba de raiz”. Ele concorda que a música tem um papel importante e afirma que o “Bixiga é o único bairro de São Paulo que o povo canta o próprio bairro”.

Já, Paulo Santiago⁹, do Museu do Bixiga, explica:

A musicalidade é desde o começo. A região da Vai-Vai era um quilombo e os negros são musicais. Aqui foi reduto de samba e capoeira. Os italianos chegaram, por sua vez, são musicais. Os nordestinos também são altamente musicais. Quem anda no Bixiga à noite, ouve um forró aqui, uma música italiana ali, em uma cantina e samba na rua.

Os territórios do Bixiga, no decorrer dos anos de 1930 e 1940, foram marcados por experiências intensamente vivenciadas por vários protagonistas, dando origem a festejos, rituais, procissões, serestas, *footing*, cinemas, teatros, bares, cantinas e conversas em esquinas. O ano de 1926 é o marco da celebração da festa de Nossa Senhora Achiropita na Rua Treze de Maio. Em 1930, o cordão carnavalesco sai pelas ruas do Bixiga, trajando fantasias livres, compostas nas cores pretas e brancas, sendo tema do desfile: **São Paulo**.

Bruno¹⁰, do Café Sabelucha, afirma que a manifestação musical é fomentada e aponta a Vai-Vai como incentivadora dessa prática:

8 Amorim, proprietário do Bar Amorim, entrevista cedida em 16/08/2019.

9 Paulo Santiago, Museu Memória do Bixiga, entrevista cedida em 10/10/2019.

10 Bruno, proprietário do Café Sabelucha, entrevista cedida em 24/07/2019.

A Vai-Vai sempre teve essa preocupação de colocar o bairro em evidência. A Vai-Vai é nascida da questão afro. Essa musicalidade é espontânea, nascida no Quilombo da Saracura. A Vai-Vai faz parte dessa origem do samba na Saracura.

Dessa maneira, a Vai-Vai abre caminho nos processos de territorialização e de identificação. Para o sambista Fernando Penteado¹¹, “Ser Vai-Vai é algo mais”. A sambista Dona Penha¹² acrescenta:

Tenho 43 anos de Vai-Vai e 90 de idade (...). Já lavei quadra, fui do Conselho, fui Diretora Social, já fiz tudo que tinha que fazer aqui (...) fiz tanta coisa que adorei nesse Vai-Vai (...). Sou Vai-Vai, não deixo minha escola por nada, sou Vai-Vai até morrer” (Dona Penha, 2019).

O bairro, já nos anos de 1930, passou a ser movido à música, desde os ensaios dos folguedos do carnaval às serestas, contando, ainda, com bandas de músicas italianas que abrilhantavam o festejo da Madona Achiropita. Salvador Risaffi¹³ lembrou da animação das festas em tempos passados:

Na festa da Achiropita havia a apresentação de bandas. Existia uma rixa entre as bandas. Do lado da Igreja ficava a banda dos italianos, que tocava música italiana. Do outro lado, a banda dos brasileiros com samba e chorinho.

11 Fernando Penteado, sambista da Escola de Samba Vai-Vai, entrevista cedida em 3/11/2019.

12 Dona Penha, sambista da Vai-Vai. Escola de samba Vai-Vai: Eu sou Vai-Vai: Dona Penha. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/vaivaioficial/videos/tbt90anos-ela-tem-90-anos-de-vida-e-43-de-vai-vai-ela-j%C3%A1-fez-tudo-o-que-voc%C3%AA-pos/461939298003073/> Acesso em: 7 nov. 2019

13 Salvador Risaffi, morador do bairro, entrevista cedida em 1980.

A narrativa de Risaffi¹⁴ já aponta a presença de musicalidade nos festejos de outrora. Desde os tempos dessa lembrança, os bares, as cantinas, as sapatarias e as barbearias do Bixiga passaram a representar espaços de encontro de boêmios, de músicos, seresteiros, futebolistas e atores de teatro. Cada um com a oportunidade de escolher um espaço.

O bar foi escolhido como ambiente da fantasia, da celebração, da comemoração e das lamentações, assim como do discurso pelo discurso. Por meio de cantinas e pizzarias, cada grupo selecionou seu ponto de encontro na noite do Bixiga e também na noite paulistana. Assim, diferentes grupos adeptos da musicalidade, da seresta e da vida noturna se apropriaram do espaço.

Guinho¹⁵, da Vai-Vai, comenta:

O Bixiga é totalmente musical. É o berço de uma das maiores escolas de samba. Daqui surgiram músicos, músicas, sambistas e compositores. É o samba, o rock, os nordestinos têm o forró. Nas casas e pensões os moradores estão sempre ouvindo música. Agora, tem o jazz, é um ritmo que remete muito à música negra. O jazz nos agrada muito (Guinho, 2019).

Namur¹⁶, do Madeira de Lei, quando interrogado sobre as músicas registrarem a história do próprio território, responde: “Isso veio desde o Henricão, já retratava o Bixiga, quem continuou isso foi Geraldo Filme”. Assim, as letras da música de Tino e Henricão, nos anos de 1930, quando a Vai-Vai era ainda cordão, e, a seguir, as letras de seresteiros, compositores e sambistas, como

14 Salvador Risaffi, op. cit.

15 Guinho, baterista da Escola de Samba Vai-Vai, entrevista cedida em 18/10/2019.

16 Namur, Madeira de Lei, entrevista cedida em 12/10/2019.

Roberto Fioravanti, Adoniran Barbosa, Geraldo Filme e tantos outros, cultuaram o Bixiga, aguçaram significação, percepção e construção de territorialidade. A Vai-Vai se lança às ruas com uma canção muito significativa, letra e música de Tino, cantada nos tempos que ainda era cordão:

Quem nunca sambou na vida

Primeira vez, porventura

É o Vai-Vai do Bixiga

Orgulho da Saracura [...] ¹⁷

As letras das músicas funcionaram como uma chamada aos sambistas, boêmios, visitantes para participar do samba da Vai-Vai e frequentar o território. A letra de Tino registra a forma encontrada pelo grupo afrodescendente de buscar visibilidade. O barulho provocado pelos sambistas na Saracura dá início a um campo de cultura musical no “pedaço”. Henricão, em uma de suas marchas, referenda a ideia de que o Vai-Vai é um bloco que proporciona alegria: “Quem vive aborrecido se distrai no grupo carnavalesco do Vai-Vai”.¹⁸

Já nas primeiras décadas do século XX, códigos e marcas de identificação foram instalados nos territórios do Bixiga. As maneiras de frequentar e de se apropriar dos lugares, os mil modos de instaurar a lógica de uma cartografia das relações sociais noturnas caminharam junto com a definição de um espaço carregado de histórias e de memórias. Iniciada a privatização do espaço público, o qual é objeto de muitos saberes e leituras, metáforas qualificam e partilham a paisagem, estabelecendo vínculos com o sensível.

17 Samba enredo da Vai-Vai. Disponível em: <www.vagalume.com.br/Vai-Vai>. Acesso em: 10 out. 2019.

18 Samba enredo da Vai-Vai, op. cit.

De 1928 a 1940, período áureo das serenatas, as canções revelam os vínculos dos boêmios e os sentimentos por suas musas inspiradoras. Segundo Scaramuzza¹⁹:

As serenatas eram o namoro de antigamente. Juntavam, nas noites de sábado, com violão e outros instrumentos e iam debaixo das janelas das casas das namoradas para cantar a elas. Nas noites de sábado, juntavam-se jovens com violões e mais instrumentos e iam junto das janelas das casas das namoradas para cantar.

O espírito artístico, musical e poético introduzido no Bixiga começa a atrair personagens de outras regiões da cidade. Muitos atores e músicos viviam no bairro. O que prevalecia eram os sambas mais lentos, similares ao bolero, e os sambas-canções centrados na dor de cotovelo. Muitos desses sambas foram criados por compositores em mesas de bares. A crescente urbanização, o aumento da população e a interculturalidade/musicalidade propiciam, ao frequentador do Bixiga, a oportunidade de desempenhar um papel de boêmio. Dessa forma, o bairro passa a ser espaço da boemia paulistana.

19 José Scaramuzza, morador do bairro, entrevista cedida em 30/03/1982.

Figura 2 Seresteiros no Bixiga: década de 1940



Fonte: Arquivo MUMBI

Roberto Fioravanti, o seresteiro da saudade, entrava pelas ruelas, vielas e ruas estreitas, tocando e cantando enquanto as janelas se abriam. Fioravanti²⁰ enaltece o bairro em:

Velho Bixiga
Que me viu nascer
Velho bairro
Que me viu crescer
Brincar, sonhar, cantar
Com saudade

20 Roberto Fioravanti, seresteiro, entrevista cedida em 19/03/1982.

A velhice chegar
Ruazinhas, casas modestas
Na lembrança as festinhas
Lindas serestas [...]

Fioravanti²¹ não estava sozinho, eram muitos os participantes dessa atividade boêmia. Os compassos eram marcados pelos colossais acordeões e violões. Ele ainda trabalhou no programa Hora da Saudade, na Rádio Difusora, no período de 1934 a 1935.

As Rádios Cultura e Tupi deram oportunidade ao início de carreira artística de muitos que tiveram passagem pelo Bixiga, como Agostinho dos Santos, Antonio Rago, Orlando de Alencar, Francisco Petrônio e outros. Assim, letras, melodias, harmonias, ritmos acompanharam os moradores, frequentadores, sambistas e visitantes.

A música já era parte do lugar, iniciava ao anoitecer, culminava na noite alta e se encerrava no alvorecer do novo dia. Música e letra, poesia e voz acompanharam a história do Bixiga, anunciando o território de forma contagiante.²² Diferentes grupos, por meio da musicalidade, foram insinuando esse espaço como um bairro sonoro.

O Bixiga, desde cedo, destacou-se, singularmente, como um espaço musical e ainda “falante”, por meio das tramas e redes de relações estabelecidas entre os distintos grupos, os quais são a alma no bairro. Fioravanti²³, o poeta-calabrês, em seus versos, anunciava as práticas italianas, religiosas, boêmias e lúdicas.

Os exercícios compartilhados funcionaram como estratégias de um sistema articulado entre as populações.²⁴ A musicalidade no Bixiga funcionou como espaço gerador da música paulistana.

21 Roberto Fioravanti, op. cit.

22 Lucena, 2016.

23 Roberto Fioravanti, op. cit.

24 Lucena, op. cit.

Muita música lírica, como árias de Rigoletto e de Aida, ambas de Verdi, eram ouvidas. Já nas primeiras décadas do século XX, músicas, sambas, poesias, tangos, chorinhos, blocos carnavalescos e serestas tomaram conta do território.

Em uma pesquisa realizada na primeira metade do século XX²⁵, investigadores se defrontaram com rádios e instrumentos musicais (violões, clarineta e cavaquinho) nas residências do Bixiga. O seresteiro Roberto Fioravanti²⁶ confirmou: “os instrumentos usados nas serestas eram: violão, violino, bandolim, flauta, cavaquinho e clarineta”.

O sambista Pé Rachado²⁷ acrescentou informações:

Na casa de Benedito Sardinha ficavam guardados os instrumentos [...]. Na Vai-Vai nunca usamos instrumento de choro, embora nas serestas fossem frequentes. O único instrumento de sopro verificado no Cordão foi o clarim. A base eram o bumbo, a caixa e a caixa carioca. Depois foi incluído o prato.

Nas poesias, letras de músicas de seresteiros e de samba-enredo, os autores têm condição de entender o lugar como objeto de reconhecimento. Assim, as letras assinadas exprimem os sentimentos de estar e de se apropriar do território.

Osvaldinho da Cuíca, em 1975, fundou a Ala de Compositores da Escola de Samba Vai-Vai e deu à agremiação a sua primeira estrela com o samba, de sua autoria, “Na Arca de Noel quem entrou não saiu mais”, o qual ganhou o primeiro carnaval da escola em 1978. Também foi de Osvaldinho, com o seu samba “Orum Ayê o

25 Pierson, 1944.

26 Roberto Fioravanti, op. cit.

27 Pé Rachado, sambista da Escola de Samba Vai-Vai, entrevista cedida em 15/04/1982.

eterno amanhecer”, o primeiro bicampeonato da Vai-Vai, em 1982, e o primeiro tricampeonato, em 1988, com o samba “Amado Jorge a História de uma Raça brasileira”. Ele foi o responsável por introduzir as alas de Cuíca e de Frigideira na bateria da escola.

Sobre isso, Osvaldinho²⁸ avalia:

O Vai-Vai estava mudando para escola de samba e ainda era um cordão batucada-pesada, criei a ala de frigideira, tamborim, cuíca, ala de compositores, formei com todos os rituais e cerimonias do samba carioca. Já tinha trocado porta-estandarte por porta-bandeira, balizas pelo mestre-sala. Puxava samba com cavaquinho e pandeiro. Antes era surdo socado.

Adoniran Barbosa se transferiu para São Paulo no início da década de 1930 e era uma espécie de cantor ambulante. Ele se considerava compositor de “sambas de mascates”. O cantor e compositor buscou trabalhos diversos, mas o que queria mesmo era conquistar um programa no rádio. Em seu repertório sobre a cidade de São Paulo, na década de 1960, não deixou de homenagear o bairro em uma de suas melodias:

Um samba no Bixiga

Domingo nós fumo num samba no Bixiga

Na Rua Major, na casa do Nicola

À mezza notte o'clock

Saiu uma baita дума briga

Era só pizza que avuava

Junto com as brachola [...] ²⁹

28 Arquivo Museu Memória do Bixiga (MUMBI)

29 Um samba no Bixiga. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/adoniran-barbosa/188522/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

Figura 3 Adoniran Barbosa no Bixiga, em 1978



Fonte: Arquivo MUMBI.

Na metade do século XX, velhas edificações deram lugar à especulação imobiliária. Por conta disso, muitos casarões, vilas e vielas foram destruídos, e a construção da ligação Leste/Oeste colocou abaixo inúmeras casas; depois, com o Viaduto do Café e o alargamento das ruas João Passalacqua e Rui Barbosa, as alterações foram consolidadas. O bairro da Bela Vista foi rasgado ao meio, separando amigos, serviços e impedindo as brincadeiras e atividades da meninada nas ruas. Assim, o urbanismo, em um

passado recente, dividiu o bairro, construindo avenidas e viadutos e iniciando o processo de verticalização do Bixiga.

O compositor e sambista Geraldo Filme, em sua melodia **Tradição**, retrata as mudanças sofridas no território. A sua letra remete às mudanças que o espaço urbano sofreu em meados do século XX e, nos dias atuais, caracteriza-se como uma melodia icônica, um forte cântico de invocação do Bixiga:

Quem nunca viu o samba amanhecer
Vai no Bixiga pra ver, vai no Bixiga pra ver
O samba não levanta mais poeira
Asfalto hoje cobriu o nosso chão
Lembrança eu tenho da Saracura
Saudade tenho do nosso cordão [...] ³⁰

Guinho, baterista e diretor da responsabilidade social da Vai-Vai³¹, afirma: “Geraldo Filme é um ícone. A sua música **Tradição** é o hino do Bixiga”.³² Os músicos do grupo Madeira de Lei, hoje entusiastas da manutenção do samba na rua, revelam o caráter musical e boêmio que caracterizava o Bixiga dos anos 1950 até o final de 1970. Namur³³ lembra:

Nasci na São Vicente, em frente à Vai-Vai. Cresci vendo Geraldo Filme, que é meu padrinho. Fiz parceria com Osvaldinho da Cuíca, com quinze anos ganhei o primeiro título da

30 Disponível em: www.letras.mus.br/geraldo-filme/763068. Acesso em: 15 out. 2020.

31 Diretoria de responsabilidade social da Vai Vai. São projetos oferecidos à comunidade, tais como: aula de percussão, de capoeira, de inglês, espanhol e reforço em disciplinas escolares.

32 Guinho, op. cit.

33 Namur, op. cit.

Vai-Vai, em 1978, enquanto escola. Noel Rosa era o enredo. Daí para cá, ganhei mais sete, porque compus e fiz enredos de músicas.

Reinaldo Moura³⁴, também do grupo Madeira de Lei, acrescenta:

Eu tinha dez anos e me apaixonei por batuque. Quando ouvia as pessoas cantando a música do Paulinho da Viola: Foi um rio que passou em minha vida, me apaixonei. Fiquei vidrado e, em 1973, com 13 anos, entrei na bateria da Vai-Vai. Em 1976, fui eleito diretor da bateria da Vai-Vai, ano de Solano Trindade.

São muitas as lembranças das representações do território do Bixiga enquanto espaço boêmio e sonoro. Muitas eram as casas de samba, boates e locais da noite. Entre as casas de samba, as mais lembradas são Teleco-teco, Balacubaco, Igrejinha, Catedral do Samba e Boca da Noite. Entre os músicos que circulavam, os mais lembrados são Roberto Luna, Agostinho dos Santos, Nelson Gonçalves e Adoniran Barbosa. Ainda, havia Benito Di Paula, pianista, que tocava na Catedral do Samba, casa noturna, que era um lugar emblemático e frequentado por grandes nomes da música paulistana.

Nos anos de 1980, os moradores traziam na memória a iluminação a gás, as serestas, os cordões de carnaval, os bares, a camaradagem entre moradores e artistas e as conversas nas calçadas. Essas lembranças se defrontavam, naquele momento, com alterações urbanas instaladas na grande cidade. A década de 1980, entendida como época de abertura política, apresentou um cenário aquecido,

34 Reinaldo Moura, Madeira de Lei, entrevista cedida em 12/10/2019.

com discussões de todas as ordens e, nesse contexto mais acolhedor, foi criada uma oportunidade para as pessoas saírem às ruas buscando um sentido para a história que pensavam construir.

Em momento oportuno, ainda em 1980, a Vai-Vai brinda o Saracura. A ocasião era a celebração de seus cinquenta carnavais ininterruptos, com uma retrospectiva, um samba-enredo com as histórias de seu espaço de origem.

Vai-Vai, orgulho da Saracura

Ê Vai-Vai

Quem não suspira

Com a lira do Cai Cai

Vai-Vai

Em compasso de cinquenta carnavais

Vai-Vai

Passo a passo, pôs a glória nos anais

Vai-Vai,

Um abraço, um forte abraço

Aos sambistas imortais [...] ³⁵

Guinho lembra que “as escolas mais antigas sempre tiveram esse romantismo de falar de seu próprio bairro e de sua história, da vivência que a escola tem”.³⁶ Segundo Paulo Santiago, “é uma coisa espontânea, o sentimento de pertencimento faz com que as letras das músicas expressem o próprio território. De tempo em tempo, o Bixiga e a Saracura são conteúdo dos sambas-enredo”.³⁷ Para Fábio Andrade³⁸:

35 Samba enredo da Vai-Vai, op. cit.

36 Guinho, op. cit.

37 Paulo Santiago, op. cit.

38 Fábio Andrade, Departamento de Marketing da Escola de Samba Vai-Vai, entrevista cedida em 18/10/2019.

O Bixiga é muito ligado à escola de samba. É o mais tradicional bairro de São Paulo. As pessoas têm amor pela escola. Todo movimento musical é baseado na escola. Os compositores juntam o amor pelo bairro e pela escola e retratam o Bixiga. O Vai-Vai é a cara do Bixiga, por isso as músicas fazem junção da escola e do bairro.

Figura 4 Vai-Vai em seu primeiro desfile como escola, ano de 1972



Fonte: Foto de Dirceu Leme.

Monumentos, códigos e músicas contribuem para a identificação do território. Determinados símbolos informam, contextualizam, referenciam e valorizam a história da cidade.³⁹

Para homenagear o Bixiga e a Vai-Vai, que já apontavam papel de popularidade, alguns tributos surgem em forma musical. No Carnaval, ainda com desfiles na Avenida Tiradentes, o músico Itamar Assumpção revelou o segredo da Escola em “preto e branco”

³⁹ Albano, 2002.

– cores da Vai-Vai – que não era mais uma Escola de bairro, mas passava a ser um brilho na Pauliceia. No título da melodia, Itamar Assumpção⁴⁰ insinua uma homenagem à escola:

Vou de Vai-Vai

Ai ai ai oi oi oi com a Vai-Vai vai não vai vai ver já foi
Ai ai ai oi oi oi com a Vai-Vai samba até bumba meu boi
Aonde a Vai-Vai vai que vai Bexiga vai atrás [...]

No carnaval de 2004, a Escola de samba, em seu samba-enredo, tece uma homenagem ao Bixiga, parabenizando São Paulo por seus 450 anos. Com o enredo, aproveita-se o aniversário da cidade para reforçar a ideia do espaço como cartão-postal, como cartografia das tradições e como lugar de expressão artística e cênica:

Quer Conhecer São Paulo? Vem pro Bixiga pra Ver
Quem é Bixiga diz: Sou raiz
Sou tradição, o coração
Luz dessa cidade
Nasceu pra eternidade
Às belas margens do Rio Saracura [...] ⁴¹

Com intuito de organizar e disponibilizar os acervos documentais, iconográficos e audiovisuais para a população, foi criado, em 2007, por uma iniciativa privada, o Centro de Memória do Bixiga. Ademais, em 2010, o Bixiga rememorou a sua história, e a Vai-Vai foi homenageada com a exposição “Orgulho da Saracura – 80 anos de samba e tradição”, exibida na Avenida Paulista, no Centro

40 VOU de Vai Vai. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/itamar-assumpcao/272525/> . Acesso em: 29 jun. 2021.

41 Samba enredo da Vai-Vai, op. cit.

Cultural FIESP. A imprensa divulgou, de uma só vez, os oitenta anos da Escola de Samba Vai-Vai, os cem anos de Adoniran Barbosa e essa gama de eventos comemorativos. Ainda nessa época, Mario Masetti dirigiu o musical “Bixiga, um musical na contramão”, apresentado no teatro Sérgio Cardoso, o qual é uma espécie de sátira que revela os casos e as histórias do lugar. A abertura do musical é marcada por letra, composição e arranjo de Nelson Ayres:

Paixão Antiga

Mais uma vez percorro teus caminhos

Cada rua mil histórias pra contar

E cada passo uma lembrança

E cada lembrança música no ar [...]⁴²

BIXIGA, UM CELEIRO MUSICAL

A música é um agente gerador de sensibilidades, sociabilidades e fomenta significados, reconhecimento e identidade simbólica, estabelecendo marcas na memória, bem como um registro oral sensível de historicidade. Trata-se de um gênero que lida, ainda, com um texto escrito e com a gestualidade, além de ser uma forma encontrada para mostrar ao público a história de um lugar, as críticas, os estereótipos e as maneiras de agir de seus personagens. Assim, o território, cantado e contado por seus próprios protagonistas, vem ocupando seu lugar no tempo. Um território na contramão, que coloca em jogo o discurso da não desindividualização na multidão da metrópole. O poeta, o compositor e o *flâneur* contemplam essa dinâmica no sentido de reconhecer o indivíduo e a sua relação com as marcas do lugar.⁴³

42 Bixiga, um musical na contra-mão, 2010.

43 Matos, op. cit.

A escola de Samba Vai-Vai é uma espécie de unanimidade e é encarada, hoje, a exemplo da Mangueira para o Rio de Janeiro, como a escola mais popular da cidade de São Paulo. Os antigos sambistas já não estão mais aqui, mas seus descendentes sim. A escola pulsa como o coração do Bixiga, carrega a tradição ao exibir o som da sua renomada bateria, ao cantar sambas-enredo e ao exibir a exuberância de suas alegorias. Os velhos deuses do samba fazem uma espécie de reencarnação, revigorando os descendentes, fazendo a Vai-Vai do Bixiga ressignificar o samba de raiz. Nesse sentido, pode-se afirmar que recriar ou reafirmar manifestações carnavalescas mais antigas é, para a população negra, o momento de reforçar a sua identidade afro-paulista.

Para Fabio Andrade⁴⁴, o carnaval de São Paulo: “Está muito disputado e muito organizado. As escolas do Rio e de São Paulo hoje falam a mesma língua. Na parte estrutural, o carnaval de São Paulo está um pouco à frente do que o do Rio.”

Ao carregar e projetar emoções, a história de um lugar é registrada nos sambas-enredo, demonstrando seu vínculo orgânico com o Bixiga. Pode-se dizer, então, que a Escola constrói um forte elo entre os grupos sociais presentes na região, estabelecendo vínculos emocionais por meio da festa carnavalesca com sua face democrática e com seu caráter de espetáculo.

44 Fabio Andrade, op. cit.

Figura 5 Jazz na Escadaria da 13 de Maio, em 2019



Fonte: Foto de Vera Rustomgy.

Figuras 6, 7 e 8 Samba na Treze/Madeira de Lei, em 2016





Fonte: Fotos de Fabio Bitelli.

De acordo com os entrevistados – aos quais fica, e registra-se, uma enorme gratidão pela concessão dos depoimentos –, a música continua. Eles apontam o jazz, iniciado em 2014 por Jaime Souza, como uma atividade que promete seguir em frente, pois vem agradando e diversificando o público no local. O Madeira de Lei, com sua programação de samba na rua, é uma forte atração

aos turistas e apaixonados pelo samba de raiz. Os ensaios carnavalescos da Vai-Vai e os blocos, que desfilam pelas ruas durante o Carnaval, marcam a paisagem.

A diversidade musical, constituída pelos forrós em bares, rock em casas noturnas e músicas italianas em cantinas, revela que as opções estão cada vez mais diversas. Para os entusiastas, essa diversidade musical permite a realização de um sarau.

Este artigo se encerra, portanto, com um samba-enredo da Vai-Vai, de 2020, cujo título é **Vai-Vai de corpo e álamo**, no qual a escola propõe viagens pelos caminhos da folia e retrata sua própria história cantando:

O meu Bixiga é encanto e magia
Show de melodia que pairam no ar
Vai-Vai traz no peito suas estrelas
E vai te emocionar

Vai alvorecer
E no despertar um novo dia
Vou eu recriando a história
Um passado de glórias
Nesse chão de poesia
Vamos viajar pelos caminhos da folia [...] ⁴⁵

O território do Bixiga é produto de ações históricas que se caracterizam em momentos distintos e sobrepostos e geram um espaço cultural de identificação, de pertencimento e de diferentes paisagens. A paisagem, uma vez vista enquanto marca, é vista pelo

45 Samba enredo da Vai-Vai, op. cit.

olhar, valorizada pela estética⁴⁶ e, uma vez movida e divulgada pela literatura musical, pode ser compreendida como matriz, ou seja, como o lugar onde algo é gerado e, dessa maneira, determina o olhar, a consciência e a valoração.

46 Berque, 1998.

ENTREVISTADOS:

Amorim, proprietário do Bar Amorim, entrevista concedida em 16/08/2019.

Paulo Santiago, Museu Memória do Bixiga, entrevista concedida em 10/10/2019.

Bruno, proprietário do Café Sabelucha, entrevista concedida em 24/07/2019.

Fernando Penteado, sambista da Escola de Samba Vai-Vai, entrevista concedida em 3/11/2019.

Salvador Risaffi, morador do bairro, entrevista concedida em 1980.

Guinho, baterista da Escola de Samba Vai-Vai, entrevista concedida em 18/10/2019.

Namur, Madeira de Lei, entrevista concedida em 12/10/2019.

José Scaramuzza, morador do bairro, entrevista concedida em 30/03/1982.

Pé Rachado, sambista da Escola de Samba Vai-Vai, entrevista concedida em 15/04/1982.

Roberto Fioravanti, seresteiro, entrevista concedida em 19/03/1982.

Reinaldo Moura, Madeira de Lei, entrevista concedida em 12/10/2019.

Fábio Andrade, Departamento de Marketing da Escola de Samba Vai-Vai, entrevista concedida em 18/10/2019.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Celina. O sentido da interpretação nas cidades do ouro: São João Del Rei e Tiradentes. *In*: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina. **Interpretar o patrimônio, um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG: Território Brasília, 2002.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. **Espaço e Debates**, v. 4, n. 11, p. 5-15, 1984.

BERQUE, Augustin. Paisagem marca, paisagem matriz: elementos da pro-

blemática para uma geografia cultural. In: CORREA, Roberto; ROSENTHAL, Zeny (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

BIXIGA, um musical na contra-mão. Secretaria do Estado de São Paulo/ Governo do Estado de São Paulo, 2010.

DONA PENHA, sambista da Vai-Vai. Escola de samba Vai-Vai: Eu sou Vai-Vai: Dona Penha. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/vaivaioficial/videos/tbt90anos-ela-tem-90-anos-de-vida-e-43-de-vai-vai-ela-j%C3%A1-fez-tudo-o-que-voc%C3%AA-pos/461939298003073/>. Acesso em: 07 nov. 2019.

LETRAS. Disponível em: www.letras.mus.br/geraldo-filme/763068. Acesso em: 15 out. 2020.

LUCENA, Célia. **Bixiga revisitado**. São Paulo: IBRASA, 2013.

LUCENA, Célia. Letras musicais registram marcas identitárias no Bixiga (SP). **Cadernos CERU**, v. 28, n. 2, p. 54-66, dez. 2016.

MATOS, Olgaria. A cidade e o tempo: algumas reflexões sobre a função social das lembranças. **Espaço e Debate**. n. 7, p.45-51, out./dez., 1982.

MAYOL, Pierre. O bairro. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2 – morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MUMBI – Museu Memória do Bixiga. Disponível em: <https://www.facebook.com/mumbixiga/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidade no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [online], Coloquios, 2005. Disponível em: <http://nuevo-mundo.revues.org/index/229.html>. Acesso em: 2 jun. 2011. Doi: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.229>.

PIERSON, Donald. Habitações de São Paulo. Estatuto comparativo. **Revista do Arquivo Municipal**. São Paulo, n. 98, p. 45-79, 1944.

ROLNIK, Raquel. História urbana: história na cidade? In: FERNANDES, Ana. GOMES, Marco Aurélio A. de F. (org.). **Cidade & História**. Bahia: FAU-UFBA, 1992.

SAMBA enredo da Vai-Vai. Disponível em: www.vagalume.com.br/Vai-Vai. Acesso em: 10 out. 2019.

UM samba no Bixiga. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/adoniran-barbosa/188522/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

VOU de Vai Vai. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/itamar-assumpcao/272525/> . Acesso em: 29 jun. 2021.



A COMIDA COMO REFERENCIAL NA FESTA DA NOSSA SENHORA ACHIROPITA

Fábio Molinari Bitelli



INTRODUÇÃO

Tanto na comida quanto na festa, é possível identificar o comportamento de um povo, ambas manifestações expressam a busca pela afirmação de determinada cultura. Assim, os estudos sobre alimentação que consideram um ou mais grupos étnicos colaboram para evidenciar a formação de determinada cultura e identificar a sociedade a que pertencem.

Há, nas festas, condições ideais ao consumo de alimentos e bebidas, já que celebrações tendem a ser momentos que incluem a oferta de hospitalidade, que promovem o recepcionar, o hospedar, o alimentar e o entreter¹, práticas sociais que foram identificadas nas comemorações populares ocorridas no espaço público urbano.

A origem espontânea das festas de rua expõe a necessidade de escape à vida cotidiana na cidade, visto que tais festas proporcionam atividades que impulsionam a criação de vínculos sociais, podendo acolher grupos de origens distintas e culminando no processo de alianças entre eles. Em sociedades primitivas, as festas, sob a ótica da hospitalidade, poderiam ocasionalmente tomar diferentes rumos, podendo, por um lado, promover a aceitação e inclusão ou, por outro, podendo transformar-se em hostilidade, conflitos ou expulsão.

Das características citadas acima, o acolhimento e a inclusão são facilmente identificáveis durante as festividades que ocorrem nas ruas do bairro paulistano do Bixiga (de nome oficial Bela Vista). Ali ocorrem diversas manifestações culturais, mapeadas entre os anos de 2015 e 2016, totalizando dez manifestações, entre elas: a Festa da Nossa Senhora Achiropita, o Bolo de Aniversário da cidade de São Paulo, o Ensaio da Escola de Samba Vai-Vai, a Feira de Antiguidades e o Bloco carnavalesco Esfarrapados. Algumas

1 Camargo (2003, p. 15-16).

ocorrem há quase um século, como é o caso da festa religiosa que, inicialmente, resumia-se à exposição da imagem de Nossa Senhora Achiropita na principal rua do bairro. Imagem encomendada na Itália, tendo como referência uma pintura inscrita na capela de mesmo nome em Rossano – região da Calábria, território ao sul da Itália, o que indica a origem do grupo que se fixou no bairro central da cidade de São Paulo ao final do século XIX.

Muito embora o início da manifestação tivesse sido marcada pela exposição da imagem da santa somente por dois ou três dias de agosto, ao longo de sua permanência, a comunidade se envolveu de tal forma que hoje a festa ocorre durante todo o mês de agosto e atrai cerca de vinte mil pessoas a cada final de semana. Tal evolução deu-se também na oferta de pratos com influência étnica (italiana), fato que colaborou para a popularidade da festa, que se estabeleceu como o principal evento do bairro e ocupa lugar de destaque no calendário oficial de eventos da cidade de São Paulo.

Este capítulo tem como objetivo apresentar os registros fotográficos realizados durante algumas edições da festa religiosa da Nossa Senhora Achiropita entre os anos de 2015 e 2019, parte dos quais já foram tratados em estudos anteriormente publicados²; todavia, aqui, dá-se ênfase aos alimentos comercializados e que se destacam como um dos seus principais atrativos. Para isso, apoiou-se tanto na pesquisa histórica quanto na observação e nos registros *in loco*, seja para identificar as práticas desenvolvidas, seja para colher a opinião de seus frequentadores, com aplicação de questionários.

Ao inventariar os alimentos ofertados na festa, seus processos de produção e formato de comercialização, percebe-se que, apesar do esforço em carregá-los de identidade italiana, o que se

2 Bitelli (2017); Bitelli (2018, p. 430-450); Bitelli (2019, p. 16-30); Bitelli (2021).

vê são alimentos que misturam referenciais étnicos de uma comunidade formada pelo processo de hibridação cultural, ou seja, processo que abarca contatos interculturais que costumam receber nomes diferentes: as fusões raciais ou étnicas denominadas mestiçagem, o sincretismo de crenças e também outras misturas modernas entre o artesanal e o industrial, o culto e o popular, o escrito e o visual, e outros³.

Foi então possível perceber, com base nas características históricas e naquelas observadas no bairro analisado, a coexistência de grupos oriundos de culturas distintas e, mesmo com a proeminência de determinado comportamento ou identidade étnica, a junção de uma ou mais práticas sociais, que passaram por um processo de hibridação cultural e resultaram no que convém identificar como cultura híbrida. No caso da Festa da Nossa Senhora Achiropita, o resultado desse processo de hibridação refletiu-se, sobretudo, nos alimentos ofertados, cujos exemplos são: a linguiça com a identificação de calabresa (origem dos grupos de imigrantes preponderantes no bairro), servida no pão francês⁴ e/ou no espetinho de churrasco com vinagrete⁵, ambos vendidos ao lado da polenta, do espaguete, da *fogazza* ou de doces/sobremesas da confeitaria brasileira disponíveis ao lado dos *cannolis* ou *sfogliatellis* (doces da culinária tradicional italiana).

Conclui-se que, ao longo de quase um século de ocorrência, a manifestação cultural passou por transformações significativas, seja pelo impulso inicial da comunidade de calabreses (reproduzida aos moldes daquela que ocorre na região de origem desses imi-

3 Canclini (2015). Burke (2003).

4 Denominação dada ao pão salgado feito com farinha de trigo, amplamente utilizada no Brasil após a grande imigração. (MATOS, 2009).

5 Nome dado ao molho que leva basicamente tomate e cebola picados crus, temperados com vinagre, óleo e sal.

grantes), seja, especialmente, pelo aumento de sua duração (passou de três dias para quatro finais de semana) e pela diversidade na oferta de alimentos produzidos pelos voluntários da paróquia. Passa então a adotar elementos para além dos tradicionais, assumindo referenciais promotores de uma cultura alimentar híbrida, ou seja, uma cultura alimentar “ítdlo-brasileira” formada pela participação de diferentes sujeitos ao longo do processo histórico de coexistência no território⁶ denominado Bixiga.

NOSSA SENHORA ACHIROPITA: DE PADROEIRA DO BIXIGA À TRADIÇÃO FESTIVA

Durante todo o mês de agosto, dois quarteirões da rua 13 de Maio e mais trechos das ruas Luis Barreto e São Vicente são fechadas para a festa que homenageia a santa italiana da região da Calábria: a Nossa Senhora Achiropita⁷. Para entender o início da manifestação em sua homenagem, é necessário discorrer tanto sobre sua chegada quanto acerca do processo histórico que possibilitou sua permanência.

A Nossa Senhora Achiropita é venerada pelos calabreses na cidade de Rossano, ao sul da Itália, local onde se encontra a capela com a pintura original que inspirou a imagem honrada em São Paulo. A imagem da santa exposta na igreja foi produzida na Itália sob encomenda de moradores italianos do bairro e chegou ao Bixiga em 1904. De acordo com Célia Lucena (autora do livro *Bixiga*,

6 Deve-se destacar a noção de territorialidade que permeia a identificação do espaço enquanto experiência individual e/ou coletiva, onde a rua, o bairro, os espaços públicos são recobertos de vivências e memórias. Perpassam a existência material pois podem também ser entendidos por seu conjunto de representações, em diversos processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. (ROLNIK, 1992).

7 O nome Achiropita, em italiano significa “*Non dipinta da mano umana*” (em português, “Não pintada por mão humana”), pois, sobre sua origem, conta-se que a própria Nossa Senhora pintou sua imagem.

amore Mio!, de 1983) a imagem da santa começou a ser venerada por grupos de moradores por volta de 1908, na casa de José Falcone, na rua 13 de Maio, número 100, local de reunião para novenas em adoração à Nossa Senhora Achiropita, marcando também o esforço do grupo de calabreses em reforçar suas crenças religiosas, já que, no mesmo bairro, havia imigrantes italianos oriundos de outras regiões (de uma Itália antes da unificação, ou seja, com maior diversidade de crenças e costumes).

Figura 1 A imagem da santa acompanhada dos fiéis durante a procissão na 92ª edição da festa



Fonte: Acervo próprio (2018).

A partir daí, surgiu a necessidade da construção de uma capela para abrigar a imagem, o que foi o impulso para que, em 1910, fosse constituída uma comissão com o propósito de adquirir um terreno em que se pudesse realizar tal construção. Com esse propósito, durante os dias 13, 14 e 15 de agosto, começaram a ser celebradas as missas e a festa em homenagem à padroeira.

Ao final dos festejos, a imagem retornava à casa de José Falcone, onde permanecia até o próximo agosto.

Deu-se, nessa época, início às quermesses com barracas, bandas e luzes que enfeitavam as ruas. Entre 1908 e 1926, segundo o pesquisador italiano Lorenzo Aristodemo⁸, a festa era uma reprodução do que ocorria na Calábria, com organização gerenciada por uma comissão criada através de reuniões entre os calabreses. A festa era também uma oportunidade de arrecadar fundos para a comunidade e para a compra de terrenos, objetivando a construção de uma capela dedicada à *Madonna* que, depois de alguns anos, seria erguida na rua principal do Bixiga. Após os primeiros vinte anos de festa, a situação muda: a Igreja torna-se responsável pela organização que antes estava nas mãos dos calabreses do bairro e, em 1926, com o decreto de 4 de março, criou-se a paróquia de São José do Bexiga, desmembrando-se da paróquia do Espírito Santo da Bela Vista⁹.

Nessa mudança de administração da festa, Maria Célia Coimbra¹⁰ observa como a Igreja implementou um processo de expropriação dessa manifestação de religiosidade popular desse grupo específico (calabreses). Naqueles anos, muitas coisas mudaram e, mesmo com resistência, as barracas não foram majoritariamente administradas por famílias da Calábria, e algumas tratativas passaram a ser realizadas pelo próprio pároco. Tudo isso ocorre nos anos em que o bairro também muda o nome de Bixiga para o de Bela Vista (permanecendo como oficial até hoje, embora popularmente continue sendo referenciado como Bixiga).

É interessante notar que, para a Igreja, a primeira festa de Nossa Senhora Achiropita ocorre somente em 1927, ano seguinte

8 Aristodemo (2009).

9 Lucena (1983).

10 Coimbra (1987).

ao que a paróquia assume a organização, e não em 1908, ano em que surgiu espontaneamente, suportada pela comunidade. No entanto, a Igreja reconhece que o festival já era tradição no bairro, como pode ser visto em estudos de Maria Célia Coimbra, Rita de Cássia Amaral e Célia Lucena. Salienta-se que, na última edição da festa sob a gestão dos calabreses (no ano de 1926), a arrecadação foi suficiente para pagar as dívidas anteriores da igreja, porém, mesmo com a construção sendo realizada por alguns moradores, as obras tiveram que ser paralisadas diversas vezes sem registros oficiais sobre a finalização.

De acordo com Haim Grünspun, que viveu no bairro principalmente durante a década de 1930 e cujos relatos foram publicados em seu livro *A anatomia de um bairro: o Bexiga*, havia ali duas quermesses que, posteriormente, foram reduzidas a apenas uma – fato que releva um impulso essencial que culminou na união da comunidade em torno dos costumes calabreses. Ali, na descrição do autor, levantavam-se ripas entre os dois lados da rua para a instalação de lâmpadas coloridas, de modo a caracterizar o principal quarteirão do evento; os arcos localizados nas duas entradas da rua 13 de maio limitavam o acesso à via para qualquer tipo de veículo, e a oferta de alimentos ainda não era de produção e responsabilidade da paróquia; ambulantes ficavam nas proximidades vendendo pequena variedade de itens, como pipocas e cuscuz¹¹.

Em junho de 1949, o cardeal arcebispo despachou favoravelmente a solicitação do Padre Carmelo Putorti para que a capela fosse dedicada oficialmente à padroeira da paróquia, Nossa Senhora Achiropita, alegando, principalmente, a consideração dos fiéis, fato que potencializou a participação dos calabreses na comunidade, em detrimento de outros grupos que habitavam o

11 Grünspun (1979).

bairro, como os negros ali estabelecidos antes mesmo da chegada dos imigrantes¹².

Segundo uma das organizadoras entrevistadas, foi entre os anos de 1950 e 1960 que surgem as primeiras barracas de alimentos organizada pelos voluntários, que ofereciam apenas sanduíche de pernil e pipoca, ambos produzidos pelas senhoras da comunidade. Rita Amaral traz referências sobre a prática:

A comida também foi introduzida, mais tarde, na festa, que até então seguia o estilo de quermesse. A descoberta do interesse do público em geral pela comida das “mammás” resultou em que ela fosse introduzida na festa, em barracas, o que afinal acabou se tornando tradição.¹³

Na fase seguinte, a partir dos anos de 1970 até hoje, o tamanho da festa cresce tanto que passa a ser considerada uma das maiores de São Paulo. À parte, perde suas características tradicionais e reforça seu intuito enquanto evento que visa reconhecer a presença italiana no bairro e na cidade. Para isso a paróquia amplia a colaboração com associações, momento em que as barracas começaram a vender pratos típicos italianos, seguindo o modelo de cantinas particulares que dominavam a organização da festa. No entanto, a partir da década de 1980, a comissão liderada pela igreja passa a desconsiderar as associações responsáveis pelo funcionamento das barracas e, assim transferem totalmente a produção (e os lucros) da festa para a Igreja.

12 Castro (2008).

13 Amaral (1998, p. 136-137).

Figura 2 Linha do tempo da festa, com recorte temporal entre 1910 e 2019



Fonte: elaboração própria.

Desde 1981, é instituída uma comissão nomeada pela da igreja para decidir o destino da festa que, ano após ano, assume dimensões crescentes em termos de recursos investidos, lucros e participação: o festival de Nossa Senhora Achiropita é reforçado como

um emblema do espírito italiano de São Paulo e inicia o formato mais estruturado. De acordo com a entrevistada da organização, no início década de 1980, a festa totalizava treze barracas e contava com, aproximadamente, 200 voluntários; após três anos, foram vinte e duas barracas com cerca de 350 voluntários. Ao final da década, houve uma nova reestruturação: a equipe de organização passa a ser constituída por casais participantes da paróquia, cada qual com funções preestabelecidas como: cozinha e almoxarifado, finanças e compras, relações públicas, manutenção e montagem. A troca de funções ocorre a cada edição, cuja estrutura organizacional permaneceu com pequenas alterações até a edição de 2019.

A experiência do pesquisador calabrês Lorenzo Aristodemo na 81ª Festa da Achiropita (em 2009) culminou no registro de alguns elementos, desde a decoração até o formato do evento, com ênfase na influência brasileira que a festa apresenta:

O Bexiga está completamente decorado com bandeiras brancas, vermelhas e verdes e cata-ventos. Durante o mês de agosto, recebe aproximadamente duzentos mil paulistas que passam uma noite em estilo italiano, agora contaminados por fortes elementos brasileiros. As celebrações começam com uma série de celebrações: a missa de abertura e agradecimento a Nossa Senhora Achiropita, missa do imigrante italiano, celebrada em italiano e, durante as semanas das celebrações, as missas dedicadas às várias seções da Obra Social de Nossa Senhora Achiropita, instituição ligada à igreja que realiza atividades sociais para os moradores de rua, idosos e crianças. As noites de sábado e domingo são dedicadas à festa em estrada entre as numerosas barracas gastronômicas.¹⁴

14 Aristodemo (2009, p. 54).

Nas edições pesquisadas da Festa da Achiropita, de 2015 a 2019, o evento ocupou três ruas do bairro, das 17 horas à meia-noite, aos sábados e domingos.

Figura 3 Mapa da 89ª Festa da Achiropita com detalhamento das barracas



Fonte: Guia impresso da 89ª Festa da Achiropita (2015).

Em função de seu tamanho, seja na ocupação das ruas, seja na produção de alimentos, seja no seu público frequentador, a Festa da Achiropita é destaque dentre as três tradicionais festas italianas da metrópole: a Festa de São Vito, que ocorre aos finais de semana de junho e ocupa dois locais da Rua Polignano A. Mar, e no bairro do Brás; e a Festa de San Gennaro, que ocorre na Rua da Mooca em frente à Paróquia de mesmo nome, aos sábados e domingos do mês de setembro.

A Festa da Nossa Senhora Achiropita é vivida pela comunidade com intensidade, em ruptura com a vida cotidiana. A começar

que, visualmente, há um painel luminoso e fixo que demarca a “entrada da festa”, informa a edição e os patrocinadores do evento. Há também, ainda antes do mês de agosto, a fixação de enfeites aéreos nas cores da bandeira italiana que envolvem e anunciam o tom festivo nas ruas do bairro.

Figura 4 Portal fixo e enfeites nas ruas onde ocorre a festa da Nossa Senhora Achiropita



Fonte: acervo próprio (2015).

Figura 5 Enfeites em frente à igreja da Nossa Senhora Achiropita na 91ª edição



Fonte: acervo próprio (2017).

Figura 6 Fachada da igreja com detalhe dos enfeites na 92ª edição



Fonte: acervo próprio (2018).

Figura 7 Destaque às cores da bandeira italiana nos enfeites da 93ª edição



Fonte: acervo próprio (2019).

A quantidade de barracas sofreu poucas alterações nos anos pesquisados, sendo em média trinta e seis, com oferta de comidas, bebidas, doces, presentes e jogos, além do espaço destinado aos brinquedos infantis, como pula-pula, cama elástica, argolas etc.

OFERTA DE ALIMENTOS E REFERENCIAIS CULTURAIS

A dimensão da produção culinária da festa é destaque, o molho de tomate, por exemplo, é preparado em caldeirões com mais de vinte litros cada, produzidos diariamente durante o mês de agosto, para serem comercializados durante os quatro finais de semana da festa. Para essa produção, bem como para outras atividades técnicas que necessitam de força física ou conhecimento especializado, são contratados profissionais em detrimento à mão-de-obra voluntária. Cena comum, em todos os anos, é a reunião de mulheres da comunidade que, durante o mês de agosto, produzem em uma das cozinhas temporárias os alimentos que serão vendidos na festa.

Figura 8 Equipe de voluntários trabalhando no preparo dos molhos



Fonte: acervo próprio (2015).

Figura 9 Voluntárias durante a produção dos alimentos ofertados na 89ª Festa da Achiropita (espaço anexa à igreja)



Fonte: acervo próprio (2015).

Parte da pesquisa de Rita Amaral contém observações acerca do formato e dos tipos de comida oferecidos na 72ª Festa da Nossa Senhora Achiropita (em 1997), com produção artesanal de todos os pratos vendidos:

Ali são servidas, também, deliciosas comidas italianas, preparadas carinhosamente pelas “mamas” (mães italianas, ou que dominam a preparação dos quitutes italianos) da comunidade. A partir das terças-feiras, em todas as semanas, as “mamas” se envolvem em tempo integral na preparação de pratos como fogaça, fricazza, espaguete à moda Achiropita, polenta, antepastos, peperoni al forno, melanzana al forno, sfogliatelli e canolli, entre várias outras especialidades bastante disputadas. Os preços na Cantina são mais altos que os da rua, e muitos participantes da festa dizem que na Cantina a comida é, também, melhor.¹⁵

15 Amaral (1998).

A “Cantina Madonna Achiropita” é um espaço concomitante à festa realizada na rua: nela são servidos jantares, aos sábados e domingos, por garçons (voluntários da festa) em grandes mesas vestidas com toalhas de tecido xadrez; compostos por pratos frios e quentes de especialidade italiana, juntamente com apresentações de músicas e danças italianas típicas. Para a participação, é necessária a aquisição de ingressos que incluem o jantar individual e são vendidos antecipadamente pelos organizadores, no guichê localizado na lateral da entrada da igreja.

Figura 10 Entrada da Cantina Madonna Achiropita, organizada dentro do salão paroquial



Fonte: acervo próprio (2018).

Ainda quanto à produção e disponibilidade dos alimentos, uma das preparações chamam mais a atenção tanto do público frequentador quanto dos organizadores responsáveis pelo processo de preparo, a *fogazza*. Durante a edição de 2017, foi possível registrar todo o fluxo operacional que contemplava a preparação do

prato, pois, diferentemente das demais ofertas, as *fogazzas* permanecem com preparo totalmente artesanal, produzidas ininterruptamente ao longo dos dias da festa (sábados e domingos), devido à perecibilidade de seus ingredientes: massa fresca, queijo e tomate.

São duas cozinhas adaptadas para que, no mês de agosto, tais espaços fiquem completamente disponíveis aos grupos de voluntários (cerca de 40 pessoas), para que possam produzir as *fogazzas* de forma sistemática, padronizada e em escala industrial. Toda a produção segue o fluxo diretamente para a finalização e venda; para isso, há uma passagem que conecta a cozinha de preparo à barraca que realizará a fritura à óleo por imersão, cobrança e entrega aos frequentadores, cujas filas são as maiores do evento, necessitando inclusive delimitá-las com grades de metal.

Figura 11 Equipe de voluntários trabalhando na cozinha industrial montada dentro de uma das dependências da paróquia



Fonte: acervo próprio (2017).

Figura 12 Setor de produção da fogazza: praça de processamento das massas



Fonte: acervo próprio (2017).

Figura 13 Acondicionamento das fogazzas que serão vendidas na mesma noite



Fonte: acervo próprio (2017).

Figura 14 Finalização (fritura) e venda de fogazzas na barraca da rua Dr. Luis Barreto, junto à cozinha de produção



Fonte: acervo próprio (2017).

Figura 15 As tradicionais fogazzas prontas para a venda



Fonte: acervo próprio (2019).

Figura 16 Organização da fila para comprar a fogazza



Fonte: acervo próprio (2017).

As demais preparações vendidas compõem o conjunto de pratos inventariados durante as edições pesquisadas da festa, cada um deles oferecidos em barracas exclusivas, que facilitam a identificação por parte do público frequentador, bem como a logística de produção, distribuição e comercialização pelos voluntários, ou seja, a gestão completa de cada unidade de venda, já que o pagamento também é efetuado no local de venda, seguindo a ordem: pagamento-entrega do produto. Vale ressaltar que os preços de venda oscilam para cada um dos pratos, que na edição de 2019 variou entre R\$ 6 e R\$ 15, a unidade.

Figura 17 Pratos ofertados nas edições pesquisadas (entre 2015 e 2019)

PRATOS	DESCRIÇÃO
PEPERONE AL FORNO	Pimentão vermelho assado, recheado com carne de primeira, azeitona, ovos cozidos, salsinha e cebola, coberto com queijo ralado
MELANZANA AL FORNO	Berinjela recheada com carne moída, ovos cozidos e azeitonas, coberto com molho e queijo ralado
FOGAZZA	"A autêntica delícia italiana" Massa especial recheada com <i>mozzarella</i> , tomate e orégano
MACARRÃO	<i>Spaguetti</i> ou Penne a moda Achiropita
ANTEPASTO ESPECIAL	Variedades de antepastos típicos: <i>caponatta</i> (legumes variados cozidos ao forno com azeite), sardela (pasta temperada à base de pimentões vermelhos), alichela (pasta à base de anchovas com ervas e azeite)
POLENTA FRITA	Porção pedaços de polenta fritos em óleo
PIZZA	Pizza no tamanho individual, com massa, molho de tomate e queijo tipo <i>mozzarella</i>
POLENTA A BOLONHESA	Polenta cozida a ponto de corte e servida com molho de tomate e carne moída
FRICAZZA (Inteira)	Pizza com massa alta especial com cobertura de calabresa e <i>muzzarela</i>
PÃO ITALIANO	Pão de fermentação natural, tradicionalmente produzido pelas padarias centenárias do bairro. Porção fatiada para acompanhamento de antepastos.
CHURRASCO NA BRASA	Espeto com pedaços de carne bovina, assado no carvão
CALABRESA NA CHAPA	Lingüiça suína artesanal feita na chapa, servida no pão com vinagrete de tomate e cebola
DOCES TÍPICOS	Doces de origem italiana (<i>cannoliti, sfogliatelli, strufoliti, zeppole</i>)
DOCES	Sobremesas variadas (bolos confeitados, tortas, bombas de chocolate, quindins, brigadeiros, beijinhos)

Fonte: elaboração própria (2020), a partir das informações coletadas em campo e no site da Festa (Disponível em: <https://www.achiropita.org.br/festa-da-padroeira/pratos>).

Figura 18 – Barraca da calabresa na chapa



Fonte: acervo próprio (2018).

Figura 19 Barraca da calabresa na chapa (destaque para a linguiça artesanal)



Fonte: acervo próprio (2019).

Figura 20 Barraca de comida típica



Fonte: acervo próprio (2019).

Figura 21 Pratos de antepastos e fatias de pão italiano, vendidos na barraca de comidas típicas



Fonte: acervo próprio (2019).

Figura 22 Barraca do spaghetti



Fonte: acervo próprio (2019).

Figura 23 Churrasco na chapa



Fonte: acervo próprio (2019).

Figura 24 Barraca dos doces



Fonte: acervo próprio (2019).

Figura 25 Barraca da pizza



Fonte: acervo próprio (2019).

Na sua 2^a edição (2018), realizou-se uma aproximação aos participantes da festa, considerando moradores, visitantes e turistas, para coletar informações adicionais por meio da aplicação de questionários, cujos resultados possibilitaram um olhar mais apurado para essa manifestação e seus atrativos, tendo como perspectiva o seu público frequentador.

Essa aproximação foi realizada por um grupo de pesquisadores, integrantes do Projeto de Pesquisa Turismo e Legado Étnico (fomentado pelo CNPq), que saiu a campo durante a 92^a edição da festa, munidos de questionário estruturado, com questões fechadas e abertas, a fim de compor uma amostra que contou com a participação de 82 frequentadores (entre visitantes e turistas). Uma das questões estava relacionada à motivação que levou-os à festa: 89% dos respondentes indicaram como principal motivo a comida, seguido por 34% que busca lazer ou turismo e 18% que a frequentam por causa da religião.

Figura 26 Respostas acerca da motivação dos frequentadores



Fonte: elaboração própria, com base em dados coletados em campo, em 2018.

Figura 27 Pratos mais citados pelos entrevistados



Fonte: elaboração própria, com base em dados coletados em campo, em 2018.

Ao analisar parte dos resultados obtidos, identificou-se o destaque dado aos alimentos ali produzidos e ofertados: seja pela qualidade, sobretudo dos pratos elaborados artesanalmente; seja pela diversidade, visto que, além de várias opções, há uma variedade de pratos); seja pela originalidade, pois algumas preparações contam com receitas desenvolvidas e executadas pelos próprios voluntários; seja pela exclusividade, pois, ao menos dois pratos são servidos somente durante os dias da festa; seja, ainda, pelo referencial étnico dos pratos, por meio da percepção da influência italiana em todos eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comida italiana ou brasileira? A indagação pode parecer controversa ou simplista, mas, ao observar o conjunto de pratos ofertados na Festa da Nossa Senhora Achiropita, é possível identificar a influência das duas culturas alimentares. Nesse sentido, pode-se afirmar que o dinamismo da culinária depende de diversos fatores, sejam eles geográficos (que influencia diretamente na disponibilidade de alimentos), sejam históricos ou relativo a como os diferentes grupos sociais incorporaram os costumes e alimentos uns dos outros, prática que Peter Burke e Néstor García Canclini chamam de hibridação cultural. Nesse sentido, a antropóloga Rita de Cássia Amaral, analisou algumas festas, entre elas a da Achiropita, e concluiu que muitos dos valores nacionais podem ser percebidos ao serem “capaz de mediar diferenças sociais e culturais, estabelecendo “pontes” entre os grupos e suas realidade e utopias”, entre os muitos sentidos, destacam-se a forma de organização popular, as suas expressões (artística, identitária, cultural) e o modo de funcionar como suporte dos hábitos alimentares ou da afirmação de valores específicos (como a devoção religiosa).

Para Burke, “não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário, um *continuum* cultural”¹⁶, ou seja, embora haja diferenças, a tendência é que elas se dissipem, mesclando-se e dando continuidade uma à outra. São apoiadas pelos processos de encontro, contato, interação e troca que culminam no surgimento de novos hábitos culturais.

Também a pronúncia popular da linguagem “íto-brasileira”, levou à grafia de Bixiga com *i*, devido ao ítalo-português falado em São Paulo no início do século XX. É possível identificar tal linguagem nas cartas de imigrantes, na literatura, como é o caso dos personagens presentes em obras como *Carcamanos e Comendadores: Os italianos de SP da realidade à ficção (1919-1930)*, de Mario Carelli, publicado em 1985, ou adotada por Alcântara Machado em seu livro modernista publicado em 1927: *Brás, Bexiga e Barra Funda* – bairros paulistanos originalmente de imigrantes italianos onde reproduzia-se o linguajar; e, na música, as letras do artista/sambista Adoniran Barbosa, que embora não residisse no Bixiga, pertenceu à boemia e dedicou-se à representação desses imigrantes, entre os anos de 1950 e 1970.

A história da cidade de São Paulo torna-se um prato cheio na identificação do processo que culminou em uma cultura híbrida. Particularmente no caso do bairro do Bixiga, a hibridação cultural é, muitas vezes, senão sempre, um processo e não um estado, já que esta língua macarrônica¹⁷ ou os hábitos alimentares marcaram um estágio da assimilação dos imigrantes pela e na cultura brasileira. Ali se estabeleceram parte do primeiro grupo de imigrantes italianos, ainda no século XIX, firmando-se como predominantes, porém coexistindo com os demais contingentes:

16 Burke (2003, p. 14).

17 Expressão cunhada por Burke (2003, p. 50).

os negros (já fixados em quilombos localizados na várzea do rio Saracura) e mais tarde, os migrantes brasileiros prioritariamente oriundos da região nordeste do país.

Nota-se que, nos quase cem anos de festa espontânea, popular e comunitária, a adoção da Nossa Senhora Achiropita como padroeira do bairro, colaborou seja no formato, seja na oferta alimentar durante a festa em sua homenagem, em caminhos que reforçaram a formação de uma cultura híbrida, devido às influências e coexistências dos grupos étnicos ou aos diversos elementos incorporados ao longo de sua história.

REFERÊNCIAS

AMARAL, R. C. M. P. **Festa à brasileira**. 1998. Tese (Doutorado) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ARISTODEMO, L. **La Madonna divorata La festa della Nossa Senhora Achiropita: un culto calabro-bizantino in Brasile**. 2009. Dissertação (Mestrado em Disciplinas Econômicas e Sociais para o Desenvolvimento e Cooperação) – Faculdade de Economia da Universidade da Calábria, Itália, 2009.

BITELLI, F. M. **As dimensões da hospitalidade nas manifestações culturais do Bixiga, São Paulo/SP**. 2017. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2017.

BITELLI, F. M. Hospitalidad y comensalidad: un estudio sobre la fiesta religiosa ítalo-brasileña de la Nossa Senhora Achiropita en São Paulo/Brasil. In: HERRERA, N.; PÉREZ, M. G. **La Fiesta, Estudios sobre Fiesta, Nación y Cultura en América y Europa**, Universidad Nacional de La Plata, Colombia: Corporación Intercultura, 2018, p. 430-450.

BITELLI, F. M.; BASTOS, S. R. Cultural manifestation and ethnic tourism: hospitality in the urban public space. **Global Journal of Management and Business Research**, [S.l.], dec. 2019, p. 16-30.

BITELLI, F. M. **Festas do Bixiga: hospitalidade, sociabilidade e comensalidade no espaço público urbano**. São Paulo: Ed. Alameda, 2021.

BURKE, P. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

CAMARGO, L. O. L. Os domínios da hospitalidade. In: DENCKER, A.F.M.; BUENO, M. S. (org.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2015.

CARELLI, M. **Carcamanos e comendadores**. Os italianos de São Paulo: da realidade à ficção (1919-1930). São Paulo: Editora Ática, 1985.

- CASTRO, M. S. **Bexiga**: um bairro afro-italiano. São Paulo: Annablume, 2008.
- COIMBRA, M. C. C. **Nossa Senhora Achiropita no Bexiga**: uma festa religiosa do catolicismo popular na cidade São Paulo. 1987. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.
- GRÜNSPUN, H. **Anatomia de um bairro**: o Bexiga. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1979.
- LUCENA, C. T. **Bixiga, amore mio!** São Paulo: Editora Pannartz, 1983.
- MATOS, M. I. S. Pelo pão e pela liberdade. Imigrantes, padeiros e experiências políticas em São Paulo (1870-1945). **Revista História (São Paulo)**, v. 28, n. 1, p. 415-445, 2009.
- ROLNIK, R. História urbana: história na cidade. *In*: FERNANDES, A.; GOMES, M. A. **Cidade e história**: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador: Faculdade de Arquitetura, 1992.



ÓÓÓÓÓ O PESADO! O VOLUNTARIADO NA FESTA DA ACHIROPITA¹

Monica Dias Batista

¹ Este texto trata-se de um relato pessoal sobre a experiência da autora como voluntária por três anos na Festa da Achiropita.



Sábado, três da tarde. Sol alto, calor, muito calor, especialmente para um dia de agosto de 2014, bem no meio do inverno.

Assim inicia mais um dia de trabalho na Treze de Maio, rua onde acontece a Festa da Achiropita. O movimento já começou bem antes, mas a partir de agora ele se intensifica e acontece minha estreia como voluntária.

A Festa existe desde o começo do século XX, quando imigrantes italianos chegaram à região. Uma imagem da Nossa Senhora foi trazida da Itália e começou a ser venerada pelos fiéis em 1908. Durante três dias do mês de agosto, eram celebradas missas, e iniciadas as festas com o objetivo de arrecadar verba para a compra de um terreno para, com isso, construir a igreja. A Festa, que começou como uma quermesse, ganhou as ruas. Hoje é a maior festa italiana do país e recebe, nos seus fins de semana, excursões vindas de diferentes cidades e estados.

Ter trabalhado como voluntária na Festa por três anos me possibilitou uma visão de como tudo acontece de fato, que, como visitante, não teria como imaginar. Há um universo ali. Não é somente uma festa ou uma celebração de fé. Há algo além, quase mágico, que movimenta mais de 200 mil visitantes e mil voluntários todos os anos. E grande parte deles volta todos os anos, tanto para se divertir como para trabalhar.

A Festa funciona como uma empresa. Ela é dividida em departamentos responsáveis por cada área, como se fossem alas de um desfile do vizinho Vai-Vai. Ouso dizer que cada coordenador atua como um diretor de harmonia.

Uma equipe cuida do contato com os patrocinadores, fundamentais para a expansão da festa desde os anos 90; outra, da seleção de colaboradores e distribuição dos uniformes; uma terceira organiza a Festa que acontece também dentro do salão; e tantas outras que, mesmo tendo participado, eu talvez nem conheça.

Lembro-me da primeira vez em que me inscrevi para participar como voluntária. Já conhecia a Festa como visitante, e aquela movimentação toda me fascinava.

Eu sentia que precisava participar daquilo. Talvez para reforçar a conexão com as lembranças italianas da família, ou ajudar a comunidade do bairro onde eu moro, como forma de agradecimento por estar ali. Não sei ao certo o que me motivou. E também nunca soube o que motiva cada um dos voluntários, mesmo tendo conversado com muitos durante esses três anos. Já ouvi relatos de famílias que participam desde a chegada de seus antepassados ao bairro e simplesmente continuaram com a tradição dos que não estão mais aqui. E quando perguntados sobre o motivo dessa continuidade, eles apenas sorriem, como se fosse óbvio, como se não houvesse motivo para não estar, como se quebrar essa tradição fosse inadmissível. E não seria?

Quando preenchi o formulário de participação, indiquei meu interesse em trabalhar na produção das barracas de alimentação. Pizza, *fogazza*, polenta, antepastos. Tantos aromas e sabores que me remetiam a diversas memórias afetivas, além do desejo ainda discreto de me desenvolver e conhecer mais sobre a gastro-nomia italiana.

Recebi uma resposta positiva (ficaria em uma das barracas de bebidas, que na Festa são chamadas de “bar”), e o convite para a participação da reunião de voluntários meses antes de agosto, quando acontece a Festa. É nessa reunião que ela começa. Uma bênção do padre, com algumas palavras de agradecimento, incentivo e responsabilidade. Pelo outro, pelos nossos atos durante a festa, pelo atendimento nas barracas e, principalmente, para lembrar o principal motivo pelo qual a Festa acontece: sustentar os projetos sociais da igreja¹, que vão desde creches a lar para idosos.

1 Segundo o site achiropita.org.br, são estes os projetos sociais da Igreja: Casa Rainha da Paz, Escola MOVA Achiropita, Núcleo de Convivência para Idosos, Creche Mãe Achiropita, Centro Jurídico, Casa Dom Orione e Centro Educacional Dom Orione.

Equipes definidas, voluntários cientes de seu trabalho, e volto às três da tarde daquele sábado ensolarado.

São cinco fins de semana seguidos de Festa. Todo o mês de agosto e, quando necessário, o primeiro fim de semana de setembro.

O primeiro dia é sempre o mais aguardado. Um ano de espera para um espetáculo que dura dez dias. Lembrando do vizinho Vai-Vai, posso dizer que a Achiropita tem mais sorte, já que a escola de samba tem pouco mais de uma hora para também mostrar seu trabalho de um ano.

Barracas com estrutura montada recebem os últimos ajustes. Certa histeria ronda as ruas ao redor da Treze de Maio. *“Puxa um fio de energia pra mim aqui?”*, *“Cadê o gelo? Não chegou ainda? Não vai dar tempo de gelar o refrigerante!”*, *“Pessoal, vamos montar as grades já.”*

E certamente, a frase mais ouvida durante todos os dias: *“Óóóó o pesado!”*, uma referência aos voluntários responsáveis pela reposição dos insumos das barracas, muitos deles conduzindo carrinhos. Seria impossível transportar as imensas caixas e assadeiras sem esse apoio.

Parece que todo mundo ali se conhece, até quem vai trabalhar pela primeira vez. E devem conhecer-se mesmo. São paradas intermináveis até cada um chegar à sua barraca. Beijos, abraços, cumprimentos calorosos e em alto volume, no verdadeiro estilo italiano. Jovens que participam da Festa desde que nasceram, porque iam com seus pais, e estes, com os avós. É comum vermos duas ou três gerações de voluntários trabalhando na mesma barraca ou gerando “filiais”. Já ouvi relatos de voluntários que trabalhavam por anos na barraca sob a coordenação dos pais e, após terem-se casado, conquistaram a coordenação da própria barraca, motivo de orgulho na família.

Além dos coordenadores das barracas, há também os coordenadores de rua, que zelam pelo bom relacionamento entre voluntários e visitantes. São eventualmente chamados para resolver alguma situação pontual, nada que tire o brilho da festa.

Embaixo do terreno onde a igreja foi construída, existe uma área destinada às pias, ao almoxarifado de bebidas, descartáveis e produtos de limpeza, aos banheiros, à garagem e a uma das cozinhas de apoio. A masseira que produz a massa da *fogazza* também fica dentro de uma sala nessa área. A receita é guardada a sete chaves e cheia de mistérios. Dizem que só entra nessa sala quem tem uma senha. Esse é um dos motivos que ano a ano traz mais visitantes à Festa. Todos querem saber como a massa é feita para reproduzi-la em casa. E perguntam para todos os voluntários envolvidos com as barracas de *fogazza*: os que produzem, os que fritam, os que servem. Nem os jovens que organizam as filas escapam! Eu não. Faço questão, inclusive, de afirmar que é impossível descobrir. Não se quebra um encanto de mais de 90 anos.

Durante a semana, a cozinha do salão da igreja abriga a equipe que produz os molhos e outros pratos que podem ser adiantados ou que levariam muito tempo para serem produzidos no dia. Grande parte dessa equipe é composta pelas famosas nonas italianas, mesmo que muitas delas sejam brasileiras. A reverência é sempre às mulheres, mas acredite: existem também muitos nonos, muitos senhores que também participam desde criança.

Antes de começar a Festa, tudo vai sendo distribuído para que ela tome forma, desde a decoração das barracas até os enormes caldeirões de molho. Na minha barraca, as latinhas eram organizadas com maestria dentro da caixa do *freezer*, intercaladas com gelo, muito gelo, e dispostas de modo que todas elas ficassem bem visíveis. O objetivo era entregá-las rapidamente ao visitante, afinal, o atendimento tem que ser quase instantâneo.

Todos a postos, o padre chega para uma oração e bênção aos voluntários. Dão-se as mãos, formando um cordão humano ao redor do quarteirão da igreja. São quatro ruas que hospedam 30 barracas. Quatro ruas que param suas atividades. Mesmo que estas ainda não estejam finalizadas para a estreia, o momento é respeitado. Existe uma oração coletiva, em que o padre lembra os motivos da realização da Festa e os projetos sociais da igreja que serão atendidos por meio dela. Fala-se também de como os voluntários devem receber os visitantes, sempre com alegria e disposição para atender muito bem.

É comum também assistir a uma oração da equipe de cada barraca. Cada coordenador pede bênçãos para o trabalho do seu grupo e agradece a presença de todos ali. Alguns já se conhecem há anos; outros chegam pela primeira vez e são muito bem recebidos. Não pense que todos que estão ali são católicos ou fazem parte da comunidade da igreja. Acredito que a maioria sim, mas há um intercâmbio religioso saudável, respeitoso. Há pingentes de santos enroscados às guias dos orixás no pescoço de muitos voluntários, esperado para um bairro culturalmente tão rico e diversificado como a Bela Vista. Ou Bixiga, como chamado pela maioria.

Terminadas as orações, por volta das 18 horas, a Festa começa a tomar forma. Já há visitantes nas filas aguardando por atendimento.

Os caixas, profissionais responsáveis pela venda de fichas nas barracas, vão chegando. Esta é uma das equipes contratadas e remuneradas pela festa: o financeiro. A outra é a equipe de segurança. Com o caixa, chegam também as fichas, e as vendas começam.

Em minutos, uma fila com duas ou três pessoas, transforma-se em uma linha quase sem fim.

Aliás, as filas têm seu *show* à parte. Os jovens da comunidade formam a equipe responsável pela colocação, retirada e organização

das grades que indicam o caminho até os caixas. São muitos nesse trabalho. E eles gostam de sentarem-se nas grades para ver a fila de cima. Dizem que é melhor assim.

Os voluntários recebem fichas para se alimentarem durante a noite de trabalho. As escapadas para isso são rápidas. Um voluntário a menos na barraca já impacta no fluxo. Esse é o momento de visitar os amigos nas outras barracas e buscar as encomendas feitas no começo da Festa nas barracas onde acontecerá o jantar de cada um. Pedidos especiais, como a pizza com mais orégano que o padrão, a reserva daquele refrigerante que sempre acaba antes ou o lanche de calabresa sem vinagrete, são prontamente atendidos.

Eles não pegam fila para retirar comidas e bebidas nas barracas. Isso evita a demora durante o jantar e a volta para seus postos. Alguns visitantes acham injusto “furar a fila”, principalmente pelos que trabalham na Festa, mas os jovens da organização das grades da fila explicam o motivo dessa liberação especial.

Durante a noite de trabalho, as barracas continuam sendo abastecidas. Caixas plásticas com massa pré-cozida, formas com polenta recém-saída do forno, pães para os sanduíches de linguiça e churrasco. Tudo é repostado o tempo todo. Não raro, frase como “*eu acabei de trazer quatro engradados de refrigerantes e já acabaram?*” são ouvidas com incredulidade. 48 latinhas são vendidas em minutos! E essa nem é a principal barraca da festa.

As barracas de bebidas nunca ficam vazias. Além dos *freezers* cheios, um ou dois por barraca, deixamos sempre um estoque por perto. Conforme as vendas vão ocorrendo, imediatamente as latinhas são repostas.

As barracas de *fogazza* são sempre as mais cheias. Antes das 18 horas, já é possível contar mais de 200, 300 pessoas na fila, que ao final de uma linha reta que ocupa toda a extensão da barraca, começa a formar um caracol na calçada para acomodar todos ali.

A entrada na fila da *fogazza* é um caminho sem volta. Na verdade, pouquíssimos se arrependem de ter entrado ou tentam sair dela. A recompensa virá. Quente, crocante por fora e com queijo derretido por dentro. É fácil identificar quem está comendo a *fogazza* pela primeira vez: as manchas de óleo na camiseta denunciam que o convidado ainda não aprendeu que deve morder e deixar o vapor quente sair para não se queimar, e virar a *fogazza*, para que o óleo do queijo escorra totalmente de dentro dela. Esses aprendizados vêm com o tempo.

As massas também são muito desejadas. *Penne* e *spaghetti* ao sugo são montados na hora em marmitas de isopor. As porções são generosas: massa, concha de molho, queijo ralado, fatias de pão italiano, guardanapo e talheres. Uma linha de produção que funciona perfeitamente. Seria possível dividir o prato, mas quem quer fazer isso? As barracas de massa são muito animadas. Talvez eu tenha essa visão porque as de bebidas sempre são suas vizinhas. É quase uma venda casada: quem pega o *spaghetti*, corre para a fila da bebida para complementar. Os próprios voluntários também lembram da compra da bebida: água, refrigerante, cerveja ou vinho. De tempos em tempos, alguma barraca puxa uma cantoria e muitos voluntários param o que estão fazendo para cantar e dançar. Os visitantes sorridentes assistem ao show como se fosse algo espontâneo. Não é porque sempre acontece, mas é porque sempre funciona.

Outros pratos são menos disputados, porém não menos saborosos: polenta com molho bolonhesa e *fricazza*, uma espécie de pizza com massa alta e cobertura. A barraca chamada Típica vem ganhando popularidade nos últimos anos. Pimentão e abobrinha recheados, antepasto, sardela e pão italiano formam a bandeja ideal para quem não tem tanta fome e quer experimentar um pouquinho de cada.

Algumas barracas trazem tanto orgulho aos seus voluntários que estes usam os próprios insumos na decoração. É o que acontece nas barracas de sanduíche de calabresa. Os gomos de linguiça são pendurados em varais dentro das barracas. Acima das churrasqueiras, elas são defumadas desde o início da Festa, até chegar a hora de serem assadas e irem para dentro dos pães.

A noite segue barulhenta pelas conversas altas que disputam atenção com as músicas italianas clássicas que tocam nos alto-falantes de todas as ruas. Em um certo momento, essas músicas param e começa outra festa: a de dentro do salão.

Os ingressos são vendidos ainda em julho e rapidamente se esgotam. Geralmente, são comprados por famílias com crianças e idosos, que preferem um ambiente mais confortável em relação às ruas e têm possibilidade de pagar por isso. Cada ingresso dá direito a um prato de massa, bebida e o mesão, composto por saladas, queijos, antepastos, entre outras entradas, que são consumidas ao longo do período. O salão é embalado pela Banda Felice Itália e, durante o *show*, o áudio é compartilhado para as ruas.

Engana-se quem pensa que trabalhar no salão é mais tranquilo que nas barracas de rua. O número de pessoas é proporcional ao número de voluntários, ou seja, são muitas do mesmo jeito. Mas a animação lá dentro traz aos visitantes a sensação de estarem de fato em uma grande cantina italiana. Logo na entrada, voluntários com trajes das cores da bandeira da Itália recebem cada família, tocando um pandeiro decorado com fitas. As famílias passam pelo corredor e sentem-se acolhidas com a recepção.

A impressão que as equipes de voluntários têm é de que cada noite de festa dura mais que sete horas, dentro do salão ou nas ruas. É um trabalho muito desgastante e cansativo. Por muitas vezes, esquecemos de beber água, de comer, de nos sentar. Lembro-me de que, no meu primeiro dia, quebrei todas as unhas das

mãos, mesmo usando luvas de borracha. O contato com as latinhãs e com os sacos de gelo é tão constante que, mesmo nas noites de quase trinta graus, não é possível ficar sem a proteção. Voluntários são vistos com marcas de batidas, cortes, queimaduras e arranhões, principalmente nas mãos e nos braços. Por mais que se tome cuidado, os acidentes acontecem, com pessoas de todas as idades.

Há também as nonas e nonos que, mesmo sem a força e agilidade de antes, não perderam os sorrisos. Continuam nas barracas que antes eram supervisionadas por eles e agora estão com seus filhos ou netos. Como dizer a eles que devem ficar em casa, mesmo nas noites frias das quais eles vêm fazendo parte há sessenta, setenta anos?

Depois das comidas e bebidas, acontece a disputa pelos doces. As duas categorias de barracas – doces típicos italianos e doces em geral – também ostentam filas imensas. Os pacotinhos de *amaretti*, típicos biscoitinhos italianos, em uma barraca e o bolo de beijinho na outra costumam ser os mais desejados de todos os fins de semana, inclusive entre os voluntários.

Depois de uma noite agitadíssima, aos poucos as barracas vão encerrando o trabalho e sendo desmontadas. As estruturas permanecem para o dia seguinte, e ali ficarão durante todo o período da Festa. Sempre chegam visitantes no final, em busca de algum prato. Dizem não ter conseguido chegar antes. Em algumas barracas, ainda há comida; em outras, “nem o cheiro”.

O movimento vai caindo e no dia seguinte tudo recomeça.

Em 2020, com a pandemia de Covid-19, a 94ª edição da Festa teve seu formato alterado. No primeiro fim de semana, adiantado para junho, somente as *fogazzas* foram vendidas. Poderiam ser recebidas por *delivery* ou retiradas no salão (*drive-thru*). Havia ali uma nuvem de preocupação diferente dos anos anteriores.

Os pedidos não paravam de chegar. Muitos deles foram esquecidos, não foram entregues nem preparados para a retirada.

Foi grande a insatisfação por parte de compradores, com comentários negativos, alguns ofensivos, nas redes sociais. Houve quem entendesse que aquele primeiro fim de semana foi um aprendizado forçado, já que depois de 93 anos funcionando nas ruas e recebendo os visitantes nas barracas, pela primeira vez os itens eram vendidos e servidos dessa forma. Outros, talvez por não conhecerem a história da Festa e seus objetivos, apenas criticaram e disseram ter se decepcionado com a falta de organização.

A página da Festa nas redes sociais fez um comunicado oficial, falando do aprendizado com os erros e desculpando-se com a comunidade.

Aos poucos, os processos de *delivery* e *drive-thru* foram redesenhados. A Festa voltou nesse formato, e com sucesso, em outros finais de semana de agosto a novembro. Novos pratos foram inseridos no cardápio e a operação finalmente funcionou como planejado.

Por questões de segurança, a equipe de voluntários foi reduzida e o trabalho aumentou. Naquele ano, perdeu-se o olho no olho. O sorriso dos voluntários que contagiava a fila de espera não era mais visto em função das máscaras. Mesmo assim, os olhos ainda sorriam. Os abraços, beijos e cumprimentos calorosos aconteciam de longe.

A Festa de 2021 acontece como 2020: no formato de *delivery* e *drive-thru*, mas agora de uma forma mais planejada, considerando os aprendizados com todos os erros e acertos do ano anterior.

Nas barracas ou nesse novo formato, sempre houve a pergunta: “Mas vocês não recebem nada para trabalhar?” Essa resposta é rápida: “Não”. Se, na sequência, viesse um “E o que te motiva a estar aqui?”, garanto que já não seria assim.

Conversando com algumas pessoas que trabalham na festa há alguns anos, percebo que não há uma resposta única. E muitas vezes não há sequer uma resposta. As pessoas não sabem dizer por que estão ali. O que as faz trabalhar, às vezes, mais de doze horas por dia, no sol, na chuva ou no frio. O que as motiva a deixar a família e o almoço de domingo, antes mesmo dele ficar pronto por cinco fins de semana. O que as faz *abrir mão* de jantar fora, ir a um bar, encontrar amigos em um sábado à noite. Carregar peso, lavar a área da barraca, ficar em pé a noite toda, sorrindo, sendo amável com todos os visitantes, mesmo com os que reclamam.

São minoria, mas não são poucos, aqueles que reclamam do tamanho da fila, da demora do atendimento, da *fogazza* que não está frita, da espera para a linguiça assar. Mesmo assim, o sorriso dos voluntários permanece no rosto, junto com o suor ou com a vermelhidão do frio cortante.

As mesmas cenas são vistas por mais quatro fins de semana, até que o espetáculo é desmontado. Ficam somente os fitilhos prateados, em verde e vermelho que enfeitam de poste a poste toda a Treze de Maio, lembrando até a próxima festa que aquele local a abrigará mais uma vez. O último domingo é encerrado com uma grande celebração à padroeira, com chuva de papel picado, fogos de artifício, flores e aplausos.

Os cumprimentos calorosos voltam a fazer parte do cenário.

Uma mistura de emoção e sensação de missão cumprida é compartilhada pelos que trabalharam na Festa. E a despedida, em todos os anos, é sempre a mesma: “*Até o ano que vem, se Deus quiser!*”

E Ele tem querido. Desde 1908.



O MIGRANTE NORDESTINO NA CENA GASTRONÔMICA DO BIXIGA

Anna Paula Telino de
Abreu Fernandes



ANDANÇAS NORDESTINAS PARA SÃO PAULO/SP

O ser humano sempre esteve em constante movimento; desde que o mundo é mundo, há incontáveis relatos históricos de deslocamentos populacionais cujas razões de ocorrência são as mais diversas. Esses deslocamentos podem ocorrer dentro do próprio país ou de um país para outro, sendo denominados migrações internas e externas respectivamente. Entre os motivos existentes para migrar, as razões econômicas parecem destacar-se, relacionando-se, de modo geral, à falta de condições justas para a sobrevivência, o que leva os sujeitos a buscarem melhorias de vida e de trabalho em outra localidade¹. A cidade de São Paulo sempre foi alvo dessa busca pelos migrantes, uma vez que é considerada um importante polo econômico e cultural do Brasil e, por isso, é por muitos tida como a “terra das oportunidades”.

Entre o fim do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, São Paulo foi a única capital brasileira que, em virtude do fluxo intenso de imigrantes europeus, chegou a ter mais estrangeiros que brasileiros, chegando ao ponto de os brasileiros representarem apenas 44% da sua população. Nessa época, era possível considerar a capital uma cidade europeia, uma vez que incorporou os costumes, a arquitetura, as tradições e a cultura europeia em geral, conferida a partir dos imigrantes. Consequentemente, o predomínio da força de trabalho estrangeira era evidente, em especial dos italianos².

Nesse período, trabalhadores brasileiros não eram requisitados na cidade por algumas razões. Primeiramente, pela carência dos meios de transporte, que dificultava o fluxo dos migrantes nacionais para o Sudeste. Em segundo lugar, porque esses traba-

1 Chueiri; Câmara, 2014, p. 159-162.

2 Paiva, 2004; Villa, 2017.

lhadores eram importantes para realização da extração do látex na Amazônia, que estava em seu auge e era executada majoritariamente pelos nordestinos. Outro fator limitador foi a imagem idealizada de que o trabalhador nacional era preguiçoso, indisciplinado, pouco dedicado ao trabalho agrícola e sem qualificação para o trabalho nas indústrias, em contraste com o imigrante, que era considerado competente em qualquer função que executasse³.

As migrações em massa dos nordestinos para outras regiões brasileiras são vastamente discutidas, e as motivações para esses deslocamentos são diversas. Há quem sugira que os nordestinos saíram da sua região em busca de trabalho, melhores salários e oportunidades, o que caracterizaria uma escolha racional. Outros defendem que os movimentos ocorreram devido ao desenvolvimento do capitalismo no País. Por fim, credita-se a migração também aos períodos de grandes secas, que assolaram e seguem a castigar a região⁴. Esses deslocamentos seguiram crescentes até que, em 1928, de modo inédito, a chegada de nordestinos a São Paulo foi superior à de estrangeiros. Na década de 1940, chegaram a São Paulo 396 mil pessoas por terra, com a predominância dos baianos e, em segundo lugar, dos pernambucanos⁵.

A chegada dos nordestinos contribuiu, significativamente, para o desenvolvimento da economia capitalista em São Paulo, mobilizando parcela considerável dessa população para as indústrias. Surgiu assim uma força de trabalho que era considerada pouco qualificada, porém, contrariando a ideologia negativa já referida, dócil e de aspirações modestas⁶. A partir da chegada dos nordestinos, houve a formação de uma “nova” classe operária

3 Villa, 2017.

4 Oliveira; Jannuzzi, 2005, p. 134-143.

5 Villa, 2017.

6 Singer, 1998.

nacional, que se tornou importante protagonista na sociedade urbano-industrial emergente e era muito diferente da “vanguarda operária” de origem europeia. A diferença existente entre essas classes era, basicamente, a de que os europeus ansiavam pela ascensão social, enquanto os nordestinos, fugidos das precárias condições de vida das áreas rurais do País, ao chegarem a São Paulo, sentiam-se gratificados pela sua nova condição de trabalho⁷.

O período entre 1979 e 1984 foi marcado pela mais prolongada e abrangente seca já ocorrida no Nordeste, atingindo todos os estados e deixando um vasto rastro de miséria. Em 1988, outra seca severa atingiu a população nordestina, afetando cerca de cinco milhões de pessoas. Esses eventos, mais uma vez, impulsionaram a migração dos nordestinos para São Paulo⁸. Entre 1990 e 1993 e entre 1998 e 1999, a zona semiárida brasileira foi assolada novamente por secas. A produção agropecuária no Nordeste caiu drasticamente, acarretando um considerável volume de desemprego e a busca por melhores condições de vida em grandes centros urbanos⁹. Atualmente, a cidade de São Paulo segue sendo um destino para os nordestinos que buscam mudanças na vida, contudo, esses fluxos não são mais em massa como antigamente; as motivações também não são tão drásticas quanto as de antes, havendo muitos nordestinos que se instalam na cidade para estudar, por exemplo; o que caracteriza um perfil diferente daquele antes existente.

Como é possível observar, a chegada dos nordestinos a São Paulo alterou, drasticamente, a composição étnica da população, que, por muito tempo, era majoritariamente estrangeira. A presença crescente dos nordestinos acarretou uma onda crescente de xenofobia, uma vez que o Brasil era marcado pelo regionalismo,

7 Silva, 2008, p. 12-168.

8 Silva, *et al.*, 2013 p. 284-291.

9 Fusco, 2012, p. 102.

e os estereótipos eram amplamente explorados e insistiam em acentuar as diferenças existentes entre Sudeste e Nordeste. Nos nordestinos sempre recaía a imagem de subalternos, pessoas desqualificadas e atrasadas, contrastando com a superioridade dos sudestinos¹⁰.

OS NORDESTINOS NO BIXIGA

Localizado no distrito de Bela Vista, o Bixiga ocupa a região que um dia foi um quilombo considerado de grande importância para a cidade, denominado Saracura. Inicia-se nas baixadas do rio Anhangabaú e segue pela encosta que atinge a Avenida Paulista¹¹. Discute-se muito a respeito do seu limite, contudo, até hoje, não se chegou a acordo algum. Uma dessas discussões considera que o território é delimitado pelas avenidas Nove de Julho e Brigadeiro Luis Antonio, e pelas ruas Maria Paula e Cardeal Leme¹².

Por ter surgido em meio a um quilombo, a presença negra no Bixiga já era percebida antes mesmo da sua origem¹³. O local foi ocupado, inicialmente, por ex-escravos que, após a abolição da escravatura, logo se tornaram a população preponderante da região¹⁴. Os negros costumavam concentrar-se na baixada, lugar conhecido por muitos anos como o quadrilátero negro e, ainda hoje, é o local onde muitos dessa população seguem habitando¹⁵. A partir do século XIX, o Bixiga recebeu um grande contingente de imigrantes, principalmente italianos. Em reflexo ao racismo, a chegada desses imigrantes causou certo ofuscamento da história e das contribuições da sua população pioneira, apagando a sua

10 Paiva, 2017; Villa, 2017.

11 Castro, 2008, p. 37-69.

12 Bitelli, 2017.

13 Castro, 2008.

14 Castro, 2008; Nascimento, 2016, p. 104-118.

15 Castro, 2008.

importância¹⁶. Com sua música, cultura, religião, culinária e arquitetura, os italianos tornaram-se protagonistas do território e fizeram nascer o mito do Bixiga italiano¹⁷.

Esses imigrantes construíram, no final do século XIX e começo do século XX, casarões de estilo italiano, com a intenção de abrigar várias famílias em uma edificação, surgindo assim os cortiços¹⁸. Nesses lugares, os imigrantes sublocavam parte dos cômodos da casa para quem buscava moradia pela região a preços baixos¹⁹. Assim, por ser um território localizado em uma região central de São Paulo e por dispor de moradias cujo aluguel era de baixo custo, o Bixiga tornou-se atraente para um número significativo de migrantes brasileiros, principalmente os nordestinos²⁰.

A partir da década de 1950, diversos migrantes nordestinos instalaram-se no Bixiga, principalmente nos cortiços²¹. Ao passo que as antigas famílias abandonaram o local por razões diversas, os nordestinos, os mineiros e outros migrantes nacionais foram ocupando seus lugares, e a população de ítalo-paulistas que um dia foi dominante passou a diminuir cada vez mais²². O território tornou-se um local multiétnico, um lugar híbrido cuja dinâmica social, econômica e cultural é complexa²³.

Nos territórios híbridos, alguns indivíduos são vistos como representantes do lugar e outros são considerados intrusos, tendo seus costumes, hábitos e culturas desprezados e tornando-se um incômodo para a região²⁴. No Bixiga, os sujeitos representantes

16 Nascimento, 2016.

17 Castro, 2008.

18 Lucena, 2013; Paiva, 2017.

19 Lucena, 1983, p. 62-94.

20 Paiva, 2004.

21 Lucena, 2013; Paiva, 2004.

22 Scarlato, 1989, p. 27-36.

23 Paiva, 2011, p. 13- 30.

24 Paiva, 2011.

seguiram sendo os italianos – apesar de não serem mais, nem de longe, a porção majoritária –, e o papel de “invasores indesejados” foi, principalmente, destinado aos nordestinos, que passaram a ser considerados a principal causa da perda de identidade cultural do local. A população tradicional remanescente firmou um forte xenofobismo contra os nordestinos, enxergando-os como uma minoria retrógrada que mancharia a sua bandeira do ítalo-paulistanismo²⁵.

Hoje o Bixiga é reconhecido como um local rico em diversidade, sendo considerado principalmente habitado por uma população afro-italiano-nordestino-mineiro. Contudo, ideologicamente, reforça-se a italianidade do território, como se essa característica fosse tão forte quanto no período de sua formação²⁶. A imagem que se propaga por meio da mídia e dos seus frequentadores é a de um Bixiga sinônimo de lazer e cultura. O local é palco para manifestações culturais, sendo considerado um polo gastronômico importante para a cidade e um lugar onde é possível experimentar diferentes estilos de vida. É justamente essa característica de importante polo gastronômico que iremos olhar mais de perto, explorando a contribuição dos migrantes nordestinos para a construção e manutenção da cena gastronômica local.

POR QUE O NORDESTINO SE DÁ BEM NA GASTRONOMIA?

Segundo a Associação Brasileira de Alta Gastronomia (Abaga), cerca de 90% da mão de obra existente nos restaurantes da cidade de São Paulo é constituída de migrantes nordestinos. Dados do sindicato paulistano mostram que 60% dos trabalhadores que atuam nos 70 mil bares existentes na cidade são nordestinos²⁷.

25 Scarlato, 1989.

26 Scarlato, 1989.

27 Barreto, 2006.

Não obstante, cerca de 70% dos *sushimans* da cidade vieram do Nordeste. Além disso, no Bixiga, estima-se que 63% dos *chefs* existentes na cena gastronômica local são migrantes nordestinos²⁸. Esses são dados realmente expressivos e, apesar de não serem recentes, seu uso é respaldado pelo fato de não existirem trabalhos mais atualizados que abordem o tema (mesmo com toda a sua relevância, uma vez que São Paulo desponta no Brasil como referência gastronômica).

Seria somente uma mera coincidência essa relação entre os nordestinos e a gastronomia? É reconhecido o fato de que os migrantes nordestinos possuem forte laço com a comida e que, frequentemente, ela se torna labor. No Bixiga, hoje eles atuam como proprietários de empreendimentos de alimentação – restaurantes, bares, “casas do Norte” –, *chefs*, cozinheiros, membros da brigada de salão, além de em outras funções. Majoritariamente, começaram a sua trajetória profissional na gastronomia “por baixo”, como ajudantes de cozinha, lavando pratos ou limpando o chão e, gradativamente, foram conquistando outras posições na brigada de cozinha (além de no trabalho dentro da cozinha, a presença nordestina é também robusta e reconhecida no serviço de salão²⁹). Mesmo sem ter tido, muitas vezes, contato com técnicas e receitas refinadas, esses profissionais acabaram encontrando nas cozinhas um meio de reescreverem suas histórias de vida³⁰.

Parte dos estudos sobre a migração nordestina aponta que, ao chegarem a São Paulo, os nordestinos tendem a constituir uma força de trabalho forte, desprovida de qualificações específicas e que se insere, principalmente, no setor terciário³¹. A sua iniciação

28 Barreto, 2006; Santos, 2010, p. 11-74.

29 Roque, 1996; Barreto, 2006.

30 Barreto, 2006.

31 Martins; Vanalli, 2001.

no ramo da gastronomia tende a acontecer por acaso, principalmente por não demandar obrigatoriamente estudo, sendo possível o aprendizado na prática, na rotina³². Refere-se que o nordestino:

[...] quase sempre trabalha na cozinha de algum restaurante com o único e vital propósito de sobreviver [...]. Contudo, com o transcorrer do tempo, a partir da familiaridade com os diversos elementos presentes numa cozinha, a veia artística de cada um deles aflora, revelando facetas surpreendentes até então ignoradas³³.

Os nordestinos são considerados mão de obra versátil, tidos como bons observadores, destacam-se pela capacidade de adaptação e criação, sendo creditados a eles inventividade e sendo hábeis em se relacionar com diferentes cozinhas étnicas, rapidamente se familiarizando com elas e não se limitando apenas a sua cozinha típica³⁴. Contrariando o estereótipo de trabalhadores desqualificados, pouco dedicados e preguiçosos, por terem escapado de realidades duras, eles apresentam determinação, persistência, foco e disciplina, o que os leva ao sucesso na cozinha, não se constringendo por começar por baixo. Talento e afinidade com o ramo são apontados como qualidades inatas aos nordestinos, importantes para que sejam sujeitos perenes na cena gastronômica local³⁵.

Determinação e perseverança são características imprescindíveis para os trabalhadores na gastronomia, uma vez que, muitas vezes, são expostos a locais insalubres e trabalham perante altas temperaturas, o que requer extremo autocontrole.

32 Roque, 1996.

33 Roque, 1996, p. 13.

34 Barreto, 2006.

35 Roque, 1996.

É um trabalho árduo, com poucas folgas, por vezes, sem feriados nem mesmo em datas comemorativas. É uma verdadeira vida de renúncias³⁶.

Em minha dissertação de mestrado em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM), estudei a comida e os migrantes nordestinos do Bixiga atuando na construção da hospitalidade e da interculturalidade. A atuação dos migrantes nordestinos nos empreendimentos de alimentação não era o foco principal da pesquisa, contudo, ao realizar as entrevistas, deparei-me com o assunto, que se destacou de uma maneira inesperada. No próximo tópico, utilizarei alguns trechos das entrevistas realizadas que foram transcritos na íntegra para fins de discussão. Eles demonstram a perspectiva acerca do tema de sujeitos de diferentes origens e que trabalham em ramos diversificados, ilustrando muito bem o que foi discutido por meio da escassa literatura existente sobre o assunto até o momento. Os depoimentos serão apresentados no texto em *itálico* e foram gravados e transcritos na íntegra, mantendo todas as expressões idiomáticas. A identidade dos entrevistados foi preservada.

OS NORDESTINOS NA CENA GASTRONÔMICA DO BIXIGA

Ao serem questionados sobre o motivo de a maioria dos profissionais atuantes na cena gastronômica do Bixiga serem nordestinos, os entrevistados apresentaram diferentes pontos de vista. Pelo prisma de migrantes nordestinos que foram entrevistados e que trabalham no ramo, foi dito:

Tinha um colega meu que trabalhava e me chamou e aí eu pensei: “eu vou tentar... eu vou lá”. Mas eu não sabia cozinhar

36 Roque, 1996; Barreto, 2006.

*nada, aprendi tudo por aqui. Mas foi rápido, não demorou muito pra eu aprender não. Em dois anos eu já tava bem preparado. [...] Eu acho que é uma característica própria. Além disso é um trabalho mais fácil de fazer e muito nordestino leva jeito no trabalho na cozinha.*³⁷

*É, os trabalhadores garçons, cozinheiros, a maioria é nordestina. Porque é uma profissão fácil de aprender, entendeu? E como naquela época o nordestino não tinha estudo, eu mesmo tive muito pouco estudo, eu fui estudar com 40 anos de idade...³⁸ Eu acho que é minha praia, gosto muito de mexer com comida. O nordestino, eu acho, da minha forma, do meu jeito de agir, nós tentamos fazer as coisas pra ser o melhor, ele nunca deixa a desejar.*³⁹

A partir desses depoimentos, é possível observar que, de fato, alguns dos nordestinos se inseriram na gastronomia do bairro de maneira não intencional, o que foi resumido no seguinte trecho: “[...] *foi por acaso mesmo. Foi o jeito que eu achei*”⁴⁰. Seja pelo fato de não demandar, obrigatoriamente, uma formação superior ou por conveniência, por existirem conhecidos já atuando no ramo que facilitaram esse percurso, o intuito era sobreviver. Contudo, logo foi percebida uma afinidade com o trabalho e, por serem dedicados, disciplinados, entusiasmados e persistentes, eles conseguiram firmar-se no ramo, tornando-se competentes no que se dispunham a fazer.

Já os entrevistados paulistanos creditam essa afinidade com a gastronomia a algo inato aos migrantes, uma habilidade, um dom,

37 A.C.T.S., 40 anos, baiano, cozinheiro, 2019.

38 R.N.O., 67 anos, cearense, proprietário de restaurante, 2019.

39 A.L.B.A., 41 anos, alagoano, ex-cozinheiro, 2019.

40 R.N.O., 67 anos, cearense, proprietário de restaurante, 2019.

algo irrefutável, como é possível observar a partir do exposto a seguir:

Os nordestinos desde pequenos já aprendem a cozinhar, já tem essa manha, já tem essa vontade de aprender e tudo mais. Meu pai quando veio pra cá já cozinhas. Ele já era craque, sabia fazer tudo, ele trabalhava como cozinheiro e já chegou sabendo. Ele trabalhava na verdade em tudo né? Ele trabalhava na caixa, como garçom, na cozinha... tudo! Então eu acho que é por conta disso, sabe? As pessoas vêm pra cá porque elas já têm esse conhecimento da culinária, já sabem cozinhar desde criança e é uma coisa que o pessoal procura bastante por aqui também, né?⁴¹

A gastronomia dos caras é muito boa. Eles gostam de cozinhar, eu tiro pelo meu vô, meu avô adorava cozinhar, nossa ele fazia muita coisa boa. Meu sogro também é de Alagoas e também adora cozinhar. Então eu acho que o povo de lá cultiva esse negócio de gostar de cozinhar, não só pelo fato deles precisarem, mas porque eles gostam de fazer isso. Não é que nem a gente que tem um monte de oportunidade e faz o que der na telha [sic], lá eles gostam de cozinhar porque gostam de cozinhar.⁴²

Pode-se dizer que a grande maioria dos nordestinos do bairro trabalha nos restaurantes daqui; eles têm uma afinidade natural com a gastronomia, muita habilidade, muita facilidade em aprender. Eles por aqui estão atuando em todos os lugares, nas cantinas, nas pizzarias.⁴³

41 K.F.A., 23 anos, paulistana, enfermeira, 2019.

42 V.L.M.S., 26 anos, paulistano, estudante, 2019.

43 S.B., 72 anos, paulistano, proprietário de cafeteria, 2020.

Neles observa-se não apenas a questão da habilidade inata dos migrantes já referida na literatura, como também a facilidade de aprendizado bem como a versatilidade na realização de diversas funções, que, no caso, são as que estiverem disponíveis e necessitando de mão de obra naquele momento. Percebe-se também que os nordestinos atuam em uma diversidade de restaurantes, podendo relacionar-se com cozinhas étnicas que não as suas, possuem fácil adaptação e tornam-se rapidamente habilidosos nelas. Essa versatilidade pode ser observada no fragmento a seguir:

[...] inclusive tem uma coisa curiosa, tem um restaurante japonês nessa rua que é de um pernambucano, ou baiano, agora não sei, mas sei que é nordestino. Certa vez entrei lá e vi que não tinha japonês nenhum, só tinha nordestino, mas o dono de lá trabalhou muitos anos em restaurante japonês e acabou montando esse negócio para ele.⁴⁴

Agora, falando sobre empreendimentos de alimentação que fazem alguma referência nordestina, é possível observar ambientes que fazem alguma alusão a pratos tipicamente nordestinos, demonstrando certa influência. No entanto, esses restaurantes se tornam inexpressivos perante os estabelecimentos que ostentam italianidade. Isso foi percebido e apontado nos fragmentos a seguir:

No bairro eu acredito que o único restaurante cuja temática é tipicamente nordestina é o Rancho Nordestino, os demais lugares que fazem referência sofreram a influência da comunidade

44 P.S., 72 anos, maranhense, jornalista, 2020.

*nordestina presente no bairro. Ainda é possível encontrar casas do Norte, onde tem produtos que você não encontra rotineiramente em qualquer lugar, aqui na rua mesmo tem uma, você já esteve lá? Mas devo dizer que esses lugares não têm a projeção que deveriam ter, eles não são tão conhecidos.*⁴⁵

*Não é nada excepcional até porque tem em poucos lugares né? Não tem muita concorrência. O grande reduto aqui é o Rancho Nordestino, eu gosto da comida de lá. Como eu tenho muito contato com gente do exterior, sempre que vem alguém de fora eu levo lá. É uma comida que agrada vários paladares, principalmente dos estrangeiros, eles adoram! Já levei belga, americano, italianos que vem para cá, todos eu levo lá e eles comem lá e se fartam.*⁴⁶

Referido nas citações anteriores, o **Rancho Nordestino**, localizado na Rua Manoel Dutra, 498 – Bela Vista, está no mesmo ponto há mais de 40 anos. Lá é possível desfrutar de pratos tipicamente nordestinos, como caldo de mocotó e baião de dois acompanhado de uma legítima carne de sol, todos a preços convidativos.

45 S.B., 72 anos, paulistano, proprietário de cafeteria, 2020.

46 P.S., 72 anos, maranhense, jornalista, 2020.

Figura 1 Fachada do restaurante Rancho Nordestino



Fonte: Anna Paula Telino de Abreu Fernandes, 2020.

Figura 2 Prato típico nordestino: baião de dois com carne de sol



Fonte: Anna Paula Telino de Abreu Fernandes, 2020.

As “casas do Norte”, também referidas no depoimento, são, na verdade, pequenos estabelecimentos, espécies de mercearias que comercializam produtos diversos, alguns vindos diretamente do Nordeste, tais como flocão de milho para fazer cuscuz, bolacha sorda, pingas do Nordeste, entre outros itens. No entanto, poucos são os que sabem de sua existência, o que as leva a ter baixo movimento. Algumas delas sequer apresentam placa sinalizando o comércio, a exemplo do estabelecimento apresentado na imagem ao lado, localizado na Rua 13 de Maio.

Figura 3 Casa do Norte



Fonte: Anna Paula Telino de Abreu Fernandes, 2020.

Apesar da contribuição irrefutável para a gastronomia, os nordestinos atuantes na cena gastronômica do Bixiga – imprescindíveis para a manutenção do *status* de polo gastronômico da

cidade – têm sido relegados historicamente a segundo plano. Os empreendimentos de alimentação nordestinos possuem baixa expressividade, e a presença de nordestinos nos estabelecimentos tradicionais do local como mão de obra torna-se invisível pela ainda ideologia de território italiano⁴⁷. Ocorre a divulgação da vertente italiana, ofuscando a presença nordestina e as demais etnias ali presentes. Quando explanaram sobre o motivo de não se falar sobre a presença nordestina atuante na gastronomia do Bixiga, os entrevistados expressaram o seguinte:

*Porque tem pessoas que não dão valor. Pessoas que são mais arrogantes, que se acham dono do mundo, mas não é dessa forma que funciona. Por quê? Vou explicar o que eu penso, o que eu acho que é o certo. As pessoas que têm tudo, acham que são donas do mundo e não é assim. Nós somos ser humanos [sic], temos que ser tratados com respeito, com educação, com moral, com caráter, como cidadão brasileiro. Têm pessoas que não pensam dessa forma, acham que você tá ali e porque você tem menos, quer me humilhar. Eu já sofri muito preconceito, morei na rua aqui em São Paulo seis vezes, mas nunca desisti dos meus objetivos. [...] Desculpe eu falar dessa forma, mas é que nós somos muito discriminados. Nós somos rejeitados. Quem fez crescer São Paulo foram os nordestinos. Nós somos discriminados por quê? Porque somos guerreiros, somos pessoas que correm atrás dos objetivos. Só que São Paulo quer as coisas muito fáceis, tem muitas pessoas que jogam errado pra ganhar dinheiro fácil. E nós somos descartáveis pelas pessoas que são poderosas, pisam em cima de nós e nós somos braçais.*⁴⁸

47 Roque, 1996; Barreto, 2006; Santos, 2010.

48 A.L.B.A., 41 anos, alagoano, ex-cozinheiro, 2019.

Eu acho que é essa síndrome que a gente tem de que tudo que vem de fora é melhor. Então falar que é um bairro italiano soa melhor do que falar que é um bairro de nordestino, apesar de eu achar que aqui é um bairro mais nordestino que italiano. Eu diria que os donos dos restaurantes são italianos, até das cantinas lá da [Rua] 13 de maio, mas os funcionários são todos nordestinos, todos... todos... e todos moram por aqui, é um ou outro que mora longe, mas a maioria mora por aqui. Então acho que muito desse negócio, tipo, realmente foi um bairro italiano, as cantinas mais antigas de São Paulo, um negócio assim, mas hoje em dia acho que não tem nem como comparar a presença dos nordestinos daqui com a presença dos italianos. Mas rola um certo preconceito. A gente tem bastante preconceito com a presença nordestina, eu acho, apesar de eu não sofrer com esse preconceito, eu sei que ele existe. E eu acho que tem uma questão nisso também, das pessoas acharem melhor ser um bairro italiano do que um bairro nordestino.⁴⁹

Não fazer referência a eles tá um pouco atrelado ao preconceito, à ignorância do ser humano. Se as pessoas parassem um pouco pra conversar, pra conhecer a cultura e até as pessoas mais velhas de lá, vão ver que eu acho que não tem muito problema. [...] E eu acho que isso tá atrelado muito à ignorância da pessoa, à ignorância do “povo dominante”, entre aspas... como pensam ou como acham os paulistanos.⁵⁰

Os negros que originalmente eram os habitantes do bairro foram silenciados, vejo isso acontecendo com os nordestinos

49 A.S.O., 31 anos, paulistana, profissional de rádio e TV, 2019.

50 V.L.M.S., 26 anos, paulistano, estudante, 2019.

*também. No Brasil existe ainda uma mentalidade muito colonial, apesar de achar que isso vem mudando devido ao acesso mais fácil às informações, acho que um dia viveremos um momento bom nesse sentido, mas hoje ainda há muito preconceito. Mas de grosso modo, devido a essa mentalidade colonial valoriza-se a presença dos estrangeiros e suprimem a expressão dos nacionais.*⁵¹

Diante do exposto, é possível perceber que os achados deste trabalho corroboram a constatação de Paiva⁵² ao dizer que “[...] na produção da representação *São Paulo imigrante*, o Nordeste foi silenciado.” Inferiorizados e omitidos, são considerados por muitos como subalternos⁵³ e são submetidos a uma rotina de trabalho compulsória, como é expresso na seguinte fala de um entrevistado: “[...] *nesse ramo, os trabalhadores infelizmente são muito explorados*”⁵⁴. Credita-se à xenofobia em relação aos nordestinos e demais trabalhadores provenientes de outras regiões do Brasil a valorização da influência estrangeira, uma vez que o desenvolvimento econômico de São Paulo foi associado ao trabalho dos imigrantes. A ideologia construída do Nordeste como uma região atrasada infelizmente refletiu nos migrantes oriundos desse território, que são taxados de retirantes e flagelados.

A atuação nordestina na cena gastronômica do Bixiga é incontestável. Quer como proprietários de empreendimentos de alimentação, quer como funcionários desses estabelecimentos (*chefs*, consultores, cozinheiros, membros da brigada de salão e atuantes em outras funções), os depoimentos evidenciam a importância

51 S.B., 72 anos, paulistano, proprietário de cafeteria, 2020.

52 Paiva, 2004, p. 21 – grifo do autor.

53 Paiva, 2004.

54 S.B., 72 anos, paulistano, proprietário de cafeteria, 2020.

dos nordestinos para a manutenção do Bixiga como polo gastronômico da cidade. Apesar disso, os empreendimentos nordestinos possuem baixa expressividade e a mão de obra nordestina presente nos mais diversos estabelecimentos do ramo é invisível. Os nordestinos são segregados, muitas vezes, hostilizados e acabam sendo enxergados como indivíduos inferiores e subalternos, indignos de destaque.

A escassez de literatura referente à relação entre os migrantes nordestinos e a gastronomia foi uma barreira encontrada para embasamento e desenvolvimento deste trabalho. O campo de pesquisa que aborda o tema carece, portanto, de ampliação, em virtude de sua importância e pertinência. Espera-se que este trabalho estimule novos questionamentos e desperte interesse em aprofundar os conhecimentos sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

BARRETO, R. L. P. **O profissional nordestino na gastronomia de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2006.

BITELLI, F. M. **Dimensões da hospitalidade no espaço público**: manifestações culturais no bairro do Bixiga em São Paulo. Dissertação (Mestrado Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2017.

CASTRO, M. S. **Bexiga**: um bairro afro-italiano. São Paulo: Annablume, 2008. p. 37-69.

CHUEIRI, V.; CÂMARA, H. Direitos humanos em movimento: migração, refúgio, saudade e hospitalidade. **Direito, Estado e Sociedade**, n. 36, p. 159-162, 2014.

FUSCO, W. Regiões metropolitanas do Nordeste: origens, destinos e retornos de migrantes. **Rev. Inter. Mob. Hum.**, n. 39, p. 102, 2012.

LUCENA, C. T. **Bixiga, amore mio!** São Paulo: Pannartz, 1983. p. 62-94.

LUCENA, C. T. **Bixiga revisitado**. São Paulo: Ibrasa, 2013.

MARTINS, D.; VANALLI, S. **Migrantes**. Migração interna no Brasil “Baianos” e “Paraibás”: a reforma agrária resolve? São Paulo: Contexto, 2001.

NASCIMENTO, L. A. C. No Bixiga nem tudo é italiano: relatos de vivência sobre um bairro da região central em São Paulo. **Pensando Áfricas e suas diásporas**, v. 1, n. 1, p. 104-118, 2016.

OJIMA, R.; COSTA, J. V.; CALIXTA, R. K. “Minha vida é andar por esse país...” A emigração recente no semiárido setentrional, políticas sociais e meio ambiente. **Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, n. 43, p. 149-167, 2014.

OLIVEIRA, K. F.; JANNUZZI, P. M. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 134-143, 2005.

PAIVA, O. C. **Caminhos cruzados: migração e construção do Brasil moderno (1930-1950)**. Bauru: Edusc, 2004.

PAIVA, O. C. Território de migração na cidade de São Paulo: entre a afirmação e a negação da condição do migrante. **Ideias**, n. 2, p. 13-30, 2011.

ROQUE, C. **Chefs de cuisine**. Nordestinos e a culinária europeia. v. I. São Paulo: C. Roque, 1995.

ROQUE, C. **Chefs de cuisine**. Nordestinos e a culinária europeia. v. II. São Paulo: C. Roque, 1996.

SANTOS, U. R. S. **Uma leitura geográfica da gastronomia da cidade de São Paulo: paisagens e identidades gastronômicas do Bixiga e da Vila Madalena**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. p. 11-74.

SCARLATO, F. C. Bixiga: uma ideologia geográfica. **Boletim Paulista de Geografia**, p. 27-36, 1989.

SILVA, U. V. **Velhos caminhos, novos destinos: migrante nordestino na região metropolitana de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 12-168.

SILVA, V. M. A.; PATRÍCIO, M. C. M.; RIBEIRO, V. H. A.; MEDEIROS, R. M. O desastre seca no Nordeste brasileiro. **Polêm!ca**, v. 12, n. 2, p. 284-291, 2013.

SINGER, P. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Contexto, 1998.

VILLA, M. A. **Quando eu vim-me embora**. São Paulo: Leya, 2017.



UMA SÃO PAULO MÚTIPLA: OLHARES TURÍSTICOS SOBRE OS BAIRROS DO BIXIGA E DA LIBERDADE

Cinthia Rolim de Albuquerque
Meneguel

Maria Henriqueta Gimenes-Minasse



São Paulo pode ser considerada única por vários motivos. Fundada em 1554 por padres jesuítas, a cidade foi sendo transformada ao longo dos anos por diferentes ciclos econômicos (como o auge da economia cafeeira, no século XIX, que criou subsídios para o início da industrialização) e a chegada de diversos fluxos humanos. No período colonial, aos índios tupiniquins e tupinambás, habitantes originais da região, juntaram-se portugueses e africanos escravizados. Posteriormente, nos séculos XIX e XX, a localidade recebeu italianos, japoneses, alemães, libaneses e árabes; e, no século XXI, bolivianos, chineses, haitianos, peruanos e coreanos, além de representantes de outros povos em menor volume. Esses grupos humanos se fixaram em diferentes regiões e imprimiram suas influências na paisagem e na identidade paulistana por meio de suas práticas de comércio, alimentação, religiosidade, festas e outras formas de sociabilidade. Tal efervescência cultural – aliada a uma forte economia – atrai visitantes de diversas procedências e imbuídos de diferentes motivações.

Atualmente com aproximadamente 12 milhões de habitantes e uma renda *per capita* de R\$ 57.759,39¹, São Paulo é o centro econômico do Brasil, sendo reconhecida como uma cidade dinâmica, um núcleo de negócios, compras, lazer e entretenimento. Sua economia está baseada, principalmente, nos setores de serviços e de indústria, e, como um local de produção e consumo cultural, oferece inúmeras oportunidades turísticas para seus visitantes.

Segundo dados oficiais, 15,7 milhões de turistas visitaram a cidade em 2018². Destes 2,9 milhões eram estrangeiros (principalmente americanos, argentinos, colombianos, chilenos e franceses). Esses fluxos de demanda buscam atividades ligadas,

1 IBGE, 2010.

2 Observatório do Turismo, 2019.

principalmente, aos segmentos de Turismo de Negócios e Eventos (desenvolvido a partir de atividades profissionais e comerciais impulsionadas pelas diferentes empresas que atuam na cidade) e de Turismo Cultural (operacionalizado a partir de uma ampla gama de atrativos e realizado por aqueles cuja motivação essencial é ter contato, descobrir e aprender sobre diferentes estilos de vida, produtos culturais e patrimônios materiais e imateriais de um destino). Ambos os segmentos pertencem ao escopo do Turismo Urbano.

O Turismo Urbano reflete o movimento de globalização turística e o aumento da competitividade entre as grandes cidades mundiais que buscam destacar-se por sua singularidade³. Com uma concentração territorial densa, as cidades são caracterizadas pela diversidade, sendo espaços privilegiados de interação humana e de atividade cultural⁴. Dessa forma, a cultura assume um papel preponderante nos núcleos urbanos, avivando políticas de preservação dos patrimônios e da memória bem como possibilitando o desenvolvimento de diferentes segmentos turísticos. No caso de São Paulo, por exemplo, as possibilidades são inúmeras, podendo ser mencionados – apenas entre os subsegmentos do Turismo Cultural – o Turismo Religioso⁵, o Turismo Gastronômico⁶, o Turismo Criativo⁷ e o Turismo Étnico.

3 Urry, 1990.

4 Lévy, 1999.

5 Turismo Religioso: atividade turística que engloba aspectos, motivações, comportamentos, usos e percepção do espaço sagrado (SERRALONGA; HAKOBYAN, 2011).

6 Turismo Gastronômico: atividade turística cujas motivações são voltadas para a degustação, o aprendizado e a realização de diferentes experiências gastronômicas, seja a partir de restaurantes, eventos, estabelecimentos produtores e outros atrativos de caráter gastronômico (HALL; SHARPLES, 2003).

7 Turismo Criativo: atividade turística que oferece aos visitantes a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo por meio da participação ativa em experiências de aprendizagem que são características intrínsecas do destino visitado (RICHARDS, 2020).

O Turismo Étnico, em contexto imigratório, é uma forma particular de Turismo Cultural⁸ que promove o contato entre membros de diferentes grupos étnicos e que tem como foco os chamados bairros étnicos, que produzem, a partir de suas tradições, uma forma híbrida de cultura, oferecendo um ambiente acolhedor para os viajantes que gostam de explorar o mundo em uma cidade⁹. Nesse processo, tanto práticas culturais quanto bens e serviços marcados pela etnicidade são disponibilizados ao turista¹⁰ e criam condições para a valorização do conhecimento e de habilidades sociais humanas, estimulando o desenvolvimento local.

Nesse subsegmento, elementos como arquitetura, artesanato, comida, bebida, festas, celebrações e outros eventos com características étnicas ganham destaque e incentivam fluxos de visitantes que buscam a singularidade de costumes e o exotismo de uma cultura que não lhes é familiar. São exemplos desse processo as *chinatowns*, territorialidades reconhecidas como bairros de cultura chinesa existentes em diferentes localidades do mundo, como Amsterdã (Holanda), Nova Iorque (EUA) e Paris (França), e que se caracterizam como representações das relações interétnicas capazes de produzir ou reproduzir experiências de identidade étnica. É preciso observar, contudo, que esses redutos étnicos não são detentores de uma cultura “pura”, mas sim resultado e expressão de um processo de construção de uma cultura híbrida que envolve não só tradições e resistências, mas também assimilações e perdas diante da necessidade de adaptação desses imigrantes em terras estranhas.

No caso de São Paulo, a expansão urbana gerou uma corrente imigratória, formadora de bairros com etnias em convívio,

8 Barretto, 2005, p. 39-56.

9 Collins; Castillo, 1998.

10 Santos; Yan, 2008, p. 879-899.

constituídos de políticas de imigração relacionadas ao trabalho, a vínculos políticos, a conexões familiares existentes, ao idioma comum, entre outros fatores. Como exemplos desse processo destacam-se o bairro do Bixiga, comumente associado aos imigrantes italianos, e o bairro da Liberdade, percebido como um bairro oriental. Esses bairros, que passaram por transformações urbanas e sociais nas últimas décadas, acolheram diferentes grupos de moradores e tornaram-se espaços em que tradições e inovações convivem, criando cenários de grande vitalidade cultural entremeados por atividades de entretenimento e festividades religiosas.

Nota-se que, tanto no contexto internacional quanto no nacional, a diversidade étnica e suas expressões culturais estão sendo reconhecidas como uma contribuição ao diferencial turístico nos destinos urbanos, que, muitas vezes, possuem o patrimônio edificado ou os centros comerciais como seu principal atrativo. Percorrer os bairros do Bixiga e da Liberdade sob um olhar turístico evidencia como uma experiência de aspectos culturais distintos pode promover a revitalização de identidades étnicas, autorrepresentações e costumes, como pode ser percebido em iniciativas da São Paulo Turismo (empresa de turismo e eventos da cidade de São Paulo, órgão municipal de turismo), como roteiros de visitaç o (alguns deles mencionados neste texto) e materiais de divulga o.

Sob a perspectiva do n o morador, visitar tais bairros e interagir com esse pluralismo cultural por meio de suas narrativas espaciais estimula a assimila o das transforma es morfol gicas urbanas que esses locais produzem e que complementam a oferta do Turismo Urbano de forma integrada aos modos de vida na cidade de S o Paulo.

UM OLHAR TURÍSTICO PARA O BAIRRO DO BIXIGA

O Bixiga, fundando em 1878 por imigrantes italianos, é considerado um dos bairros mais tradicionais de São Paulo, sendo multifacetado: é descrito nas divulgações turísticas oficiais como boêmio, religioso, tradicional, festivo e cultural. “Assim como tudo em São Paulo, o bairro do Bixiga é muito plural e há sempre mais histórias a serem descobertas em cada beco e atrás de cada porta”¹¹.

A presença italiana divide espaço com afrodescendentes de diferentes origens, grupos nordestinos provenientes de distintos estados brasileiros e uma comunidade sírio-libanesa cujas influências se mostram presentes na arquitetura, nos eventos religiosos e de entretenimento e também nas práticas comerciais, evidenciadas na presença de armazéns de secos e molhados, padarias e ofícios de alfaiates e sapateiros que atendem a população local e compõem uma paisagem pitoresca formada por pequenos estabelecimentos.

O bairro possui diversos atrativos turísticos e oferta uma programação efervescente, que inclui manifestações culturais tradicionais de caráter religioso, gastronômico e de entretenimento, além de marcos arquitetônicos de diferentes períodos históricos. O Quadro 1 apresenta os principais atrativos culturais do Bixiga.

11 Cidade de São Paulo, [20--].

Quadro 1 Principais atrativos culturais

Categorias de atrativos	Atrativos turísticos
Arquitetura	Arcos do Bixiga, Casa da Dona Yayá, Escadaria do Bixiga, Vila Itororó.
Entretenimento	Bloco Esfarrapado, Casa Mestre Ananias, Escola de Samba Vai-Vai, Evento Escadaria do Jazz, Feira de Antiguidades, Feira Jardim Secreto, Museu Memória do Bixiga (MUMBI), Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), Teatro Bibi Ferreira, Teatro dos Arcos, Teatro Maria Della Costa, Teatro Nair Bello, Teatro Nelson Rodrigues, Teatro Oficina, Teatro Raul Cortez, Teatro Sérgio Cardoso.
Gastronomia	Cantinas, Padarias, Pizzarias, Restaurantes
Religião	Basilica Nossa Senhora do Carmo, Paróquia Nossa Senhora Achiropita, Festa de Nossa Senhora de Achiropita, Festa de São Benedito, Festa em Homenagem à Mãe Negra.

Fonte: Autoria própria (2021).

Associados aos contextos históricos e culturais da localidade, parte dos marcos arquitetônicos do Bixiga foi reconhecida e tombada como patrimônio histórico e cultural pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp) e pelo órgão estadual Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT).

Os Arcos do Bixiga, por exemplo, um muro de arrimo construído com a técnica dos imigrantes italianos da região da Cantábria entre os anos de 1908 e 1913, foram tombados pela Resolução nº 22/2002 como patrimônio histórico-cultural pelo Conpresp.

A Casa da Dona Yayá, um antigo casarão considerado um dos últimos imóveis residenciais do século XIX que circundavam a região central de São Paulo, é atualmente preservada e mantida como um Centro de Preservação Cultural pela Universidade de São Paulo. A Escadaria do Bixiga, edificada em 1929 com o objetivo de realizar a comunicação do bairro com o Morro dos Ingleses, adquiriu um aspecto cultural peculiar com o passar dos anos, sendo utilizada como palco para apresentações artísticas-culturais, como o evento Escadaria do Jazz. Por fim, a emblemática Vila Itororó, inaugurada em 1922 com características surrealistas, é um exemplo de arquitetura muito à frente de seu tempo, sendo considerada a primeira vila urbana da cidade.

Os atrativos de entretenimento são inúmeros e entrelaçam-se com o desenvolvimento da cidade. Destaca-se o núcleo de teatros que exemplifica o teatro moderno brasileiro (Teatro Brasileiro de Comédia, Teatro Bibi Ferreira, Teatro dos Arcos, Teatro Maria Della Costa, Teatro Nair Bello, Teatro Nelson Rodrigues, Teatro Oficina, Teatro Raul Cortez e Teatro Sérgio Cardoso). O centro de interpretação cultural Museu Memória do Bixiga (Mumbi) foi inaugurado em 1981, está instalado em uma antiga típica casa residência construída no início do século XX, e apresenta e preserva a história e a memória do bairro por meio de seu acervo. A ocupação do espaço público na hospitaleira praça Dom Orione se dá pela Feira de Antiguidades e a Feira de Economia Solidária e Criativa Jardim Secreto.

Por sua vez, a presença de povos africanos de distintas origens revela-se na intimidade com o samba, manifestada na Casa Mestre Ananias, um espaço de vivência com foco nas tradições populares afro-brasileiras por meio da capoeira tradicional e do samba de roda; na Escola de Samba Vai-Vai, tradicional representante do carnaval paulista criada em 1930 e que, até 2020, contava

com 15 premiações; e em um dos blocos carnavalescos mais tradicionais de São Paulo, o Bloco Esfarrapado, fundado pelos moradores do bairro em 1947.

O Bixiga também é muito associado à tradição e à inovação no setor gastronômico, sendo famoso pelas cantinas italianas como a C...Que Sabe (fundada em 1931) e a Cantina Roperto (fundada em 1946), que apresentam pratos e receitas típicas preparados de maneira tradicional e também especialidades ítalo-brasileiras (pratos italianos adaptados aos ingredientes nacionais). Há padarias de origem italiana históricas e centenárias, como a Italianinha (fundada em 1896), a 14 de Julho (fundada em 1897) e a Basilicata – Pão Italiano (fundada em 1914), que foram frequentadas por personalidades paulistanas e que continuam sendo administradas por membros da família fundadora.

Agradando a diferentes paladares, é possível encontrar também restaurantes contemporâneos e de cozinha criativa, restaurantes nordestinos como o Rancho Nordeste (fundado em 1980 e especializado em comida nordestina, famoso por sua paçoca de carne) e o Patuá (também conhecido como Patuá da Bá, fundado 2001 e especializado em comida baiana, muito conhecido por seus acarajés), além de mais de 20 pizzarias (como a Pizzaria Speranza, fundada em 1958 e a primeira a servir a pizza margherita e a pizza napoletana na cidade), restaurantes japoneses e também especializados em carnes (como o Templo da Carne Marcos Bassi, fundado em 1979 pelo lendário empresário do ramo de carnes e filho de imigrantes italianos Marcos Bassi).

A religiosidade, por sua vez, manifesta-se tanto em igrejas quanto em festividades que reúnem residentes e visitantes. Entre as igrejas destacam-se a Basílica Nossa Senhora do Carmo (inaugurada em 1934), que carrega em sua arquitetura elementos da tradição colonial brasileira, e a Paróquia Nossa Senhora

Achiropita (fundada em 1926), a única igreja no Brasil dedicada à Nossa Senhora de Achiropita, padroeira do bairro.

Em relação às festividades, os destaques são as festas anuais em homenagem à São Benedito (realizada anualmente em abril) e a Homenagem à Mãe Negra (realizada anualmente em maio), que expressa a resistência à intolerância racial e religiosa, enaltecendo também a presença afrodescendente no Bixiga e a sua riqueza cultural por meio de apresentações artísticas e mostras gastronômicas. Há ainda a Festa de Nossa Senhora de Achiropita (realizada anualmente em agosto), uma das maiores manifestações tradicionais religiosas de São Paulo, que reúne em sua programação anual, além de atividades religiosas, também atrações artísticas (música e dança) e gastronômicas (com destaque para pratos como macarrão, sardela e *fogazza*).

Algumas dessas atrações integram roteiros gratuitos propostos pela São Paulo Turismo¹², como pode ser observado no quadro 2.

Quadro 2 Roteiros turísticos propostos pela São Paulo Turismo que incluem o bairro do Bixiga

TÍTULO DO ROTEIRO	ATRATIVOS	FESTAS E FESTIVAIS
Afro	Escola de Samba Vai-Vai.	
Faces	Bairro do Bixiga (igreja, cantinas, feiras e festas, escadaria do Bixiga e Museu Memória do Bixiga).	Festa de Nossa Senhora Achiropita.
Fé e espiritualidade		Festa de Nossa Senhora Achiropita.

Fonte: Autoria própria (2021).

12 Roteiros disponíveis em: <http://cidadedesapaulo.com/v2/vivasp/roteiros-landing-page/?lang=pt>.

Visitar o Bixiga, caminhar por suas ruas, fazer compras em seu comércio e frequentar seus atrativos permite ao visitante conhecer um bairro único, de raízes italianas entremeadas pela presença de nordestinos e outros grupos que ali se fixaram. Não se trata propriamente de um bairro italiano, mas sim de um bairro eclético que evidencia a importância da etnia italiana na formação de São Paulo e que permite uma aproximação com uma dinâmica cultura ítalo-brasileira.

UM OLHAR TURÍSTICO PARA O BAIRRO DA LIBERDADE

O bairro da Liberdade foi fundado em 1912 e foi ocupado, inicialmente, por povos africanos de distintas origens, italianos e portugueses. Os chineses começaram a chegar no Brasil em 1900. Em 1908, chegaram os japoneses (principal grupo étnico associado ao bairro) e, em 1963, foi a vez dos coreanos. Nas divulgações turísticas oficiais, o bairro é descrito como espaço de disseminação da cultura oriental (notadamente a japonesa) e indicado como um dos principais cartões postais da cidade, devido à arquitetura e os elementos decorativos inspirados em elementos orientais inaugurados em 1974, como o Torii (grande pórtico ou portão tradicional japonês que representa a abertura para um estado divino), as lanternas japonesas Suzurantô e os ideogramas japoneses nas fachadas de alguns comércios¹³, denotando elementos da formação do imaginário turístico.

Unindo tradição e inovação, a Liberdade é um espaço criativo que oferece atividades de diferentes naturezas e características que abrangem desde a espiritualidade centrada em diferentes dogmas religiosos, a arte urbana, a gastronomia e o comércio

13 Cidade de São Paulo, [20--].

especializado em produtos orientais, até elementos da cultura *Geek*¹⁴ e do *K-pop*¹⁵.

A configuração atual do bairro é resultado de um processo de hibridização cultural que gerou reconfigurações ao longo do tempo e que guarda, sob a denominação geral “oriental”, especificidades nipônicas, chinesas e coreanas. Esse processo dinâmico, que altera a própria paisagem do bairro, garante impulso cultural e renova a relação de paulistas e visitantes com a região, atraindo-os por meio do comércio variado (com destaque para as lojas de decoração, os empórios e as livrarias pautadas em produtos orientais) e das diferentes opções de entretenimento. Essa expansão cultural perpassa o histórico do bairro e reconfigura-se absorvendo também a cultura incorporada pelas novas gerações, em um processo constante de renovação da relação que residentes e não residentes estabelecem com o bairro.

O quadro 3 apresenta os principais atrativos culturais do bairro da Liberdade.

14 O termo “*geeks*” é utilizado para descrever pessoas com especial interesse em tendências tecnológicas, computadores e dispositivos eletrônicos. O termo “cultura *geek*” é entendido como uma subcultura de entusiastas tradicionalmente associados a animação japonesa, ficção científica, HQs, jogos de RPG, fantasias (*cosplay*) e histórias em quadrinhos (McARTHUR, 2008, p. 58-70; MCCAIN, *et al.*, 2015).

15 Abreviação terminológica para *Korean pop music*, utilizada para definir as músicas populares da Coreia do Sul (LIE, 2012, p. 339-363).

Quadro 3 Principais atrativos culturais

Categorias de atrativos	Atrativos turísticos
Arquitetura	Jardim Oriental, Largo da Pólvora, Praça da Liberdade, Portal Torii, Lanternas Suzurantô e fachadas com ideogramas japoneses.
Entretenimento	Ano Novo Chinês, Bunkyo – Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, Museu Histórico da Imigração Japonesa, Festival Oriental Toyo Matsuri, Festival Hanamatsuri, Festival Tanabata Matsuri, Festival Motisuki, Geek (bares de karaokê, loja de quadrinhos, mangás, acessórios temáticos, games, artigos colecionáveis, figuras de cosplay e especialidades de K-pop).
Gastronomia	Feirinha da Liberdade, Casas de Lámen, Cerimônia do Chá, Isakayas, restaurantes e empórios orientais.
Religião	Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, Capela Santa Cruz dos Enforcados, Paróquia de Nossa Senhora da Assunção e São Paulo, Paróquia Pessoal Nipo – Brasileira de São Gonçalo, Templo Busshinji, Templo do Coração-Mente de Buda e Templo Lohan – Shaolin Temple Cultural Center.

Fonte: Autoria própria (2021).

Em relação à arquitetura, além dos elementos decorativos orientais, destacam-se o Jardim Oriental (localizado na Rua Galvão Bueno, próximo à Avenida 23 de Maio, é um pequeno jardim com um lago repleto de *koi*s (carpas ornamentais) e outras referências orientais, como lanternas de pedra e paisagismo com bambus), o Largo da Pólvora (uma praça localizada entre a Avenida da Liberdade, a rua Tomás Gonzaga e a rua Américo de Campos e que, no

século XVIII, possuía um armazém de armazenamento de pólvora. Atualmente, possui um jardim oriental em que há três lagos com peixes ornamentais) e a Praça da Liberdade-Japão. Essa praça merece destaque por configurar-se como um elemento central do bairro, onde é realizada uma tradicional feira dominical (Feirinha da Liberdade) e também para onde convergem muitos dos fluxos de visitantes, moradores e transeuntes do bairro: ali se encontram a estação de Metrô Liberdade-Japão e estabelecimentos comerciais como a Livraria Sol (especializada em livros, revistas e cadernos japoneses).

Em relação às opções de entretenimento, os principais atrativos são os eventos étnicos e os espaços culturais. Entre os eventos anuais, em que a gastronomia também é um elemento importante, destacam-se o Ano Novo Chinês e as Festas japonesas Hanamatsuri, Tanabata Matsuri, o Festival Oriental Toyo Matsuri e o Festival Motisuki.

O Ano Novo Chinês, coordenado pela Associação de Amizade Brasil-China, é comemorado de acordo com o calendário lunissolar (que considera a fase da Lua e a posição do Sol) há aproximadamente 2.000 anos, e cada ano é dedicado a um dos 12 animais da astrologia chinesa. Trata-se de um evento repleto de ritos (como a troca de envelopes vermelhos com dinheiro – nesse caso, guardar o envelope oferece proteção para reprimir espíritos malignos), tradições e simbolismos (como vestir roupas vermelhas e/ou douradas para trazer boa sorte; comer *jiaozi*, um bolinho chinês, à meia-noite; registrar uma foto na entrada ou na frente da residência com toda a família reunida e o membro masculino mais velho ao centro), além de festejos (como o encerramento com a Festa das Lanternas, comemorada no 15º dia do primeiro mês lunar do calendário chinês, quando ocorre a primeira noite de Lua cheia, simbolizando o reencontro da família e o retorno da primavera).

A Festa Hanamatsuri (conhecida como Festa das Flores) é realizada anualmente, em abril, desde 1966 para celebrar o nascimento do Buda Xaquiamuni, com um cortejo que desfila com a sua imagem e um grande elefante branco, além de muitas flores. Já a Festa Tanabata Matsuri (conhecida como Festa das Estrelas) se trata de um festejo folclórico japonês que acontece anualmente, em julho, desde 1979 e tem como características as ruas decoradas com ramos de bambu e uma ornamentação colorida, representando as estrelas, onde se penduram pequenos pedaços de papel com pedidos. O Festival Oriental Toyo Matsuri (*toyo* significa oriental e *matsuri* significa festival), por sua vez, é realizado anualmente, em novembro, desde 1969, quando o bairro foi nomeado cidade-irmã de Osaka (Japão) e tem como intuito apresentar e celebrar a diversidade cultural oriental. O Festival Motisuki (*moti* significa bolinho de arroz e *tsuki*, socar) ocorre no dia 31 de dezembro desde 1976 e, por caracterizar-se como um rito de passagem de ano, termina exatamente às 12 h do Brasil, horário que corresponde à 00 h do Japão. Como tradição, os templos budistas tocam os sinos e ocorre a distribuição do *moti*, que, simbolicamente, representa a união e a força para vencer o Ano Novo.

Tais festividades são realizadas por terem significado simbólico para a comunidade, mas independentemente disso, atraem residentes, visitantes e turistas para a cidade. Embora as festas e os festivais etnoculturais estejam se tornando um investimento nos grandes centros urbanos¹⁶, as festividades do bairro da Liberdade ainda são realizadas para atender a sua própria comunidade, o que as torna muito mais singulares e de cunho étnico. A Feirinha da Liberdade, que ocorre todos os domingos, reúne

16 Rath, 2007.

barracas de gastronomia oriental e brasileira, além de artesanato (com destaque para os origamis¹⁷) e de bonsais¹⁸.

Os atrativos gastronômicos são diversos. Além da feira já mencionada, é possível encontrar no bairro muitos restaurantes orientais tradicionais que oferecem especialidades chinesas, coreanas e japonesas, restaurantes de especialidade (como as Casas de Lámen¹⁹) e de cozinha criativa, além de empórios especializados em iguarias orientais. Os *izakayas*²⁰ e os karaokês²¹ espalhados pelo bairro também garantem a união entre a gastronomia e o entretenimento, funcionando, predominantemente, no período noturno.

Há também espaços de interpretação cultural étnica japoneses e chineses. O Bunkyo – Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social promove, desde a sua fundação, em 17 de dezembro de 1955, inúmeras atividades no seu espaço cultural, no Museu Histórico da Imigração Japonesa, no Museu da Imigração Japonesa e na sua biblioteca. Em seu edifício, também estão instaladas outras entidades como a Associação Orquidófila de São Paulo (AOSP), o Instituto Brasil Japão de Integração Cultural e Social, a Câmara Júnior Brasil-Japão, a Associação Ikebana do Brasil, a Cia. Fujima de

17 A palavra origami vem da composição de *ori* (dobrar) e *gami* (de *kami*, papel). Trata-se de uma arte oriental milenar de dobradura de papel.

18 Traduzido literalmente, o termo significa “plantado em uma bandeja”. Um bonsai é uma árvore ou um arbusto plantado em um vaso pequeno e trabalhado com várias técnicas por vários anos, de forma a assemelhar-se a uma árvore adulta já madura, tal como ela existe na natureza.

19 Lámen é um macarrão de trigo de origem chinesa, mas muito popular também no Japão que possui muitas variações regionais, podendo ser preparado com diferentes legumes, carne de porco, carne de boi e diferentes caldos.

20 O termo é a união das palavras *i* (sentar) e *sakaya* (loja de saquê, tradicional bebida alcóolica fermentada de arroz). São tradicionais bares japoneses cujo foco é a comercialização de bebidas (nesses locais, os alimentos servidos são complementares).

21 O termo é uma composição das palavras *kara*, de *karappo* (vazio), e *oke*, de *okesutora* (orquestra), significando sem orquestra. Trata-se de um bar em que os próprios clientes escolhem e cantam as músicas, reunindo-se em uma plateia geral ou em salas exclusivas com amigos.

Dança Kaburi, a Associação de Chá Urassenke e a Aliança Cultural Brasil-Japão. Como representante da cultura chinesa, destaca-se o Templo e Instituto Lohan, templo budista fundado em 1995 que oferta atividades culturais variadas, além de cursos de medicina chinesa, artes marciais e dança, bem como visitas monitoradas.

Os atrativos associados à religiosidade remetem às diferentes influências e ao processo histórico de formação do bairro. Muitas são as igrejas católicas que estão inseridas no contexto histórico cultural local e que recebem seus devotos, como a Paróquia Pessoal Nipo-Brasileira de São Gonçalo, que realiza missas em japonês e destaca-se por sua construção datada do século XVIII (a igreja foi tombada em 1971 como patrimônio histórico cultural do estado de São Paulo pelo Condephaat), a Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados (1891), emblemática capela conhecida por sua origem estar associada a questões religiosas e a crenças da cidade e que recebe inúmeros fiéis em seu velário e a Igreja Nossa Senhora dos Aflitos (1779), pequena capela situada na Rua dos Aflitos, conhecida popularmente como o beco dos aflitos, um local de devoção e promessas. Há também a presença de importantes representantes de outros paradigmas religiosos, como o Templo Budista Busshinji, sede oficial da Escola Soto Zen de Budismo na América do Sul e Templo do Coração-Mente de Buda.

A Rua Galvão Bueno, que se inicia na Praça da Liberdade e estende-se por nove quadras, é a rua mais movimentada do bairro e um grande exemplo de sua diversidade étnica cultural. Ornamentada com o Torii, é ocupada por restaurantes coreanos (como Korea House), chineses (como o Banri e o Hao Yi Dian) e japoneses (como o Kidoairaku), além de por empórios e mercados orientais (como o Marukai, que, há 20 anos, oferta cerca de 5 mil produtos orientais importados no bairro) e também por lojas de decoração (como o Pomona Comércio, que oferta objetos decorativos, vestimentas e

outros artefatos orientais). O Hotel Nikkey também é um exemplo da hospitalidade da comunidade japonesa no bairro. Além de confortáveis acomodações, o estabelecimento possui um restaurante temático japonês com salas de tatame, jardim e luminárias orientais.

A Liberdade está inserida em seis dos 13 roteiros propostos pela São Paulo Turismo, o que evidencia sua importância turística. O quadro 4 apresenta essas propostas.

Quadro 4 Inserção do bairro da Liberdade nos roteiros propostos pela São Paulo Turismo 2020

ROTEIRO	ATRATIVOS	FESTAS E FESTIVAIS
Afro	Igreja Nossa Senhora da Boa Morte. Igreja Santa Cruz dos Enforcados.	
Arte urbana	Rua Galvão Bueno – Liberdade.	
Cidade criativa	Rua da Glória – Liberdade.	
Faces	Bairro da Liberdade (bairro oriental, decoração com lanternas suzurantô, fachadas com ideogramas japoneses, portal Tori, jardins orientais, comércio especializado, restaurantes típicos, feira de artesanato e gastronomia, Museu Histórico da Imigração Japonesa e Templo Busshinji).	Festival Hanamatsuri (Festa das Flores). Festival Tanabata Matsuri (Festa das Estrelas). Festival Oriental Toyo Matsuri.
Fé e espiritualidade	Templo Busshinji.	
Geek	Bairro da Liberdade (arquitetura, culinária, mercadinhos, lojas, bares de karaokê, templos budistas, lojas de quadrinhos japoneses, mangás, acessórios temáticos, DVDs, games, bonecos e pelúcias inspiradas nas produções nipônicas, artigos colecionáveis, camisetas com estampas nerd e figurinos de cosplay).	

Fonte: autoria própria (2021).

Identifica-se que os roteiros são apresentados dentro de uma perspectiva interdisciplinar, permitindo ao visitante uma vivência de sua diversidade étnica. Mesmo que atraídos por uma imagem de bairro oriental quase estereotipada, os visitantes da Liberdade têm a oportunidade de conhecer um lugar único, onde influências japonesas, chinesas e coreanas são permeadas pela presença de outros grupos, evidenciando a importância desses fluxos imigratórios para a formação de São Paulo e a força de suas matrizes culturais.

BIXIGA E LIBERDADE PARA ALÉM DOS ESTEREÓTIPOS

Ambos os bairros – Bixiga e Liberdade – integram o cenário multicultural da paisagem de São Paulo. Os imigrantes desses bairros organizaram e estruturaram suas comunidades agregando aos conhecimentos do lugar sua cultura, seus hábitos e costumes. Da mesma forma, adaptaram-se e assimilaram elementos da cultura que encontraram e dos outros grupos que ali se fixaram, criando uma realidade que foi transformada ao longo dos anos.

O estudo do legado étnico presente nesses bairros auxilia na compreensão de como o Turismo Urbano mobiliza diferentes elementos étnicos na construção de destinos turísticos tão particulares, evidenciando uma dinâmica que envolve o global e o local nesses espaços. Revela também permanências, assimilações e sobreposições culturais capazes de criar bairros que se tornam únicos inclusive por suas contradições, mesmo quando percebidos a partir de uma única etnia, desvelam em suas paisagens, sabores e celebrações entrelaçamentos culturais construídos ao longo do tempo.

O Bixiga e a Liberdade são comunidades culturais dinâmicas que oferecem ao visitante diferentes espécies de experiência, sejam estas centradas nas etnias percebidas como dominantes ou

que permitem vislumbrar a presença de outros grupos considerados periféricos, tendo em vista que as possibilidades do Turismo Étnico oferecidas pelo bairro também se baseiam na diversidade étnica local. Sendo assim, se bem planejados e pensados, os fluxos turísticos podem desempenhar um papel significativo na renovação e revitalização desses bairros, criando um relacionamento coeso, harmonioso, tolerante e positivo entre visitantes e moradores, tendo em vista se tratar de um espaço vivido, e não um espaço artificial que faz alusão a determinado período histórico.

REFERÊNCIAS

BARRETTO, M. Turismo étnico y tradiciones inventadas. In: SANTANA, T. A.; PRATS, C. L. (coord.). **El encuentro del turismo con el patrimonio cultural**: concepciones teóricas y modelos de aplicación. Sevilla: Asociación Andaluza de Antropología, 2005. cap. 3, p. 39-56.

CIDADE DE SÃO PAULO. Roteiros. **São Paulo Turismo**, [20--]. Disponível em: <http://cidadedesapaulo.com/v2/vivasp/roteiros=-landing-page/?lang-pt>. Acesso em: 30 out. 2019.

COLLINS, J.; CASTILLO, A. **Cosmopolitan Sydney**: explore the world in one city. Sydney: Pluto Press with Comerford and Miller, 1998. 492 p.

HALL, C. M.; SHARPLES, L. The consumption of experiences or the experience of consumption? An introduction to the tourism of taste. In: HALL, C. (org.). **Food tourism around the world**. Burlington: Elsevier, 2003. cap. 1, p.1-24.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>. Acesso em: 3 fev. 2020.

LÉVY, J. **Le tournant géographique**. Paris: Coll. Mappemonde, 1999. 399 p.

LIE, J. What is the K in K-pop? South Korean popular music, the culture industry, and national identity. **Korea Observer**, v. 43, n. 3, p. 339-363, 2012.

McARTHUR, J. Digital subculture: a geek meaning of style. **Journal of Communication Inquiry**, v. 33, n. 1, p. 58-70, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0196859908325676> . Acesso em: 3 fev. 2020.

McCAIN, J.; GENTILE, B. W.; CAMPBELL, K. A psychological exploration of engagement in Geek culture. **Plos One**, v. 10, n. 11, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0142200> . Acesso em: 3 fev. 2020.

OBSERVATÓRIO DO TURISMO. **São Paulo**: cidade do mundo. Dados e fatos dos eventos, viagens e turismo na capital paulista. São Paulo: Observatório do Turismo, 2019. Disponível em: http://www.observatoriodoturismo.com.br/pdf/DADOS_FATOS_2019.pdf . Acesso em: 25 fev. 2021.

RATH, J. **Tourism, ethnic diversity and the city**. New York: Routledge, 2007.

RICHARDS, G. Designing creative places: the role of creative tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 85, n. 1, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2020.102922> . Acesso em: 3 fev. 2020.

SANTOS, C. A.; YAN, G. Representational politics in Chinatown: the ethnic other. **Annals of Tourism Research**, v. 35, n. 1, p. 879-899, 2008.

SERRALONGA, S. A.; HAKOBYAN, K. Turismo religioso y espacios sagrados: una propuesta para los santuarios de Catalunya. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 1, n. 1, p. 63-82, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur> . Acesso em: 3 fev. 2020.

URRY, J. **The tourist gaze: leisure and travel in contemporary societies**. London: Sage, 1990. 180 p.



SOBRE OS AUTORES E AUTORAS



Anna Paula Telino de Abreu Fernandes

Bacharel em Odontologia, tecnóloga em Gastronomia e mestra em Hospitalidade. Barista e pesquisadora nas áreas de gastronomia e hospitalidade.

Célia Toledo Lucena

Graduada em História, mestra em Educação e doutora em História Social. Investigadora nas áreas de migração, espaço urbano e cultura, atualmente é pesquisadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos/USP e mediadora do Grupo de Estudos Migrações e Identidade (Ceru/USP).

Cesar Kizaka Umekita

Graduado em Turismo e mestrando em Hospitalidade. Pesquisador nas áreas de turismo étnico, hospitalidade e Ásia, atualmente é professor de idiomas.

Cinthia Rolim de Albuquerque Meneguel

Graduada em Tecnologia em Turismo e Hospitalidade, especialista em Formação de Professores, com ênfase no Ensino Superior, mestra em Turismo Cultural, com especialização em Gastronomia, mestra em Análise Geoambiental e doutora em Turismo e Hotelaria. Pesquisadora nas áreas de turismo cultural, eventos, festivais, gastronomia e desenvolvimento regional por meio do turismo sustentável, é professora do curso superior de bacharelado em Turismo e do curso Técnico em Eventos Integrado ao Ensino Médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP).

Claudio Santana Pimentel

Graduado e licenciado em Filosofia, mestre e doutor em Ciência da Religião. Pesquisador na área de religiosidade afro-brasileira,

é vice-coordenador do Grupo de Pesquisa Veredas – Imaginário Religioso Brasileiro (PUC-SP).

Fábio Molinari Bitelli

Graduado em Gastronomia e Comunicação Social, pós-graduado em Marketing, Mestre em Hospitalidade e Doutorando em Integração da América Latina. Pesquisador nas temáticas: mercados públicos, hospitalidade urbana, gastronomia, cultura alimentar, manifestações culturais e abastecimento urbano de alimentos. Professor nos cursos de graduação e pós-graduação em Gastronomia, Hotelaria e Turismo no Centro Universitário SENAC (São Paulo) e do PRONATEC Programa FIC/Novos Caminhos do Turismo IFSULDEMINAS.

Leandro Rodrigues Gonzalez Fernandez

Bacharel e mestre em Turismo, mestre em Hospitalidade e doutor em História Social. Pesquisador nas áreas de turismo, imigração, história social, hospitalidade e eventos, é professor do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP).

Maria Henriqueta Gimenès-Minasse

Bacharel em Turismo, mestra em Sociologia e doutora em História. Pesquisadora nas áreas de gastronomia, hospitalidade e turismo, atualmente é professora dos programas de pós-graduação *stricto sensu* de Hospitalidade e de Gestão em Alimentos e Bebidas da Universidade Anhembi Morumbi (UAM).

Monica Dias Batista

Graduada em Gastronomia e Publicidade e Propaganda, pós-graduada em Marketing e mestranda em Hospitalidade. Atualmente

é professora de pós-graduação nas disciplinas de Gastronomia, Eventos e Marketing. Realiza pesquisa voltada à hospitalidade, festivais gastronômicos e patrimônio cultural.

Odair da Cruz Paiva

Graduado e licenciado em História, mestre em Sociologia e doutor em História Social. Pesquisador nas áreas de migração e patrimônio cultural, com ênfase nas questões relacionadas aos museus, atualmente é professor do departamento de História e do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de São Paulo.

Priscila Schalok dos Santos

Graduanda em Turismo e pesquisadora nas áreas de turismo e cultura coreana.

Sênia Regina Bastos

Graduada, mestra e doutora em História. Pesquisadora nas áreas de história do turismo, hospitalidade, imigração e patrimônio cultural, atualmente é professora do programa de pós-graduação *stricto sensu* em Hospitalidade da Universidade Anhembimorumbi (UAM).

Susana Sou Youn Jhun

Graduada em Arquitetura e em Gastronomia, e mestra em Hospitalidade. É especialista nas cozinhas de diferentes países asiáticos e na harmonização de bebidas com comida. Atua no mercado como consultora para restaurantes e bares, e como docente nos cursos de Gastronomia de diferentes instituições superiores de ensino.

Ursulina Santana

Graduada em História e Gastronomia, mestra em Hospitalidade e doutora em Ciência da Religião. Pesquisadora nas áreas de religiosidade, hospitalidade, gastronomia, cozinha brasileira e práticas alimentares.

